



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EVA MÁRCIA ARANTES OSTROSKY RIBEIRO

**A COMUNICAÇÃO EM UM AMBIENTE VIRTUAL E DEMOCRÁTICO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19:
A DESINFORMAÇÃO NAS *LIVES* PUBLICADAS PELO PRESIDENTE BOLSONARO**

Goiânia

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Eva Márcia Arantes Ostrosky Ribeiro

3. Título do trabalho

A comunicação em um ambiente virtual e democrático no contexto da Pandemia de Covid-19: a desinformação nas *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Mainieri De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2023, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eva Marcia Arantes Ostrosky Ribeiro, Usuário Externo**, em 31/08/2023, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4008451** e o código CRC **42FA00BF**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EVA MÁRCIA ARANTES OSTROSKY RIBEIRO

**A COMUNICAÇÃO EM UM AMBIENTE VIRTUAL E DEMOCRÁTICO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19:
A DESINFORMAÇÃO NAS *LIVES* PUBLICADAS PELO PRESIDENTE BOLSONARO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Faculdade de Informação e
Comunicação da Universidade Federal de Goiás,
como requisito de obtenção de título de
Doutoramento.

Área de Concentração: Mídia, Cidadania,
Cultura e Informação.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mainieri de
Oliveira.

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Eva Márcia Arantes Ostrosky
A COMUNICAÇÃO EM UM AMBIENTE VIRTUAL E
DEMOCRÁTICO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19:
[manuscrito] : A DESINFORMAÇÃO NAS LIVES PUBLICADAS PELO
PRESIDENTE BOLSONARO / Eva Márcia Arantes Ostrosky Ribeiro.
- 2023.
223 f.

Orientador: Prof. Tiago Mainieri de Oliveira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Goiânia, 2023.
Bibliografia.
Inclui gráfico, lista de figuras.

1. Esfera Pública. 2. Esfera Pública Virtual. 3. Comunicação. 4.
(In)comunicabilidades. 5. Desinformação. I. Oliveira, Tiago Mainieri de ,
orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **34/2023** da sessão de Defesa de Tese de **Eva Márcia Arantes Ostrosky Ribeiro** que confere o título de Doutora em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e três**, a partir das **catorze horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “A COMUNICAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO, EM UM AMBIENTE VIRTUAL E DEMOCRÁTICO: ANÁLISE DAS LIVES PUBLICADAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Tiago Mainieri de Oliveira (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Ângela Teixeira de Moraes (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna; Professor Doutor **Luiz Antonio Signates Freitas (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliador titular interno; Professor Doutor **Rudimar Baldissera (PPGCOM/UFRGS)**, avaliador titular externo; e Professor Doutor **Hélder Filipe Rocha Prior (PPGCOM/UFMS)**, avaliador titular externo; com a participação de todos por **videoconferência**. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho conforme explicitado abaixo**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Tiago Mainieri**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

A comunicação em um ambiente virtual e democrático no contexto da Pandemia de Covid-19: a desinformação nas *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro.



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Mainieri De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2023, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Antonio Signates Freitas, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2023, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ângela Teixeira De Moraes, Professor do Magistério Superior**, em 28/08/2023, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rudimar Baldissera, Usuário Externo**, em 28/08/2023, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hélder Filipe Rocha Prior, Usuário Externo**, em 29/08/2023, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3974060** e o código CRC **C1395E68**.

Referência: Processo nº 23070.041380/2023-17

SEI nº 3974060

Dedico este trabalho aos meus filhos: Amanda, João Pedro (meu anjo no céu) e Pedro Henrique. Por vocês, constantemente, esforço-me para ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi um caminho fácil. Por vezes, a vontade de desistir foi grande. Além de todas as dificuldades do processo do doutorado, soma-se a isso o início de uma pandemia. Tudo novo, tudo assustador. A pandemia trouxe consigo medo, angústia, tristeza e, também, a privação de um convívio com os colegas de classe. Então, esse processo tinha tudo para ser solitário e mais difícil ainda, mas não foi. Por isso, começo meu primeiro agradecimento aos meus amigos de jornada: Lígia Guimarães e Hélder Lima. Mesmo sem nunca ter nos encontrado presencialmente, criamos um grupo de *WhatsApp* chamado carinhosamente de “Terapia Doutorado”, que se estendeu para a vida. Obrigada, amigos, sem vocês acho que não seria possível. Foi uma alegria dividir esse momento juntos. Rimos, choramos, desesperamos e comemoramos.

Agradeço a Deus, por me manter com saúde, além de me dar forças quando mais precisei me reencontrar.

Agora agradeço às pessoas mais importantes da minha vida e sem elas nada teria sentido: meu marido, João Paulo, meus filhos Amanda e Pedro Henrique, meu anjo no céu João Pedro, e minha mãe Neusa. Obrigada de coração. Cada um, de um jeito único, me incentiva a seguir meus sonhos e objetivos. Vocês são partes importantes desta conquista!

Agradeço às minhas irmãs, sobrinhos(as), sogro e sogra, cunhada e cunhados (em especial ao Tarcísio, pois compartilhamos este momento juntos!), Preta e todos que, de certa forma, sempre me apoiam.

Meu professor orientador, Dr. Tiago Mainieri, mais uma vez juntos. Obrigada pela paciência e conhecimentos compartilhados. Espero que não seja o fim da nossa parceria acadêmica.

Aos professores do PPGCOM, principalmente aos que ministraram disciplinas e me ajudaram a pensar e a repensar minha pesquisa. Cito de forma carinhosa os professores Luiz Signates, Nélia del Bianco, Rosana Ribeiro, Ângela Teixeira, Ana Carolina Temer, Simone Tuzzo. De forma especial, com suas contribuições nas aulas e alguns cursos, o professor José Luiz Braga. Obrigada a todos.

Agradeço aos professores da minha banca de qualificação, que tanto contribuíram para meu crescimento e maturidade acadêmica, Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques, da UFMG, e professor Signates, do PPGCOM. Estendo os agradecimentos aos professores que compõem a Banca Final de Defesa.

Obrigada a todos que estiveram comigo nesta jornada, de forma mais próxima ou mais distante. Chegar aqui foi um processo difícil, mas extremamente realizador. Hoje, tenho muita gratidão.

Uma certeza tenho: nunca trilhamos nenhum caminho sozinho. O caminhar com pessoas que amamos sempre se torna mais fácil. Obrigada a todos que estiveram comigo, aqueles que me fortaleceram e incentivaram. Esta conquista é nossa!

“Há verdadeiramente duas coisas diferentes:
saber e crer que se sabe. A ciência consiste em
saber; em crer que se sabe reside a
ignorância.”
(Hipócrates)

RESUMO

Esta tese buscou compreender a comunicação, na era da virtualidade, estabelecida pelo presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, no contexto da pandemia de Covid-19, a partir da análise de *lives* postadas na rede social *Facebook* do presidente. Com isso, propôs-se identificar as materialidades dessa esfera pública virtual, que se forma com as mídias sociais. Para entender esse ambiente virtual, partiu-se da noção de Habermas (2014, 2020) acerca de esfera pública, até chegar ao entendimento da esfera pública virtual ou hiperconectada, com base nos autores Gomes e Maia (2008), Miège (2004, 2014), Thompson (2008, 2018), Di Felice (2008, 2020), entre outros. As *lives* que foram analisadas são as denominadas “*Lives* de 5ª feira”, que fizeram parte do levantamento quantitativo do conteúdo audiovisual postado por Bolsonaro desde o começo de seu mandato presidencial. Além da fundamentação teórica acerca da esfera pública e esfera pública virtual, foi realizada uma abordagem dos conceitos de democracia e comunicação, ponderando as possibilidades comunicacionais e incomunicacionais que a internet pode promover, como o fenômeno de Câmaras de Eco e filtro bolha, conforme apontado por Recuero, Soares e Zago (2020), Pariser (2012) e Quattrocioni, Scala e Sunstein (2016). Para além dessas reflexões teóricas, abordou-se o entendimento sobre desinformação, pontuado por Wardle e Derakhshan (2017). O estudo empírico foi realizado por meio da Análise de Conteúdo, enquanto método de pesquisa, com apoio em Bardin (2016). Foi realizada análise dos comentários feitos pelos seguidores do presidente e, também, das notícias veiculadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa. A partir dessas pesquisas e do tensionamento teórico, os resultados revelam que esse espaço virtual é um *locus* de ampliação, visibilidade, circulação de assuntos atinentes à pandemia, mas não pode ser pensado como um espaço de discutibilidade e racionalidade, e nem comunicacional, tendo como base o entendimento de comunicação como relação. Contudo, neste sentido, encontra-se a tensionalidade da pesquisa, pois, como afirma Braga (2008), a sociedade se faz em comunicação. Espera-se, a partir desta tese doutoral, contribuir com a temática acerca da esfera pública virtual, tão importante na atualidade, a partir de um olhar acerca da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Esfera Pública; Esfera Pública Virtual; Comunicação, (In)comunicabilidades; Desinformação.

ABSTRACT

This thesis aims to understand the communication, in the era of virtuality, settled by the President of Brazil, Jair Messias Bolsonaro, in the context of the Covid-19 pandemic, through the analysis of the lives posted on the social network Facebook of the President. Thus, it was proposed to identify the materialities of this virtual public sphere formed by social media. In order to understand this virtual environment, we started from Habermas's (2014, 2020) notion of the public sphere, until we reached the understanding of the virtual or hyper-connected public sphere, based on the authors such as Gomes and Maia (2008), Miège (2004, 2014), Thompson (2008, 2018), Di Felice (2008, 2020), among others. The lives analysed are the so-called "Thursday Lives", part of the quantitative survey of audiovisual content published by Bolsonaro since the beginning of his presidential term. In addition to the theoretical foundations on the public sphere and the virtual public sphere, an approach was made to the concepts of democracy and communication, reflecting on the possibilities of communication along with incommunication that the internet can promote, such as the phenomenon of echo chambers and bubble filters, as pointed out by Recuero, Soares and Zago (2020), Pariser (2012) and Quattrociocchi, Scala and Sunstein (2016). In addition to these theoretical considerations, the understanding of misinformation, as Wardle and Derakhshan (2017) identified, was also addressed. The empirical study was carried out using content analysis as a research method, with the support of Bardin (2016). Comments made by the president's supporters were analysed, as well as the news broadcast by the Press Vehicles Consortium. From these researches and the theoretical tension, the results depict that this virtual space is a site of expansion, visibility and circulation of issues related to the pandemic, but it cannot be considered as a space of arguability and rationality, nor as a communicative one, based on the understanding of communication as a relationship. Nevertheless, in this sense, we find the tensionality of the research, according to Braga (2008), society is made in communication. It is expected, from this thesis, to contribute to the theme about the virtual public sphere, crucial nowadays, from a view over the Covid-19 pandemic.

Keywords: Public sphere; virtual public sphere; communication, (in)communicability; disinformation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Análise Empírica das <i>Lives</i>	20
FIGURA 2 - Quantitativo de Metodologias utilizadas nas teses e dissertações.....	29
FIGURA 3 - Desordem da Informação	85
FIGURA 4 - Casos de Coronavírus no Brasil	117
FIGURA 5 - Mortes por Covid-19 no Brasil chegam a 250 mil	125
FIGURA 6 - Mortes por Covid-19 no Brasil em 25/02/2021.....	125
FIGURA 7 - Vacinação no Brasil em 25/02/2021	126
FIGURA 8 - Infográficos de mortes por Covid-19	136
FIGURA 9 - Infográfico de mortes por Covid-19, com recorte temporal de 1 ano	138
FIGURA 10 - Média de mortes na semana	151
FIGURA 11 - Vacinação no Brasil, no dia 06 de maio de 2021	152
FIGURA 12 - Média de mortes na semana	168
FIGURA 13 - Informações do dia 21 de outubro	169
FIGURA 14 - Vacinação no Brasil, no dia 21 de outubro de 2021.....	169
FIGURA 15 - Matéria sobre estudo do uso da Cloroquina	171
FIGURA 16 - Matéria sobre uso de máscaras em crianças.....	173
FIGURA 17 - Matéria sobre estudo alemão em relação ao uso de máscaras em crianças....	174
FIGURA 18 - Matéria do G1 sobre <i>lockdown</i> e suicídio	177
FIGURA 19 - Matéria do G1 sobre presidente imitando pessoas com falta de ar	179
FIGURA 20 - Matéria UOL referente à <i>live</i> do dia 06/05/2021.....	180
FIGURA 21 - Matéria do G1 sobre retirada da <i>live</i> do ar	182
FIGURA 22 - Matéria do UOL sobre <i>live</i> do dia 21/10/2021.....	184
FIGURA 23 - Comentários deixados por um seguidor	195
FIGURA 24 - Perfil de usuário no <i>Facebook</i>	196
FIGURA 25 - Teste para Classificação de Comentários	197

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Dados de Teses e Dissertações	25
QUADRO 2 - Universo das “ <i>Lives</i> de 5ª Feira”	89
QUADRO 3 - <i>Lives</i> selecionadas para Análise de Conteúdo	94
QUADRO 4 - Definição de Categorias de Análise	96
QUADRO 5 - <i>Links</i> de acesso às transcrições das <i>lives</i> (Apêndice)	100
QUADRO 6 - Quantidade de palavras e frases por <i>live</i> analisada	101
QUADRO 7 - Definição das palavras utilizadas	105
QUADRO 8 - Quantitativo de palavras por <i>live</i>	106
QUADRO 9 - Análise da <i>live</i> do dia 26 de março de 2020	108
QUADRO 10 - Análise da <i>live</i> do dia 25 de fevereiro de 2021	118
QUADRO 11 - Análise da <i>live</i> do dia 18 de março de 2021	127
QUADRO 12 - Análise da <i>live</i> do dia 06 de maio de 2021	139
QUADRO 13 - Análise da <i>live</i> do dia 21 de outubro de 2021	153
QUADRO 14 - Quantidade de Comentários	186
QUADRO 15 - Estatísticas dos comentários no <i>Facebook</i> por <i>live</i>	188

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição dos assuntos agrupados por <i>live</i>	102
GRÁFICO 2 - Distribuição dos assuntos	102
GRÁFICO 3 - Distribuição dos sentimentos agrupados por <i>live</i>	103
GRÁFICO 4 - Distribuição dos sentimentos.....	103
GRÁFICO 5 - Distribuição da pontuação de sentimento separado por assunto para cada <i>live</i>	104
GRÁFICO 6 - Distribuição das palavras-chave.....	104
GRÁFICO 7 - Presença de imagens nos comentários dos seguidores.....	189
GRÁFICO 8 - Presença de <i>emojis</i> nos comentários dos seguidores.....	189
GRÁFICO 9 - Comentários por usuários.....	190
GRÁFICO 10 - Distribuições dos comentários por usuários para cada <i>live</i>	191
GRÁFICO 11 - Top 10 usuários que mais comentaram em cada <i>live</i>	191
GRÁFICO 12 - Comentários dos top 10 usuários.....	192
GRÁFICO 13 - Intersecção entre usuários únicos que comentaram em cada <i>live</i>	193
GRÁFICO 14 - Intersecção dos usuários que comentaram nas quatro <i>lives</i>	194
GRÁFICO 15 - Recorte Temporal da quantidade de comentários em cada <i>live</i>	197
GRÁFICO 16 - Comentários por <i>lives</i>	199

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DE LITERATURA / ESTADO DA ARTE	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO	31
3.1 COMUNICAÇÃO: OLHARES MÚLTIPLOS E REFERENCIAIS	31
3.1.1 Comunicação como processo de interações sociais.....	37
3.2 DEMOCRACIA: A ESSENCIALIDADE DA COMUNICAÇÃO PARA REFLEXÕES DEMOCRÁTICAS.....	44
3.2.1 Um olhar a partir da ideia de participação advinda da Grécia Antiga.....	44
3.2.2 Pluralismo Democrático: reflexões necessárias	48
3.2.3 Uma abordagem comunicacional para a democracia	52
3.2.4 A essencialidade da comunicação para a democracia.....	55
3.2.5 Crise na Democracia	61
3.3 ESFERA PÚBLICA VIRTUAL: POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES COMUNICACIONAIS	66
3.3.1 Esfera Pública: noções a partir da visão habermasiana	66
3.3.2 Esfera Pública Virtual: um olhar comunicacional	76
4 ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	88
5 ANÁLISE DAS LIVES	100
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS LIVES	100
5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS LIVES	107
5.2.1 Live do dia 26 de março de 2020.....	107
5.2.2 Live do dia 25 de fevereiro de 2021	118
5.2.3 Live do dia 18 de março de 2021.....	127
5.2.4 Live do dia 06 de maio 2021	139
5.2.5 Live do dia 21 de outubro 2021.....	152
5.3 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS VEICULADAS PELO CONSÓRCIO DE VEÍCULOS DA IMPRENSA	170
5.4 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS EXTRAÍDOS DAS LIVES.....	186
5.4.1 Comentários Facebook – usuários recorrentes	193
6 ANÁLISE EMPÍRICA E TEÓRICA: UM OLHAR A PARTIR DOS RESULTADOS ALCANÇADOS.....	202
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS	214

1 INTRODUÇÃO

O início do doutorado foi marcado pelo surgimento da pandemia de Covid-19, que trouxe muitos medos, angústias e indagações. A busca em entender o que estava acontecendo, não apenas em nível de saúde, mas sim em uma perspectiva comunicacional, levou a pesquisadora a ter um olhar científico acerca das *lives* publicadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), em sua rede social *Facebook*, toda quinta-feira. Durante a pandemia, o *Facebook* se tornou um importante meio de comunicação entre o presidente e os cidadãos/seguidores de assuntos atinentes à Covid-19.

A partir desse olhar, a presente pesquisa se desenvolveu tendo como tema “a comunicação do presidente¹ do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, na era da virtualidade” e tem o objetivo de analisar a comunicação estabelecida pelo presidente no contexto da pandemia de Covid-19, através das *lives* postadas em sua rede social *Facebook*. Essa pandemia não foi a primeira na história mundial, porém, foi a primeira em que o processo comunicativo foi interativo, global, instantâneo, tendo a internet como um importante veículo de comunicação.

Neste sentido, torna-se relevante e atual entender o processo comunicativo estabelecido pelo presidente e seus seguidores/cidadãos, e, com isso, perceber como se estabeleceu essa comunicação e quais características/materialidades têm essa esfera pública virtual, partindo teoricamente da noção habermasiana.

Torna-se importante também entender a visibilidade e a ampliação/circulação dos temas tratados pelo presidente, compreendendo as possibilidades e impossibilidades comunicacionais que podem acontecer nesse *locus*. Ademais, a busca de maiores entendimentos acerca dessa temática levou à construção da seguinte questão problema direcionadora desta tese: qual a materialidade da esfera pública virtual que se forma a partir das *lives* publicadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, no tocante à pandemia de Covid-19?

O que será analisado, a partir da problemática levantada, são as *lives* postadas por Bolsonaro em sua rede social *Facebook*, que trazem assuntos atinentes à pandemia de Covid-19, e como, a partir delas, estabelece-se um processo de comunicação entre o presidente e seus seguidores. Considerando-se esses dados, propõe-se compreender como se dá a formação de uma esfera pública virtual, de modo a identificar se, nesse espaço, os assuntos são amparados

¹ Durante a produção desta tese, o presidente Jair Messias Bolsonaro exercia seu mandato de presidente da República, findando em dezembro de 2022, com novas eleições presidenciais que deu vitória ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Porém, para fins desta pesquisa, Bolsonaro será sempre denominado de presidente, pois foi durante seu mandato que esta pesquisa foi realizada.

pela discutibilidade e/ou pela visibilidade, e se acontece uma conversação racional e dialógica entre o presidente e seus seguidores em relação à pandemia de Covid-19. Conceitos como discussão, visibilidade, racionalidade, entre outros, são essenciais para a formação de uma esfera pública, conforme será apontado no tópico acerca dessa temática e embasado em diferentes autores, tais como Habermas (2014, 2020), Gomes e Maia (2008) e Thompson (2008, 2018).

Para isso, deve-se analisar os conteúdos postados, os comentários obtidos e a troca dialógica que se realizou nesse *locus*. Para além dessa análise, será contextualizado, com base em diferentes autores, uma abordagem teórica acerca da esfera pública, partindo da visão habermasiana, até chegar em teóricos que conceituam a esfera pública virtual ou hiperconectada. A partir da reflexão teórica e com base nos dados empíricos, busca-se compreender como se caracteriza essa formação da esfera pública virtual.

As *lives* que serão analisadas são as denominadas “*Lives* de 5ª Feira”, pois acredita-se, e com base em um estudo preliminar, que elas abordaram assuntos de interesse e relevância pública, gerando um processo comunicativo entre o presidente e seus seguidores. Além de serem instrumentos de comunicação, usados pelo presidente, as *lives* trataram de assuntos referentes à situação do país no contexto da pandemia.

Em complemento, pretende-se entender como se forma essa esfera pública virtual, tendo como tema os assuntos relacionados à pandemia de Covid-19 no contexto das *lives* publicadas pelo presidente em sua rede social *Facebook*. É também importante levar em consideração as tensões comunicacionais que ocorrem nesse espaço. Para isso, esta tese vai analisar, teoricamente e empiricamente, as materialidades da formação dessa esfera pública no âmbito virtual, em um regime democrático.

Portanto, foram traçados os seguintes objetivos da pesquisa, definidos como objetivo geral e objetivos específicos. A pesquisa tem como **objetivo geral** entender qual a materialidade da esfera pública virtual que surge a partir das *lives* publicadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, no tocante à pandemia de Covid-19.

Quanto aos **objetivos específicos**, pretende-se:

- Analisar se, através das *lives* publicadas pelo presidente Jair Bolsonaro, ocorre um processo comunicativo interacional entre o presidente e os seus seguidores;
- Perceber se, nesse *locus* virtual, os assuntos atinentes à pandemia são amplificados, obtendo maior visibilidade e discussão racional entre presidente e cidadãos;

- Compreender a interconexão estabelecida entre as *lives* do presidente Bolsonaro publicadas em sua rede social *Facebook* e os meios de comunicação massivos, tendo como referência o Consórcio de Veículos de Imprensa²;
- Analisar se os assuntos tratados pelo presidente, durante as *lives*, têm como base a ciência, gerando para o cidadão esclarecimentos importantes neste momento atípico de Pandemia.

Para além dos objetivos, torna-se essencial definir a **hipótese da pesquisa**. A hipótese elaborada será confirmada ou refutada, conforme os dados que serão extraídos do estudo empírico e tensionados com a teoria. A hipótese central da pesquisa é “A esfera pública virtual, que se constitui com as *lives* publicadas pelo presidente, discorre sobre temas que negam dados científicos acerca da pandemia de Covid-19, dando visibilidade a assuntos contrários à ciência, formando um espaço onde as opiniões não são discutidas, mas ecoadas como verdadeiras por apoiadores do presidente.”

Como a metodologia deste estudo prevê uma Análise de Conteúdo, além de uso de *softwares* para a extração de dados das *lives* que foram analisadas, conforme indicado no tópico Abordagem e Procedimentos Metodológicos, espera-se que a hipótese levantada possa ser verificada ou refutada a partir de reflexões que contemplem: a) análise de conteúdo das *lives* selecionadas neste estudo; b) análise de comentários dos seguidores; c) análise da repercussão das *lives* na imprensa, tendo como base o Consórcio de Veículos de Imprensa; e d) tensionamento dos dados obtidos nas análises com a fundamentação teórica utilizada neste estudo.

Partindo para a construção teórica, esta tese será sistematizada em três importantes capítulos, sendo o primeiro capítulo intitulado **Capítulo 1 – Comunicação: olhares múltiplos e referenciais**. Para essa reflexão, entende-se que comunicação aborda vários conceitos e olhares de diferentes autores, mas, para a construção desta pesquisa, recebem destaque os entendimentos de autores como Braga (2006, 2011, 2012, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020), Signates (2002, 2009, 2017, 2020, 2023), Ciro Marcondes Filho (2004, 2011, 2012), Sodré (2009), entre outros estudiosos. Esse levantamento teórico, amplo e diversificado, faz chegar ao subtópico denominado **Comunicação como processo de interações sociais**, apresentando o que realmente entende-se por comunicação e qual olhar comunicacional será dado nesta tese, para posterior análise das *lives* selecionadas.

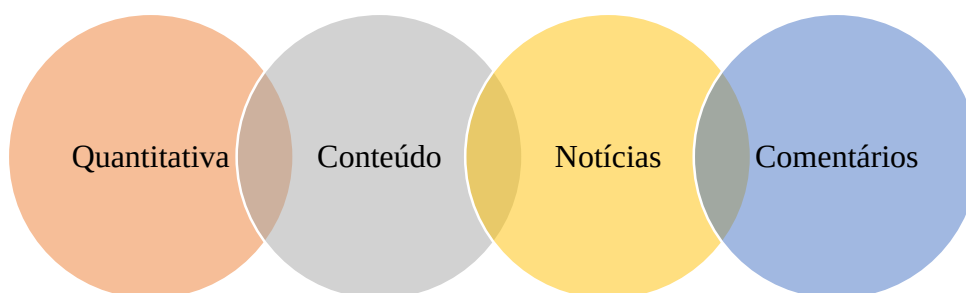
² O Consórcio de Veículos de Imprensa é formado pelos veículos de comunicação G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL, formado desde o começo da pandemia de Covid-19.

O **Capítulo 2 – Democracia: a essencialidade da comunicação para reflexões democráticas** busca compreender características e fundamentos da democracia, partindo da noção de participação da Grécia antiga, com base em autores como Bobbio (2000, 2014), Mouffe (2000, 2003, 2006), Kelsen (2019), Gomes e Maia (2008), Lins (2017), entre outros. A partir dessas reflexões, será abordada a noção do pluralismo democrático e a essencialidade da comunicação para a democracia, apoiando-se nos autores Signates (2002, 2012), Signates e Moraes (2016), Gomes e Maia (2008) e Castells (2019), entre outros.

Finalizando a fundamentação teórica desta tese, o **Capítulo 3 - Esfera Pública Virtual: possibilidades e impossibilidades comunicacionais** parte da noção precípua de Habermas (2014, 2020), apoiado em Arendt (2020), Miège (2004, 2014), Gomes e Maia (2008), Gomes (2006/2008/2014), Maia (2008), Fuchs (2015), Thompson (2008, 2018), entre outros autores. A partir do entendimento de esfera pública, será abordado o subtópico **Esfera Pública virtual: um olhar comunicacional**, que apresenta possibilidades e, também, impossibilidades comunicacionais, como a formação do fenômeno do filtro bolha e da Câmara de Eco, como apontado por Recuero, Soares e Zago (2020), Quattrocioni, Scala e Sunstein (2016) e Pariser (2012). Também aborda o conceito de desinformação, com base nas autoras Wardle e Derakhshan (2017).

Em sequência, o capítulo **Abordagens e Procedimentos Metodológicos** apresenta as *lives* que foram analisadas neste estudo, os critérios de seleção para a escolha das *lives* e o mapeamento quantitativo do universo das “*Lives* de 5ª Feira” postadas pelo presidente, desde o primeiro ano de seu mandato. Esta pesquisa possui um viés qualitativo e tem como base a Análise de Conteúdo, conforme referenciado por Bardin (2016).

A análise de conteúdo comporta diferentes técnicas de pesquisa. Portanto, o caminho percorrido para desenvolver a análise das *lives* passou por diferentes etapas, como pode ser visualizado no Quadro 1, abaixo.

FIGURA 1 - Análise Empírica das *Lives*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Assim, cada tópico da análise acima citado será desenvolvido no capítulo intitulado *Análise das Lives*. Deve-se ressaltar que essas análises foram realizadas, em um primeiro momento, individualmente, buscando aprofundar o estudo empírico, porém, se completam e se unem para a reflexão final desta tese, onde são apresentados os resultados da pesquisa (capítulo **Análise Empírica e Teórica: um olhar a partir dos resultados alcançados** e as **Considerações Finais**).

Espera-se, com esta pesquisa de doutorado, contribuir com um olhar científico acerca da pandemia de Covid-19, trazendo uma pesquisa inédita e importante para se entender a comunicação estabelecida entre presidente e cidadãos, sobretudo em um momento tão atípico vivido, quando a comunicação teve um papel central, gerando, inclusive, o termo adotado pela Organização das Nações Unidas - ONU como “Infodemia”.

Para além do conceito de desinformação, que será mais aprofundado nesta tese, torna-se importante refletir acerca do conceito de “Infodemia”. O termo foi adotado pela Organização das Nações Unidas - ONU³, no contexto da pandemia de Covid-19, para refletir sobre as desinformações produzidas durante a pandemia. Segundo o secretário geral da ONU, António Guterres, “a Covid-19 não é apenas uma emergência de saúde pública, é também uma emergência de comunicações.” (ONU, 2020, não paginado).

Com a chegada da pandemia, informações imprecisas, não verdadeiras e sem comprovação científica foram espalhadas ao redor do mundo, com a facilidade e agilidade proporcionada pelas redes sociais. Assim, o termo “Infodemia” é usado para pensar sobre desinformação direcionada a assuntos atinentes à pandemia de Covid-19.

³ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222>. Acesso em: 20 abr. 2022.

De acordo com as agências da ONU (2020)⁴, a pandemia de Covid -19 é a primeira da história em que as pessoas têm acesso à internet e às redes sociais. Esse fato apresenta vantagens comunicacionais por favorecer o acesso a mais informações de forma rápida e interativa, contudo, também promove incomunicabilidades com a geração de informações falsas, as quais podem atrapalhar a transmissão de assuntos científicos e gerar o fenômeno da Infodemia.

Portanto, a importância das contribuições teóricas e empíricas desta tese é trazer para o debate um assunto atual, histórico e socialmente importante, com um olhar comunicacional que busca, a partir das análises que foram realizadas, entender como se estabeleceu a comunicação do presidente Bolsonaro com os cidadãos/seguidores no contexto da pandemia de Covid-19, através das *lives* postadas em sua rede social *Facebook*.

⁴ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1727222>. Acesso em: 20 abr. 2022.

2 REVISÃO DE LITERATURA / ESTADO DA ARTE

A construção do estado da arte ou revisão de literatura possibilita que o pesquisador obtenha conhecimento de pesquisas próximas ao que vai desenvolver, bem como as metodologias utilizadas por outros autores. Assim, tem-se como principal objetivo fazer um levantamento do que já foi produzido no campo acadêmico e identificar aquilo que tenha relação com os objetivos, tema da pesquisa que se busca desenvolver.

Para o pesquisador, é um momento de reflexão e levantamento de estudos que possam contribuir para o que vai ser proposto. Mais do que isso, é demonstrar o que já foi feito, com base em autores e abordagens metodológicas usadas. Assim, percebe-se, que o estado da arte mostra ao pesquisador caminhos que já foram percorridos, resultados obtidos para que o pesquisador possa refletir com essas produções e buscar algo novo em seus estudos.

Para Moreira (2004, p. 23), o estado da arte “aponta e discute possíveis soluções para problemas similares e oferece alternativas de metodologias que têm sido utilizadas para a solução de problemas”. No presente estudo, a construção do estado da arte foi dividida em duas fases. Na primeira fase é realizada uma pesquisa bibliográfica, que decorre de forma mais aprofundada no tópico do referencial teórico, abordando os principais autores que estudam e pesquisam a temática desenvolvida nesta pesquisa. A segunda fase constitui-se por uma pesquisa realizada no portal da Capes⁵, no catálogo de teses e dissertações.

Para a realização da primeira fase foi feita uma pesquisa bibliográfica que aborda os principais autores ligados à temática deste estudo, sendo dividida por categorias, as quais serão aprofundadas nos capítulos teóricos da tese, sendo elas: democracia, esfera pública e esfera pública virtual, e abordagens conceituais acerca da comunicação.

No que tange à temática democracia, vários autores foram encontrados, até por ser um tema bastante discutido e analisado ao longo do tempo. Como referência, são trabalhados nesta tese a autora Mouffe (2000, 2003, 2006), em artigos científicos e em sua obra internacional *The Democratic Paradox* (2000), com seu modelo agonístico de democracia. O pensamento de Kelsen (2019), com sua obra referencial *A Democracia* (2019), também recebe destaque neste estudo. Para o autor, pensar nesse regime político é essencial à liberdade. A democracia se opõe a um regime absolutista, que provém de valores absolutos, pautando-se pelo relativismo político, no qual as opiniões da minoria, e não apenas unicamente da maioria, estejam corretas.

⁵ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#>. Acesso em: 20 set. 2021.

Ainda nas contribuições acerca da democracia, Bobbio (2000, 2010), em *Qual democracia?* e *O futuro da democracia*, apresenta pensamentos importantes para a questão, juntamente com Miguel (2017) e Lins (2017). Torna-se necessário, nos dias de hoje, pensar a questão da crise na democracia e, para isso, são essenciais as obras dos autores Castells (2018) e Levitsky e Ziblatt (2018), que ponderam sobre fatores que podem levar à “ruptura” do regime ou à “morte” da democracia, respectivamente. Nos dias atuais, essa reflexão é essencial e, além de ser debatida no capítulo teórico denominado “Democracia: conceitos e reflexões”, será usada como categoria de análise para discorrer sobre os dados da parte empírica desta pesquisa.

A abordagem da democracia, parte da visão clássica do termo, da Grécia antiga, com a ideia de democracia direta, passando pela noção de democracia deliberativa e representativa, com abordagem ao modelo proposto por Mouffe (2003, 2006) de democracia agonística. A questão do pluralismo e sua importância para a democracia também é analisada e essencial para se pensar as democracias modernas. Assim, entende-se que obras importantes foram consideradas e levantadas neste estudo. Na parte teórica, como já apontado, os conceitos serão mais detalhados e contextualizados.

Na temática acerca da esfera pública, parte-se da visão habermasiana (2014) do termo, com sua obra essencial *Mudança estrutural da esfera pública* e *Facticidade e Validade: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia*, com ressalva ao pensamento de Hannah Arendt (2020), em sua obra *A condição Humana*. Na obra, a autora apresenta os domínios do público e privado, essenciais para a constituição de uma esfera pública. Para além dessas leituras, contribuições importantes são apresentadas por Miège (2014).

Antes de buscar um entendimento acerca da esfera pública virtual, torna-se essencial pensar a internet nos dias de hoje. Portanto, este estudo embasa-se em autores como Lemos e Lévy (2010), em *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*; Castells com sua obra primordial *A sociedade em rede* (2020) e *O poder da Comunicação* (2019); além de Massimo Di Felici (2008), na obra *Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social*.

Além dessas contribuições, em uma abordagem mais crítica da internet, o autor Dominique Wolton (2003), no livro *Internet e depois?*, apresenta importantes reflexões que serão contextualizadas neste estudo. Ainda na linha mais crítica do pensamento da internet, Keen (2012), em sua obra *Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*, traz um contributo indispensável à reflexão aqui proposta.

Após estabelecer as reflexões acerca da internet e como essa mídia apresenta mudanças importantes para o processo comunicativo, é abordado o tema da esfera pública virtual, tendo como base autores como Gomes e Maia (2008), em sua obra *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, os livros *Democracia em ambientes digitais*, organizado por Maia, Prudencio e Vimieiro (2018); e *Internet e participação política*, tendo como organizadores Maia, Gomes e Marques (2017). Também será usado como referência o artigo da revista *Contracampo*, de Christian Fuchs (2015), intitulado *Mídias Sociais e a esfera pública*; o livro *Um peso, duas medidas: desvelando a comunicação pública na sociedade midiaticizada*, de Mainieri (2016); além de autores já citados e que contribuem para essa temática, como Miège (2014) e Castells (2019). Vários artigos científicos que estão no banco de dados de congressos da área, como Compós e Intercom, complementam a revisão de literatura deste estudo.

Para se pensar a comunicação e entender o conceito abordado nesta tese, torna-se importante analisar diferentes autores que discutem a temática, afinal, é preciso entender e esclarecer de qual comunicação está se falando, tema que será aprofundado no primeiro capítulo teórico.

Com isso, ressalta-se o conceito defendido por Braga (2006, 2017), que trata a comunicação como tentativa, estabelecida em um processo interacional que busca uma circulação de sentidos. De acordo com Braga (2006), a comunicação deve ser entendida como um processo de ressignificações de sentidos, sendo pensada como um sistema de circulação interacional, através dos meios de comunicação de massa.

Na busca do conceito de comunicação, destaca-se o pensamento de Ciro Marcondes Filho (2004), em sua obra *Até que ponto de fato, nos comunicamos?*; o de Thompson (2008), em *A mídia e modernidade*; e o já referenciado Castells (2019). Em complemento, Habermas (2003) amplia a discussão com a teoria do agir comunicativo. Para além da compreensão acerca da comunicação, será abordado, com base em Wardle (2019), o entendimento sobre desinformação.

Neste sentido, pretende-se, com as obras e autores referenciados, contextualizar o tema do presente trabalho, apresentar diferentes abordagens e entendimentos acerca da pesquisa e da análise na parte empírica. Portanto, o estado da arte é essencial para trazer olhares em direção ao tema e das abordagens teóricas de diferentes autores.

Na segunda fase do levantamento, foi acessada a página do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, compreendendo o período de 2011 a 2021, usando os seguintes filtros de pesquisa: Grande Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas; área do

conhecimento: Comunicação; e palavras-chave: “esfera pública virtual”, “Facebook Bolsonaro” e “lives Bolsonaro”. A partir desse levantamento preliminar, identificaram-se três dissertações e duas teses defendidas em universidades brasileiras, com a palavra-chave “esfera pública virtual”. Com as demais palavras-chave não foram obtidos resultados.

O Quadro 1 a seguir, apresenta uma síntese dos estudos mapeados que abordam o título, ano e autoria, palavras-chave de cada tese e dissertação. Abaixo, seguem as informações extraídas dos estudos.

QUADRO 1 - Dados de Teses e Dissertações

Título	Autoria/ano	Palavras-chave
Ciberdemocracia e Movimento dos Trabalhadores rurais sem-terra: Práticas Comunicacionais no Terreno da Esfera Pública Virtual. Tese.	TEJERA, Marta Helena Dornelles. (2012)	Ciberdemocracia. Esfera Pública Virtual. MST. Ciberespaço. Comunicação.
A questão racial na esfera pública(virtual): a experiência da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Dilma Rousseff. Dissertação.	OLIVEIRA, Alicianne Goncalves de. (2012)	Esfera Pública Virtual. Movimento negro. Governo Federal. Igualdade racial.
As Representações Sociais sobre a Reforma Agrária nas Mídias Digitais do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) Tese.	ENGELMANN, Solange Ines. (2018)	Representações sociais. Movimento Sem Terra. Reforma Agrária Popular. Comunicação. Mídias Digitais.
Esfera Pública Virtual e Redes Sociais: Um Estudo das Interações entre Usuários e a Página do Planalto no Facebook. Dissertação.	SILVA, Priscila Ramos Reis. (2018)	Facebook. Esfera Pública Virtual; Política.
A Comunicação Pública Cidadã: Análise Textual Fundamentada sobre o Grupo “Frente De Luta Goiás Contra o Aumento da Passagem de Ônibus em Goiânia.	LEITE, Quezia de Alcantara Guimarães. (2015)	Comunicação Pública. Esfera Virtual. Cidadania. Mobilização Social.

Título	Autoria/ano	Palavras-chave
Dissertação.		

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir de uma leitura inspecional dos resumos, palavras-chave e objetivos das teses e dissertações mapeadas (conforme Quadro 1), e tendo como critério para seleção de análise o uso de filtros do 1 ao 5, sendo 1 com maior proximidade temática e 5 sem nenhuma proximidade, foram selecionados estudos para serem analisados com maior profundidade, a fim de buscar, de fato, uma contribuição teórica e metodológica para esta pesquisa. Assim, foram examinados três trabalhos para compor o presente estado da arte, sendo duas dissertações e uma tese.

A tese analisada é a intitulada *“Ciberdemocracia e Movimento dos Trabalhadores rurais sem-terra: Práticas Comunicacionais no Terreno da Esfera Pública Virtual”*, defendida pela autora Tejera (2012), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

As dissertações são *“A questão racial na esfera pública (virtual): a experiência da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Dilma Rousseff”*, defendida pela autora Oliveira (2012), na Universidade Federal do Ceará. E, por fim, foi analisada a dissertação *“Esfera Pública Virtual e Redes Sociais: Um Estudo das Interações entre Usuários e a Página do Planalto no Facebook”*, da pesquisadora Silva (2018), defendida na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Para a análise dos trabalhos acima descritos foram levadas em consideração as principais abordagens teóricas e metodologias utilizadas, e como esses trabalhos podiam contribuir com a presente pesquisa, além de buscar as eventuais lacunas deixadas pelos pesquisadores e que podem ser analisadas neste estudo.

Após uma leitura inspecional da tese, a maior contribuição dada é em relação ao campo teórico que aborda os conceitos de esfera pública virtual, tema essencial para a pesquisa desenvolvida. Partindo de Habermas (2003), a autora faz uma reflexão sobre esfera pública e aborda, atualmente, conceitos de esfera pública virtual, com base em autores como Maffesoli (2003), Cardon (2010), Lévy (2010), entre outros.

Para Tejera (2012, p. 37), apoiando-se em Maffesoli (2003), a esfera pública virtual é facilitada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, que, com o seu surgimento, “maximizam a capacidade comunicacional dos autores sociais, permitindo tanto a circulação como a promoção de debates. A autora ainda associa o conceito de esfera pública virtual ao

conceito de ciberdemocracia. Para explicar esse conceito, a pesquisadora retoma o conceito de democracia, com base em autores clássicos, como Aristóteles (2001), Platão (2006) e Habermas (2003). Após essa explanação, Tejera (2012) apresenta o entendimento de democracia plural, com base em Bobbio (1999) e Comparato (2006). Já no âmbito da ciberdemocracia, a autora se apropria dos conceitos de Maia, Gomes e Marques (2017) e Lévy (2010).

A parte empírica da tese de Tejera (2012) não tem relação com a pesquisa que aqui é desenvolvida e, por isso, não apresenta contribuições importantes, visto que a autora busca uma análise dos meios de comunicação do Movimento Sem Terra - MST, principalmente o site oficial da instituição, a fim de contextualizar o mesmo com o entendimento de esfera pública virtual. Para isso, faz uma análise de matérias selecionadas em veículos de comunicação e do site da instituição, bem como entrevista via questionários com jornalistas.

Contudo, no referencial teórico, a pesquisadora apresentou autores na temática de esfera pública virtual, como Maffesoli (2003) e Cardon (2010), que são utilizados neste estudo, pois apresentam contribuições teóricas importantes.

A análise da dissertação “*A questão racial na esfera pública(virtual): a experiência da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Dilma Rousseff*”, defendida pela pesquisadora Oliveira (2012), trouxe contribuições significativas para esta tese, principalmente no que tange ao campo teórico da esfera pública, esfera pública virtual e esfera pública no Brasil. Na parte da pesquisa empírica, foi estudado o site institucional da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SPPIR) no primeiro ano do mandato presidencial de Dilma Rousseff. Como esta pesquisa tem a rede social *Facebook* enquanto objeto de estudo, a parte da análise do site não trouxe contribuições importantes.

A dissertação de Oliveira (2012) teve como objetivo principal perceber como o site da SPPIR pode se colocar como um *locus* de esfera pública virtual, trazendo temas sobre igualdade racial no Brasil. Para isso, a autora apresenta conceitos de esfera pública de Habermas (2003) e complementa-os com os contributos de outros autores, como Gomes (2006), que associa o tema aos conceitos de visibilidade e discutibilidade; e Silva (2011), que faz correspondência com a teoria da Ação Comunicativa. Oliveira (2012) também estabelece uma relação entre os conceitos de esfera pública, democracia e internet a partir de autores como Thompson (1999), Castells (2003), Lévy (2003) e Maia (2011b).

Nessa reflexão acerca do conceito de esfera pública virtual, a pesquisadora destaca autores que contestam a formação de uma esfera pública no âmbito da internet. Portanto,

Como fala Bohman (2004), a capacidade da internet em apoiar uma esfera pública não pode ser considerada em termos de características intrínsecas. A

internet só se torna uma esfera pública apenas se os agentes a fizerem assim. Mas como vamos recriar online algo que nunca existiu realmente offline? Esse é o questionamento de Papacharissi (2002). A autora diz que não é impossível, mas que não é um processo instantâneo também. (OLIVEIRA, 2012, p. 45).

No entanto, a pesquisadora se volta para Castells (2003 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 46), “afinal, não é a internet que muda nossos comportamentos, mas são os comportamentos que se apropriam da internet, “amplificando-se e potencializando-se a partir do que já são”. Ainda seguindo esse pensamento e com base em Papacharissi (2002 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 46), “é a partir dessa perspectiva e do tratamento equilibrado entre as opiniões utópicas e distópicas, que podemos ver e prever a natureza da internet como esfera pública, como capaz de dar sua contribuição para a democracia”.

Uma contribuição bastante significativa foi a reflexão teórica realizada sobre a esfera pública no Brasil, com base em Costa (2002), ponto importante do trabalho e que trouxe luz para a pesquisa desenvolvida.

Assim, com a análise da dissertação, confirma-se a importância do tema acerca da esfera pública virtual. O pensamento dissertado pela autora vai ao encontro desta pesquisa doutoral, pois, como apresenta Oliveira⁶ (2012, p. 46), com base em Papacharissi (2002), “um espaço virtual aumenta a discussão, uma esfera pública virtual aumenta a democracia”.

Por último, foi feita a análise da dissertação de Silva (2018) intitulada “*Esfera Pública Virtual e Redes Sociais: Um Estudo das Interações entre Usuários e a Página do Planalto no Facebook*”. Essa dissertação tem como objeto de estudo a rede social *Facebook* e apresenta contribuições importantes para o presente estudo.

De acordo com Silva (2018, p. 8), o recorte da sua pesquisa “se volta para a observação e compreensão das interações entre usuários da rede social e a página do Planalto no *Facebook*, canal de comunicação oficial do governo federal”. O espaço temporal da sua pesquisa se faz no período pós-*impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016, com as polarizações de ideias e posicionamentos políticos na rede social *Facebook*. No campo teórico, a dissertação apresenta brevemente uma abordagem habermasiana do conceito de esfera pública, associando-o à discussão sobre democracia e redes sociais.

Na discussão acerca da democracia, apresenta autores como Schumpeter (1961) e Dahl (2005). Quando contextualiza o conceito de redes sociais e internet, baseia-se em autores como Recuero (2009), abordando tipos de redes; além de Castells (2010) e Lévy (1999). A

⁶ Nota de tradução de Oliveira (2012).

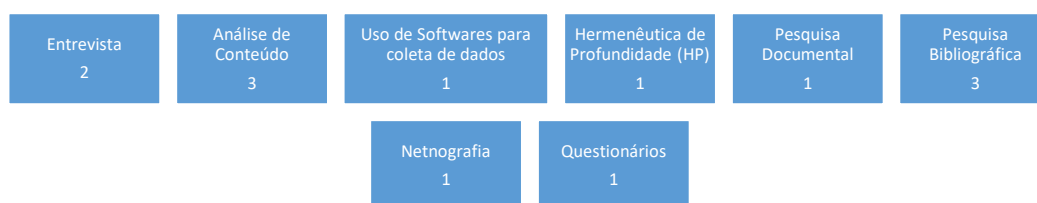
pesquisadora aborda o entendimento de Gomes e Maia (2008) e Magrani (2014) para afirmar que as redes sociais podem ser consideradas um *locus* de democratização e deliberação coletiva.

Uma importante contribuição teórica obtida com essa análise foi o conceito de *accountability* horizontal, que a autora destaca com base em O'Donnell (1998). *Accountability* horizontal corresponde às instituições reconhecidas legalmente e que têm o papel e poder de punir os governantes. Essas instituições são essenciais em um regime democrático e tornou-se um importante conceito para o presente estudo.

Outra grande contribuição da dissertação analisada para o estudo em desenvolvimento foi a metodologia empregada na pesquisa, sendo uma triangulação de métodos que se fez a partir de uma pesquisa bibliográfica, netnografia, observação participante e questionário on-line com seguidores da página, além do uso de *softwares* para a extração de dados da rede social.

Abaixo, segue o Figura 2 com a síntese das principais metodologias utilizadas nos estudos analisados:

FIGURA 2 - Quantitativo de Metodologias utilizadas nas teses e dissertações



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O mais importante na análise dos estudos realizados foi a contribuição teórica, principalmente ao considerar o percurso delimitado para esta pesquisa. Os autores usados nos trabalhos analisados vão ao encontro do que está sendo referenciado nesta tese doutoral, tendo em vista a apresentação de novas abordagens.

A principal lacuna percebida nos trabalhos analisados é que nenhum, de fato, teve como objeto, dentro da rede social *Facebook*, um estudo direcionado a *lives*, as quais, *a priori*, trazem uma comunicação mais dialógica e interativa com os seguidores de um governo, e estabelecem um processo comunicativo instantâneo e dialógico, possibilitando o surgimento de uma esfera pública virtual. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa apresente uma contribuição e associe a análise dos resultados às abordagens teóricas pontuadas pelos autores.

Como o presente trabalho é uma tese, outras reflexões teóricas tornam-se importantes, inclusive um olhar mais atento para a democracia, esfera pública virtual e questões de deliberações políticas. As abordagens teóricas e discussão com base em diferentes autores serão aprofundadas na seção do Referencial Teórico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 COMUNICAÇÃO: OLHARES MÚLTIPLOS E REFERENCIAIS

Este capítulo teórico busca compreender a comunicação, entendendo-a como um conceito que envolve diversas perspectivas e olhares, inclusive de teóricos fora do campo da comunicação. Para tanto, torna-se relevante, dentro da área da comunicação, buscar estudiosos de referência para melhor refletir acerca desse assunto tão nodal para esta tese de doutoramento.

Para esta reflexão, buscaram-se os entendimentos de autores como Braga (2006, 2011, 2012, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020), Signates (2002, 2009, 2017, 2020, 2023), Ciro Marcondes Filho (2004, 2011, 2012), Sodré (2009), entre outros. Deve-se ponderar que o objetivo deste capítulo não é apresentar um conceito fechado acerca da comunicação, mas esclarecer a pergunta direcionada para este estudo e para a análise empírica desenvolvida adiante: “De qual comunicação estamos falando?”. O foco é demonstrar o que se entende, para fins desta pesquisa acadêmica, sobre comunicação.

A comunicação é um campo que muitos teóricos, de diversas áreas, passam e trazem contribuições, mas, mais do que isso, buscam instrumentalizar o conceito como secundário para uma determinada área em estudo, como Sociologia, Psicologia, Antropologia, entre outras. Braga (2018, p. 6-7) afirma que:

O que acontece com a comunicação - peculiarmente - é que as primeiras perguntas e as primeiras hipóteses não foram feitas no espaço de uma única disciplina, mas estão sendo feitas no espaço de várias delas: no campo da Sociologia, da Psicologia, da Linguística, da Antropologia, da História, da Ciência Política etc... Devemos desentranhar o conhecimento comunicacional desse conjunto diversificado de percepções, para poder desenvolvê-lo em consistência, enquanto conhecimento específico.

Entende-se, assim, que o campo da comunicação é formado por diversas contribuições de outras áreas do saber científico, trazendo diversificados conceitos e olhares, com visões de várias áreas científicas. Estas, muitas vezes, podem “subalternizar” o conceito de comunicação, em detrimento do outro campo da ciência que se está pesquisando. Isso aconteceu com diferentes Teorias da Comunicação, como, por exemplo, a Teoria Matemática, proposta por matemáticos em que se priorizava a eficácia do processo de comunicação sem ruídos. Nessa proposta, a comunicação é um processo de mão única, sem levar em conta a participação ativa do receptor e suas condições subjetivas e ativas de recepção e entendimento.

Aqui, busca-se entender a comunicação com base em autores que a refletem como centralidade dos processos sociais. Essa percepção será fundamental para a análise das *lives*, tópico a ser apresentado posteriormente. Pode-se afirmar, ou não, que as *lives* que serão analisadas podem ser consideradas um *locus* de comunicação a partir do que, de fato, entende-se por comunicação. Então, essa é a importância fundamental deste capítulo teórico.

Buscando responder ao questionamento sobre o que é comunicação, Braga (2016, p. 19), em seu texto *O que é Comunicação?*, afirma que:

considero que comunicação é ainda aquilo que chamamos de comunicação no senso comum- nesse espaço, não precisa ser explicada. Sabemos todos usar com pertinência essa palavra. Nosso trabalho, como pesquisadores da comunicação, observando os usos do senso comum, é o de desenvolver (certamente com apoio no conhecimento disponível nas ciências sociais e na filosofia), uma verdadeira disciplina de conhecimento.

Ainda nessa busca de responder a esse questionamento, o autor difere a comunicação do senso comum, em que todos sabem o que é comunicação, principalmente na atualidade, com o avanço das redes sociais e internet, onde parece que tudo é comunicação. Contudo, neste capítulo, busca-se um entendimento acerca da comunicação no sentido mais específico, com um pensamento comunicacional e científico baseado em autores da área.

Muniz Sodré (2009), em sua obra clássica *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*, compreende que comunicação abrange três campos semânticos, ou seja, três pontos importantes para se pensar a comunicação, que são veiculação, vinculação e cognição.

A veiculação, para Sodré (2009), corresponde à comunicação na mídia ou à midiatização, sendo praticada pelos próprios veículos de comunicação, tais como rádio, televisão, jornal, entre outros. Para o autor, “os dispositivos de veiculação (mídia) são de natureza basicamente societal. Em torno deles é que se tem articulado preferencialmente a maior parte dos estudos ou análise de Comunicação.” (SODRÉ, 2009, p. 234).

Nessa perspectiva da veiculação, o autor apresenta uma outra conceituação fundamental denominada “*Bios Midiático*”. Para o autor, o “*Bios Midiático* é a resultante da evolução dos meios e de sua progressiva intersecção em formas de vida tradicionais.” (SODRÉ, 2009, p. 233). Ainda ressalta Sodré (2009, p. 233), “em sentido estrito, a evidência de que as práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, que propomos chamar de *bios midiático*”. Logo, entende-se que o “*Bios Midiático*” está relacionado aos meios de comunicação e ao processo de midiatização da sociedade.

Voltando para as conceituações do campo semântico, o autor ressalta que a vinculação, refere-se à vinculação social, ou seja, o processo de estabelecer vínculos, possibilitado pela comunicação. Para Sodré (2009, p. 234), “diferentemente da pura relação produzida pela mídia autonomizada, a vinculação pauta-se por formas diversas de reciprocidade comunicacional (afetiva e dialógica) entre os indivíduos”. E, por fim, o autor aborda a cognição como último campo semântico, sendo percebida como “práticas teóricas relativas à posição de observação e sistematização das práticas de veiculação e das estratégias de vinculação.” (SODRÉ, 2009, p. 235).

Neste sentido, com base em Sodré (2009), para entender a comunicação deve-se relacionar os três campos semânticos apontados pelo autor. Vinculação e cognição apresentam a ideia de comunicação como aspecto relacional e, nesse sentido, não pode ser reduzida a uma visão dos meios de comunicação, ou seja, apenas no aspecto da midiaticização. Então,

É preciso deixar bem claro, por um lado, que a Comunicação não se reduz a uma visão “midiacêntrica” do mundo. Sempre existiram recursos ou meios de comunicação, mas a “mídia” tal como a vimos definindo, é dispositivo recente. Por outro, é preciso salientar que diversas abordagens teóricas vêm incorrendo no engano fundamental de confundir a realidade midiática com a realidade sócio-histórica, classicamente tomada como objeto teórico pelas disciplinas do campo humano e social. (SODRÉ, 2009, p. 233).

Portanto, torna-se relevante para este estudo perceber a comunicação como aspecto de cognição e vinculação, e, para isso, novos olhares e teóricos serão abordados, indispensáveis para entender a comunicação como processo relacional e de produção de sentidos.

Para Mainieri (2016, p. 30), “comunicação é relação”. A comunicação cria vínculos entre os seres humanos e, por isso, “os vínculos coletivos dos indivíduos no seio da sociedade são construídos por meio das relações. Dessa maneira, assumimos o relacional enquanto dimensão precípua da comunicação na sociedade contemporânea.” (MAINIERI, 2016, p. 33).

Hoje, entende-se que a comunicação não é um modelo mecânico de estímulo e resposta, com uma fórmula simples de envio de mensagens, através da qual o produtor tem papel de protagonismo e total controle da comunicação, mas sim um processo interacional, de produção de sentidos. Braga, em sua obra *A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática* (2006), ratifica que a sociedade atribui sentidos aos produtos da mídia, criando um sistema de respostas diferidas e difusas que circulam na própria sociedade.

Seguindo nesse entendimento de produção de sentido, Marcondes Filho (2012, p. 770) afirma em seu artigo *Porque a Nova Teoria é uma forma diferente de se pesquisar o jornalismo*, que,

A ocorrência da comunicação remete, necessariamente, a uma produção de sentido, que se dá naquele exato momento, e não se confunde com “sentidos” outros atribuídos a acontecimentos e a produtos midiáticos... O sentido que é construído para cada um é insondável; constata-se apenas que uma nova ordenação que é dada a uma situação, a um processo e que isso é sintoma da transformação das pessoas.

Deve-se entender que, tanto em Braga (2006) quanto em Marcondes Filho (2012), a produção de sentidos é essencial para se pensar a comunicação, já que esta é dialógica e interacional. Assim, a ideia mecânica e com papel preponderante do emissor não deve ser mais trabalhada, inclusive com a internet. O papel de emissor e receptor se fundem e todos tornam-se emissores de conteúdo. Com isso, a comunicação circula na sociedade (BRAGA, 2006).

Marcondes Filho (2012) e Braga (2006) divergem acerca do entendimento da comunicação em seus estudos teóricos, porém, a ideia da comunicação como produção de sentido remete ao entendimento de que o receptor tem um processo crítico e ativo no processo comunicativo. Para Braga (2006), é um processo de interação social, para Marcondes Filho (2012), a promoção de uma mudança no outro, no sentido de alteridade, ou seja, não existe uma comunicação que não mude o outro. Já Braga (2006) pensa a comunicação como tentativa. Porém, ambos os autores serão aprofundados e seus entendimentos apontados neste capítulo teórico.

Continuando em Braga (2015), no intuito de buscar o “Grau zero da comunicação”, em texto publicado com o mesmo nome, o autor afirma que a comunicação antecede a linguagem, logo, “a comunicação é o processo constituinte das linguagens... ampliando, entretanto, aquela premissa da comunicação como constituinte necessário das linguagens, podemos afirmar que todos os processos sociais são rigorosamente inviáveis sem o exercício de comunicação entre homens” (BRAGA, 2015, p. 2).

Neste sentido, Braga (2015, p. 3) acrescenta que:

A perspectiva aqui avançada é a de que as regras, os padrões, as repetições, os códigos- as linguagens- que conformam historicamente todos os processos sociais são comunicacionalmente elaborados. Não podemos, então, pensar a comunicação como o simples uso de códigos sociais que a antecederiam. É preciso pensar também em como esse código foi produzido; e no fato de que, para a construção do código (de qualquer ordem que seja), foi necessária, já, uma ação comunicacional- pessoas e grupos em interação.

No entendimento do autor, a comunicação é um processo interacional, que ocorre entre seres vivos que transcendem a linguagem, sendo essa uma condição biológica para uma vida em sociedade/comunidade e, por esse motivo, o “grau zero da comunicação”. Antes da linguagem, sempre existiu comunicação. Braga (2015, p. 13) afirma que “é por isso que,

assumindo a comunicação como um processo interacional articulador e criativo entre seres humanos, podemos defender a hipótese da imitação (biológica) como grau zero da comunicação” - porque o “instinto imitativo” fornece, ao mesmo tempo, um chão de compartilhamento e o aspecto lacunar que abre caminho para a inferência.

Assim, entende-se, com base em Braga (2015, p. 18), a essencialidade da comunicação para os seres humanos, pois “todos os processos sociais são rigorosamente inviáveis sem o exercício de comunicação entre os homens.” Como um processo interacional, a comunicação é percebida como tentativa pelo autor:

independente de uma conceituação rigorosa, ainda assim percebemos e acionamos tentativamente processos comunicacionais... a sociedade já se percebe em comunicação. Não apenas percebemos a mediatização da sociedade como um aspecto importante da comunicação social, mas, de modo abrangente, a sociedade, em geral, no senso comum, apreende a relevância do processo. (BRAGA, 2018, p. 2-3).

Evidencia-se que a importância da comunicação não está somente no estudo dos veículos de comunicação de massa, já que a “sociedade já se percebe em comunicação” (BRAGA, 2018, p. 2). Neste sentido, Signates (2009, p. 53), em sua obra *A sombra e o avesso da luz: Habermas e a comunicação social*, assegura que “o objeto dos estudos de comunicação não são os meios: é o próprio vínculo social, a intersubjetividade constitutiva de sujeitos de comunicação entre si e em relação de alteridade com os sistemas semiautomizados da comunicação na modernidade tardia”.

Entende-se, então, a comunicação para além dos meios de comunicação de massa, isto é, como processo social que produz vínculo social através de interações humanas, que são sempre tentativas, como aponta Braga (2018, p. 10): “tenho percebido que o fenômeno comunicacional é tentativo, pois nunca temos efetivo controle sobre a comunicação. Sabemos que alguma coisa apenas relativamente previsível pode acontecer- e percebemos que os processos comunicacionais são aproximativos.”

Quando se pensa a comunicação para além dos veículos de comunicação de massa, não se pode reduzi-la aos meios, mesmo considerando veículos e técnicas importantes no processo comunicativo. Muitas vezes, a comunicação se realiza através e por esses veículos, porém, deve ser vista não como uma condição de instrumentalidade, e sim de essencialidade.

Diante dessa perspectiva, Signates (2017), em seu artigo *A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate*, defende que a comunicação deve ser pensada e teorizada como uma “ciência básica tardia”. Para o autor, “em vista de suas características teóricas e epistemológicas, bem como do contexto comunicacional das sociedades

contemporâneas, a comunicação arregimenta peculiaridades de uma ciência básica tardia”. (SIGNATES, 2017, p. 2). O entendimento de ciência básica tardia se relaciona pelo fato de que,

Rigorosamente, a comunicação não é ciência aplicada, pois não reside na aplicação de um conhecimento científico anterior. Todos os campos de relações midiáticas primeiro se fizeram, depois é que veio a compreensão deles. Pelo menos como relações sociais, já que, no âmbito técnico, as tecnologias de comunicação foram, sim, aplicações dos conhecimentos nas ciências físicas e matemáticas. (SIGNATES, 2017, p.12-13).

Seguindo o pensamento do autor, Signates (2017) aponta que se está em uma nova fase, advinda das tecnologias de comunicação e que apresenta consequências para as interações, trazendo possibilidades de relações múltiplas nas redes sociais.

Pois bem, vivemos uma nova fase desse tipo, magnificada pela extensão e a profundidade adquirida pelas tecnologias de comunicação e suas enormes consequências para as interações em todos os níveis. A cidadania estendeu-se à universalização, e as capacidades de fala tendem também à globalidade, embora os estudos demonstrem que a internet também tem suas tribos e culturas “locais”. Entretanto, a dimensão pública da manifestação virtual desafia o cotidiano daquelas pessoas que, anteriormente, apenas se relacionavam face a face ou ponto a ponto (pelos sistemas telefônicos ou de correios, por exemplo), e hoje estabelecem relações múltiplas e manifestam-se publicamente nas redes sociais, inclusive com conteúdos privados. (SIGNATES, 2017, p.16).

O autor também afirma que “o corolário desse quadro é que as novas esferas de interação e produção de sentidos constituem novos modos de apropriação do conhecimento e de tessitura social. Viver é comunicar, com todas as vantagens e riscos”. (SIGNATES, 2017, p.15). O que se pode entender, com o surgimento da internet, é que uma nova comunicação está disponível, através da qual as pessoas têm possibilidades ampliadas de participar de processos comunicativos de forma ativa, porém, com base em Signates (2017, p.15), “disponibilidade não quer dizer acesso. Acesso não significa compreensão. E a compreensão não garante o diálogo, a convivência produtiva das diferenças. Problemas comunicacionais de diferentes níveis se superpõem, ante o oceano de conteúdo e interações.”

Assim, não basta ter os meios disponíveis, a comunicação se faz por circulação e produção de sentidos, sendo necessário um processo de interações, com respostas diferidas e difusas que percorrem a sociedade, como aponta Braga (2006). O autor também pondera que a sociedade sempre se faz ativa no processo de interação com os produtos midiáticos, fazendo emergir nessa relação um sistema de resposta social, ou seja, a sociedade faz circular os processos midiáticos que recebe pela mídia, ora usando a própria mídia para isso, ora com interações face a face.

Ainda para o autor,

o sistema de interação social sobre a mídia (seus processos e produtos) é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam “na cultura”. (BRAGA, 2006, p. 27).

Porém, nessa visão, deve-se entender o que, de fato, a circulação representa, logo,

Essa circulação, entretanto, desenvolvida pelo sistema de interação social sobre a mídia, deve ser cuidadosamente distinguida de outras perspectivas em que a expressão circulação se coloca... não se trata, portanto, da possibilidade de um livro passar de mão em mão, ou de que músicas circulem pela internet. Importa que várias pessoas, tendo lido o mesmo livro ou apreciado um mesmo tipo de música e tendo alguma informação sobre tais materiais, “conversem” sobre tais objetos e interajam com base nesse estímulo. (BRAGA, 2006, p. 27-28).

Nessa circulação, que se realiza através de um processo interacional tentativo, efetiva-se a comunicação. Por isso, “devemos então distinguir: o que a mídia veicula (que se caracteriza, na verdade, como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, depois circula na sociedade.” (BRAGA, 2006, p. 28-29).

Em complemento, Mainieri afirma que, “ao invés de considerarmos unicamente seus atributos técnicos e componentes tecnológicos, devemos apreciar o papel das mídias a partir das interações e circulação de sentidos. Em última análise, devemos considerar não apenas a circulação, mas a produção de sentidos na sociedade contemporânea”. (MAINIERI, 2016, p. 49)

3.1.1 Comunicação como processo de interações sociais

Com base nos autores referenciados, para pensar a comunicação deve-se partir do princípio da relação. Nessa perspectiva de entender a comunicação como interação e circulação de sentidos na sociedade, Braga (2018, p. 10-11) reflete acerca de dispositivos comunicacionais ou interacionais, que são “sistemas de relações que viabilizam a interação, gerando compartilhamento de códigos e táticas inferenciais. Como vão se produzindo socialmente, podem ser acionados na medida em que pareçam adequados para um episódio”.

O autor acrescenta que:

Outra perspectiva para as distinções e articulações entre o comunicacional e o contexto envolve a previsão de um “lugar” epistêmico de ocorrência dos episódios comunicacionais, em que diversos elementos sociais, heterogêneos, se articulam e tencionam, segundo determinados sistemas de relações, em função mesmo dos objetivos comunicacionais da sociedade e seus setores. Denominamos esse ambiente de “dispositivos interacionais”. São socialmente

elaborados- e naturalmente trazem para a interação as dinâmicas e linhas de causalidade das diferentes regularidades sociais. Por outro lado, a articulação dessas diferentes dinâmicas se faz segundo as tentativas do processo comunicacional que lhe dá sentido (logo, se organizam diferentemente em cada dispositivo). (BRAGA, 2011, p. 76).

Assim, Braga (2018, p. 12) percebe como “dispositivos interacionais” o lugar onde ocorre interações sociais, sendo um processo relacional, dinâmico e de tentativas.

Os dispositivos que viabilizam a comunicação são construídos pela própria comunicação tentativa. Nós tentamos nos comunicar; na medida em que essa comunicação funciona de algum modo que parece aceitável para a sociedade, isso se reitera, se desenvolve e acaba gerando dispositivos. E, portanto, esses dispositivos continuam se modificando.

Então, “o fenômeno comunicacional se realiza em episódios de interação entre pessoas e/ou grupos, de forma presencial e/ou midiaticizada.” (BRAGA, 2017a, p. 20). Vê-se que o autor considera a comunicação um processo de interação, pois a comunicação sempre ocorre, mesmo sendo um processo tentativo. Reitera-se que este não é o mesmo pensamento de Ciro Marcondes Filho, para quem a comunicação só ocorre quando acontece uma mudança no outro. Diante disso, o autor consolida que as pessoas se comunicam muito pouco, ao contrário do pensamento de Braga (2011, p. 69), que afirma que “vivemos em uma sociedade de comunicação”.

Em sua obra intitulada *Até que ponto de fato nos comunicamos*, Marcondes Filho (2004, p. 10) afirma que “a comunicação é uma farsa, um equívoco, um jogo que mais ilude do que realiza aquilo a que se pretende”. Nessa perspectiva, mesmo com as facilidades trazidas pelos meios de comunicação de massa, o processo comunicativo é raro, pois,

Em verdade, a sociedade da comunicação é uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude. As pessoas inventam, vendem, usam todas as máquinas possíveis para se comunicar exatamente porque mal conseguem transmitir ao outro qualquer coisa, mal conseguem entender ou sentir junto com esse outro as coisas que ela ou ele sentem. Os equipamentos para facilitar a comunicação se multiplicam cada vez mais, entram progressivamente em nossa vida, fazem parte crescente de nossos objetos do cotidiano porque precisam substituir alguma coisa que dificilmente será preenchida: o distanciamento, a separação entre as pessoas, as muralhas que erguemos e que nos barram de todos os demais. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 8-9).

Assim, para haver comunicação não basta ocorrer um processo interacional, é preciso que a comunicação altere o outro, que suscite uma mudança no outro. Em seu texto *De repente, o prédio falou comigo*, afirma o autor: “a comunicação opera em presença e na ausência do Outro, sendo que esse Outro não é necessariamente uma pessoa, podendo ser uma obra estética,

um acontecimento político, uma vivência partilhada com outro ser vivo.” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 4).

Discorrendo sobre o pensamento do autor, é importante ressaltar que ele propõe uma “nova teoria”, apresentando um método de pesquisa que denomina de “metáporo”, através do qual a pesquisa em comunicação deve ser feita sem amarras, de modo a não prender o pesquisador, resultando em uma pesquisa fechada. Para ele, “metáporo é uma forma de investigação que se opõe ao tradicional método de pesquisa, no sentido de que este subentende uma precedência do pesquisador e de sua concepção de saber ao atuar na pesquisa, enquanto aquele deixa em suspensão todo esse conhecimento a priori do pesquisador”. (MARCONDES FILHO, 2011, p. 8).

A intenção desta pesquisa não é aprofundar a proposta do autor sobre a “Nova Teoria” ou o novo método de pesquisa defendido por ele como “metáporo”, mas remeter esse pensamento para o que ele reflete acerca da comunicação. Sobre isso, o próprio autor questiona: “a Nova Teoria da Comunicação se propõe a atualizar a discussão do processo comunicacional, em primeiro lugar, que durante todo esse desenvolvimento jamais se colocou a questão mais importante: “O que significa, efetivamente, comunicar”? (MARCONDES FILHO, 2011, p. 3-4).

Com isso, Marcondes Filho (2011) entende que, só a partir do “metáporo”, pode-se perceber a alteração da comunicação no outro, pois é um método de pesquisa livre, sem amarras, que permite o pesquisador observar o outro e seu ambiente. A partir daí, a comunicação é estabelecida, ou seja, se nesse processo ocorreu uma mudança, de fato, no outro, no seu modo de ser.

Diante esse pensamento, o autor afirma que:

Pode-se dizer que a percepção, a compreensão e a mudança que se percebe ao se entender a Nova Teoria são similares ao próprio processo de comunicação. Entender a Nova Teoria é um ato que realiza a comunicação, ele provoca mudanças e um reposicionamento diante dos fatos. É uma transformação incorpórea, é o “algo aconteceu” que reordena tudo, é a faísca que surge do choque dos corpos. De repente ouve-se do colega ou da colega a expressão: “Agora eu entendi o que você está querendo dizer, agora peguei”! É preciso o golpe, a virada, o salto qualitativo. Metáporo supõe um ato de permitir o acesso, de deixar entrar, de liberar, de hospedar o outro, de se deixar atravessar. Supõe que pesquisador e pesquisa sejam formas vivas e acopladas aos acontecimentos.” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 15-16).

Assim, ao pensar a comunicação como um processo que proporciona uma mudança através da relação entre o eu e o outro, são provocadas rupturas.

De certa forma, comunicação é um conceito negativo. Ela se realiza pela quebra, pela negação do padrão, pelo fato de provocar uma ruptura, uma dissonância naquilo que existia. Ela corrói a positividade do estabelecido e do existente e introduz um elemento perturbador, instigador, incômodo, que nós aceitamos ou não, o incorporamos ou não, dependendo de nossa capacidade ou interesse na abertura de nós mesmo ao Outro. (MARCONDES FILHO, 2011, p. 4).

Nesse entendimento, o autor afirma que “a comunicação não ocorre segundo níveis, ela acontece ou não acontece; ou se dá o fenômeno comunicacional ou ele não se dá.” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 8). Com isso, a comunicação é um fenômeno muito raro, pois, necessariamente, precisa desse processo de ruptura e mudança no outro para que aconteça.

Em contraponto, recorrendo novamente a Braga (2017a, p. 23),

Afirmar a comunicação com tentativa não corresponde a dizer que ela se realizará ou não, em uma postura “tudo ou nada” - o que levaria à simples confirmação da raridade de ocorrência de uma comunicação perfeita. Não parece haver, na sociedade, uma alternativa mutuamente excludente entre comunicação e ausência radical de comunicação. Essas duas possibilidades seriam apenas os extremos abstratos de uma dimensão contínua, com graus, níveis e direções variáveis de atingimento. Em síntese, a comunicação se exerce em uma ampla diversidade de graus qualitativos, de sucesso e de valor.

Concorda-se com Braga ao afirmar que a comunicação é um processo tentativo e não uma condição de “tudo ou nada”, concepção que se opõe à de Marcondes Filho, que presume que a comunicação é um fenômeno que acontece ou não.

Assim, na observação de episódios interacionais, assumimos como “comunicação” não só aquela de valor alto, do processo bem sucedido ou da obtenção de consenso- mas toda troca, articulação, ou tensionamento entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa, agregando interesses de todas as ordens; marcada por causalidades que ultrapassam ou ficam aquém das “intenções” (que aliás podem ser altas ou rasteiras). Pessoas se comunicam inclusive no conflito, na opressão ou na manipulação. (BRAGA, 2017a, p 21).

Logo, a comunicação não é a busca de um consenso, que só se realiza se os participantes do processo concordarem, sem intercorrências, tornando-o ideal e bem-sucedido.

É preciso então não confundir “comunicação” com “comunicação bem sucedida” ou com “comunicação de boa qualidade”. Menos ainda com um padrão extremo de controle dos resultados. É claro que valores altos e sucesso comunicacional devem ser compreendidos e buscados, assim como a seus critérios- mas devemos ter uma apreensão mais abrangente do processo, mesmo em seus “desvios”, ineficácias, valores baixos, resultados canhestros, inclusive para compreender o que se define aí como valor. (BRAGA, 2017a, p. 22).

Em sua obra *Uma conversa sobre dispositivos*, Braga (2020, p. 33) afirma que “o que importa, na comunicação, são os processos segundo os quais as diferenças e os diferentes conseguem, tentativamente, coexistir e agir- e, às vezes, a se constituir em diferença com direito de existência”. A comunicação é um processo de interações sociais, que não necessariamente precisam levar a uma mudança no outro, como aponta Marcondes Filho (2011), mas que se estabelece por meio da circulação de sentidos, com um receptor sempre ativo nesse processo, capaz de se apropriar dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, ressignificando-os e fazendo-os circular através dos próprios meios de comunicação.

Então, “nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas.” (BRAGA, 2017b, p. 52). Com isso, “percebemos, então, um fluxo comunicacional contínuo e adiante que dinamiza passagens de resultados entre dispositivos interacionais de ação frequente.” (BRAGA, 2017b, p. 47).

Em outras palavras, a comunicação, para Braga (2020, p. 40), é um processo relacional.

Resisto à ideia de assumir “comunicação” como valor automaticamente positivo. A comunicação pode ser não apenas canhestra, mas também decididamente opressora, mesquinha, desumana. É importante apreender com o que estamos lidando. Não quero, portanto, confundir a lógica interacional do dispositivo com o frequente acionamento controlador e disciplinador dos dispositivos que exercem essas ações.

Neste ponto, o pensamento do autor é fundamental para compreender as *lives* que são analisadas nesta tese doutoral e, também, os comentários enviados pelos seguidores do presidente Jair Bolsonaro. Mesmo em condições de *fake news* ou de informações não embasadas na ciência ou que não tenham comprovação científica, existe uma comunicação estabelecida pelo presidente e seus seguidores. Para além disso, informações que circularam na sociedade, por meio da repercussão nos meios de comunicação de massa, também serviram de objeto de análise desta pesquisa. Portanto, “o que importa, em perspectiva comunicacional, é o processo de elaboração, mais que o dispositivo pronto (o agenciamento das posições)” (BRAGA, 2020, p. 36).

Após refletir sobre os conceitos de comunicação propostos por Braga e Marcondes Filho, Signates (2023, p. 92) ressalta que:

A ideia é entender que a comunicação é um fenômeno processual, é um fenômeno dialético, é um vir a ser, é um episódio de transformação. Nesse sentido, está certo o Ciro, está certo o Braga ao falar que comunicação é aquilo que transforma linguagens. A comunicação é um processo, e sendo um processo, ela surge de problemas, ela surge de tensionamentos. As pessoas não se comunicam de maneira funcional, elas se comunicam de maneira tensional. E buscar essas tensões é iluminador.

Em estudos que têm a comunicação como centralidade, a busca pelas tensões que ocorrem no processo comunicativo mostra que

o saber é diverso e o mundo também, basta a gente aceitar isso. Porém, o nosso objeto de trabalho passa a ser a busca das tensionalidades que fundam o comunicacional, que movimentam a circulação simbólica, que tornam possíveis e dinâmicos os vínculos sociais, e que distinguem as instituições de comunicação e poder simbólico. (SIGNATES, 2023, p. 80).

Ainda para o autor,

A emergência da internet e das grandes redes da comunicação propiciou as formas de comunicação a níveis que podem ser mundiais. E mais do que isso, retirou das grandes mídias a centralidade da produção, entregou para a sociedade inteira e capilarizou, a ponto de ir à intimidade da vida das pessoas, os processos comunicacionais. É aquilo que o grupo da Unisinos chama de processo de midiatização, e que eu brinco dizendo que é o nome que nós da Comunicação inventamos para falar da globalização. A globalização é um conceito de Sociologia; midiatização é de Comunicação. A midiatização é a vida social no modo comunicacional de ser. Então a comunicação também é um modo de ser e um modo de vida hoje. Ela não é só transferência de mensagem, e não é só compreensão de informação; não é só entendimento, e nem somente vínculo social. Ela é um modo de ser no mundo, na vida privada e pública de cada um de nós, que efetua uma ruptura bastante estranha entre o mundo privado e o mundo público. Por isso, como conhecimento, a Comunicação é uma ciência básica tardia. (SIGNATES, 2023, p. 78).

A percepção do autor acerca da comunicação aponta o modo de ser da atualidade, o que indica que a comunicação é central para a sociedade. Por isso, Signates (2023) defende a ideia de ser uma ciência básica tardia, já apontada anteriormente neste estudo. Outro ponto importante na perspectiva do autor é buscar as tensionalidades no processo comunicacional e não apenas o entendimento como processo de interações.

Neste sentido, espera-se, na análise empírica, perceber a comunicação como um processo interacional, no qual a sociedade ressignifica a comunicação de forma crítica e participativa, fazendo-a circular. Nesse processo, tentativo e interacional, conforme pontua Braga (2017), é indispensável entender as tensionalidades que ocorrem, tendo como objeto de estudo as *lives* do presidente Bolsonaro em uma esfera pública virtual.

Diante dessas perspectivas teóricas aqui abordadas, é relevante reiterar que o objetivo deste capítulo não é apresentar um conceito uno e fechado acerca da comunicação, mas sim importantes conceituações trazidas por diferentes autores. Objetiva-se, então, responder ao questionamento direcionador do capítulo: “afinal, de qual comunicação estamos falando”? A resposta auxilia na análise do objeto empírico desta tese.

Fazendo uso dos conceitos e reflexões aqui apresentadas, entende-se que a visão de Braga é a que mais se aproxima dos direcionamentos acerca da comunicação tomados nesta tese. A comunicação como processo interacional tentativo possibilita a ressignificação das mensagens e circulação tanto nos veículos de comunicação de massa quanto em encontros face a face. Para além disso, a ideia que a comunicação não ocorre apenas em situações positivas mostra que “é preciso então não confundir a “comunicação” com “comunicação bem-sucedida”. (BRAGA, 2017a, p. 22). Esse pensamento norteia a análise empírica aqui desenvolvida.

Vale ressaltar que não são menos importantes os conceitos aqui apresentados e nem devem ser excluídos, pois, de alguma forma, todos contribuíram para a análise das *lives* que foram estudadas, bem como os comentários gerados pelos seguidores do presidente Bolsonaro.

A reflexão acerca da comunicação é essencial para estudos científicos que têm como centralidade a própria comunicação. Por ter um conceito amplo, que abarca diferentes olhares de autores e estudiosos do campo, a comunicação corresponde a um processo de interações que possibilita a criação do vínculo social. Mais do que isso, apresenta tensionalidades nesse processo que devem ser pensadas ao se estudar, de forma empírica e científica, a comunicação. Concorde-se com Mainieri (2016, p. 40) que afirma que “a pluralidade da comunicação permite emergir múltiplas verdades”.

A partir das reflexões trazidas neste capítulo teórico, entende-se a comunicação como central e essencial para a sociedade, e, para isso, no próximo subtópico teórico, serão abordados os conceitos acerca da democracia e cidadania com a perspectiva e olhar comunicacional. Signates (2012, p. 12), em seu artigo, *Epistemologia da Comunicação na Democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos* afirma que, “onde quer que se pense o jogo democrático em funcionamento, pode-se surpreender a comunicação como categoria analítica fundamental”.

Assim, a comunicação é fundamental para a garantia e manutenção de regimes democráticos, e, mais que isso, “um modo de ser da democracia” (SIGNATES, 2012, p. 12), como será visto a seguir.

3.2 DEMOCRACIA: A ESSENCIALIDADE DA COMUNICAÇÃO PARA REFLEXÕES DEMOCRÁTICAS

3.2.1 Um olhar a partir da ideia de participação advinda da Grécia Antiga

Neste subtópico teórico busca-se compreender características importantes do regime político democrático, bem como a diversidade de conceitos e entendimentos acerca dessa temática. Para tanto, o principal objetivo desta construção teórica é entender a democracia e a essencialidade da comunicação para manter e assegurar esse regime político. Tal regime, conforme será visto a seguir, em momentos atuais, passou por crises recentes em vários países.

A reflexão em torno do conceito de democracia é essencial para compreender o objeto empírico desta tese, pois as *lives* que foram estudadas decorrem em um regime democrático, no qual o presidente utiliza esse *locus* para buscar uma comunicação direta com seus seguidores. Estes são cidadãos e têm direitos e deveres assegurados por lei.

Para tanto, democracia é um conceito que comporta uma diversidade de reflexões e entendimentos, visto que vários olhares se voltam para essa temática, principalmente atualmente, quando se questiona a vivência de uma crise no mundo. Castells (2018), em sua obra *Ruptura: a crise na democracia liberal*, afirma que a democracia passa por uma crise de legitimidade. Seguindo esse pensamento, Levitsky e Ziblatt (2018, p. 16) apontam fatores que podem levar à “morte” de um regime democrático, ressaltando que “democracias ainda morrem, mas por meios diferentes”.

A reflexão sobre a crise na democracia será abordada no final deste subtópico, mas, antes, torna-se primordial buscar conceitos e entendimentos apoiados em diferentes autores, como Bobbio (2000, 2014), Mouffe (2000, 2003, 2006), Kelsen (2019), Gomes e Maia (2008), Lins (2017), entre outros, para esclarecer o que se entende por democracia.

Além desses autores, para pensar a essencialidade da comunicação para a democracia, este estudo fundamenta-se em Signates (2002, 2012), Signates e Moraes (2016), Gomes e Maia (2008) e Castells (2019). A noção de democracia relaciona-se com a ideia de participação advinda da Grécia antiga. Conforme aponta Lins (2017, p. 11), “o conceito de democracia grega – surgida aproximadamente em 500 a.C- era calcado na ideia de participação. Os cidadãos das

cidades-estados podiam participar diretamente das tomadas de decisões que afetavam a comunidade como um todo, uma democracia de assembleia”.

Kelsen (2019, p. 140), em sua obra *A Democracia*, complementa essa ideia da democracia na perspectiva da Grécia:

O significado original do termo “democracia”, cunhado pela teoria política da Grécia antiga, era o de “governo do povo” (*demos*=povo, *kratein*= governo). A essência do fenômeno político designado pelo termo era a participação dos governados no governo, o princípio de liberdade no sentido de autodeterminação política; e foi com esse significado que o termo foi adotado pela teoria política da civilização ocidental. É evidente que, tanto na Antiguidade quanto em nossa época, um governo do povo é desejado pelo fato de tal governo ser, supostamente, para o povo. Um governo “para o povo” significa um governo que atua no interesse do povo. Mas a questão relativa ao que seja o interesse do povo pode ser respondido de maneiras diversas, e aquilo que o próprio povo acredita ser seu interesse não constitui, necessariamente a única resposta possível.

Entender a democracia como simplesmente um “governo do povo” é uma visão reducionista, visto que, para Kelsen (2019, p. 141), “a doutrina de que a democracia pressupõe a crença na existência de um bem comum objetivamente determinável, de que o povo é capaz de conhecê-lo e, conseqüentemente, transformá-lo no conteúdo de sua vontade é uma doutrina errônea”. Para o autor, o povo é visto como um conjunto heterogêneo de pessoas que não possui vontades em comum, iguais, sendo um governo que não pode representar um povo em sua totalidade. Torna-se importante, com base no autor, entender o que seria um “governo do povo”:

Mas a forma de governo definida como “governo do povo” não pressupõe uma vontade do povo voltada para a realização daquilo que, segundo a opinião deste, constitui o bem comum. O termo designa um governo no qual o povo participa direta ou indiretamente, ou seja, um governo exercido pelas decisões majoritárias de uma assembleia popular, ou por um corpo ou corpos de indivíduos, ou até mesmo por único indivíduo eleito pelo povo. (KELSEN, 2019, p. 142).

Seguindo essa linha de entendimento acerca da democracia e governo do povo, Miguel (2017, p. 39) define povo como:

Povo é uma categoria política, que reúne as pessoas que estão submetidas a um governo. Dessa forma, povo se opõe exatamente a governo: povo e governo são antípodas na relação de dominação política que é própria das mais diversas sociedades humanas. Um “governo do povo” é, assim, uma contradição em termos.

Refletindo o entendimento de democracia e governo do povo, Bobbio (2014, p. 23) afirma que:

a democracia como autogoverno do povo é um mito que a história desmente continuamente. Em todos os Estados, quem governa - e aqui falamos de “governar” no sentido de tomar as decisões últimas que se impõem a todos os membros de um grupo- é sempre uma minoria, um pequeno grupo, ou alguns grupos minoritários em concorrência entre si.

A simples tradução do termo *demo*= povo não pode ser apresentada como uma definição sobre democracia, mas sim uma contradição e uma dualidade. Torna-se importante aprofundar o entendimento acerca da democracia.

Bobbio (2014), em sua obra *Qual democracia?*, associa o entendimento sobre o regime democrático e a busca pela igualdade. O autor ressalta que os homens não são iguais, sendo até ingenuidade ter esse entendimento, porém, a igualdade para um regime democrático seria um “ponto de chegada” (BOBBIO, 2014, p. 39). Ainda para o autor,

o fim que nos move quando queremos um regime organizado democraticamente é, numa única palavra, a igualdade. Assim podemos definir a democracia, não mais com relação aos meios, mas relativamente ao fim, como o regime que visa realizar, tanto quanto possível, a igualdade entre os homens. (BOBBIO, 2014, p. 38).

Seguindo sua obra, o autor ressalta que a democracia é “uma fé”, no sentido de que democracia significa, de fato, igualdade e pontua que, “por isso, concluindo, lhes digo: qual fé? A fé na democracia. Qual democracia? A democracia como ideal de igualdade e tarefa de justiça” (BOBBIO, 2014, p. 41). Logo, pode-se constatar que a democracia, na visão do autor, é um ideal a ser seguido.

Fé e ideal são temas que apresentam subjetividade, assim, é importante apontar características e conceitos mais objetivos acerca da democracia voltando ao entendimento do termo ainda na Grécia antiga. Com isso, é salutar diferenciar democracia direta e democracia representativa.

Bobbio (2000) explana acerca dos conceitos de democracia direta e democracia deliberativa. Para o autor, a democracia direta relaciona-se com a noção de democracia grega, tendo como ideal a participação direta, quando os cidadãos das cidades-estados gregas poderiam participar diretamente das tomadas de decisões. Em acréscimo, Bobbio (2000, p. 63) ressalta que,

Para que exista a democracia direta no sentido próprio da palavra, isto é, no sentido em que direto quer dizer que o indivíduo participa ele mesmo nas deliberações que lhe dizem respeito, é preciso que entre os indivíduos deliberantes e a deliberação que lhes diz respeito não exista nenhum intermediário.

A noção de democracia direta se aplicava muito bem à constituição das cidades estados gregas, quando o número de participantes nos processos democráticos era bem mais reduzido que hoje. Essa forma democrática, na contemporaneidade, não consegue atingir todos os cidadãos de um país sem ter intermediários entre Estado e cidadão, como por exemplo, a mídia.

Porém, na democracia grega, participavam do processo deliberativo apenas homens cultos, adultos, letrados, excluindo-se analfabetos e mulheres. Era uma democracia sem acesso a todos os cidadãos. Lins (2017, p. 11) esclarece que “as cidades-estados da Grécia e a república romana talvez não se classificassem como democracias. No entanto, eles são os primeiros casos de algum poder popular em decisões importantes.”

Esse, então, pode ser o ponto de maior crítica ao conceito de democracia direta, pois, para que ela se realize, é importante a participação de todos os cidadãos nos processos decisórios e deliberativos entre o Estado. Neste contexto, como afirma Bobbio (2000), a proposta de uma democracia direta torna-se irreal.

Que a democracia direta não seja suficiente se torna claro quando se considera que os institutos de democracia direta no sentido próprio da palavra são dois: a assembleia dos cidadãos deliberantes sem intermediários e o *referendum*. Nenhum sistema complexo como é o de um Estado Moderno pode funcionar apenas com um ou com outro, e nem mesmo com ambos conjuntamente. (BOBBIO, 2000, p. 65).

Vê-se que o processo democrático se amplia e novas formas de participação e mediações são constituídas, fazendo com que o conceito de democracia representativa e pluralismo democrático tornem-se importantes. Para Bobbio (2000, p. 56), “a expressão democracia representativa significa genericamente que as deliberações coletivas, isto é, as deliberações que dizem respeito à coletividade inteira, são tomadas não diretamente por aqueles que dela fazem parte, mas por pessoas eleitas para esta finalidade.”

A noção da democracia representativa está associada ao voto, ocasião em que o cidadão pode e deve escolher representantes para que estes tomem decisões e os representem, já que o próprio cidadão não consegue participar e tomar todas as decisões que envolvam a vida em comunidade, nas sociedades mais complexas que vivemos hoje. Segundo Miguel (2017, p. 41), no entendimento da democracia representativa, “a representação política formal impôs-se como uma necessidade incontornável, uma vez que o tamanho dos territórios e das populações dos Estados nacionais modernos torna-se inviável a democracia direta”.

Lins (2007), por sua vez, faz uma contextualização do que é democracia e, no entendimento da democracia representativa, apresenta a visão de vários autores que colocam que, para um país ser considerado democrático, ele deve ter: a) um chefe do executivo escolhido

por eleições populares ou por um corpo que tenha sido eleito pelo povo; b) um corpo legislativo eleito por voto popular; c) e, por fim, mais de um partido disputando eleições.

Portanto, ficam claros os princípios da democracia representativa. O povo escolhe seus representantes na impossibilidade de participar de todas as deliberações impostas em um regime democrático.

Confirmando esse pensamento, Bobbio (2000, p. 57) afirma que “um Estado representativo é um Estado no qual as principais deliberações políticas são tomadas por representantes eleitos, importando pouco se os órgãos de decisão são o parlamento, o presidente da república, o parlamento mais os conselhos regionais etc.”. Independente das formas de governo, sendo presidencial ou parlamentar, a noção de democracia representativa se faz presente quando o povo escolhe seus representantes, e estes, quando eleitos, *a priori*, devem tomar decisões que representem as vontades/necessidades do cidadão.

Como aponta Kelsen (2019, p. 91), a democracia representativa faz surgir numerosos chefes que representam o povo, o que desencadeia “um problema central da democracia real e atual”. Por conseguinte,

A criação desses numerosos chefes torna-se o problema central da democracia real- que, em oposição à sua ideologia, não é uma coletividade sem chefes-, democracia essa que distingue da autocracia real não tanto pela essência, mas sobretudo pelo grande número de chefes. E, assim, um método específico de seleção dos governantes pela coletividade dos governados aparece como elemento essencial da democracia real. (KELSEN, 2019, p. 91).

Entendendo a democracia como um regime que essencialmente busca a representação do povo, através de eleições para escolha de seus “numerosos chefes” (KELSEN, 2019), torna-se salutar o papel das eleições em um regime democrático, assim como a apresentação de critérios para a definição da democracia e de seus princípios fundamentais (LINS, 2007), os quais ainda serão contextualizados neste subtópico.

A fim de aprofundar o entendimento sobre democracia, duas noções importantes devem ser explanadas. A primeira corresponde ao modelo de Democracia Agonística, proposta por Mouffe (2003, 2006), e, posteriormente, a visão de Democracia Deliberativa.

3.2.2 Pluralismo Democrático: reflexões necessárias

No livro *The Democratic Paradox* (2000), o artigo *Por um modelo agonístico de democracia* compõe um capítulo da obra. Nesse artigo, Mouffe (2000) apresenta um modelo para pensar a democracia, que denomina de “Pluralismo Agonístico”. Para a autora, “a

democracia moderna repousa no reconhecimento e legitimação do conflito e na recusa em suprimi-lo pela imposição de uma ordem autoritária. (MOUFFE, 2003, p. 15).

O cerne da democracia se encontra na noção do pluralismo e do antagonismo, preceitos que devem ser celebrados e incentivados em um regime democrático. Na visão da autora, não se tem democracia com consenso. O consenso inviabiliza o processo democrático, pois, para Mouffe (2003), o dissenso e o pluralismo são fundamentais para que a democracia se consolide.

O maior ponto de crítica da autora em relação às teorias democráticas ocidentais e dominantes é que estas não abordam a importância do dissenso em um regime democrático, algo que a autora considera fundamental para se pensar esse regime. Em um ensaio *Democracia, cidadania e a questão do pluralismo* (2003), Mouffe (2003, p. 11) afirma que:

O argumento central que buscarei sustentar neste ensaio é que o tipo de teoria política democrática dominante atualmente não pode nos ajudar a entender a importância do dissenso numa sociedade democrática. Ela é incapaz de captar as diferentes formas de antagonismos que emergem em nosso mundo globalizado, pós-guerra fria, e de enfrentar um tipo de política democrática que poderia dar conta deles. Isto porque considero que é necessário desenvolver um novo modelo, ao qual denomino “pluralismo agonístico” e sobre o qual gostaria de apresentar algumas reflexões.

Em busca da defesa de sua teoria, Mouffe (2003, p. 16) faz primeiramente uma distinção entre dois tipos de relações que ocorrem na política, “uma de antagonismo entre inimigos, e outra de agonismo entre adversários”. Para fins de entendimento do modelo proposto de democracia agonística, é essencial que as relações políticas ocorram entre adversários, de uma forma que as divergências e pluralidade de ideias e opiniões sejam respeitadas, e, mais que isso, estimuladas e mantidas por instituições. Assim, o modelo da autora baseia-se numa relação política de agonismo entre adversários, e não entre inimigos.

Poderíamos dizer que o objetivo da política democrática é transformar um “antagonismo” em “agonismo”. Isto tem consequências importantes para o modo como encaramos política. Contrariamente ao modelo de “democracia deliberativa”, o modelo de “pluralismo agonístico” que estou defendendo assevera que a tarefa primária da política democrática não é eliminar as paixões nem relegá-las à esfera privada para tomar possível o consenso racional, mas para mobilizar aquelas paixões em direção à promoção do desígnio democrático. Longe de pôr em perigo a democracia, a confrontação agonística é sua condição de existência. (MOUFFE, 2003, p. 16).

Assim, a autora reforça a importância do dissenso para se pensar a democracia e, em sua visão, “uma democracia pluralista necessita oportunizar o dissenso e instituições através das quais ele possa se manifestar.” (MOUFFE, 2003, p. 17). Segundo Miguel (2017, p. 33), o antagonismo político proposto por Mouffe (2003) “é, assim, uma manifestação de resistência

aos padrões de dominação vigentes na sociedade. Entendido dessa maneira, sua domesticação ou sublimação, como quer Mouffe, significa a acomodação com esses padrões”.

Buscando em Bobbio (2000) a reflexão acerca do pluralismo, aborda-se que o consenso é importante para se pensar a democracia, mas não deve ser uma condição suficiente. Para o autor, a questão do pluralismo é vigente na democracia atual, porém nem todo Estado pluralista é democrático e vice e versa. Logo, “o conceito de democracia e o conceito de pluralismo, diria um lógico, não têm a mesma extensão. Pode-se muito bem encontrar uma sociedade pluralista que não seja democrática e uma sociedade democrática que não seja pluralista.” (BOBBIO, 2000, p. 71).

Para exemplificar esse pensamento, Bobbio (2000, p. 71) ressalta que “[...] a sociedade feudal é uma sociedade pluralista, mas não é uma sociedade democrática: é um conjunto de várias oligarquias”. Contudo, em se tratando da democracia dos modernos, como aponta o autor, a democracia atual é pluralista, tanto em questões de centro de poder, de ideias, opiniões, participações.

É um fato que as nossas sociedades, diferentemente da antiga polis, são sociedades com vários centros de poder. E é simplesmente uma consequência deste fato que a democracia dos modernos deva fazer as contas com o pluralismo, diferentemente do que ocorria na democracia dos antigos. Antes de ser uma teoria, o pluralismo é uma situação objetiva, na qual estamos imersos. (BOBBIO, 2000, p. 71).

Ainda para o autor, “o que acontece agora é que o processo de democratização, ou seja, o processo de expansão do poder ascendente, está se estendendo da esfera das relações políticas, das relações nas quais o indivíduo é considerado em seu papel de cidadão, para a esfera das relações sociais.” (BOBBIO, 2000, p. 67).

Seguindo esse pensamento, o que acontece com o desenvolvimento da democracia não requer um novo tipo de constituição de regime democrático, mas a manutenção de tradicionais formas de democracia, incluindo a representativa, com a utilização de novos tipos de espaços de participação do cidadão, partindo-se da “democratização do Estado à democratização da sociedade” (BOBBIO, 2000, p. 67).

A democracia dos modernos é uma democracia pluralista, com a existência de um pluralismo econômico, político e ideológico. Então, “o pluralismo enfim nos permite explicar uma característica fundamental da democracia dos modernos em comparação com a democracia dos antigos: a liberdade - melhor: a liceidade - do dissenso” (BOBBIO, 2000, p. 73). Apoiado no pensamento do autor, a democracia é uma forma de governo em que predomina o consenso

da maioria, ainda que tenha uma minoria que não concorde, sendo esse fato fundamental para uma democracia pluralista, em que as pessoas tenham liberdade de opinião, ideias, políticas.

Considerando a noção do consenso, Mouffe (2000) aponta que a condição para se criar o consenso é eliminar o pluralismo nas esferas públicas. Pensar uma democracia pluralista é pensar em uma democracia que discorda e que fomenta espaços como esferas públicas, onde possam ocorrer debates, diálogos e discordâncias de pensamentos e ideias. Com a internet, a formação de uma esfera pública virtual favorece a existência de um *locus* com troca de ideias e pensamentos não concordantes, possibilitando um debate crítico racional e fortalecendo um regime democrático pluralista. Esse pensamento acerca da esfera pública virtual será mais aprofundado no próximo capítulo, quando serão apontadas as possibilidades e impossibilidades trazidas pela internet.

Complementando esse pensamento, Mouffe (2006, p. 173) entende que “o caráter democrático de uma sociedade só pode ser dado na hipótese em que nenhum ator social limitado possa atribuir-se a representação da totalidade ou pretenda ter controle absoluto sobre a sua fundação”. Seguindo a ideia do modelo agonístico proposto por Mouffe e entendendo a importância do dissenso para o regime democrático, Kelsen (2019) aborda a questão da liberdade como essencial para a consolidação da democracia. Para o autor, “o problema da democracia não é o problema do governo mais eficiente; outros regimes podem ser mais eficientes. É o problema de um governo que garanta a máxima liberdade individual possível.” (KELSEN, 2019, 191), pois “é o valor da liberdade e não o de igualdade que determina, em primeiro lugar, a ideia da democracia.” (KELSEN, 2019, p. 99).

Refletindo acerca dos conceitos de liberdade e igualdade, o autor acrescenta que:

Da ideia de que somos- idealmente- iguais, pode-se deduzir que ninguém deve mandar em ninguém. Mas a experiência ensina que, se quisermos ser realmente todos iguais, deveremos deixar-nos comandar. Por isso a ideologia política não renuncia a unir liberdade com igualdade. A síntese desses dois princípios é justamente a característica da democracia. (KELSEN, 2019, p. 27).

Um ponto importante abordado pelo autor para pensar a democracia é a questão do relativismo político que se opõe ao absolutismo de regimes autoritários e autocráticos. Kelsen (2019, p. 202) ratifica que “a tolerância, os direitos das minorias, a liberdade de expressão e de pensamento, componentes tão característicos de uma democracia, não têm lugar em um sistema político baseado na crença em valores absolutos”.

Confirmando esse pensamento, Bobbio (2000, p. 75) afirma que: “quero dizer que, num regime que se apoia no consenso não imposto a partir do alto, alguma forma de dissenso é

inevitável e que apenas onde o dissenso é livre para se manifestar o consenso é real, e que apenas onde o consenso é real o sistema pode proclamar-se com justeza democrática”.

O autor pensa numa relação dialética entre consenso e dissenso, enquanto para Mouffe (2003), o dissenso é essencial e determinante à democracia. Completando esse pensamento da importância do dissenso e das liberdades, Kelsen (2019, p. 203) reforça que:

Pode ser que a opinião da minoria, e não da maioria, esteja correta. Unicamente em função dessa possibilidade, que só o relativismo filosófico pode admitir- a de que o que hoje é certo pode estar errado amanhã- é que deve permitir que a minoria expresse livremente sua opinião, dando-lhe uma plena oportunidade de tornar-se maioria. Somente se não for possível decidir, de um modo absoluto, o que é certo e o que é errado, será aconselhável discutir a questão, submetendo-a a uma solução conciliatória ao fim da discussão. Esse é o verdadeiro significado do sistema político que chamamos de democracia e que só podemos opor ao absolutismo político por ele ser relativismo político.

Por mais que, como aponta Bobbio (2000, p. 74), a democracia seja um regime em que se faz necessário o consenso da maioria, é fundamental que exista a liberdade, como assinalado por Kelsen, de uma minoria que possa discordar, já que “democracia quer dizer dissenso”. Para Kelsen (2019) significa liberdade e para Mouffe (2000, 2003, 2006) significa pensar o outro como adversário e não inimigo, prevalecendo o modelo de democracia agonística, que não busca o consenso, mas sim o dissenso, a possibilidade de poder discutir, pensar e dialogar entre diferentes.

Aqui, de acordo com os pensamentos colocados pelos autores, torna-se essencial pensar a democracia como pluralismo. O pluralismo está associado à liberdade, liberdade de expressão, política, de opiniões, religiosa, de pensamento, entre outras, fundamentais para a democracia moderna. Então, “o que significa dizer que a democracia dos modernos deve fazer as contas com o pluralismo? Significa dizer que a democracia de um Estado moderno nada mais pode ser que uma democracia pluralista” (BOBBIO, 2000, p. 72).

Após a abordagem dos conceitos e principais entendimentos acerca da democracia, torna-se primordial refletir sobre a essencialidade da comunicação para um regime democrático. Com base em Gomes e Maia (2008), Signates (2002, 2012) e outros autores, serão discutidas no próximo subtópico as abordagens que se coadunam com este estudo.

3.2.3 Uma abordagem comunicacional para a democracia

Ao buscar uma definição para a democracia, com base em Kelsen (2019), relaciona-se o entendimento à noção da liberdade. A liberdade é um direito fundamental do homem, sendo

os direitos humanos definidos como direitos sociais, políticos e civil, conforme teorizado por Marshall (1967). Essa tipologia dos direitos, proposta pelo autor, tornou-se essencial para o entendimento dos direitos do homem e central para o conceito de cidadania. Para Marshall (1967), cidadão é quem é possuidor desses direitos e, indo mais além, como aponta Covre (1993), além de direitos, os cidadãos também são detentores de deveres.

Nildo Viana (2003), como referenciado e aprofundado na dissertação da autora (2012), com base nessa tipologia de Marshall (1967), afirma que os direitos civis são os que dizem respeito ao indivíduo, como a liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa e pensamento, entre outros. Os direitos políticos estão relacionados ao direito que todo cidadão tem de votar e, também, de ser votado. Por fim, o direito social está associado ao bem-estar físico e mental dos cidadãos, como o direito ao trabalho, educação, lazer e moradia.

Sobre isso, Covre (1993, p. 15) aponta que os direitos políticos:

dizem respeito à deliberação do homem sobre sua vida, ao direito de ter livre expressão de pensamento e prática política, religiosa etc. Mas, principalmente, relacionam-se à convivência com os outros homens em organismos de representação direta (sindicatos, partidos, movimentos sociais, escolas, conselhos, associações de bairro etc.) ou indireta (pela eleição de governantes, parlamento, assembleias), resistindo à imposição dos poderes (por meio de greves, pressões, movimentos sociais). E, ainda, dizem respeito a deliberações dos outros dois direitos, os civis e os sociais – esclarece quais são esses direitos e de que modo chegar a eles.

Signates e Moraes (2016, p. 25), no capítulo *A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania*, fazem uma contextualização, com base em diferentes autores, sobre o conceito de cidadania e comunicação. Os autores afirmam que “sem comunicação, não há cidadania”.

No mesmo seguimento, Signates e Leal (2020, p. 74), em seu capítulo *A negação comunicacional da Cidadania: o que as fake news do bolsonarismo no Brasil tem a nos ensinar sobre a comunicação*, ponderam que:

ao se afirmar que a noção de comunicação é estruturante a definição de cidadania, o que se quer dizer é que os processos de afirmação e garantia dos direitos e, largamente, os conteúdos dos próprios direitos, são feitos de comunicação. É na relação comunicacional que são concebidos, reivindicados, implantados e garantidos.

Portanto, é através do processo relacional de comunicação que os direitos podem ser buscados, mantidos e, para além disso, reivindicados. Torna-se importante lembrar que os direitos não são estanques e as transformações pelas quais os direitos passam ao longo do tempo

estão relacionadas às mudanças nos processos sociais, que se dão fundamentalmente pela comunicação.

Logo, “não se justifica uma noção de cidadania na qual os direitos não sejam válidos para todos.” (SIGNATES; LEAL, 2020, p. 68). Nessa perspectiva de direitos, Signates e Leal (2020, p. 68) pensam a cidadania no Brasil como uma cidadania “mutilada”, para quem

essa condição cidadã parcial, configuradora de ilhas de privilégios em meio a um oceano de negação de direitos, configura a situação brasileira, onde as cidadanias são mutiladas, incompletas. Tais quadros de injustiça social se manifestam por diferentes maneiras, seja no trabalho (com oportunidades negadas e o desemprego); na remuneração (uns ganham mais que os outros exercendo as mesmas funções); nas oportunidades de promoção; na localização espacial entre os homens, na sua moradia e circulação nos espaços urbanos e públicos; no acesso à educação e a saúde, altamente elitistas; e também na relação ao direito de imagem e individualidade (principalmente nas relações do sujeito com a justiça, com a polícia e a mídia), sendo que os negros e os pobres percebem com maior clareza como se expressam essas variadas cidadanias mutiladas.

Com esse entendimento de uma cidadania “mutilada” e incompleta, os autores entendem que essa condição brasileira está relacionada à incomunicabilidade e/ou silenciamento e à não participação do cidadão de forma ativa e efetiva, com reivindicação de seus direitos, busca pelo asseguramento e manutenção dos direitos, e participação ativa no processo democrático.

Embora a noção de cidadania mutilada compareça nas mais diversas atividades sociais, abrangendo praticamente todos os aspectos da vida, parece evidente que o processo de mutilação da cidadania, senão o que o origina, mas com certeza aquilo que o sustenta, tem seu aspecto especificamente comunicacional. São não apenas formas de silenciamento, mas também de imposição ideológica, aquilo que legitima ou normaliza as situações brutais de injustiças... O Brasil teria se especializado durante sucessivos governos em uma democracia de mercado, onde o que é central é a economia e o mercado, e não o homem, ou o cidadão. (SIGNATES; LEAL, 2020, p. 68).

Ao ponderar que cidadania e democracia são conceitos indissociáveis, e que para ambas a comunicação tem um papel de centralidade, torna-se importante refletir, de forma mais aprofundada, acerca da democracia e comunicação.

Concordando-se com Signates e Leal (2020), a comunicação, bem como a liberdade de expressão e pensamento, é um direito e, como tal, deve ser assegurado seu livre exercício em um regime democrático, que se dá essencialmente através da participação ativa de sujeitos/cidadãos. Pensar a democracia e a cidadania sem comunicação é uma visão incompatível do que foi considerado neste capítulo, pois a democracia se faz em uma sociedade pluralista, livre, sendo o dissenso condição importante para a sua existência.

Pode-se, então, afirmar que sem comunicação não há democracia e sem participação não há cidadania. Posto isso, a comunicação possibilita a participação, sendo esta “uma situação comunicacional ativa”. (SIGNATES; LEAL, 2020, p. 68).

3.2.4 A essencialidade da comunicação para a democracia

Como referenciado no subtópico anterior com as reflexões acerca da comunicação e com base em Braga (2017a), a comunicação é um processo relacional e tentativo, que produz e faz circular sentidos na sociedade, essencial para a democracia pluralista, conforme teorizada por Mouffe (2003) e Bobbio (2000), para os quais o dissenso é fundamental.

Para além disso, voltando a Braga (2017a), não se deve confundir comunicação com “comunicação bem-sucedida”, ou seja, as pessoas se comunicam mesmo em situação de conflito de ideias e opiniões. Portanto, a ideia de pluralismo democrático, dissenso, liberdade de expressão e de opiniões, participação ativa só é assegurada com e pela comunicação.

A comunicação é, pois, não apenas um componente da democracia, mas o seu próprio modo de ser, nas instituições, nos grupos sociais e na sociedade como um todo. Em outras palavras, será tão mais democrática uma sociedade, quanto forem livres e fortes os processos de produção e circulação de sentidos. E, em contrapartida, será tão mais autoritária e antidemocrática uma sociedade, quanto os modos de comunicação forem reduzidos ao silêncio ou impedidos de circular, pela ação violenta dos sistemas de poder. Somente pela comunicação, a democracia adquire condições de se realizar como tal, na medida em que se passe a imperar a solução não violenta dos conflitos, ao se tornarem mediados pela linguagem, seja pelo jogo argumentativo, seja pela disputa das imagens, em público. (SIGNATES, 2012, p. 12-13).

Em adição, “democracia não é algo que simplesmente existe ou não existe, e sim um processo, demarcado pela existência em maior ou menor grau de cada uma de suas condições, inclusive e sobretudo as de comunicabilidade entre indivíduos, grupos e instituições entre si.” (SIGNATES, 2012, p. 13). Nesse mesmo sentido, segundo Braga (2017, p. 23), a comunicação, por ser um processo tentativo, não aborda uma questão de “tudo ou nada”, pois, “em síntese, a comunicação se exerce em uma ampla diversidade de graus qualitativos, de sucesso e de valor”.

Nessa perspectiva de buscar qualificar a democracia, Signates (2002, não paginado), em seu artigo *O critério DAIA: uma sugestão para se avaliar a democracia na comunicação*, afirma que “torna-se importante saber não apenas o que é democracia, mas também e sobretudo, o quão se é democrático, isto é, o gradiente de democracia de que é capaz uma sociedade”. Portanto, buscar o gradiente da democracia se relaciona com critérios qualitativos e não com características quantitativas, como o conceito de grau.

Para esclarecer o conceito do critério DAIA, apresentado por Signates (2002, não paginado), este “corresponde a um conjunto de referenciais progressivos de avaliação das condições em que uma tecnologia qualquer pode ser avaliada em termos de seu uso democrático”. Assim, os referenciais apontados pelo autor que compõem esse critério são: disponibilidade, acessibilidade, interatividade e alteridade.

A disponibilidade “indica a existência de conhecimento e experimentação tecnológica capazes de oferecer, em qualquer nível, a instrumentalidade técnica a que se refere.” (SIGNATES, 2002, não paginado). A definição de disponibilidade pode se associar à ideia de Braga (2006) acerca da circulação diferida e difusa. Para o autor, a comunicação circula na sociedade e, muitas vezes, utiliza dos próprios veículos de comunicação para que isso aconteça, já que “os dispositivos socialmente gerados para organizar falas e reações sobre a mídia utilizam, com frequência, a própria mídia como veiculador” (BRAGA, 2006, p. 30).

Então, quanto mais disponíveis são esses meios, maiores são as possibilidades de circulação da comunicação na e pela sociedade. Sabe-se que a internet pode trazer essa possibilidade de forma mais facilitada, pois todos podem ser emissores de comunicação, desde que se tenha disponibilidade de acesso. Essa condição será melhor abordada adiante, apoiado em Gomes e Maia (2008).

Retornando ao critério DAIA, Signates (2002) aborda a questão da acessibilidade, que deve se relacionar às condições qualitativas de acesso, como critérios econômicos, sociais, culturais, entre outros. Por isso, “em países de elevada taxa de desigualdade social, como é o caso do Brasil, a discussão sobre a tecnologia disponível de forma democrática está diretamente vinculada à questão do seu acesso às camadas mais periféricas da população e da economia” (SIGNATES, 2002, não paginado). Aqui, vale ressaltar que, mesmo com a internet, que tem como característica ampliar as possibilidades de participação, a condição de acessibilidade é fundamental para que, de fato, essa participação possa acontecer.

De acordo com Signates (2002), tanto o critério de acessibilidade quanto o critério de disponibilidade devem ser pensados para qualquer tecnologia.

Em complemento, a interatividade é outro critério que constitui a análise proposta pelo autor, pois

Indica a superação das formas monológicas e autoritárias pelas formas dialogais e conflitivas de circulação da informação e de relação social mediada. Não basta haver suportes tecnológicos propícios, para que se realizem as possibilidades de interatividade, já que a dinâmica da interatividade é, em grande sentido, determinada cultural, econômica e politicamente... O estudo deste indicador, portanto, tanto quanto os demais,

não deve se restringir às condições tecnológicas, mas avançar sobre os demais sentidos da relação social, até por saber que, ao falarmos de tecnologia da comunicação, é de relação social que se fala. (SIGNATES, 2002, não paginado).

A noção de interatividade faz referência ao processo comunicativo dialógico, interacional, no qual a comunicação circula e produz sentidos na sociedade através de processos interativos. A interação, assim, vai além da instrumentalidade da tecnologia ou características técnicas, alcançando processos de relação social estabelecidos pela comunicação.

Por fim, o autor discorre sobre o critério de alteridade, que “indica a capacidade manifesta de estabelecimento e manutenção de vínculos ou conflitos pacíficos com a diferença no outro, dentro da relação estabelecida pelo meio tecnológico.” (SIGNATES, 2002, não paginado). Essa noção de alteridade, como gradiente da democracia, liga-se à noção de comunicação como mudança no outro, referenciada por Marcondes Filho (2004). Como “a comunicação é um episódio de transformação” (SIGNATES, 2023, p. 92), pensar na alteridade é pensar um processo de transformação no outro.

A verificação desses critérios, expostas por Signates (2002), são importantes para sair da análise quantitativa acerca da democracia, sem definir apenas se um regime é ou não é democrático, mas sim perceber qual o grau dessa democracia. Essa percepção vem com a análises desses critérios, os quais, juntos, constituem o que o autor denomina de DAIA.

Quanto à importância da internet na questão desses critérios apontados, mesmo sabendo que todas as tecnologias devem ser abordadas, recorre-se a Gomes e Maia (2008) que apresentam a questão da visibilidade como fator importante para a democracia, tendo em vista que é proporcionada pelos meios de comunicação de massa e, de forma mais ampliada, pela internet.

Em sua obra, *Comunicação e Democracia: problemas e perspectivas*, Gomes e Maia (2008) refletem sobre o papel da comunicação em um regime democrático. Para isso, os autores apresentam uma discussão acerca dos conceitos de esfera pública política, deliberação pública, visibilidade, conversação social e a internet. A comunicação de massa, incluindo aqui essencialmente a internet, promove uma grande mudança na forma de se comunicar, oportunizando maior visibilidade das questões públicas e ampliando o debate, a discussão pública e a participação dos cidadãos.

Nessa abordagem de pensamento, Gomes (2008a, p. 66) afirma que:

A discussão ou, como preferem os americanos, a deliberação pública não é uma vítima sacrificial da comunicação de massa. Os públicos do século XXI têm se mostrado suficientemente convencidos da importância dos debates

civis e suficientemente astutos ao lidar com a comunicação de massa para usar em benefício da discussão pública política e da conversação civil os indispensáveis recursos de que tal comunicação dispõe. Além disso, e de forma ainda mais relevante, contrariamente ao que se pensava no início dos anos 60, a comunicação de massa não pode e nem deve ser pensada como adversária automática de uma discussão e de uma visibilidade pública favoráveis à democracia. Ao contrário, o que hoje é evidente é que a comunicação de massa leva à prática política- tanto aquela do sistema político quanto aquela dos cidadãos- ao máximo histórico de discutibilidade e de visibilidade.

O pensamento de Castells (2019) coaduna-se com o exposto, pois afirma que vivemos em uma sociedade em rede. Para o autor, “uma rede é um conjunto de nós interconectados... Os nós só existem e funcionam como componentes de redes. A rede é a unidade, não o nodo. Na vida social, as redes são as estruturas comunicativas. (CASTELLS, 2019, p. 66).

Em uma sociedade em rede, a comunicação é condição fundamental e essencial para as pessoas se conectarem, dialogarem, participarem e deliberarem sobre assuntos públicos e políticos, já que:

Na sociedade em rede, os discursos são gerados, difundidos, disputados, internalizados e finalmente incorporados na ação humana, na esfera de comunicação socializada construída em torno de redes locais-globais de comunicação digital multimodal, inclusive a mídia e a internet. O poder na sociedade em rede é o poder da comunicação. (CASTELLS, 2019, p. 99).

Na perspectiva do pensamento de Castells (2019), é fundamental refletir acerca da internet e de suas possibilidades e impossibilidades para uma democracia. A internet, segundo Mainieri e Romani (2016, p. 180), “tem possibilitado a ampliação significativa de formas de expressão da sociedade. Essa realidade tem revelado a capacidade de organização e mobilização dos cidadãos na criação de espaços de interlocução na própria internet”. Logo, a internet oferece um *locus* inédito de comunicação contra hegemônica, ou seja, quem tem acesso à rede e vontade em participar, como apontam Gomes e Maia (2008), tem a possibilidade de se envolver em assuntos de interesse público, assuntos que abordam questões que são importantes para uma coletividade de cidadãos.

A participação, antes da internet, era restrita aos meios de comunicação de massa tradicionais, como televisão, rádio e jornal, e que obedeciam a pautas preestabelecidas por esses meios. O cidadão nem sempre tinha acesso a participar de uma forma ativa dos processos políticos de uma sociedade democrática.

Essa é a mudança mais aparente trazida pela internet e apontada por Lemos e Lévy (2010), já que a internet rompe com o modelo tradicional de comunicação, de emissor e receptor, e apresenta o modelo todos-todos. Nesse modelo, todos têm a possibilidade de

participar e de ser ativo no processo comunicativo, emitindo suas ideias, opiniões, cobrando seus representantes eleitos, entre outras possibilidades.

A internet também pode ampliar a conversação social e estimular possibilidades de discussões públicas que favoreçam o dissenso, tão fundamental para a democracia moderna. Vale ressaltar a questão da acessibilidade, pontuada por Signates (2002), pois, ainda que todos possam participar, a condição de acesso é essencial. Então, não basta apenas trazer a possibilidade de acesso e participação, mas o cidadão deve querer participar, debater de forma crítica e racional e ter a internet como esse *locus* de participação política.

Para Maia (2008, p. 285), “entender, contudo, a participação apenas como questão de acesso físico à tecnologia é equivocado.” A autora destaca que o fortalecimento da democracia está relacionado ao interesse do cidadão em participar de assuntos políticos, através de debate crítico-racional, e não apenas ao acesso físico à tecnologia.

A internet, por ser uma facilitadora e apresentar vantagens em relação às mídias tradicionais, fomenta o debate político e diálogo, sem necessitar de interlocutores no processo comunicativo e nem de presença física, tornando a comunicação mais participativa e interativa. No entanto, Maia (2008, p. 287) ressalta que:

Contudo, se haverá ou não o processo de debate é algo que não pode ser decidido *a priori*, pois o debate depende da livre motivação e da ação dos próprios concernidos, que é contingencial e imprevisível. Além disso, é preciso cumprir certas condições. O “debate crítico-racional” é mais que uma pura pluralidade de vozes, pois é focado e se caracteriza por discussões singulares. Requer que os participantes construam, de maneira coordenada e cooperativa, um entendimento partilhado sobre uma matéria comum. As pessoas devem expressar o que elas têm em mente; devem ouvir o que os outros têm a dizer e responder as questões e os questionamentos. Isso demanda, por sua vez, uma atitude de respeito mútuo. Os debates reais, em qualquer fórum que eles ocorrem, sofrem constrangimentos diversos: os participantes possuem assimetrias de poder, de *status*, de habilidades retóricas etc.; os participantes nem sempre se mostram preparados para a reflexão ou dispõem de informação suficiente, e nem, ainda, estão interessados em ouvir atentamente os outros ou alterar os próprios pontos de vista diante das explicações e justificações apresentadas pelos demais. Além disso, há o que os economistas chamam de “custo da decisão”: o tempo e o esforço para se chegar a certas resoluções.

Com isso, deve-se entender a internet como espaço que proporciona maiores possibilidades comunicacionais, porém, a vontade em querer participar de assuntos públicos e políticos deve vir do cidadão. Ademais, não basta apenas participar, mas é preciso se fazer presente em um debate crítico-racional, amparado pela vontade em ouvir o outro, respeitar suas opiniões e ideais, e ter a capacidade de mudar os pensamentos a partir da comunicação estabelecida.

Ainda para Maia (2008, p. 288), “as tecnologias da informação e da comunicação facilitam o armazenamento e a circulação dos estoques informativos, agilizam as buscas, tornam a vida mais veloz. Contudo, não determinam o procedimento da interação comunicativa nem garantem a reflexão crítico-racional”.

Castells (2019, p. 35) complementa que, “no caso da internet, a cultura é a liberdade”. A liberdade garante a vontade do cidadão em querer participar ativamente através de um diálogo crítico-racional, e propõe interação com instituições públicas e governantes que os representam. Além da liberdade em ser também um emissor de conteúdo, e não apenas receptor, ampliam-se as possibilidades de participação, interação e conversação social. A liberdade, como já assinalado, também é essencial para a democracia (KELSEN, 2019).

Por outro lado, como afirma Signates e Leal (2020, p. 71), “a internet, por ser um ambiente altamente comunicacional, cuja troca simbólica adquire tal intensidade que elimina a dicotomia funcional da teoria da informação, o par conceitual “emissor/receptor”, tornou-se um campo fértil para o surgimento e a proliferação de *fake news*”. Os autores também ponderam que:

evidentemente, o que propicia a emergência de notícias falsas não é propriamente a internet, nem tampouco as condições de favorecimento de dialogicidade, nos ambientes virtuais, e sim certos modos de circulação de elementos simbólicos, que culminam no que se convencionam chamar de “viralização”, na grande rede (SIGNATES; LEAL, 2020, p. 71).

Diante do exposto, ressalta-se que não se deve pensar apenas nas possibilidades trazidas pela internet, e sim entender as impossibilidades e a emergência da viralização de mensagens com cunho de *fake news*, sendo esse ponto muito importante para o estudo empírico desenvolvido no tópico de análise de conteúdo das *lives*, classificado como categoria de análise desta pesquisa, denominada de Desinformação. Frisa-se que essas reflexões serão melhor desenvolvidas no próximo capítulo, que aborda a esfera pública virtual.

Mesmo com diferentes possibilidades, a internet apresenta características importantes para a democracia, como a ampliação de visibilidade e o acesso facilitado a um processo comunicativo mais dialógico. Por esse motivo, os entendimentos acerca da internet e da democracia são fundamentais para pensar nas possibilidades advindas dessa mídia, que podem facilitar e promover uma sociedade mais plural e fortalecer o regime democrático.

O tema internet, central neste estudo, será mais aprofundado no capítulo da tese que trata da esfera pública e esfera pública virtual, quando serão apresentadas diferentes abordagens de possibilidades e impossibilidades que essa mídia oferece para a atualidade.

3.2.5 Crise na Democracia

Levitsky e Ziblatt (2018), na obra *Como as democracias morrem*, apresentam cenários de diferentes países que passam por momentos de crise em seus regimes políticos democráticos, podendo, inclusive, colocar em risco a manutenção desse regime. Os autores contextualizam de uma forma muito ampla a democracia norte-americana, tendo como presidente em exercício Donald Trump (2017-2021), desde a sua campanha política até os primeiros anos de seu governo. No início da análise, os autores questionam se a democracia norte-americana, a maior do mundo, está em perigo. Para eles, “afinal de contas, embora saibamos que as democracias são sempre frágeis, a democracia em que vivemos de certo modo conseguiu desafiar a gravidade” (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 13).

Partindo desse questionamento preliminar, os autores contextualizam a fragilidade de regimes democráticos e a possibilidade de líderes eleitos ocasionarem a “morte” desse regime, não apenas por meio de golpes ditatoriais, como militares, conforme aconteceu no Brasil, em 1964, levando militares ao governo.

Porém, há outra maneira de arruinar uma democracia. É menos dramática, mas igualmente destrutiva, Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos-presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder. Alguns desses líderes desmantelam a democracia rapidamente, como fez Hitler na sequência do incêndio do Reichstag em 1933 na Alemanha. Com mais frequência, porém as democracias decaem aos poucos, em etapas que mal chegam a ser visíveis. (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 15).

As democracias morrem porque elegem autocratas e “o paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia- gradual, sutil e mesmo legalmente- para matá-la”. (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 19). Assim, com o fim da era Trump e as últimas eleições nos Estados Unidos, no ano de 2020, sabe-se que a democracia no país passou por uma grande crise, porém, com o resultado dessa eleição, cuja vitória ficou a cargo do democrata Joe Biden, percebe-se que a democracia, conforme aponta os autores, “não morreu”, mas passou por uma grande crise de legitimidade e confiabilidade.

O processo de polarização política também pode levar à morte regimes democráticos. Buscando entender o processo de polarização e como este pode levar ao fim da democracia, Bruzzone (2021, p. 89) afirma que:

Polarização é um fenômeno de concentração de posições opostas e excludentes. “Comigo ou contra mim”, defende o político que ocupa um polo.

Estratégia eleitoral, a polarização pode ser simples (um contra todos) ou dupla (dois polos opostos). Neste caso, convém às duas partes, que a alimentam para forçar a exclusão dos meios. É um desserviço que os políticos fazem a democracia, mas normalmente eles se justificam na necessidade de excluir o outro, muitas vezes odiado, temido, ou ambas as partes. Uma eleição polarizada obriga as pessoas a escolher o mal menor. Boa parte dos eleitores brasileiros conhecem a sensação de votar em um candidato ou partido no qual nunca imaginaram que poderiam votar, apenas para impedir o outro de vencer. Polarização leva a democracias tristes: vota-se contra os próprios princípios, vota-se com desgosto... Polarização é feita da mesma matéria que o populismo. Estratégias populistas buscam a polarização como forma de garantir apoio até mesmo dos críticos.

Vê-se que as democracias modernas passam pelo processo de polarização, como no Brasil e nos Estados Unidos, neste com o marco da eleição disputada e vencida por Trump. Confirma-se, assim, que a polarização pode ser um impeditivo para o pluralismo, pois apenas dois pontos de vista são debatidos e acalorados com emoção, sem a alternativa de um debate crítico-racional, tão nodal para a democracia (MAIA, 2008). Esse pode ser um fator considerável e relevante para a crise e, como aponta Levitsky e Ziblatt (2018), de possível “morte” da democracia.

Seguindo esse pensamento de polarização e sua consequência para um regime pluralista, condição primordial para a democracia, como aponta Mouffe (2000, 2003, 2006), Bruzzone (2021, p. 60) considera que “numa sociedade polarizada, o debate de modelos sociais e econômicos, de pautas culturais, fica esmagado pela necessidade de as partes se refugiarem nas trincheiras da convicção.”

Dessa forma, compreende-se que a polarização exacerbada pode aniquilar o pluralismo, a liberdade de ideias, pensamentos, opiniões, críticas, debates racionais, enfraquecendo elementos fundamentais para a democracia pluralista moderna.

Seguindo essa linha de crise na democracia, Castells (2018), em sua obra *Ruptura*, pondera que a desconfiança nas instituições democráticas, assim como nos representantes eleitos, pode gerar uma crise de legitimidade que, como consequência, possibilita colapsar um regime democrático, de forma lenta e gradual, conforme aponta o autor.

Existe, porém, uma crise ainda mais profunda, que tem consequências devastadoras sobre a (in) capacidade de lidar com múltiplas crises que envenenam nossas vidas: a ruptura da relação entre governantes e governados. A desconfiança nas instituições, em quase todo o mundo, deslegitima a representação política e, portanto, nos deixa órfãos de um abrigo que nos proteja em nome do interesse comum. Não é uma questão de opções políticas, de direita ou de esquerda. A ruptura é mais profunda, tanto em nível emocional quanto cognitivo. Trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado,

nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional. (CASTELLS, 2018, p. 7-8).

A partir da visão do autor, a ruptura de um regime democrático pode acontecer por uma crise de legitimidade, de reconhecimento e confiabilidade do eleitor com seus representantes e instituições democráticas. Além dessas condições que podem gerar uma crise na democracia, o autor pondera que:

A crise da democracia liberal resulta da conjunção de vários processos que se reforçam mutuamente. A globalização da economia e da comunicação solapou e desestruturou as economias nacionais e limitou a capacidade do Estado-nação de responder em seu âmbito a problemas que são globais na origem, tais como as crises financeiras, a violação aos direitos humanos, a mudança climática, a economia criminosa ou o terrorismo. (CASTELLS, 2018, p. 17-18).

Logo, a crise na democracia advém de uma junção de diferentes fatores, além da crise de legitimidade, fatores que reforçam a fragilidade de um regime democrático. Portanto, alguns pontos são abordados por Levitsky e Ziblatt (2018) para se evitar essa crise e uma possível “morte” de um regime democrático.

Buscando uma forma de fortalecer e manter um regime democrático, os autores afirmam que existem duas normas fundamentais para a manutenção da democracia, “tolerância mútua e reserva institucional” (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 103). A tolerância mútua é a capacidade dos políticos rivais aceitarem como legítima a condição de discordar, assim, “dito de outra forma, tolerância mútua é a disposição dos políticos de concordarem em discordar” (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 104). Já a reserva institucional está relacionada com o fato da lei não ser violada, então, “para nossos propósitos reserva institucional pode ser compreendida como o ato de evitar ações que, embora respeitem a letra da lei, violam claramente o seu espírito.” (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 107).

A tolerância mútua e a reserva institucional têm uma relação estreita. Por vezes, reforçam uma à outra. Políticos são mais propensos à moderação quando se aceitam uns aos outros como rivais legítimos, e aqueles que não encaram os oponentes como subversivos serão menos tentados a recorrer a violações da norma para mantê-los longe do poder. (LEVISTSKY; ZIBLATT, 2018, p. 112).

Neste pensamento, reforça-se que a democracia é um regime no qual a liberdade é fundamental, como já apontado por Kelsen (2019). Tolerância mútua está relacionado com o pluralismo de ideias e pensamento, condição necessária para que se estabeleça um debate crítico-racional, com respeito às leis, direitos e deveres do cidadão, inclusive o direito de discordar, de ter sua liberdade de pensamento protegida e respeitada.

A democracia pode ser considerada um regime político frágil, pois a falta de credibilidade dos representantes escolhidos pelo povo e das instituições democráticas, assim como a polarização, podem levar à “morte” ou à ruptura do regime. Por esse motivo, a sua proteção torna-se fundamental, em particular com a manutenção dos seus princípios sempre ativos. A liberdade, tão essencial neste regime, deve ser preservada e protegida, além do estímulo ao debate crítico-racional, que pode minimizar os impactos de uma polarização tão presente nas democracias modernas, como apontado por Levitsky e Ziblatt (2018), e tão nociva para esse regime político.

Portanto, torna-se urgente pensar na crise das instituições democráticas, na falta de credibilidade dos políticos, como aponta Castells (2018), e na percepção desse regime que não morre apenas com golpes ditatoriais, mas que pode ser arruinado dia a dia, por representantes eleitos de forma democrática. O cidadão tem o papel crucial de diminuir os impactos dessa crise, devendo ser um guardião da democracia. Conforme aponta Kelsen (2018), é urgente uma “educação para a democracia”, que ensine o perigo da polarização e das emoções, que priorize as informações verdadeiras, conhecimento, participação ativa de debates e discussões públicas, cobrança dos representantes eleitos e, acima de tudo, entendimento de que a democracia é um regime em que a liberdade é o seu principal caminho.

Ainda para o autor, “a educação para a democracia torna-se uma das principais exigências da própria democracia”. (KELSEN, 2018, p. 183). Neste sentido, acredita-se que se pode amenizar a crise em uma democracia e sua possível ruptura.

Considerando o pensamento de Kelsen (2018, p. 183), “democracia é discussão”, sabe-se a democracia é um regime que não pode ser apoiado em absolutismo, e sim em um relativismo político. Para o autor,

Um dos motivos fundamentais da democracia é o fato de que cada um deve respeitar a opinião política dos demais, uma vez que todos são livres e iguais. A tolerância, os direitos das minorias, a liberdade de expressão e a liberdade de pensamento, tão característicos da democracia, não têm lugar num sistema político baseado na crença e em valores absolutos. Esta crença invariavelmente conduz- e sempre conduziu- a uma situação em que aquele que afirma possuir o segredo do bem absoluto arroga-se o direito de impor sua opinião e sua vontade aos outros que estão enganados (KELSEN, 2018, p. 356).

Ainda na visão do autor,

Pode ser que a opinião da minoria, e não da maioria, esteja correta, unicamente por causa desta possibilidade, que só o relativismo filosófico pode admitir- que o que está certo hoje pode estar errado amanhã-, a minoria deve ter o direito de expressar livremente sua opinião, e deve ter todas as oportunidades

de torna-se a maioria... Este é o verdadeiro significado do sistema político que chamamos de democracia, e que podemos opor ao absolutismo político apenas por ser um relativismo político. (KELSEN, 2018, p. 356).

Logo, democracia é comunicação, discussão, liberdade. Sem essas condições essenciais para seu funcionamento, torna-se um regime em crise, em ruptura. Por isso, é fundamental garantir espaços que favoreçam a realização de debates, deliberações, diálogos crítico-racionais. Nos dias atuais, com a própria ampliação do processo de democratização, salientado por Bobbio (2000), não se deve pensar em uma sociedade que não seja permeada pelos meios de comunicação.

É necessário refletir, conforme aponta Braga (2006), que se vive em uma sociedade midiaticizada. Essa característica das sociedades atuais faz com que possibilidades de participação se ampliem, como será analisado no tópico sobre esfera pública virtual. É fundamental pensar a internet nesse processo de ampliação e de possibilidades comunicacionais.

Em complemento, segundo Maia (2008), a internet tem um potencial de interação inédito, que pode possibilitar uma esfera conversacional e ser operada como uma esfera pública virtual. Concordando com a autora, Gomes (2008c, p. 306) afirma que “a internet é potencialmente interativa, isto é, torna-se possível um diálogo de mão dupla entre quem envia e quem recebe”.

O simples fato de ter acesso a essa mídia, não é condição para que ela seja considerada como esfera pública. Para isso, é necessário que o cidadão queira e tenha condições para participar, que se engaje no processo comunicativo de forma ativa e estabeleça um debate crítico racional, condições importantes para a formação de uma esfera pública.

Ademais, deve-se refletir sobre a questão da capacidade e oportunidade de voz do cidadão em participar ativamente do processo democrático. Serão, então, apresentados os conceitos de esfera pública virtual no próximo subtópico e demonstradas as possibilidades e impossibilidades que podem beneficiar o cidadão no âmbito de uma sociedade democrática e pluralista.

Entende-se que o regime democrático é essencial para a consolidação de uma esfera pública, conforme será explanado, sendo que, nesse regime, direitos importantes devem ser assegurados, como, por exemplo, liberdade de expressão, de pensamentos e ideias.

3.3 ESFERA PÚBLICA VIRTUAL: POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES COMUNICACIONAIS

3.3.1 Esfera Pública: noções a partir da visão habermasiana

O entendimento acerca da esfera pública, partindo de Habermas (2014), em sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, torna-se essencial para compreender novos olhares sobre essa temática, principalmente com o advento da internet e das redes sociais. Para isso, fundamenta-se, além da obra já mencionada, em Habermas (2020), Arendt (2020), Miège (2004, 2014), Gomes e Maia (2008), Gomes (2006/2008/2014), Maia (2008), Fuchs (2015), Thompson (2008, 2018), entre outros autores.

Para entender o conceito de esfera pública, é primordial compreender o pensamento habermasiano acerca desse tema. Em sua obra clássica, Habermas (2014) faz uma abordagem teórica a partir da democracia grega, das cidades-estados atenienses e da ascensão da burguesia para refletir sobre o surgimento de uma esfera pública. Para além dessa reflexão, o autor aponta o surgimento dos meios de comunicação de massa e de um novo comportamento do público, que deixa de ser pensador crítico para ser consumidor de cultura, postura futuramente repensada pelo autor e alvo de muitas críticas de outros estudiosos.

Para Habermas (2014), a base fundamental para a formação da esfera pública é um público que discute mediante razões, ou seja, um público pensador crítico e racional dos assuntos que transcendem a esfera privada, entendida como esfera da família. Com a ascensão dos meios de comunicação de massa e a comercialização da imprensa, que passa a ter finalidades de lucro e mercadológicas, usando para isso a publicidade, a imprensa torna-se manipulável e o público passa a ser consumidor de cultura, perdendo sua capacidade de discutir mediante razões. Logo, “o mundo criado pelos meios de comunicação de massa é esfera pública apenas na aparência”. (HABERMAS, 2014, p. 377).

De acordo com Marques (2008, p. 23),

Para Habermas, os problemas impostos pelos meios de comunicação de massa à constituição e ao fortalecimento de uma esfera pública voltada para o esclarecimento recíproco e para a troca de opiniões entre um público letrado estavam localizados não no período inicial de criação da imprensa, mas sim em sua fase posterior de mercantilização e abertura do espaço interno dos jornais aos anunciantes.

Porém, antes de chegar nessa concepção sobre esfera pública e perda da racionalidade do público, relacionada à mercantilização dos jornais, Habermas (2014), de forma abrangente

e relacionada com aspectos históricos, apresenta reflexões importantes sobre esfera pública. Para o autor, “o uso linguístico de “público” e a “esfera pública” revelam uma diversidade de significados concorrentes. Eles provêm de diferentes fases históricas e assumem uma vinculação turva quando aplicados sincronicamente às condições das sociedades burguesas industrialmente avançadas e constituídas pelo Estado do bem-estar social” (HABERMAS, 2014, p. 93).

Entender o que é esfera privada e o que passa a ser esfera pública é essencial para o autor, pois a ascensão da esfera pública está associada à própria ascensão dos burgueses na economia e na sua participação em assuntos da cidade. Para Habermas (2014, p. 167),

A fronteira entre a esfera privada e a esfera pública passa pelo meio da casa. As pessoas privadas saem da intimidade da sala de estar para a esfera pública do salão, mas uma está estreitamente ligada à outra. Apenas o nome salão lembra ainda a origem que as disputas sociáveis e a discussão pública mediante razões tiveram na esfera da sociedade nobre. Entrementes, o salão se desprende dela como o lugar da circulação dos pais de família burgueses e de suas esposas. As pessoas privadas que aqui formam um público não nascem “na sociedade”. Elas surgem primeiramente, por assim dizer, de uma vida privada que adquiriu uma forma institucional no espaço interior da família conjugal patriarcal.

Dessa forma, “a esfera pública burguesa pode ser entendida, antes de mais nada, como a esfera de pessoas privadas que se reúnem em um público” (HABERMAS, 2014, p. 135). A esfera pública burguesa surge, então,

no encontro com os intelectuais burgueses, em conversações sociáveis que logo se desdobram em críticas públicas, os herdeiros daquela sociedade humanística aristocrática lançam a ponte entre a forma residual de uma esfera pública decadente - a da corte - e a forma prévia de uma nova esfera pública - a burguesa (HABERMAS, 2014, p. 139).

A esfera pública burguesa é constituída por homens cultos, burgueses que saem de suas esferas de vida íntima e privada para discutirem, mediante razões, assuntos de interesse político, da *pólis*. Assim, “apenas à luz da esfera pública manifesta-se tudo o que é, tudo o que se faz visível a todos.” (HABERMAS, 2014, p. 97).

Em outras palavras, a esfera pública é a esfera da visibilidade, do que se torna público e deve ser discutido por um público de forma crítica e racional. Já a esfera privada é um espaço de intimidade do que não se pode ou se queira publicizar, no sentido de tornar-se público e visível.

Para Habermas (2020, p. 464-465), em sua obra *Facticidade e Validade: contribuições para uma teoria discursiva do direito e da democracia*,

O limiar entre a esfera privada e a esfera pública não é marcado por um conjunto fixo de temas ou relações, mas por condições de comunicação

modificadas. Certamente, estas alteram a acessibilidade, protegendo a intimidade de um lado, e a publicidade, de outro, embora não isolem a esfera privada da esfera pública, apenas canalizam o fluxo de temas de uma esfera à outra. Pois a esfera pública recebe seus impulsos da elaboração privada de situações sociais problemáticas que ressoam nas histórias de vida. Para essa conexão estreita é sintomático, aliás, que se tenha configurado nas sociedades europeias dos séculos XVIII e XIX uma moderna esfera pública burguesa como “esfera de pessoas privadas reunidas em um público”. Vista historicamente, a conexão entre esfera pública e esfera privada se manifesta no conjunto de associações e nas formas de organização de um público leitor de pessoas privadas burguesas que se cristaliza em torno de jornais e revistas.

Em acréscimo,

os canais comunicativos da esfera pública são ligados aos domínios privados da vida- em densas redes de interação constituídas na família e nos círculos de amizade, também em contatos mais frouxos com vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos etc. - de tal modo que as estruturas espaciais de interação simples são ampliadas e abstraídas, mas não destruídas (HABERMAS, 2020, p. 464).

Vê-se que a interação entre as pessoas é essencial para a esfera pública, sendo ampliada a partir dos meios de comunicação de massa. Torna-se importante esse entendimento para o subtópico teórico que será desenvolvido adiante acerca da esfera pública virtual.

Em termos de classificação, a esfera pública pode ser de três tipos: abstrata, episódica e de presença organizada (HABERMAS, 2020). A esfera pública abstrata é formada pelos meios de comunicação de massa, pelos espectadores e leitores que não precisam compartilhar a presença física, ou seja, face a face, antes condição essencial para a formação de uma esfera pública. Na esfera pública abstrata, os leitores, ouvintes ou espectadores podem estar isolados ou dispersos globalmente.

A esfera pública episódica corresponde aos encontros presenciais, face a face, como no café, bares e ruas. Por fim, a presença organizada acontece através de reuniões preestabelecidas, como reuniões escolares, congressos, cultos/igrejas, partidos, entre outros.

Ainda que Habermas (2020, p. 474) tenha apresentado essas tipologias, o autor ressalta que, “apesar dessa diferenciação variada, todas as esferas públicas parciais constituídas pela linguagem cotidiana permanecem porosas umas às outras”. As esferas públicas têm alta capacidade de mudanças, sem serem rígidas em suas formações. O essencial, ao se pensar a formação de uma esfera pública, tendo como base Habermas, é a discussão argumentativa de assuntos de interesse coletivo.

Para Signates (2009, p. 149),

em MEEP (Mudança Estrutural da Esfera Pública⁷), Habermas trabalha a noção de esfera pública burguesa como categoria ideal-típica localizada na história e caracterizada pela reunião de pessoas privadas que, por meio da discussão argumentativa, assumem posturas públicas, inspiradas no interesse coletivo, e críticas em relação às esferas do poder.

Buscando uma reflexão da esfera privada e uma diferenciação da esfera pública, Arendt (2020), em sua obra *A condição Humana*, referencia que a noção de igualdade se faz na vida da *polis*, no domínio público, e a desigualdade, com a relação patriarcal da época, se realiza na esfera íntima, do lar.

A *polis* diferenciava-se do lar pelo fato de somente conhecer “iguais”, ao passo que o lar era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Significava nem governar nem ser governado. Assim, dentro do domínio do lar, a liberdade não existia, pois o chefe do lar, seu governante, só era considerado livre na medida em que tinha o poder de deixar o lar e ingressar no domínio político, no qual todos eram iguais. É verdade que essa igualdade no domínio político tem muito pouco em comum com o nosso conceito de igualdade: significava viver entre pares e ter de lidar somente com eles, e pressupunha a existência de desiguais que, de fato, eram sempre a maioria da população na cidade-Estado. A igualdade, portanto, longe de estar ligada à justiça, como nos tempos modernos, era a própria essência da liberdade: ser livre significava ser isento de desigualdade presente no ato de governar e mover-se em uma esfera na qual não existiam governar nem ser governado. (ARENDT, 2020, p. 39-40).

Assim como em Habermas (2014), Arendt (2020) percebe o que é público como tudo que é visível, fora da esfera íntima, privada. Contudo, a *polis* se apresentava como um espaço de igualdade, onde os homens eram iguais, cultos, portadores de bens e que pertenciam a uma esfera pública, a qual Habermas denomina como esfera pública burguesa. Ao questionar o que é público, Arendt (2020, p. 61) diz que é “tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”. Logo, “historicamente, é muito provável que o surgimento da cidade-estado e do domínio público tenha ocorrido à custa do domínio privado da família e do lar” (ARENDT, 2020, p. 35-36).

Forma-se, então, o *locus* para o surgimento da esfera pública burguesa, que, “na medida que a cidade assume suas funções culturais, muda não somente o portador da esfera pública, mas também ela mesma.” (HABERMAS, 2014, p. 142). Assim, o portador e participante da esfera pública são os burgueses, que “são pessoas privadas e, como tais, não “dominam”. Por isso, suas reivindicações contra o poder público não se voltam para uma concentração de poder

⁷ Grifo da autora.

que deveria ser dividida, pois “tendem muito mais a se confrontar com o princípio da dominação existente.” (HABERMAS, 2014, p. 137).

Assim, a esfera pública torna-se fundamental para que os burgueses se reúnam e discutam assuntos de interesse da *polis*, uma discussão pautada em razões, pois o público, para o autor, é crítico e pensador.

Complementando esse pensamento, Gomes (2008a, p. 37) ressalta que:

Do ponto de vista das formações sociais, historicamente, a esfera pública moderna constitui-se como uma espécie de mecanismo de defesa. Nasce com a burguesia, classe social que a partir do século XVI controlava as posições-chave na economia das sociedades europeias, mas estava excluída do poder exercido como domínio no Estado e na Igreja. Foram precisamente o contraste entre a sua enorme importância social e o seu baixo reconhecimento, de um lado, e a sua condição de privados de função política, de politicamente desprovidos de influência, do outro, que levaram os burgueses a identificar na possibilidade da esfera pública: a) um âmbito livre do domínio das instâncias estabelecidas e b) neutro quanto ao poder político do Estado. Este âmbito, acreditavam, à medida que se submeteria apenas à força do melhor argumento, haveria de, em princípio, ser capaz de converter a autoridade (política, eclesiástica, artística) em autoridade nacional.

Diante dessas reflexões, entende-se que a esfera pública é o *locus* para o debate crítico-racional, em que se busca, por meio da racionalidade, discutir e pensar assuntos que são importantes para a vida na *polis*, por um público que não tem poder político - os burgueses. Estes, no entanto, têm poder econômico e é formado por homens que saem das suas esferas privadas, da sua intimidade, com o intuito de participarem da vida pública e discutirem assuntos relativos à coletividade.

Sobre isso, Gomes (2008a, p. 35) afirma que “o primeiro requisito da esfera pública é a palavra, a comunicação: interesses, vontades e pretensões dos cidadãos podem ser levados em consideração apenas quando ganham expressão em enunciados.” Porém, como já apontado por Habermas (2014), a esfera pública é uma categoria histórica e, por isso, sofre mudanças que refletem na sua formação e em seus princípios. Com a ampliação da imprensa e o surgimento das novas mídias, aqui pontuadas como televisão, cinema e rádio, e não apenas mais os jornais locais da época, o processo comunicativo se modifica.

Nesse contexto, a esfera pública se altera profundamente, pois o público, antes crítico e pensador, passa a ser consumidor de cultura. A imprensa, que obtém maior alcance e interesses comerciais, pautada pela publicidade, transforma o público de pessoas que se reuniam para discutir, em institutos públicos, aquilo que consomem e que é pautado pelas novas mídias, de acordo com Habermas (2014).

Não obstante, para Marques “o princípio da publicidade, antes entendido no sentido de expor razões e perspectivas ao crivo do julgamento público, impondo constrangimentos não só a autoridades, mas a todos os participantes, é pervertido pela lógica da propaganda de massa, que transforma a esfera pública de debate em um espaço propício para a aclamação” (MARQUES, 2008, p. 24).

Por outro lado, para Habermas (2014, p. 402), “a história dos grandes jornais diários na segunda metade do século XIX mostra que a imprensa se torna manipulável à medida que se comercializa.” Completando esse pensamento, Gomes (2008a, p. 49) afirma que “não é de se surpreender, portanto, que a mudança estrutural da esfera pública esteja profundamente vinculada à mudança do papel da imprensa, e da comunicação em geral, em face dessa esfera.”

A mídia, com sua maior amplitude, passa a comercializar notícias e, com isso, o público deixa de ser composto por pessoas que discutem cultura, tornando-se um público consumidor de cultura. Essa referência de Habermas como público consumidor de cultura sofre críticas de diferentes autores, incluindo Thompson (2008), para quem o público não é acrítico.

Percebendo as críticas sofridas, Habermas (2014, p. 61), no prefácio da nova edição da sua obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, pontua que:

Em síntese, o diagnóstico que fiz, baseando-me em um desenvolvimento retilíneo que vai de um público politicamente ativo para um público privatizado, de “um público que discute a cultura para um público que consome a cultura”, é muito incompleto. Na época, julguei de forma muito pessimista a capacidade de resistência e, sobretudo, o potencial crítico de um público de massa pluralista, muito diversificado internamente, que em seus hábitos culturais começava a superar as barreiras de classe.

O autor salienta que o público tem um papel crítico na recepção que faz dos produtos midiáticos, caracterizando-o como um público meramente consumidor. Com o advento dos meios de comunicação de massa e, mais atualmente, com a mudança proporcionada pelo surgimento da internet, a esfera pública também se modifica, pois é um processo histórico e, como tal, altera-se conforme as mudanças sociais. Além disso, a recepção, mesmo com a ampliação dos meios de comunicação de massa, não perde sua capacidade crítica, pois ainda são mantidas possibilidades de discussão de forma crítica racional, como aponta Habermas, critério essencial para a formação de uma esfera pública.

Segundo o pensamento de Gomes (2008b, p. 141), a esfera pública não é um lugar ou uma instituição, mas sim “uma prática social, obediente a certas regras de procedimento e conforme certas circunstâncias... a rigor, não há uma necessidade imperiosa de ficarmos presos na metáfora da praça grega para a democracia de massa moderna”.

Bucci (2014, p. 165), em adição, afirma que:

embora pensadores como Habermas insistam no aspecto da argumentação racional de sua natureza, ela não vem à luz como instituição ou como convenção mais ou menos jurídica, pactuada entre agentes movidos apenas pela razão, mas como a face pública de uma atividade econômica, privada. É produto da história, mais do que vontades.

Ainda de acordo com o autor,

A esfera pública é na verdade uma categoria histórica, materialmente engendrada pelo próprio modo de produção em que deita raízes. Não que ela não possa- e não deva ser estudada, também, como pacto, como jogo que se caracteriza por uma gramática particular. Não que inexistam, no interior dela, estruturas normativas de interação entre os sujeitos. Essas várias dimensões não podem ser esquecidas, mas, aqui, o que se deve observar é que, antes de tudo, a esfera pública é uma materialidade histórica. (BUCCI, 2014, p. 165).

Deve-se, então, pensar a esfera pública não mais com a exigência da comunicação face a face, mas sim mediada e muitas vezes constituída pelos meios de comunicação de massa, inclusive a internet. A sua formação pode acontecer em qualquer *locus* que promova um contexto de argumentação pública, debate e discurso argumentativo. A essencialidade da esfera pública é a comunicação, pois “todo espaço público é uma relação comunicativa- ou não é espaço público, por mais restrito que seja”. (BUCCI, 2014, p. 169).

Completando essa reflexão, Maia (2008) ressalta que a esfera pública é percebida como um lugar de argumentação, discussão de questões de interesse comum, sendo uma esfera conversacional deliberativa. Por isso, vale ressaltar que não existe, atualmente, apenas uma esfera pública, mas, como ressalta Miège (2014, p. 33), “desde há muito tempo e até hoje em dia, o espaço público é parcial, fragmentado e assimétrico”. Para o autor, a fragmentação da esfera pública se dá pela grande diversidade de dispositivos de comunicação.

É também fato que todos esses dispositivos não devem ser considerados necessariamente como manipulatórios, já que é difícil de compreender que as sociedades só funcionem pela manipulação. Em todo caso, há quase duas décadas surgiu o novo espaço público, que se convencionou chamar de espaço público contemporâneo, mas que não é necessariamente novo. O tema comum a esse novo espaço público é a diversidade desse dispositivo comunicacional. (MIÈGE, 2014, p. 33).

Pensando a esfera pública e a diversidade de dispositivos comunicacionais da atualidade e sabendo que a esfera pública é um *locus* comunicativo, concorda-se com Gomes (2014, p. 178) que salienta que. “dito de outra forma, a esfera pública é constantemente descrita como a discussão pública ampliada”. A discussão pública se amplia através dos meios de comunicação, incluindo aqui a internet, que tem como principais características ser um meio que possibilita

uma comunicação mais participativa e dialógica, dando maiores possibilidades de participação e ampliação de debate.

De acordo com Gomes (2014, p. 178-179),

A esfera pública funciona muito bem para caracterizar de forma geral e em nível abstrato e normativo uma dimensão da vida pública moderna, a saber, a discussão ampliada de assuntos de interesse comum mediante a qual se formam a opinião e a vontade públicas. Mas já não funciona tão bem quando se começa a refletir rigorosamente sobre a materialidade dos problemas envolvidos nessa “discussão”, suas características empíricas e as práticas concretas que lhe dão forma e sentido reais. Assim, sabemos bem quais são as dimensões, propriedades e exigência da esfera pública enquanto essa noção equivale a noções como “debate público” e “discussão pública”. Uma vez, contudo, que se trata de expressões muito gerais que usamos para nos referir a processos consideravelmente abstratos, em algum momento teremos que nos confrontar com a concretude das coisas. E teremos que nos perguntar, enfim, qual é a materialidade da esfera pública (ou do “debate público” ou da “discussão pública”)? Que dimensões concretas lhe conferem realidade?

Pensando nessas indagações do autor, elaborou-se o problema desta tese, que tem como objetivo entender como se materializa, através das *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro, a esfera pública virtual, em um contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Tanto a hipótese quanto os objetivos elaborados são indispensáveis para entender essa materialidade. Nesse sentido, Gomes (2014, p. 185) ratifica que “a esfera pública sempre foi mais a grande conversação cidadã que precede a deliberação e que a ela se segue, inclusive para contestá-la e criticá-la”.

Deve-se, então, pensar a esfera pública como um espaço de arenas de produção e circulação de ideias e pensamentos, espaço de visibilidade e discutibilidade. Ampliam-se os espaços de discussão e, para além, debatem-se as deliberações políticas, as quais precedem as tomadas de decisões políticas.

Para o autor,

uma das questões mais interessantes para se pensar a esfera pública contemporânea é o problema da fabricação dos problemas sociais. É do interacionismo simbólico a perspectiva segundo a qual problemas sociais não são dados objetivos da realidade ou o reflexo de condições sociais objetivas, mas o resultado de processo de definição coletiva- são um construto social. (GOMES, 2014, p. 190-191).

Diante do exposto, entende-se a pandemia de Covid-19 como um problema social, com temas que passam a ser importantes e devem estar visíveis aos cidadãos, bem como ampliados por debates e conversações entre governo e cidadãos. Assim, as *lives* que foram estudadas nesta tese de doutoramento formam uma esfera pública virtual, com apresentação de temas que

trazem um problema social: os efeitos da pandemia, como mortes, vacinas, desempregos, cuidados, entre outras temáticas.

A partir disso, busca-se perceber qual a materialidade dessa esfera pública que se forma, e se essa esfera pública se torna um espaço de deliberação e/ou de discutibilidade e de ampliação de temas importantes relativos à Covid-19. Busca-se também identificar a atenção pública para assuntos tratados nas *lives*. São entendimentos importantes e que são respondidos com os dados empíricos e com a teoria aqui abordada.

No entendimento da discutibilidade e ampliação de temas de interesse coletivo, Habermas (2020, p. 457) afirma que:

A esfera pública é um sistema de alarmes com sensores não especializados, mas sensíveis para toda a sociedade. Da perspectiva da teoria da democracia, a esfera pública, além disso, tem de reforçar a pressão exercida pelos problemas, ou seja, não somente perceber e identificar problemas, mas também tematizá-los de forma convincente e influente, muni-los com contribuições e dramatizá-los para que possam ser assumidos e elaborados pelo complexo parlamentar.

É essencial pensar a relação entre esfera pública e atenção pública. Para isso, Gomes (2014, p. 192) considera que “a atenção pública é definitivamente um ativo social”, pois

o capital a ser rapidamente e intensamente acumulado pelos postulantes a conteúdo da esfera pública é a atenção coletiva, o que lhe confere visibilidade pública. Visibilidade é uma *commodity* preciosa, não abundante e dispendiosa em qualquer sociedade, ainda mais visibilidade em alta intensidade e com grande duração (GOMES, 2014, p. 192-193).

Na visão de Gomes (2014), existe competição por atenção pública e arenas diferentes capazes de promover a visibilidade pública e instâncias que lutem por atenção de públicos, como, por exemplo, os meios de comunicação de massa, internet por meio das redes sociais, congresso nacional, ações do executivo, entre outros. A atenção pública é disputada e diversificada, já que

As pessoas simplesmente não podem prestar atenção em todas as coisas que acontecem ao mesmo tempo. Nem acompanham todos os assuntos ou consideram todos os pontos de vista. Apenas algumas poucas ideias e assuntos, a que os indivíduos se expõem seletivamente ou involuntariamente, podem receber atenção de cada vez, mesmo que essas ideias e esses assuntos sejam substituídos rapidamente, uma vez que a fila é grande e a pressão para entrar é imensa. (GOMES, 2014, p. 192).

A partir desse entendimento, ressalta-se que os temas atinentes à pandemia de Covid-19 e tratados pelo presidente via *lives* publicadas em seu *Facebook*, geram assuntos que despertam a atenção pública, tanto dos cidadãos quanto dos próprios veículos de comunicação

de massa. Por isso, torna-se importante perceber a interconexão dos assuntos tratados nas *lives* e sua repercussão nos veículos de imprensa através das matérias publicadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa. Esse ponto será abordado no tópico de Análise das *Lives*.

De acordo com Barros e Sampaio, “uma discussão pode ser iniciada por um veículo noticioso de massa e ganhar repercussão na internet ou um movimento de discussão on-line pode repercutir nas mídias de massa. O intercâmbio é dinâmico e contínuo, apresentando uma tendência significativa de fortalecimento de discussão”. (BARROS E SAMPAIO, 2011, p. 96-97)

Ressalta-se a importância da esfera pública para as sociedades complexas e modernas, pois não tem como pensar essas sociedades sem a presença dos meios de comunicação de massa e, principalmente, sem a internet. Para além disso, não há esfera pública sem os meios de comunicação de massa, e isso inclui os primeiros jornais da Grécia, preconizados por Habermas, e, hoje, a internet, com suas possibilidades e impossibilidades.

Sousa e Corrêa (2014, p. 264) salientam que:

A temática do sentimento de pertencimento tem ainda sua atualidade e complexidade marcadas pela presença dos meios de comunicação atuando no imaginário social, nas diferentes formas de organização da vida individual e coletiva, na delimitação e criação de interesses que os condicionam. Os diferentes *media* atuam como mediação fundamental tanto na construção quanto na caracterização do pertencimento como linguagem desse mesmo processo. Isso se coloca ainda mais evidente com a emergência de uma pluralidade de condições técnicas de acesso à informação, de veiculação de múltiplos formatos de conversação e debates, de resgate ao direito de expressão de ideias e valores, de sua aglutinação e mobilização em práticas não apenas virtuais e a distância, mas no resgate simultâneo de experiências do estar face a face, individual e coletivo.

Com base no pensamento de Sousa e Corrêa (2014), os meios de comunicação de massa são importantes mediadores da sociedade. Hoje, existem diferentes formas de acesso à informação e conversação, as quais se efetivam através dos *media*. A internet, com seu formato online, mais interativo, potencializa múltiplos formatos de conversação e debate social, com temas que podem despertar a atenção pública. Contudo, como aponta o autor, devem ser resgatadas também a interação face a face, que tem sua importância no processo comunicativo e que não foi anulada pelos meios de comunicação.

Com isso, torna-se importante discorrer acerca das possibilidades e impossibilidades trazidas pela internet para a formação de uma ou múltiplas esferas públicas. Para Gomes (2008c, p. 313), “a internet pode fazer muito pela participação política”.

Além disso, de forma ainda mais relevante, contrariamente ao que se pensava no início dos anos 60, a comunicação de massa não pode e nem deve ser pensada como adversária automática de uma discussão e de uma visibilidade pública favoráveis à democracia. Ao contrário, o que hoje é evidente é que a comunicação de massa leva a prática política- tanto aquela do sistema político quanto aquela dos cidadãos- ao máximo histórico de discutibilidade e de visibilidade. (GOMES, 2008a, p. 66).

Apoiando-se em Miège (2004, p. 10), deve-se entender que os meios de comunicação de massa e, inclusive, a internet possibilitam a ampliação da esfera pública.

Numa primeira análise, pode-se concluir que o espaço público se perpetua (ainda que se sua função de facilitador do debate e das trocas de opiniões, bem como o uso das práticas argumentativas tenham diminuído); que ele se amplia (todas as classes e categorias sociais são partícipes, porém, de modos diversos); que suas funções se estendem regularmente (as lógicas sociais que o “trabalham” estão na origem desta extensão); e que ele tem tendência a se fragmentar.

Não há como pensar em uma esfera pública formada apenas por homens, que discutem racionalmente, face a face. Os meios de comunicação de massa e o advento da internet modificam as formas das pessoas se comunicarem, alterando profundamente o modelo presencial de comunicação. Como afirma Thompson (2018, p. 22), “o uso de tecnologia de comunicação envolve a criação de novas formas de ação e interação e nos possibilita delimitar a atenção nas formas cruciais nas quais esses modos de ação e interação diferem uns dos outros”.

Pensar a esfera pública no âmbito da internet e no modo como apontam diferentes autores é refletir sobre a atual formação da esfera pública virtual ou hiperconectada.

3.3.2 Esfera Pública Virtual: um olhar comunicacional⁸

O advento da internet, conforme apontado por Lemos e Lévy (2010), Thompson (2018), Gomes e Maia (2008), entre outros autores, modifica a forma como as pessoas se comunicam e o modelo tradicional de comunicação, propiciando o surgimento de uma nova esfera pública, conceituada por alguns autores como esfera pública hiperconectada, virtual.

⁸ Parte desse texto foi retirada do artigo intitulado “*Esfera Pública Hiperconectada Como Locus de Interconexão Entre Governo e Cidadão. Uma análise da rede social do Presidente Jair Messias Bolsonaro*” apresentado e publicado nos anais do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – ABRAPCORP (2020) pela pesquisadora e seu orientador. Disponível em: https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/vHtGWiy55G_ARTIGOABRAPCORPATUAL.pdf Acesso em: 08 abr. 2022.

Conforme o pensamento de Di Felice (2008), historicamente, a humanidade vivenciou três momentos importantes que trouxeram diferentes formas de comunicação e, também, o surgimento dos meios de comunicação de massa, o que resultou em novas práticas de interação e socialização. Para o autor, esses três momentos correspondem, respectivamente, ao aparecimento da escrita, da impressão e da cultura de massa.

Cada um desses momentos configura-se como “revoluções”, as quais apresentam mudanças significativas na comunicação entre as pessoas e, mais do que isso, trazem novos meios de comunicação, ampliando a capacidade de difusão e abrangência da comunicação. Nesse contexto, alcança-se um maior número de pessoas que são consideradas públicos dos meios de comunicação de massa.

O surgimento das tecnologias digitais, resultantes do advento da internet, constitui a quarta revolução que a humanidade estaria vivenciando. Essa revolução traz várias transformações na sociedade, em particular na interação e no processo comunicativo.

Pela primeira vez na história da humanidade, a comunicação se torna um processo de fluxo em que as velhas distinções entre emissor, meio e receptor se confundem e se trocam até estabelecer outras formas e outras dinâmicas de interação, impossíveis de serem representadas segundo os modelos dos paradigmas comunicativos tradicionais (Shannon - Weaver, Katz - Lazarsfeld, Eco - Fabri, etc.) (DI FELICE, 2008, p. 23).

Com uma reflexão mais atual acerca da internet, Di Felice (2020, p. 46), em sua obra *A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais*, afirma que as mudanças proporcionadas pela internet modificam a noção de territórios físicos e espaços ocupados pelo homem, criando um novo tipo de territorialidade, pois “nós não habitamos mais apenas espaços e territórios físicos, mas um novo tipo de territorialidade informatizada, acessível apenas a partir de dispositivos e arquiteturas informativas digitais”.

O advento das tecnologias comunicativas e das arquiteturas digitais de interação, compostas por redes de dados e por diferentes tipos de inteligência, mudou para sempre nossa condição habitativa. A difusão de plataformas digitais e redes de interação entre humanos, *softwares*, algoritmos, dados, superfícies e objetos conectados, contribuiu para a criação de um novo tipo de ecologia, que não mais sujeitocêntrica, mas reticular e interativa. (DI FELICE, 2020, p. 10).

A internet altera profundamente a forma humana de se relacionar. A própria condição habitativa do homem no mundo proporciona uma relação mais interativa, sendo que “o nosso agir hoje é conectado. O nosso “comum” e a nossa ecologia se estendem muito além dos limites da *polis*, da esfera pública e do espaço político do Estado.” (DI FELICE, 2020, p. 11).

Pensando nas interações proporcionadas pelo advento da internet, Thompson, revisitando sua obra *Mídia e Modernidade* (2008), teoriza acerca das interações promovidas pelos meios de comunicação, classificando-as em três tipos básicos: 1. Interação face a face; 2. Interação mediada; e 3. Quase interação mediada. Com o advento e crescimento da internet, no artigo intitulado *A interação mediada na era digital* (2018), considera ainda a interação proporcionada pela internet, denominada de 4. Interação mediada on-line.

Para Thompson (2018, p. 34), “na medida em que a combinação de interações da vida social mudou, o mesmo aconteceu com as formas pelas quais os indivíduos aparecem para e diante dos outros”. Na interação face a face, a interação se dá em um contexto de copresença, tendo um caráter dialógico, delimitado pelos participantes que estão presentes no local. Esse tipo de interação, pode ser pensada como a ideia inicial da esfera pública habermasiana, que acontecia em cafés, em espaços públicos da *polis*.

O segundo tipo de interação, definido de interação mediada, ocorre a partir de um meio técnico de comunicação, como em uma conversa telefônica e, nos dias mais atuais, através de trocas de e-mails. Por fim, a interação quase-interação-mediada é proporcionada pelos meios de comunicação de massa, como televisão, rádio, jornais. O autor pontua que “o termo comunicação de massa, entretanto, é enganoso e é melhor deixá-lo de lado.” (THOMPSON, 2018, p. 20).

Essas são as três formas de interação que distingui em *A mídia e modernidade*, mas agora, à luz da revolução digital e do expressivo crescimento da internet e de outras formas de comunicação em rede, adicionaria um quarto tipo- que vou chamar simplesmente de interação mediada on-line. O que quero captar com esse conceito são as novas formas de ação e interação que foram criadas pela comunicação mediada pelo computador que ocorre em ambientes on-line... Quais são as propriedades dessa nova forma de interação? Como outras formas de interação mediada, esta envolve a extensão das relações sociais através do espaço e do tempo e certo estreitamento no leque de pistas simbólicas. Mas difere dos outros tipos de interação medida em dois aspectos-chave: diferentemente da quase-interação mediada, é de caráter dialógico; e, ao contrário da interação mediada (por exemplo, conversas telefônicas), é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários-é de muitos para muitos, e não de um para um. (THOMPSON, 2018, p. 20).

A maior diferença da interação mediada on-line das outras interações propostas por Thompson (2018, p. 25) tem a ver com a orientação para a ação, sendo que a on-line é orientada para “uma pluralidade de outros distantes, ou seja, é aberta”. Completando esse entendimento, que a internet promove interações mais abertas, múltiplas e plurais, Di Felici (2020, p. 27) afirma que “o mundo que habitamos não é mais apenas aquele físico e visível, mas um conjunto

complexo e inseparável de mundos e combinações informativas e materiais ao mesmo tempo. Um infomundo. Uma rede de redes”.

Quanto às mudanças trazidas pela internet, como a pluralidade e visibilidade propiciadas por ela, as mudanças da própria noção de territorialidade e pertencimento, conforme aponta Di Felice (2020), e as novas formas de interação, como teorizado por Thompson (2018), deve-se pensar a internet e as contribuições para a esfera pública. Como pensar a esfera pública com o advento e o crescimento acelerado da internet? Quais contribuições, possibilidades e impossibilidades a internet pode trazer para a esfera pública? Neste sentido, torna-se importante abordar autores que discutem essa temática.

De acordo com Barros e Sampaio (2011, p. 87) “com os mecanismos oferecidos no ambiente virtual, acesso facilitado, troca de informação ponto a ponto e suas infinitas possibilidades de interação, a internet parece criar o ambiente ideal para intermediar debates deliberativos e estimular o envolvimento do público.” Ainda, na inferência dos autores, “esta visão, porém, não é unânime. Na realidade, o que existe é um emaranhado de percepções divergentes sobre a relação entre os novos meios de comunicação eletrônica representados pelas redes telemáticas e sua suposta eficiência na promoção de novas oportunidades de estímulo ao debate público” (BARROS; SAMPAIO, 2011, p. 87).

Essas percepções divergentes da internet e oportunidades de estímulo ao debate, participação, discussão de assuntos que despertem a atenção pública serão contextualizadas através de diferentes autores.

Para Gomes (2008b), a internet faz surgir uma esfera conversacional, que denomina de esfera pública virtual. Para o autor, o ambiente virtual apresenta vantagens para o debate crítico racional, já que se torna um ambiente de conversação e circulação de sentidos.

Em complemento, Lemos e Lévy (2010, p. 13) apontam que:

Essa nova esfera pública digital não é recortada mais por territórios geográficos (os seus cortes relevantes correspondem antes às línguas, às culturas e aos centros de interesse), mas diretamente mundial. Os valores e os modos de ação trazidos pela nova esfera pública são a abertura, as relações entre pares e a colaboração. Enquanto as mídias de massa, desde a tipografia até a televisão, funcionavam a partir de um centro emissor para uma multiplicidade receptora na periferia, os novos meios de comunicação social interativos funcionam de muitos para muitos em um espaço descentralizado. Em vez de ser enquadrado pelas mídias (jornais, revistas, emissões de rádio ou de televisão), a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam elas mesmas, em redes de troca e colaboração.

Assim, de acordo com Gomes (2008b), a visibilidade ampara a discutibilidade. Aqui, para confirmar o pensamento do autor, pode-se pensar a interação mediada online conforme apontada Thompson (2018, p. 34), que libera a visibilidade de muitos para muitos, “assim como a interação é estendida no espaço e no tempo, o campo da visão também o é”. Sem dúvida, com o advento e crescimento da internet, a esfera da conversação mundial se ampliou. Para Lemos e Lévy (2010, p. 25),

A transformação da esfera midiática pela liberação da palavra se dá com o surgimento de funções comunicativas pós-massivas que permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir e distribuir informações sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo sem ter de movimentar grandes volumes financeiros ou ter de pedir concessão a quem quer que seja. Isso retira das mídias de massa o monopólio na formação da opinião pública e da circulação de informação. Surgem novas mediações e novos agentes, criando tensões políticas que atingem o centro da pólis em sua dimensão nacional e global.

Essa liberação da palavra faz emergir uma esfera de conexão e de conversação mundial. A liberação da emissão da palavra não é apenas liberar a palavra no sentido individual, mas sim em uma produção que faz surgir um processo de circulação e conversação não vistos antes com as mídias tradicionais.

Diante dessa realidade, Gomes e Maia (2008, p. 18) destacam que “espera-se que a comunicação de massa contemporânea (internet)⁹ alargue a esfera pública, intensifique a visibilidade e ao mesmo tempo em que preserve níveis pregnantes de debate público”. Assim, afirma-se que a esfera pública hiperconectada pode possibilitar debate público, participação política e, com isso, tornar-se um *locus* de conversação de assuntos de interesse público entre cidadão e Governo.

Sobre o conceito de interesse público, Maia (2011a, p. 260) referencia que:

interesse público é um conceito de difícil definição. Refere-se ao “bem comum” ou ao “bem-estar de todos”. Perpassa a política e a natureza mesma do governo democrático. Ao passo que quase todos reivindicam que a política democrática deve favorecer o interesse público, não há consenso sobre o que constitui o interesse público.

Diante dessas reflexões, vê-se que a existência da esfera pública hiperconectada, como *locus* de conversação entre governo e sociedade, deve fortalecer a produção e circulação de sentidos, além de ser um espaço de conversação mais amplo e aberto, pautado pelo interesse público. Vale salientar que, com a internet, não ocorre o fim da mediação, “mas a criação de

⁹ Grifo da autora.

uma mediação coletiva diferente da mediação de um só editor ou de um veículo massivo.” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 78).

Percebe-se aqui a importância do entendimento de Braga (2018) acerca da comunicação, como abordado no primeiro capítulo desta tese, quando a comunicação é pensada como um processo interacional tentativo e que tem possibilidades mais facilitadas com a internet, apresentando maiores condições para a circulação das mensagens e podendo promover a ampliação de respostas diferentes e difusas no processo comunicativo.

Esse novo espaço público, que surge com o advento da internet, “virtualiza a presença, mas a compensa com a possibilidade de participação e de troca, de tornar comum ideias e propostas”. (BRITTO, 2006, p. 210). A internet possibilita o surgimento de uma nova esfera pública e, segundo Gomes (2008c), reúne condições ideais para uma discussão pública mais extensa e efetiva. Ainda na visão do autor, “não há como negar que o advento do formato *web* da internet trouxe consigo enormes expectativas no que respeita a renovação das possibilidades de participação democrática” (GOMES, 2008c, p. 303).

A internet promove vantagens para a democracia através da facilitação na participação política promovida pela nova mídia e pelas suas características interativas, estimulando um debate e diálogo de via dupla, favorecendo uma conversação e interação entre os sujeitos. Essa mídia pode contribuir muito com a participação política e, também, com o processo comunicativo estabelecido entre Governo e cidadão, e entre cidadãos e cidadãos, que Gomes (2008c, p. 311) denomina de recepção horizontal.

Ademais, há naturalmente, que se admitir um padrão de interatividade horizontal, dos cidadãos entre si, que finda por coincidir com a já descrita ideia de discussão política. Esse tipo de interatividade horizontal, quando atinge um fluxo demograficamente importante de comunicação política, é capaz, por sua vez, de produzir enorme efeito sobre os outros campos e sistemas sociais- até mesmo sobre a política institucional.

Lemos e Lévy (2010, p. 52) pontuam que o novo espaço público, mediado pela internet, apresenta novas possibilidades para a democracia. Para os autores, “o ciberespaço permite uma liberdade de expressão e de comunicação em escala planetária absolutamente sem precedentes”. Em complemento, “com o aporte das tecnologias digitais, as cidades podem aperfeiçoar a democracia local. As ágoras virtuais podem renovar as formas de deliberação e do debate político. O governo eletrônico pode tornar as administrações públicas mais transparentes para o cidadão”. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 165).

No entanto, deve-se reforçar que também é importante a vontade do cidadão em participar desses assuntos públicos e diálogo com o Governo. Segundo Maia (2008, p. 278), “é

preciso levar em consideração que, para fortalecer a democracia, são necessárias não apenas estruturas comunicacionais eficientes, mas também, dever estar presentes a motivação correta, o interesse, e a disponibilidade dos próprios cidadãos para engajar-se em debate”. Logo, “em primeiro lugar, se as novas tecnologias podem proporcionar um ideal para a comunicação democrática, oferecendo novas possibilidades para a participação descentralizada, elas podem, também, sustentar formas extremas de centralização de poder.” (MAIA, 2008, p. 278).

Apoiando-se em Cruz e Di Felice (2019, p. 7), “ao mesmo tempo que se reconhece a arquitetura flexível e descentralizada da internet, ponto positivo para a constituição da esfera pública, questiona-se o empobrecimento do debate racional. Corroborando essa reflexão, Fuchs (2015, p. 70) assegura que:

A estrutura de oligopólio da mídia social resultou na circunstância de que algumas grandes transnacionais, como o *Facebook*, *Google* e *Twitter*, controlam a grande maioria do uso da mídia social. Por causa do controle do oligopólio, é muito difícil estabelecer alternativas que questionem os mesmos princípios sobre os quais a mídia capitalista estão construídos. As estruturas da mídia capitalista limitam as liberdades liberais de discurso, opinião, expressão, associação e reunião. O liberalismo é seu próprio limite e crítica imanente: a liberdade liberal de propriedade limita os direitos liberais dos cidadãos.

Deve-se, então, ponderar também que as redes sociais são permeadas por interesses de grandes empresas globais. Por mais que o processo comunicativo seja mais interativo e sem o papel definido de emissor-receptor, conforme já apontado, apresenta também interesses mercadológicos e empresariais. Neste sentido, não deve-se pensar a internet como uma mídia essencialmente livre e sem interesses.

Fuchs (2015, p. 58) afirma que “a sociedade civil está enfrentando um antagonismo entre a comunicação de protesto na rede social, que cria esferas públicas on-line e off-line, e o particularismo corporativo e o controle estatal das mídias sociais, que limitam, feudalizam e colonizam esferas públicas”. Pensando na internet e nas condições de debate e esfera pública, Pasquale (2017, p. 19) apresenta o termo “esfera pública automatizada”.

A política e a cultura, fortemente influenciadas pelos meios de comunicação de massa durante a segunda metade do século XX, permaneceram praticamente estáveis até meados da década de 1990. A partir deste período, a esfera pública sofreu mais uma transformação estrutural, em razão da automatização das decisões comunicacionais capitaneadas por megaempresas digitais como *Facebook* e *Google*. Por exemplo, decisões de pautas, anteriormente realizadas por funcionários caso a caso, tornaram-se questões algorítmicas e automáticas, impactando a agenda pública, bem como a democracia. Assistências algorítmicas são muitas vezes úteis para filtrar conteúdos em meio a crescente proliferação de tópicos e pautas disponíveis.

Estas mesmas tecnologias, no entanto, estão desestabilizando as mídias tradicionais e os caminhos do conhecimento.

Portanto, “nem o regime democrático está seguro em uma esfera pública automatizada e desregulada. Sem compreender o funcionamento dos algoritmos de filtragem de conteúdo, o público não possui informações necessárias para avaliar a legitimidade das fontes on-line”. (PASQUALE, 2017, p. 19). É necessário que os grandes conglomerados da internet, como *Facebook* e *Google*, tenham responsabilidade editorial e outras que são básicas para os conteúdos que distribuem, de forma tão instantânea e global. Não se deve pensar hoje na esfera pública virtual sem pensar nos algoritmos e no que eles podem promover, como os fenômenos do filtro bolha e *das Echo Chamber*, em tradução literal, Câmaras de Eco.

A Câmara de Eco, de acordo com Recuero, Soares e Zago (2020, não paginado), pode ser entendida “como grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência às informações que reforcem uma narrativa política em particular”. É uma metáfora usada para demonstrar que, dentro de uma Câmara de Eco, as ideologias e opiniões passam a ser inquestionáveis e repercutidas como verdadeiras, criando-se um ambiente em que as opiniões não são contestadas, discutidas, mas ecoadas, fortalecendo um fenômeno conhecido como “viés da confirmação”, ou seja, as opiniões são confirmadas e resultam no fortalecimento de opiniões já existentes.

Pariser (2012), em sua obra *O Filtro Bolha: o que a internet está escondendo de você*, destaca que os algoritmos utilizados pelas redes sociais, como no *Facebook* e *Instagram*, podem criar bolhas virtuais, as quais, assim como as Câmaras de Eco, diminuem o pluralismo de ideias e debates, e propiciam um ambiente de concordância, onde indivíduos se isolam em bolhas ou câmaras e tendem a fortalecer opiniões condizentes com as suas. O “mundo” vira uma bolha, incoerente com a realidade e a diversidade de opiniões e conhecimentos que existem para além das bolhas e câmaras formadas neste ambiente virtual.

Apoiado em Pariser, Pasquale (2017, p. 28) afirma que “a customização permite aos usuários de internet ignorar opiniões com as quais não concordam, de tal maneira que o modelo de filtro bolha firma e, portanto, aumenta a polarização”. Em outras palavras, “os filtros algorítmicos definem qual informação será consumida e qual será ignorada.” (WINQUES, 2022, p. 120). Como pontua D’Almonte, “em pleno processo de transformação dos modos de circulação e acesso a conteúdo informacionais, é fundamental que se tenha em mente a não neutralidade das redes *per si*, pois inúmeras são as evidências de colonização das redes e de usos para uma ampla desinformação, sobretudo em lapsos de legislação pertinentes e urgentes.” (D’ALMONTE, 2020, p. 17)

Esse pensamento do autor vai ao encontro do que foi proposto por Fuchs (2015) sobre as redes sociais serem consideradas grandes conglomerados empresariais, apoiando a abordagem do conceito de desinformação. Entende-se por desinformação, com base na definição da Unesco proposta no material denominado *Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19*, às tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas (POSETTI; BONTICHEVA, 2020).

A desinformação é gerada com algum propósito intencional e, para isso, relaciona-se com a criação de *fake news*, que são notícias falsas. Wardle e Derakhshan (2017, p. 10), com base em um relatório acerca desse tema intitulado *Information Disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, afirmam que:

Rumores, teorias da conspiração e informações fabricadas estão longe de ser novidade. Os políticos sempre fizeram promessas irreais durante as campanhas eleitorais. As corporações sempre afastaram as pessoas de pensar sobre questões de maneiras específicas. E a mídia há muito dissemina histórias enganosas por seu valor de choque. No entanto, a complexidade e a escala da poluição da informação em nosso mundo conectado digitalmente apresenta um desafio sem precedentes. (tradução feita pela autora).

Ainda que a desinformação não surja com as redes sociais, ela começa a ser percebida a partir das eleições presidenciais de Trump nos Estados Unidos, em 2016. A ampliação do uso da internet e das redes sociais, bem como do uso dos algoritmos, como apontado anteriormente, facilitam a proliferação e a repercussão de notícias que tenham como objetivo gerar desinformação.

As redes sociais são impulsionadas pelo compartilhamento de conteúdo emocional. A arquitetura desses sites é projetada de tal forma que toda vez que um usuário publica conteúdo – e é curtido, comentado ou compartilhado – seu cérebro libera uma pequena quantidade de dopamina. Como seres sociais, intuimos os tipos de postagens que melhor se adequarão às atitudes predominantes em nosso círculo social e a desinformação se espalha. (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 13, tradução feita pela autora).

Percebendo a desinformação como a proliferação deliberada de conteúdo, cujo intuito seja enganar, as autoras classificam cada tipo de conteúdo enganoso conforme a seguinte escala definida: *Misinformation*, *Disinformation* e *Malinformation*. *Misinformation* está relacionado à propagação de informações incorretas que apresentam conteúdo duvidoso, mas sem intenção primária de enganar. O termo *Disinformation* abrange o conceito específico de desinformação, apresentando informações de conteúdo falso e que tenham sido fabricadas com o objetivo, de

forma deliberada, de enganar, mentir. E, por fim, *Malinformation* corresponde à informação íntima, da esfera privada, que é vazada com o intuito de enganar ou difamar algo ou alguém.

As características de cada termo estão representadas na Figura 3¹⁰.

FIGURA 3 - Desordem da Informação



Fonte: Information Disorder - Toward an interdisciplinary framework for research and policy making, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan © Council of Europe - Traduzido com autorização

Fonte: <https://www.manual2020.com.br/checagem-e-verificacao>

A desinformação sempre envolve em si informações falsas e conteúdo duvidosos. Com as redes sociais, esses conteúdos são facilmente espalhados e, muitas vezes, tidos como verdadeiros. Em época de crise sanitária, com a pandemia de Covid-19, desinformações podem levar a opiniões extremas acerca de assuntos científicos importantes e que salvam vidas, como a vacinação.

A prática ampliada da desinformação durante a pandemia de Covid -19 fez ser adotado em todo o mundo o conceito de Infodemia, conforme mencionado anteriormente. Em nível global, a pandemia de Covid-19 também gerou uma pandemia de desinformação, fato extremamente prejudicial para uma comunicação que deveria ter como amparo a ciência e o cuidado com a vida.

De acordo com o material da Unesco, “a nova desinformação sobre a Covid-19 cria confusão referente à ciência médica, com impacto imediato em todas as pessoas do planeta e em sociedades inteiras. Ela é mais tóxica e mais letal que a desinformação sobre outros

¹⁰ Disponível em: <https://www.manual2020.com.br/checagem-e-verificacao> Acesso em: 26 mar. 2022.

assuntos. É por isso que este resumo de políticas criou o termo desinformodemia.” (POSETTI; BONTICHEVA, 2020).

Não é objetivo teórico aprofundar no conceito de desinformação, porém, torna-se necessário demonstrar o que se entende e como esse conceito será analisado na parte empírica da pesquisa. O objetivo é entender se as *lives* do presidente Bolsonaro apresentam conteúdos que geram desinformação e, para isso, foi elaborada uma categoria de análise para averiguar os conteúdos das *lives*, além da análise de notícias com base no Consórcio de Veículos da Imprensa. Essa análise ajudará a perceber como essas informações não verdadeiras são checadas pela mídia a partir da divulgação de matérias veiculadas acerca das *lives* analisadas.

Com base no pensamento habermasiano, Fuchs (2015, p. 16), afirma que “a verdadeira esfera pública só pode existir em uma sociedade participativa”. Além de participativa, deve existir na esfera pública diversidade de opiniões e ideias, de modo a favorecer um debate crítico-racional e não uma unanimidade e concordância de opiniões.

Nesse sentido, deve-se identificar se a esfera pública que se forma, via *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro, tem como característica a reverberação de assuntos que transmitem desinformação, e se são aceitos como verdadeiros pelos seus seguidores/cidadãos, sendo ecoadas opiniões sem discussão. Tanto os conteúdos das *lives* quanto os comentários dos seguidores do presidente durante a transmissão dessas *lives* serão levados em consideração.

No entendimento de Winkes (2022, p. 116), “as plataformas digitais possuem um grande potencial discursivo e deliberativo, mas elas só poderão funcionar como parte da esfera pública se forem utilizadas com esse objetivo de engajamento cívico por indivíduos, coletivos, instituições e associações”. Sobre isso, Cruz e Di Felice (2019, p. 7) acrescentam que:

Apesar de compreenderem o caráter descentralizador ponto-a-ponto da rede, ao referenciarem outros pesquisadores que já debateram sobre o assunto, os autores do artigo defendem que a Internet não pode ser considerada uma esfera pública isolada. De acordo com eles, sendo um espaço aberto de interação, a rede pode até reunir potenciais discursos críticos e relevantes democraticamente. Porém, no diagnóstico dos pesquisadores, as tecnologias digitais não se constituem a esfera pública, pelo contrário, servem mais para dar apoio a esta esfera.

Concorda-se em parte com os autores, pois apenas o acesso à internet não garante a formação de uma esfera pública, como aponta Maia (2008, p. 279): “a internet não pode ser tomada em si como esfera pública”. A autora reconhece que a internet pode possibilitar a formação de uma esfera pública virtual, mas características fundamentais ou materialidades, como reflete Gomes (2014), devem ser preservadas, analisadas e, mais que isso, facilitadas com

o acesso à internet e às redes sociais. Consideram-se, inclusive, os algoritmos e fenômenos criados por seu uso, como filtro bolha e Câmara de Eco.

Apoiando-se no pensamento de Wolton (2003, p. 150), “o problema essencial não é então de forma alguma ser contra ou a favor das novas tecnologias de comunicação, mas em saber a partir de qual momento a problemática da comunicação será enfim reconhecida como mais importante do que a das técnicas”. Para o autor, o essencial não é a técnica, tecnologia, e sim a comunicação, pois não se deve “tecnologizar o homem ou a sociedade” (WOLTON, 2003, p. 15).

Entender a comunicação que se realiza através das *lives* entre governo e cidadão/seguidores, assim como as suas características, a partir desse fluxo comunicacional estabelecido, e se forma uma esfera pública virtual e quais suas materialidades, são aspectos fundamentais desta pesquisa. Logo, perceber a pandemia de Covid-19 como uma emergência de desinformação é essencial. Talvez nesse ponto ocorra a tensionalidade do objeto a ser estudado, pois existe comunicação nesse *locus*.

Aqui, vale lembrar o entendimento de Braga (2020, p. 40), referenciado no capítulo acerca da comunicação, que pondera que “a comunicação pode ser não apenas canhestra, mas também decididamente opressora, mesquinha, desumana”. Uma comunicação que tem como base a desinformação, com interesse deliberado em enganar/mentir acerca de assuntos de relevância pública pertinentes à pandemia, pode ser vista como uma comunicação desumana. Segundo a Unesco (2020), essa é uma infodemia letal, ou seja, uma comunicação que leva à morte, pois traz o descrédito à ciência. Contudo, mesmo assim, é um processo comunicativo.

No próximo capítulo serão apresentados os aspectos metodológicos desta tese, os quais ajudaram a definir a abordagem utilizada e, conseqüentemente, a análise das *lives* selecionadas. Desse modo, a partir de um tensionamento entre a teoria fundamentada e os dados empíricos obtidos, espera-se atingir os objetivos propostos e responder à problemática desta tese de doutoramento.

4 ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os caminhos metodológicos percorridos nesta tese foram múltiplos e tiveram início com a pesquisa bibliográfica, pois entende-se que essa pesquisa é fundamental para direcionar as reflexões teóricas, alcançar os objetivos propostos e responder ao problema norteador do estudo.

De acordo com Stumpf (2005, p. 51), a pesquisa bibliográfica:

É o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões.

É importante ressaltar que “a revisão da literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa, iniciando com a formulação do problema e/ou objetivos do estudo e indo até a análise dos resultados”. (STUMPF, 2005, p. 51). Para a realização da pesquisa empírica procedeu-se com a Análise de Conteúdo nas *lives* selecionadas no *Facebook* do presidente Bolsonaro. De acordo com Bardin (2016, p. 48), a análise de conteúdo é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo envolve três fases principais, que são: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e a interpretação. Na fase de preparação de material foi realizada, através de uma pesquisa quantitativa, o levantamento de todas as *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro, desde o início do seu mandato, o que designa o universo da pesquisa. Para este estudo foram delimitadas apenas as *lives* no contexto da pandemia de Covid-19, que teve o primeiro caso confirmado no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020¹¹.

As *lives* que foram estudadas são aquelas que têm como objetivo estabelecer uma comunicação com o cidadão/seguuidor de assuntos atinentes à pandemia de Covid-19. Essas *lives* fizeram parte das “*Lives de 5ª Feira*”, que começaram a ser postadas em março de 2019,

¹¹ Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,para%20It%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia>. Acesso em: 20 fev. 2022.

com o nome de “*Live Semanal de 5ª Feira*”, posteriormente denominada apenas como “*Lives de 5ª Feira*”. Notou-se, com uma pesquisa preliminar, que nessas *lives* o presidente era acompanhado por alguns ministros, dependendo do tema a ser tratado, e a pauta correspondia a assuntos semanais pertinentes ao governo.

Para fins de conhecer o universo a ser pesquisado, elaborou-se o Quadro 2, que foi dividido em ano da postagem, mês, dias postados, reações dos seguidores usando *emoticons* e quantidade de comentários deixados pelos seguidores do presidente. O início do levantamento quantitativo deu-se a partir da data da primeira *live* postada, em março de 2019, e finalizou em março de 2022, quando completou dois anos da pandemia.

QUADRO 2 - Universo das “*Lives de 5ª Feira*”

“<i>Lives de 5ª feira</i>” 2019:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>	Quantidade de Comentários:
Janeiro	0	-----	-----
Fevereiro	0	-----	-----
Março	14. 03	143 mil	85 mil
Abril	18.04	134 mil	68 mil
Maio	02.05	99 mil	48 mil
	30.05	93 mil	44 mil
Junho	06.06	93 mil	44 mil
	27.06	112 mil	9,1 mil
Julho	18.07	99 mil	43 mil
Agosto	15.08	77 mil	60 mil
	22.08	65 mil	29 mil
	29.08	83 mil	40 mil
Setembro	12.09	137 mil	40 mil
	19.09	61 mil	29 mil
	26.09	61 mil	31 mil
Outubro	03.10	54 mil	27 mil
	10.10	59 mil	24 mil
	31.10	132 mil	63 mil
Novembro	07.11	99 mil	30 mil

“Lives de 5ª feira” 2019:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>	Quantidade de Comentários:
	17.11	38 mil	2 mil
Dezembro	08.12	17 mil	977

“Lives de 5ª feira” 2020:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>	Quantidade de Comentários:
Janeiro	23.01	64 mil	17 mil
Fevereiro	06.02	84 mil	19 mil
	13.02	59 mil	17 mil
	20.02	78 mil	24 mil
	27.02	147 mil	49 mil
Março	05.03	85 mil	57 mil
	12.03	72 mil (1ª Parte) 93 mil (2ª Parte)	25 mil (1ª Parte) 20 mil (2ª Parte)
	19.03	181 mil	58 mil
	26.03	248 mil	160 mil
Abril	09.04	187 mil	75 mil
	16.04	185 mil	105 mil
	23.04	168 mil	93 mil
	30.04	236 mil	179 mil
Maio	07.05	83 mil (1ª Parte) 78 mil (2ª Parte)	32 mil (1ª Parte) 30 mil (2ª Parte)
	14.05	152 mil	180 mil
Junho	11.06	92 mil (1ª Parte) 139 mil (2ª Parte)	23 mil (1ª Parte) 91 mil (2ª Parte)
	18.06	227 mil	142 mil
Julho	02.07	158 mil	110 mil
	23.07	112 mil	39 mil
Agosto	13.08	92 mil	42 mil

“Lives de 5ª feira” 2020:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>	Quantidade de Comentários:
	20.08	106 mil	49 mil
Setembro	03.09	89 mil	42 mil
	10.09	86 mil	50 mil
	17.09	109 mil	59 mil
	24.09	115 mil	49 mil
Outubro	08.10	119 mil	59 mil
	15.10	102 mil	40 mil
	22.10	78 mil	33 mil
	29.10	124 mil	48 mil
Novembro	12.11	90 mil	46 mil
	19.11	83 mil	27 mil
	26.11	74 mil	31 mil
Dezembro	03.12	102 mil	36 mil
	10.12	92 mil	53 mil
	31.12	113 mil	46 mil

“Lives de 5ª feira” 2021:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>:	Quantidade de Comentários:
Janeiro	07.01	134 mil	10 mil
	14.01	148 mil	84 mil
	21.01	170 mil	72 mil
	28.01	63 mil (1ª Parte) 42 mil (2ª Parte) 95 mil (3ª Parte)	19 mil (1ª Parte) 6 mil (2ª Parte) 33 mil (3ª Parte)
Fevereiro	04.02	121 mil	45 mil
	11.02	64 mil	32 mil
	18.02	74 mil	44 mil
	25.02	90 mil	32 mil
Março	04.03	62 mil	4.9 mil
	11.03	146 mil	20 mil

“Lives de 5ª feira” 2021:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>:	Quantidade de Comentários:
	18.03	109 mil (1ª Parte) 103 (2ª Parte)	89 mil (1ª Parte) 21 mil (2ª Parte)
	25.3	117 mil	51 mil
Abril	01.04	167 mil	78 mil
	08.04	146 mil	43 mil
	15.04	239 mil	163 mil
	22.04	128 mil	33 mil
	29.04	166 mil	94 mil
Maio	06.05	126 mil	64 mil
	13.05	181 mil	83 mil
	20.05	131 mil	57 mil
	27.05	-----	-----
Junho	03.06	156 mil	69 mil
	10.06	130 mil	56 mil
	17.06	109 mil	54 mil
	24.06	108 mil	50 mil
Julho	01.07	241 mil	88 mil
	08.07	164 mil	66 mil
	15.07	-----	-----
	22.7	122 mil	46 mil
	29.07	152 mil	209 mil
Agosto	05.08	136 mil	86 mil
	12.08	96 mil	47 mil
	19.08	79 mil	44 mil
	26.08	107 mil	67 mil
Setembro	02.09	89 mil	49 mil
	09.09	297 mil	288 mil
	16.09	99 mil	40 mil
	23.09	96 mil	54 mil
	30.09	75 mil	36 mil
Outubro	07.10	72 mil	44 mil

“Lives de 5ª feira” 2021:	Dias postados:	Reações com <i>Emoticons</i>:	Quantidade de Comentários:
	14.10	90 mil	34 mil
	21.10	Derrubada	Derrubada
	28.10	105 mil	31 mil
Novembro	04.11	-----	-----
	11.11	69 mil	25 mil
	19.11	70 mil	26 mil
	25.11	64 mil	26 mil
Dezembro	02.12	66 mil	24 mil
	09.12	61 mil	36 mil
	16.12	68 mil	24 mil
	23.12	81 mil	34 mil
	30.12	122 mil	54 mil

“Lives de 5ª feira” 2022:	Dias Postados:	Reações com <i>Emoticons</i>:	Quantidade de Comentários:
Janeiro	06.01	90 mil	34 mil
	13.01	64 mil	27 mil
	20.01	80 mil	37 mil
	27.01	124 mil	53 mil
Fevereiro	03.02	73 mil	30 mil
	10.02	52 mil	27 mil
	17.02	69 mil	37 mil
	24.02	76 mil	22 mil
Março	03.03	72 mil	25 mil
	10.03	58 mil	28 mil
	17.03	71 mil	26 mil
	24.03	74 mil	35 mil
	31.03	69 mil	23 mil

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com esse levantamento, percebe-se que, mesmo denominadas “Lives de 5ª Feira”, a periodicidade não foi cumprida, pois nem sempre as *lives* aconteciam em todas as quintas-feiras

de cada mês, ficando mais pontual a partir do ano de 2021. Em algumas ocasiões especiais, as *lives* aconteciam em outro dia da semana, mas sempre justificadas por algum compromisso ou viagem do presidente.

Algumas *lives* não foram encontradas no *Facebook*, mesmo após uma pesquisa minuciosa realizada nessa mídia digital e, também, em buscadores como o *Google*. Contudo, não se pode afirmar que a *live* não encontrada não ocorreu no dia designado, afirmando-se somente que o vídeo com o conteúdo postado não foi identificado.

O Quadro 3, produzido pela autora, contém as *lives* selecionadas para Análise de Conteúdo. Foram definidos critérios para selecionar as *lives* analisadas empiricamente nesta tese de doutoramento, sendo os seguintes: 1. Abordagem de conteúdo tocante à pandemia de Covid-19 (informações relativas ao número de mortos, vacina, *lockdown*/decretos propostos pelos governadores, ações do governo, auxílio emergencial, entre outros); 2. Maior repercussão nos meios de comunicação de massa, de acordo com o Consórcio de Veículos de Imprensa; 3. Maior número de comentários feitos pelos seguidores do presidente e por fim; 4. Maior interação usando *emojis*.

A partir desses critérios foram selecionadas, conforme Quadro 3, as seguintes *lives* para análise neste estudo.

QUADRO 3 - *Lives* selecionadas para Análise de Conteúdo

Ano:	Mês:	Dia da Live:
2020	Março	26
2021	Fevereiro	25
2021	Março	18
2021	Maio	06
2021	Outubro	21

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A *live* do dia 21 de outubro de 2021 foi derrubada pelas plataformas *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*, após muita repercussão negativa da fala do presidente, que associou a vacina da Covid-19 ao surgimento da Aids. O referido conteúdo é analisado neste trabalho, pois foi salvo pela pesquisadora e feito o *download* do áudio do vídeo, condição importante para fazer a transcrição textual da *live* e a Análise de Conteúdo. Apenas os comentários não foram salvos e nem a quantidade de comentários e reações com *emojicons*.

Para além da Análise de Conteúdo, foi realizado um levantamento das publicações feitas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa das *lives* analisadas, de modo a entender a repercussão mediática e a interconexão dos assuntos abordados nas *lives* pelo presidente e os meios de comunicação de massa. De acordo com Barros e Sampaio (2011, p. 97),

uma discussão pode ser iniciada por um veículo noticioso de massa e ganhar repercussão na internet ou um movimento de discussão on-line pode repercutir nas mídias de massa. O intercâmbio é dinâmico e contínuo, apresentando uma tendência significativa de fortalecimento da discussão (BARROS; SAMPAIO, 2011, p. 97).

Para a realização da Análise de Conteúdo foram considerados apenas assuntos que abordem a temática da pandemia de Covid-19, e para isso, torna-se fundamental elaborar categorias de análises, conforme evidenciado por Bardin (2016).

De acordo com Bardin (2016, p. 147), “a maioria dos procedimentos de análise organiza-se, no entanto, em redor de um processo de categorização”. As categorias podem ser entendidas como “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.” (BARDIN, 2016, p. 147).

Antes de evidenciar as categorias de análise produzidas para esta pesquisa, busca-se esclarecer o que são as unidades de registro e unidades de contexto propostos por Bardin. A unidade de registro, segundo a autora, “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidades de base, visando a categorização e a contagem frequencial.” (BARDIN, 2016, p. 134).

A unidade de registro tem dimensões e natureza bem variadas, podendo, inclusive, gerar ambiguidades. Porém, as unidades de registro que usam palavras ou temas específicos são as mais utilizadas na análise de conteúdo. Portanto, para esta pesquisa, foram pontuadas, dentro do tema pandemia de Covid-19, as seguintes unidades de registro: vacina; lockdown/fique em casa; auxílio emergencial; tratamento precoce; cloroquina/hidroxiclороquina/mortes; gripezinha; economia; emprego; desemprego; coronavírus; pandemia.

Seguindo o pensamento de Bardin (2016, p. 134), unidade de contexto serve

de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro. Esta pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

O contexto que é usado para codificar as unidades de registro evidenciadas acima são as *lives* selecionadas para este estudo. As unidades de contexto são enfatizadas na análise de

conteúdo a partir das minutas das *lives* em que aparecem as palavras ou frases selecionadas como unidade de registro, dentro do tema pandemia de Covid-19. Após a identificação dessas unidades de registro e de contexto, os dados foram posteriormente agrupados em categorias.

As categorias de análise buscam organizar os dados que são extraídos na análise de conteúdo, a fim de delimitar grupos de elementos que possuem características em comum. Para Bardin (2016, p. 148), “classificar elementos em categorias impõem a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles.”

A partir desse entendimento, foram criadas as seguintes categorias, conforme demonstrado no Quadro 4:

QUADRO 4 - Definição de Categorias de Análise

Categorias- C	Especificação
C1- Ciência	• Informações transmitidas conforme dados científicos da Pandemia; • Apresentação de estudos científicos comprovados e reconhecidos. • Conduta adotada no discurso conforme preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS); • Conscientização pública, com informações para o cidadão/seguuidor, no tocante à Pandemia; • Assuntos de interesse público como: número de mortes; vacinação, informações hospitalares, <i>lockdown</i>.
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	• Discursos que ataquem e possam tirar a credibilidade de instituições públicas, bem como de gestores públicos, como prefeitos, governadores, ministros, entre outros; • Discursos que atacam a democracia e os meios de comunicação de massa do País, bem como jornalistas.

Categorias- C	Especificação
C3- Desinformação	• Informações transmitidas que não são confirmadas pela Ciência; • Informações e condutas que não são preconizadas e adotadas pela OMS.
C4-Informações Governamentais	• Informações sobre programas de governo nas áreas social, de saúde e econômica. • Investimentos do governo para o enfrentamento da pandemia.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A categoria C1 - Ciência torna-se fundamental para perceber se as *lives* postadas pelo presidente abordam assuntos de interesse público no tocante à pandemia de Covid-19, e se trazem conteúdos comprovados cientificamente, como uso de remédios, vacinas, estudos científicos, entre outras informações. Também serve para analisar se o que o presidente preconiza em suas falas tem embasamento científico, ponto essencial para entender se essas *lives* podem ser pensadas como esfera pública virtual. Parte-se da premissa de que, para Habermas (2014), a base fundamental para a formação de uma esfera pública é a constituição de um público que discute mediante razões. No contexto da pandemia de Covid-19, o público, para tornar-se crítico e participe de uma discussão racional, precisa ter acesso a informações verdadeiras e científicas.

Para além disso, Maia (2008) aponta que o interesse público é uma premissa importante para a formação da esfera pública. Entende-se aqui que interesse público é o interesse de todos e que, no caso específico da pandemia de Covid-19, a abordagem de assuntos de interesse público e ciência são essenciais para o entendimento da população acerca da pandemia, como, por exemplo, medidas de segurança preconizadas pela OMS, vacinação, estudos científicos, entre outros, conforme especificados na categoria.

A categoria C2 - Ataques a Instituições Públicas e Imprensa tem como base o entendimento de que democracias fortes possuem instituições democráticas fortes e livres, como abordam Levitsky e Ziblatt (2018). Os autores ponderam fatores que podem levar à “morte” da democracia e, para eles, tirar a credibilidade de instituições importantes para a democracia, como imprensa e entidades públicas, pode levar à “morte” de um regime democrático. A análise das *lives* indica como o presidente se refere a essas instituições e como

suas falas podem tirar a sua credibilidade, tão essenciais para o regime democrático. Para além desse entendimento, é importante ressaltar nessa categoria a questão do pluralismo democrático, conforme abordado no referencial teórico acerca da democracia.

Mouffe (2000) discorre que a condição para se criar o consenso é a eliminação do pluralismo nas esferas públicas. Assim, quando o presidente, durante as suas falas nas *lives* analisadas, ataca essas instituições democráticas, é porque elas se posicionam de modo diferente ao que ele preconiza como enfrentamento à pandemia de Covid-19. Esse comportamento não favorece o pluralismo de ideias e opiniões, bem como o dissenso, essenciais para a democracia pluralista.

A Categoria C3 - Desinformação busca analisar se as informações transmitidas durante as *lives* pelo presidente não têm comprovação científica e não são condutas adotadas pela OMS no combate ao Coronavírus. Para isso, além da Análise de Conteúdo, feita com as transcrições das *lives*, são abordados dados obtidos pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, que corresponde a dados públicos que trazem informações verdadeiras e comprovadas acerca da pandemia. Com base em Wardle (2019), a desinformação se caracteriza por ser um conteúdo falso transmitido com o intuito de causar danos.

Essa categoria busca entender se as falas preconizadas pelo presidente, no tocante a assuntos atinentes à pandemia de Covid-19, apresentam informações que não são verdadeiras e que causam danos à sociedade, como a menção ao uso de remédios que não são comprovados cientificamente. Apoiando-se em Habermas (2014), a base para a formação de uma esfera pública é a discussão pública mediante razões. Assuntos que têm como base a desinformação, ou, como aponta a OMS, a Infodemia, não são pautados para uma discussão pública crítica e racional, premissa importante para a formação de uma esfera pública.

Por fim, a categoria C4 - Informações Governamentais tem como embasamento a noção precípua da comunicação, abordada por Duarte (2007), que é a informação. Para que se estabeleça, de fato, uma comunicação entre presidente e seguidor, é necessário primordialmente a transmissão de informações públicas, para que, a partir daí, seja estabelecido um processo comunicativo. Para Duarte (2007, p. 62), “informação é a base primária do conhecimento, da interpretação, do diálogo, da decisão”.

Porém, depreende-se que a informação é essencial para que se estabeleça um processo comunicativo entre presidente e seus seguidores/cidadãos, mas não se deve entender o processo comunicativo apenas como transmissão de informações públicas. A comunicação é uma tentativa, como aponta Braga (2007), que estabelece um processo interacional e que busca uma

circulação de sentidos, já que vai além de apenas transmitir informações. No contexto da pandemia, a transmissão de informações governamentais é essencial, pois deve divulgar os investimentos feitos pelo governo para o enfrentamento da crise sanitária e os programas desenvolvidos nas áreas social, de saúde e econômica.

A transmissão dessas informações é uma base primária para que se estabeleça um processo comunicativo entre presidente e seus seguidores. A partir daí, é possível (ou não) ocorrer discussões públicas e racionais acerca da pandemia e que podem favorecer o surgimento neste *locus* virtual de uma esfera pública.

5 ANÁLISE DAS LIVES

5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS LIVES

A Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (2016), pode ser realizada através de técnicas de pesquisas múltiplas e diversificadas. De acordo com a autora, “enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.” (BARDIN, 2016, p. 15).

Neste sentido, foi realizada na Análise de Conteúdo das *lives* a pesquisa qualitativa associada à pesquisa quantitativa. Com a pesquisa quantitativa, buscou-se ter uma visão mais objetiva e geral das *lives* e, para isso, recorreu-se à programação de dados, tendo como base as transcrições textuais das cinco *lives* selecionadas neste estudo. As transcrições textuais completas das *lives* realizadas na Análise de Conteúdo estão disponíveis em pasta do *Google Drive*, por meio dos links de acesso, conforme Quadro 5.

QUADRO 5 - Links de acesso às transcrições das *lives* (Apêndice)

Dia da <i>live</i>	Link de acesso
26 de março de 2020	https://drive.google.com/file/d/1qQJIgBwbTXS--yZ7Zj_lQieVS6B_XHwn/view?usp=share_link
25 de fevereiro de 2021	https://drive.google.com/file/d/1YI5lZSimfK9h9ALUJR13emZZqIppdobg/view?usp=share_link
18 de março de 2021	https://drive.google.com/file/d/1NB61AwtDjFamw5Q1b3aV7ZWQpnN9eRz7/view?usp=share_link
06 de maio de 2021	https://drive.google.com/file/d/1lMtTFsHnhzdgpzx6pa95XiV3lC4bdvtb/view?usp=share_link
21 de outubro de 2021	https://drive.google.com/file/d/119kiGzfNhQUPPtsvbOG53c8kTmDuHdOz/view?usp=share_link

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na análise quantitativa foram aplicadas técnicas de Processamento de Linguagem Natural (NLP) usando Python. Na análise de intenções e sentimentos, foi utilizado sistema de Inteligência Artificial (IA) em nuvem, IBM Watson Assistant e IBM Natural Language

Understanding. Conforme demonstrado no Quadro 6, foi quantificado o número de palavras e de frases pronunciadas no decorrer de cada *live*.

QUADRO 6 - Quantidade de palavras e frases por *live* analisada

Live	Palavras	Frases
26-03-20	7065	550
25-02-21	4768	225
18-03-21	9062	530
06-05-21	9389	793
21-10-21	12235	805

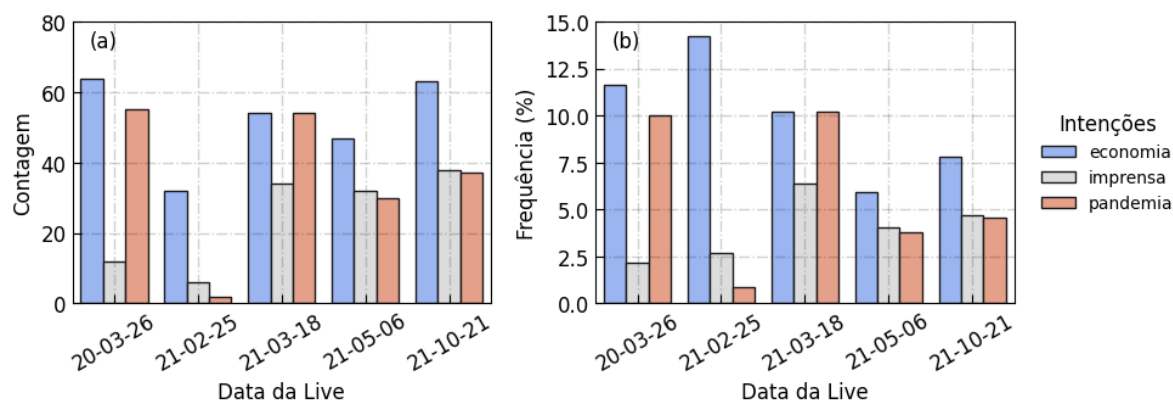
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em termos quantitativos, para entender se o presidente, durante as suas *lives*, discorreu sobre os temas pandemia, economia e imprensa, realizou-se uma análise das intenções nas frases pronunciadas durante todas as *lives*. A análise de intenções quantifica as frases que são coerentes com a temática que se busca, neste caso, pandemia, economia e imprensa. Então, foram elaboradas frases/contextos para que o sistema de programação pudesse se basear, considerando o uso dos sistemas de IA em nuvem, IBM Watson Assistant e IBM Natural Language Understanding.

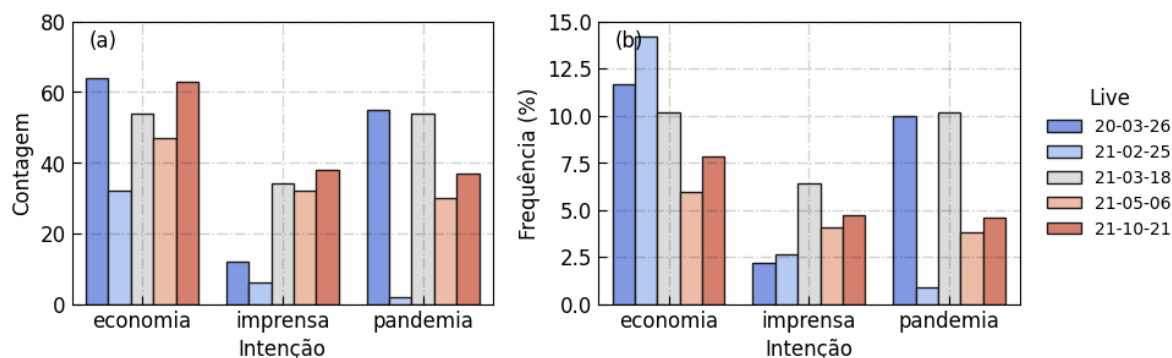
Para a realização dessa análise, assume-se um índice de *confidence* acima de 0.7. No Gráfico 1, o eixo X está por *live* e as cores representam cada um dos assuntos. Nessa figura fica mais fácil comparar o conteúdo de cada *live*. Por exemplo, na primeira, economia e pandemia tomaram 21% do total da *live* (11% e 10%, respectivamente). Na segunda, economia foi o tema predominante (14% das frases ditas).

Já no Gráfico 2, o Eixo X está por assuntos e as cores representam cada uma das *lives*. Nessa representação torna-se mais fácil visualizar como ocorreu a evolução dos temas ao longo das *lives*. Nota-se que a presença de frases sobre economia diminuiu nas últimas três *lives* à medida que frases ligadas aos ataques à imprensa aumentaram.

Em ambos os gráficos, contagem corresponde ao número de frases e frequência é a relação, em percentual, entre a quantidade de frases e o número total de frases ditas na respectiva *live*.

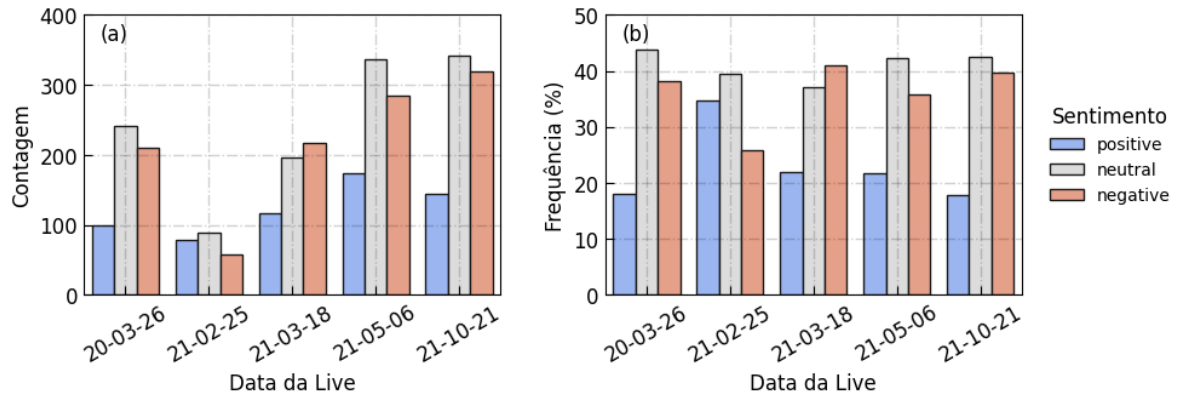
GRÁFICO 1 - Distribuição dos assuntos agrupados por *live*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

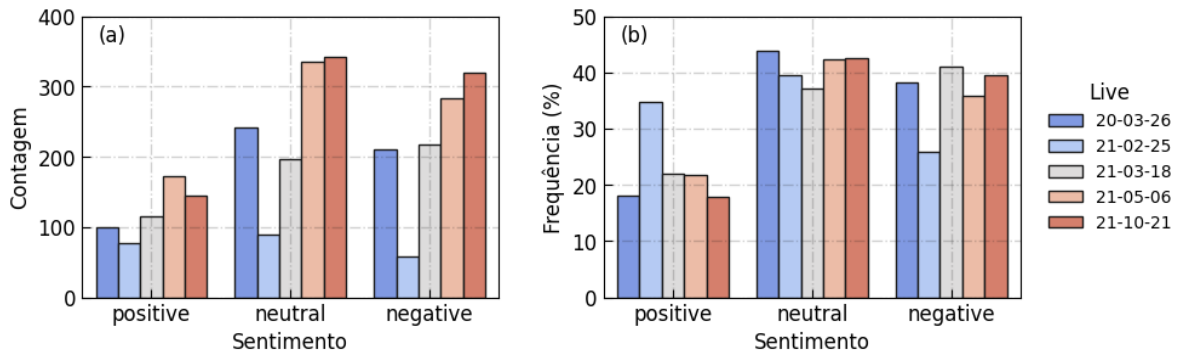
GRÁFICO 2 - Distribuição dos assuntos

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Nos gráficos 3 e 4 são apresentadas as classificações das frases de acordo com o sentimento presente. Para determinar o sentimento, o sistema utiliza pontuações de palavras consideradas mais positivas, neutras ou mais negativas. Observando os valores em frequência nos gráficos 3 (b) e 4 (b), constata-se que a *live* do dia 25 de fevereiro de 2021 apresenta o maior índice de positividade (cerca de 35% das frases ditas), enquanto nos outros dias, excluindo-se as frases neutras, o índice de negatividade foi predominante (acima de 35%).

GRÁFICO 3 - Distribuição dos sentimentos agrupados por *live*

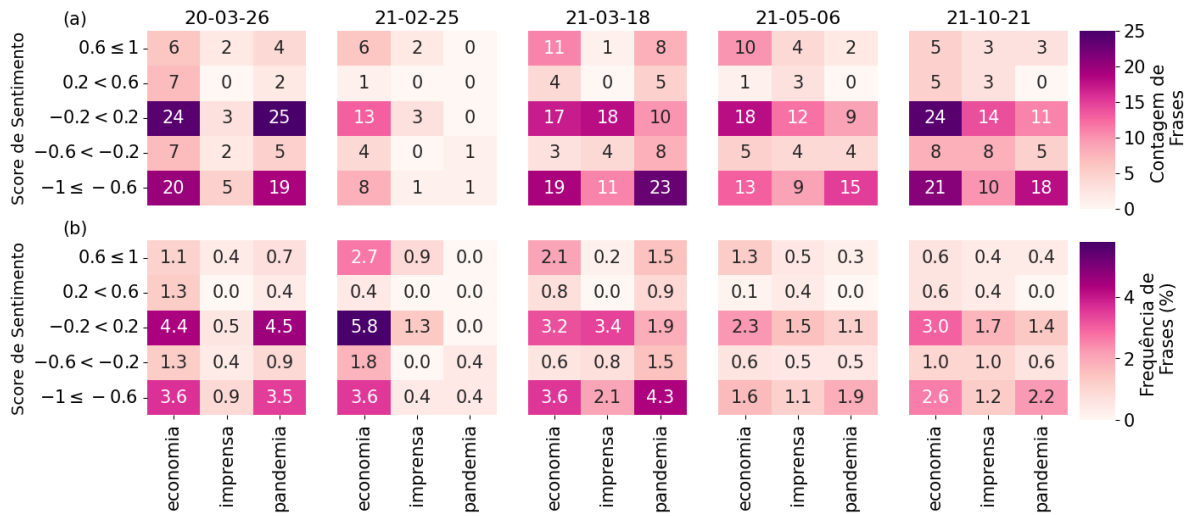
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

GRÁFICO 4 - Distribuição dos sentimentos

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No Gráfico 5 são apresentados *heatmaps* que representam a distribuição da pontuação de sentimento para cada assunto e cada *live*. A soma dos números em cada coluna representa o total por assunto, enquanto a soma em cada linha representa o total por faixa de pontuação de sentimento. A faixa de sentimento central entre -0.2 e 0.2 corresponde às frases de sentimento neutro. Já uma pontuação mais próxima de 1 representa frases positivas e mais próxima de -1 faz alusão às frases negativas.

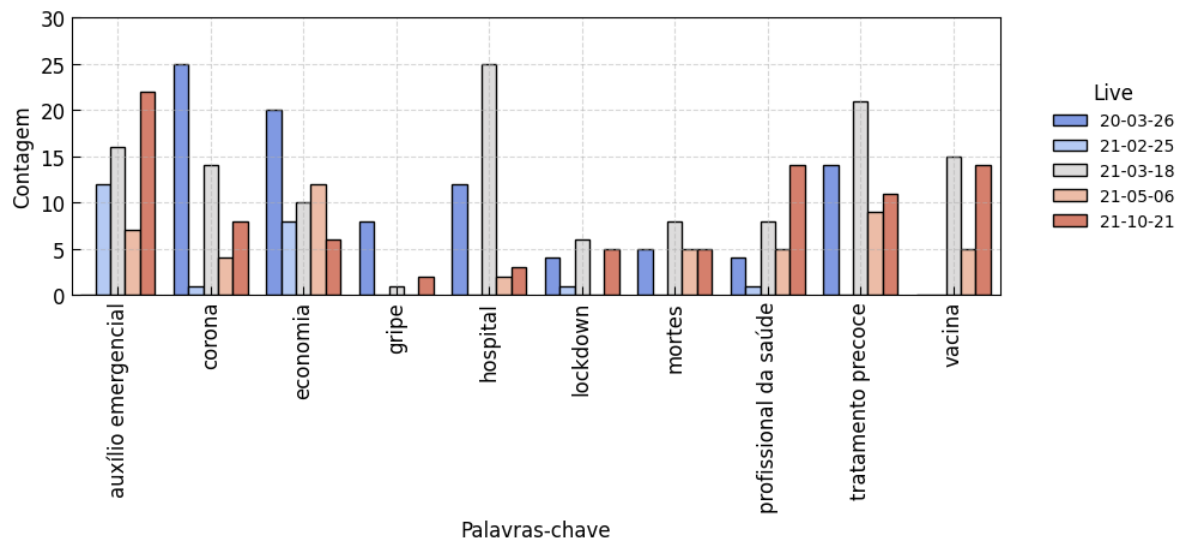
GRÁFICO 5 - Distribuição da pontuação de sentimento separado por assunto para cada *live*



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O Gráfico 6, apresenta as palavras-chave encontradas nas frases de cada uma das *lives*. Essas palavras-chave foram identificadas conforme as unidades de registro apresentadas no capítulo de Procedimentos Metodológicos, com base em Bardin (2016). O objetivo dos gráficos é comparar a quantidade absoluta de palavras-chave entre cada *live*. Por exemplo, nota-se que termos relacionados à “vacina” só são mencionados nas últimas três *lives*, enquanto “tratamento precoce” é mencionado em quatro *lives*, inclusive em maior proporção do que vacinas em duas delas.

GRÁFICO 6 - Distribuição das palavras-chave



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No Quadro 7 são apresentadas as palavras-chave e os sinônimos que definem cada uma delas. Através da técnica de PNL, foram identificadas e contabilizadas essas palavras-chave e seus sinônimos em todas as transcrições das cinco *lives* analisadas neste estudo. Durante a execução do algoritmo, para cada frase foram contabilizadas as presenças de até três dessas palavras-chave ou sinônimos.

QUADRO 7 - Definição das palavras utilizadas

Palavras-chave	Sinônimos
auxílio emergencial	auxílio brasil, auxílio, 600 reais
Economia	emprego, desemprego
Corona	vírus, coronavírus, covid
Gripe	gripezinha, resfriadinho, resfriado, resfriada
Hospital	hospitais, uti, santa casa, anvisa
Lockdown	fique em casa, confinamento, quarentena
Mortes	morte, óbito, óbitos, morreram
profissional da saúde	enfermeiro, enfermeira, enfermeiros, enfermeiras, médicos, médico, médicas, médica
tratamento precoce	cloroquina, hidroxiclороquina, reuquinol, comprimido, comprimidos, remédio, remédios, nebulização, tratamento, tratamentos
Vacina	Vacinas

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para ter uma visão mais ampla das palavras-chave faladas em cada *live*, conforme definido no Quadro 7, apresenta-se um quantitativo do total das palavras-chave mencionadas durante cada *live*, total de palavras, total de palavras no *corpus* (com a retirada de vícios linguísticos: se, então, como, entre outros) e frequência das palavras-chave mencionadas com a retirada desses vícios linguísticos.

QUADRO 8 - Quantitativo de palavras por *live*

<i>Live</i>	Total de palavras-chave	Total de palavras	Total de palavras no corpus (removendo <i>stopwords</i> e vícios linguísticos)	Frequência (%) (removendo <i>stopwords</i> e vícios linguísticos)
26-03-20	65	7065	1196	5.43
25-02-21	21	4768	1019	2.06
18-03-21	66	9062	1603	4.12
06-05-21	25	9389	1578	1.58
21-10-21	41	12235	2113	1.94

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

As informações combinadas das análises quantitativas sugerem que a *live* do dia 25 de fevereiro de 2021 tratou majoritariamente de economia (Gráfico 1b e Gráfico 6) com um tom mais positivo (gráficos 3b e 4b), apesar de a positividade do tema não estar atrelada aos escopos analisados pelas intenções economia, imprensa e pandemia (Gráfico 5).

Nas *lives* dos dias 18 de março, 06 de maio e 21 de outubro de 2021, temas relacionados aos ataques à imprensa foram percebidos pela análise de intenções e sentimentos negativos, sendo mais frequentes do que os sentimentos positivos.

Na *live* do dia 18 de março de 2021, os temas pandemia e economia aparecem predominantes na análise de intenções. A análise de palavras-chave sugere que o assunto sobre pandemia foi dominado por palavras relacionadas aos profissionais da saúde, ao tratamento precoce da Covid-19 e às vacinas, enquanto termos relacionados ao auxílio emergencial se destacaram com relação à temática da economia. Percebe-se que essa é a *live* que apresenta o maior índice de negatividade (cerca de 41% das frases ditas carregam um sentimento negativo), apesar de 50% das frases associadas à economia estarem com sentimento positivo.

É importante ressaltar que a análise quantitativa é apenas um olhar acerca das *lives*, com o objetivo de quantificar frases, palavras, emoções e sentimentos de acordo com as transcrições textuais realizadas. Para aprofundar o estudo, a análise qualitativa é essencial e, para além disso, um tensionamento entre os dados obtidos na análise quantitativa e as informações extraídas da análise qualitativa.

Portanto, no próximo subtópico são apresentadas as análises qualitativas de cada *live* conforme as categorias de análise propostas no capítulo de Procedimentos Metodológicos e o entendimento de Bardin (2016) acerca da Análise de Conteúdo.

5.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS LIVES

5.2.1 *Live* do dia 26 de março de 2020

A primeira *live* analisada é a do dia 26 de março de 2020¹², que teve 36 minutos e 42 segundos de duração. Ressalta-se que o presidente sempre começou as *lives* ao vivo em sua rede social *Facebook* e as transmitiu em outros canais (*YouTube* e *Instagram*), onde deixou-as guardadas. Logo, o conteúdo é o mesmo em todas as plataformas, mudando apenas os comentários deixados pelos seus seguidores, além do quantitativo de comentários e visualizações. Essa *live* foi assistida pelo *YouTube*, já que, após uma pesquisa minuciosa nos vídeos salvos do presidente na sua rede social *Facebook*, o conteúdo não foi encontrado nessa rede. Quanto à extração dos comentários, buscou-se um vídeo do presidente no *Facebook* do dia 31 de março de 2020¹³, com trechos dessa *live* no tocante ao Auxílio Emergencial.

A transmissão teve como participantes, sentados da esquerda para a direita, o presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Pedro Guimarães, o presidente Jair Bolsonaro e a intérprete de Libras, Elisângela.

Na descrição do cenário da *live*, é importante destacar que tinha vários objetos sobre a mesa, como papéis espalhados (que o presidente sempre pega alguns ao longo do vídeo), pasta verde, caneta da marca Bic, dois copos com água e duas caixas de remédios (que o presidente sempre pega e faz menção aos medicamentos durante a *live*), os quais foram identificados pelo presidente em diversos momentos do vídeo como Cloroquina e Reuquinol (que tem como princípio ativo a Cloroquina, da Apsen Farmacêutica, conforme o presidente menciona ao longo da *live*). Sempre que o presidente, no transcorrer do vídeo, faz menção ao “tratamento inicial”, como intitulado por ele, segura as duas caixas em suas mãos.

Ao fundo dos participantes, há uma estante cheia de livros. Bolsonaro alterna entre colocar seus óculos no rosto ou deixá-los em cima da mesa.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-8vAoZewtg>. Acesso em: 25 jan. 2021.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1398606967008763>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Outro ponto visual importante que deve ser destacado é que os dois acompanhantes do presidente na *live* usam máscara facial o tempo todo, medida preconizada pela OMS para o combate ao Coronavírus. O presidente não faz uso de máscara. Ao lado das caixas dos remédios, tem um recipiente com álcool em gel, medida também adotada pela OMS para higienização das mãos.

De uma forma geral, os assuntos tratados pelo presidente no tocante à pandemia de Covid-19 se relacionam com as categorias de análise propostas nesta pesquisa, conforme Quadro 5. Abaixo, o Quadro 9 apresenta uma síntese do que foi falado pelo presidente durante a *live* e uma contextualização com cada categoria de análise.

QUADRO 9 - Análise da *live* do dia 26 de março de 2020

Categorias- C	Especificação
C1- Ciência	• Não foi pontuado nenhuma informação com dados científicos durante a <i>live</i>. • O presidente não informa, através de dados, números de mortes, vacinas e nem não aborda nenhuma conduta adotada pela OMS para o combate ao Coronavírus.
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	Ataques a governadores que decretaram <i>lockdown</i>: • Com 17 minutos e 43 segundos transcorridos do vídeo, o presidente afirma que: “Eu não “to” criticando governadores e prefeitos, pelo amor de Deus, fechar casa lotérica? Pelo amor de Deus.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Além desse exemplo de um decreto de prefeito, o presidente ao longo da <i>live</i> critica decretos que fecham o comércio, alertando para o desemprego. • Transcorridos 21 minutos de vídeo, o presidente afirma que “agora, pelo amor de Deus, tem, tem prefeitura com pouquíssimos

Categorias- C	Especificação
	habitantes, cinco, seis, sete mil habitantes. O prefeito está fazendo barbaridades. Parece que ele quer mostrar serviço. Isso é exagerar na dose, meu Deus do céu. E outra, as cidades com poucos habitantes a chance de ter uma contaminação é quase zero. E outra, o ambiente que eles vivem não é um ambiente fechado, é, quase como se fosse um confinamento, ajuntamento de gente não tem, não tem. Está certo?” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Seguindo nesse pensamento e discordando sobre <i>lockdown</i> proposto por vários governadores, prefeitos e preconizado pela OMS, o presidente afirma que “na última semana 3 milhões de pessoas perderam o emprego nos Estados Unidos, olha esse problema já começou aqui.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Transcorrido 22 minutos e 32 segundos, o presidente afirma que “essa neurose de fechar tudo não tá dando certo, você sabia que eu posso se alguém tiver um câncer eu posso curar seu câncer, eu mato todas as células cancerosas com quimioterapia, eu queimo tudo, se ela é boa, se ela é ruim, eu queimo tudo. É o que tá fazendo, para combater o vírus tão matando pessoas, mata o paciente. Aí o pessoal fala, a o cara é da economia, o cara tá preocupado com a economia. Meu amigo, sem grana tu morre de fome, morre de depressão. Suicídio, vem violência atrás

Categorias- C	Especificação
	disso, é uma relação direta entre o percentual de pessoas desempregadas e violência. Quanto maior número de desempregos, maior a violência.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Ataque à Imprensa: • Logo no começo do vídeo, com 39 segundos, o presidente afirma que deu uma coletiva de imprensa, antes de entrar para fazer a <i>live</i>, “coletiva de improviso, foi na íntegra agora na CNN, será que a Globo News vai botar na íntegra ou pegar aqueles pedacinhos?” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Aos 28 minutos e 31 segundos, o presidente pega uma caixa do remédio que está acima da mesa dele, e defende o uso para o combate à doença. Nesse momento, ele afirma que foi criado uma histeria em relação à doença, já que possui remédio para cura e faz um ataque a imprensa, para ele “essa histeria que foi plantada aqui no Brasil, não foi a imprensa não. Foi o saci-pererê plantou no Brasil né? (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C3- Desinformação	• Associar desemprego ao suicídio e violência, como na fala acima, também se caracteriza como desinformação, já que o presidente não apresenta nenhum dado científico para confirmar sua fala. • O fato de ter na mesa do presidente, durante toda a transmissão da <i>live</i>, duas caixas de

Categorias- C	Especificação
	remédios, que ele sempre pega em suas mãos e denomina como Cloroquina e Reuquinol já considera-se uma desinformação, pois esse tratamento, não foi reconhecido, até nos dias atuais, cientificamente ao logo da Pandemia e nem preconizado pela OMS. • O presidente, em sua fala, apresenta dados de um estudo sobre o contágio em pessoas abaixo de 40 anos sem comprovação. Além de trazer um dado apontado por infectologistas em relação a doença, também sem comprovação. • Com 2 minutos e 27 segundos de <i>live</i>, “esse vírus é uma chuva, fechou o tempo, trovoada, você vai se molhar. E vamos tocar o barco, não vou minimizar a gripe, sei que dizem os infectologistas que para 90% da população essa gripe é quase nada. Não vou falar aqui gripezinha né, só para me criticar, não vou falar gripezinha só vão me criticar. Mas é quase nada tá? A gente vê os estudos aí e quem tem menos de 40 anos às vezes infectado, a chance de óbito é a próximo a zero, se não me engano, 1 para cada 500 pessoas.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Passados 7 minutos e 58 segundos da <i>live</i>, o presidente afirma que durante uma vídeo conferência mundial, com países que formam o G20, o assunto tratado pelos países foi o vírus da Covid-19, “qual nome do vírus que eu esqueci? Coronavírus (risos)”. (2019-

Categorias- C	Especificação
	2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Neste momento, ele pega as caixas dos remédios que estão na sua mesa, e fala “nós sabemos que os americanos estão pesquisando esse remédio aqui ó, que é nosso, tá Reuquinol.” (20192022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Ainda seguindo a fala sobre o remédio, o presidente, com 9 minutos e 46 segundos, afirma que “e outra coisa, esse remédio aqui, sabe desde quando é usado no Brasil? Desde que eu nasci, em 1975. Então ele, a pessoa medicada corretamente não tem efeito colateral, medicada corretamente”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando em defesa do uso da Cloroquina, o presidente afirma que vários lugares do Brasil usam o medicamento como tratamento contra a Covid e tem resultados positivos. Porém, não apresenta nenhum estudo confirmando sua fala. • Com 29 minutos e 28 segundos de transmissão, ele pontua que “eu tenho falado, já tinha falado aqui, temos acompanhado de forma informal, a ANVISA, se não me engano hoje concedeu o protocolo, assinou o protocolo de pesquisa, a ANVISA definiu hoje. Do hospital lá Albert Einstein, em São Paulo, temos notícias que vários locais do Brasil, dezenas de locais do Brasil, que as pessoas tratadas. E tá dando certo, nada

Categorias- C	Especificação
	milagroso não, tem dado certo.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO) • Mais uma vez, levanta as caixas dos remédios e afirma “esse aqui, eu já não posso afirmar porque não sou médico e pesquisador, mas as informações que tenho que já deu certo e nós vamos vencer essa onda e o Brasil vai vencer.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C4-Informações Governamentais	• O presidente relata um investimento para que produzisse cloroquina, aos 10 minutos e 20 segundos de <i>live</i>, disse que pediu ao ministro da defesa que o exército produzisse cloroquina. “Conversei de novo com o ministro da defesa, aí como que está aí a fabricação desse material no laboratório, laboratório químico farmacêutico, exército lá no Rio de Janeiro? Ele falou que foi dada a ordem e tá a todo vapor”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • O presidente da Caixa, Pedro Guimarães, fala sobre investimentos hospitalares. Aos 13 minutos e 26 segundos Bolsonaro questiona o presidente da CEF, sobre investimentos nas Santas Casas, e o mesmo respondeu que foi reduzido a taxa de juros ao mês, aumentou o período de carência para pagamento de empréstimos de 3 para 6 meses. • Afirma Pedro Guimarães, “presidente nós também aumentamos no total 33 bilhões de reais de novas linhas de crédito semana passada nós já tínhamos oferecidas 78

Categorias- C	Especificação
	bilhões e hoje estamos anunciando no total 111 bilhões. Muito rapidamente 60 bilhões em capital de giro em especial para as pequenas e microempresas e aqui o Sebrae está conversando muito conosco. 40 bilhões de reais em compra de carteiras, carteiras diversas e 5 bilhões para Santas Casas e 6 bilhões para agricultura. (GUIMARÃES, Caixa Econômica Federal, 2021) • Informação que o governo pagou o 13º salário do Bolsa Família, no ano anterior e que será um pagamento definitivo, apenas esperando a Câmara e Senado aprovarem a medida. Afirmação feita por Bolsonaro, aos 27 minutos e 32 segundos da <i>live</i>. • O presidente, aos 15 minutos e 16 segundos, relata investimento feito pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social- BNDS na economia. “O BNDS acaba de injetar 55 bilhões na economia e anuncia a suspensão de cobrança de empréstimos por 6 meses”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com as falas do presidente nessa *live*, que completa um mês do aparecimento do primeiro caso de Covid-19 no país, reforça seu posicionamento contrário às medidas de isolamento social, fortalecendo seu pensamento de que a pandemia resulta de uma gripe comum, ou, como ele mesmo afirma, é uma “gripezinha”. O presidente apresenta críticas a decretos de prefeitos e governadores, e reforça que o tratamento com a Cloroquina tem resultado positivo no combate ao Coronavírus, sem apresentar comprovação científica.

Ao longo de toda a *live*, o presidente defende o uso da Cloroquina e mostra constantemente os remédios que estão sobre a mesa. Além de minimizar e, em vários momentos, ironizar a pandemia, há situações no vídeo em que o presidente “esquece” o nome do vírus: “qual o nome lá que eu esqueci?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Alguém atrás da câmera responde: “Coronavírus”. Então, o presidente, rindo, fala “Coronavírus.” A situação acontece aos 8 minutos e 32 segundos da *live*.

Nenhuma vez, durante o vídeo, o presidente discorre sobre o número de mortes no país, crescimento exponencial do contágio e medidas de cuidados que devem ser adotadas e que foram preconizadas pela OMS. Além disso, o presidente, durante toda a *live*, reforça o uso de medicamentos que não foram aprovados cientificamente para tratar a Covid-19, afirmando que os Estados Unidos pesquisam e aprovam esse medicamento, bem como a própria ANVISA, no Brasil. No entanto, não apresenta dados dessas pesquisas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

Já nos instantes finais da *live*, aos 32 minutos, o presidente segura as caixas de remédio em suas mãos e afirma sorrindo: “parece que Deus é brasileiro. Já... não posso afirmar porque não sou médico nem pesquisador, mas as informações que tenho, já deu certo. Já deu certo. E nós vamos vencer essa onda, e o Brasil vai vencer”. (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). O presidente credita a cura da Covid-19 ao uso da Cloroquina.

Em nenhum momento, durante toda a *live*, o presidente fala sobre vacina, estudos científicos e medidas preconizadas pela OMS para o combate ao Coronavírus, informações relativas à Categoria C1 – Ciência. No Brasil, durante uma entrevista coletiva¹⁴, concedida pelo então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, no dia 25 de março de 2020, um dia anterior à transmissão da *live* analisada, o ministro afirma que os medicamentos Cloroquina e Hidroxicloroquina serão usados no país para tratar pacientes em caso grave da doença Covid-19, e não deve ser administrado em todos os pacientes.

No dia 22 de maio de 2020, o Conselho Nacional de Saúde - CNS publicou uma nota¹⁵ que recomendou “a suspensão imediata das Orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da COVID-19, como ação de enfrentamento relacionada à pandemia do novo Coronavírus”. (BRASIL, 2020, p. 1).

¹⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-autoriza-uso-de-cloroquina-para-casos-graves-de-coronavirus>. Acesso em: 02 maio 2022.

¹⁵ Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1193-recomendacao-n-042-de-22-de-maio-de-2020>. Acesso em: 02 maio 2022.

Para confirmar que o CNS não adota o uso de Cloroquina e ou Hidroxicloroquina durante a pandemia de Covid-19 no país, em nota¹⁶ e através do envio de um ofício ao Ministério da Saúde, no dia 19 de janeiro de 2021, pediu a revogação de qualquer instrumento (nota técnica, nota informativa, orientações, protocolos ou ofícios) que incentive o uso de medicamentos para a Covid-19 sem eficácia e seguranças comprovadas e aprovadas pela ANVISA.

Seguindo a íntegra da nota,

o documento leva em consideração a nota informativa nº 9/2020-SE/GAB/SE/MS¹⁷ com orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da Covid-19, incluindo a indicação de dosagem de medicamentos como Difosfato de Cloroquina, Azitromicina e Sulfato de Hidroxicloroquina. (BRASIL, 2020, não paginado).

A partir dessa publicação, o CNS pediu a extinção de qualquer nota que recomende o uso de medicamentos citados no tratamento da Covid-19. Contudo, mesmo com a nota técnica e as orientações do Ministério da Saúde para o uso do “tratamento precoce” em pacientes com Covid-19, esse tratamento e o uso dos medicamentos defendidos não tiveram a comprovação da sua eficácia cientificamente. Por esse motivo, não foram recomendados pelo Conselho Nacional de Saúde e pelas autoridades da área médica, como Associação Médica Brasileira-AMB, conforme nota do dia 23 de março de 2021¹⁸.

Reafirmamos que, infelizmente, medicações como hidroxicloroquina/cloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e colchicina, entre outras drogas, não possuem eficácia científica comprovada de benefício no tratamento ou prevenção da COVID-19, quer seja na prevenção, na fase inicial ou nas fases avançadas dessa doença, sendo que, portanto, a utilização desses fármacos deve ser banida (AMB, 2021, não paginado).

Tendo como base as informações divulgadas por órgãos de saúde, confirma-se que o uso desses medicamentos, defendidos pelo presidente, e muito preconizado durante toda a *live* analisada, promovem a desinformação, pois não apresentam comprovação científica e não são adotadas para tratamento da doença pela OMS, e nem pela ANVISA no Brasil.

O presidente não apresentou dados oficiais sobre os números de mortes pela Covid-19 no país. Então, a obtenção desses dados baseou-se em informações publicadas pelo Consórcio

¹⁶ Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1570-cns-pede-que-ministerio-da-saude-retire-publicacoes-sobre-tratamento-precoce-para-covid-19>. Acesso em: 02 maio 2022.

¹⁷ Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/go/sala-de-imprensa/docs/not2496%20-%20Nota%20Informativa%20MS-nr%209.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.

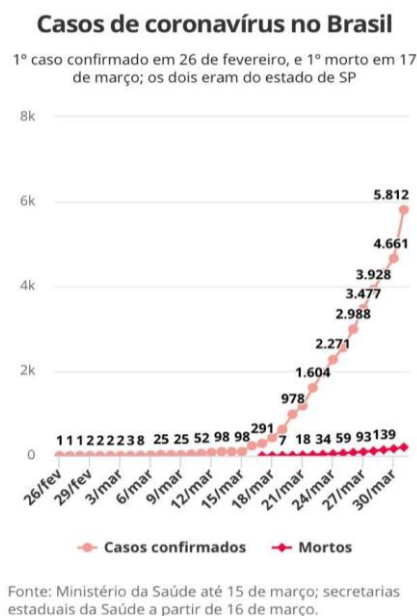
¹⁸ Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contr-covid-19-deve-ser-banido/>. Acesso em: 02 maio 2022.

de Veículos de Imprensa, criado no mês de junho de 2020 para tornarem públicas as informações acerca da pandemia no Brasil e em resposta à decisão do presidente sobre não publicizar tais dados.

O Consórcio é formado pelos veículos de comunicação G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL, que atuaram com o objetivo de divulgar informações como número de mortes, casos da doença e vacinação da Covid-19 em todo o país, desde o começo da pandemia. Assim, para apresentar o número de mortes no Brasil, no período das *lives* analisadas, tem-se como fonte os dados publicados por esse Consórcio de Imprensa, que foram extraídos do site G1.

De acordo com a matéria publicada pelo G1¹⁹, em 31 de março de 2020, o Ministério da Saúde confirmou 201 mortes por Covid-19 no Brasil e 5.717 casos confirmados da doença. Ainda segundo a matéria, “O avanço da doença está acelerado: foram 25 dias desde o primeiro contágio confirmado até os primeiros 1000 casos (de 26 de fevereiro a 21 de março). No entanto, os outros 2.000 casos foram confirmados em apenas seis dias (de 21 a 27 de março)”. (G1, 2020, não paginado). Na Figura 4, de acordo com a matéria citada, segue o aumento de casos de Coronavírus no país, no período do mês de março de 2020.

FIGURA 4 - Casos de Coronavírus no Brasil



Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>

Percebe-se, com a Figura 4, o crescimento acelerado no número de casos da doença no Brasil, no período temporal da *live* analisada. O presidente Bolsonaro não apresenta

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2022.

preocupações com a doença ao longo da *live*, sempre tratando-a como uma “gripezinha”, além de defender o uso de um tratamento que não foi reconhecido pela área médica e nem pela OMS.

5.2.2 *Live* do dia 25 de fevereiro de 2021

A *live* do dia 25 de fevereiro de 2021²⁰ teve 28 minutos e 20 segundos de duração, e contou com as participações, sentados da esquerda para a direita, do presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, do presidente Jair Bolsonaro (ao centro) e da intérprete de Libras, Elisângela. Sobre a mesa, vários objetos estavam dispostos, como copo, canetas, papéis espalhados e celular. Atrás dos participantes, uma estante cheia de livros.

Para melhor contextualizar as falas do presidente atinentes à pandemia, o Quadro 10 apresenta uma síntese do que foi falado pelo presidente durante a *live* e contextualização com cada categoria de análise.

QUADRO 10 - Análise da *live* do dia 25 de fevereiro de 2021

Categorias C	Análise
C1- Ciência	• Em nenhum momento da <i>live</i> o presidente Bolsonaro apresenta informações científicas e comprovadas acerca da pandemia. • Não apresenta nenhuma conscientização pública com informações para o seguidor/cidadão importantes no tocante ao Coronavírus, bem como número de mortes, vacinas, <i>lockdown</i>.
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	Ataques a governadores que decretaram <i>lockdown</i>: • Quando discorre sobre o auxílio emergencial, passados 22 minutos da <i>live</i>, o presidente faz uma crítica aos decretos de governadores e prefeitos.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/698380240842899> Acesso em: 25 jan. 2021

Categorias C	Análise
	• Afirma o presidente, “com aquela política de feche tudo e vá pra casa, é muito bacana pra quem tem dinheiro, pra quem tem uma boa poupança, pra quem tem um salário fixo garantido aí todo mês, mas agora pra na verdade mais de 40 milhões de pessoas que foram obrigadas a ficar em casa, aquilo foi um desastre. Então, esse programa do governo atendeu essas pessoas por cinco meses. 600 reais por mês ajudou bastante, não há dúvida, e depois foram mais quatro meses 300 reais por mês. Tem muita gente aí ainda que quer que a gente continue com isso eternamente. Isso não é dinheiro que está no cofre, está lá no Banco do Brasil, na Caixa Econômica, isso é endividamento, né? Hoje em dia nossa dívida interna está na casa dos cinco trilhões de reais. É uma coisa enorme. E temos que conviver com isso daí.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando em sua fala, “agora, a população quer, né, voltar a trabalhar. Infelizmente um ou outro governador, um ou outro prefeito, ainda teima em baixar decretos obrigando essas pessoas a ficarem em casa. Agora, quem quer auxílio emergencial e a cidade está fechada, vão cobrar do prefeito, o prefeito fazer auxílio emergencial. Vão cobrar do respectivo governador, já que ele quer que você fique em casa eternamente e quer mandar a conta pra nós pagarmos. Eu teria o maior prazer de

Categorias C	Análise
	pagar eternamente um salário pra todo mundo, todo mundo vivendo numa boa em casa, sem trabalhar, né, mas isso não existe. Isso não existe, né?! E se essa política demorar muito, as consequências danosas vem pra economia como um todo. E o que nós queremos? A volta da normalidade.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C3- Desinformação	• Transcorridos 10 minutos e 28 segundo de <i>live</i>, o presidente menciona pela primeira vez sobre o assunto da Pandemia, e apresenta um estudo sem comprovação, por uma Universidade alemã, dos “efeitos colaterais” do uso de máscaras em crianças. • Em sua fala, “pessoal, começa a aparecer estudos aqui, não vou entrar em detalhe, né, sobre o uso de máscaras que num primeiro momento aqui uma universidade alemã fala que elas são prejudiciais a crianças, né? E levo em conta vários itens aqui como irritabilidade, dor de cabeça, dificuldade de concentração, diminuição da percepção de felicidade, recusa em ir pra escola ou creche, desânimo, comprometimento da capacidade de aprendizado, vertigem e fadiga. Então começa a aparecer aqui os efeitos colaterais das máscaras, ok? Não vou entrar em detalhe porque tudo deságua em críticas em cima de mim, né? E eu tenho a minha opinião sobre máscara, cada um tem a sua, mas a gente aguarda um estudo, né, mais aprofundado

Categorias C	Análise
	sobre isso por parte de pessoas competentes.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C4-Informações Governamentais	• Informações sobre o pagamento do auxílio emergencial, o presidente, com 17 minutos e 23 segundos de <i>live</i> afirma, “foram 68 milhões de pessoas. É um trabalho realmente de cadastramento e abertura de contas das pessoas, que ficou, que afeta a você então.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Completando essa informação, o presidente da CEF responde ao presidente, “A gente, isso é importante, em cinco dias nós já tínhamos pago seis milhões de pessoas, em vinte dias, 50 milhões foram pagos e os mais humildes, presidente. Foi o maior programa de inserção social, econômico, digital, que se tem notícia, certamente no hemisfério ocidental.” (GUIMARÃES, Caixa Econômica Federal, 2021) • Ainda trazendo informações do Auxílio Emergencial, o presidente, aos 23 minutos e 14 segundos da <i>live</i>, afirma, “eu estive hoje com o Paulo Guedes, a princípio, né, o que deve ser feito a partir de março, por quatro meses, é 250 reais de auxílio emergencial. Então, é isso que está sendo disponibilizado, está sendo conversado ainda, em especial com os presidentes da Câmara e do Senado porque a gente tem que ter certeza do que nós acertarmos, né, que vai ser em conjunto, não

Categorias C	Análise
	vai ser só eu e a equipe econômica, vai ser junto com o legislativo também. Na ponta da linha aquilo seja honrado por todos nós, porque nós, a nossa capacidade de endividamento está, acredito, no limite. Então, é mais quatro meses pra ver se a economia pega de vez, pega pra valer. A gente espera no final desses quatro meses ter uma nova proposta pro Bolsa Família, né?! Como é que vai ser o Bolsa Família a partir de julho? Essa que é a nossa intenção e trabalhamos nesse propósito. (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Seguindo com informações na área econômica, Bolsonaro discorre sobre o PRONAMP, transcorridos mais de 21 minutos do vídeo, “outras ações são implementadas pelo governo federal pra evitar um caos no Brasil, entre elas o PRONAMP. Um programa aí que atendeu as pequenas e microempresas. Até que a ideia não foi nossa, foi de um senador de Santa Catarina, o Jorginho Melo, muito bem-vindo. Como temos agora o tal do MEI Caminhoneiro, que é um projeto do Jorginho Melo, também de Santa Catarina, que nós já conversamos com a economia, já foi aprovado lá no Senado e falta a sua aprovação na Câmara”. (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continua o presidente, “então, a gente procura atender a todas as classes que

Categorias C	Análise
	necessitam e o governo federal está na eminência de publicar o, eu acho que é o Refis do pessoal aí dos bares e restaurantes, que também estão numa situação bastante complicada, em especial no Estado de São Paulo, que se não bastasse isso, o estado de São Paulo também aumentou o ICMS de quase tudo, inclusive dos combustíveis. Inclusive dos combustíveis. Então, é papel do governo federal, no momento difícil que ainda sentimos alguns reflexos, né, buscar atender a população pra que ela não seja colapsada”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Complementando a fala de Bolsonaro, Pedro Guimarães, aos 22 minutos e 10 segundos pontua, “Presidente, é comentando essa questão do PRONAMP, a Caixa emprestou para mais de 300 mil empresas, e a grande maioria não eram clientes da Caixa. Então, este programa ainda ajudou o crescimento da Caixa Econômica Federal e estas empresas, microempresas e pequenas continuam tendo relacionamentos. Então o quê que é importante? Um programa que foi utilizado pra resolver uma situação específica continua daqui pra frente, como foi também o auxílio, que nós tivemos mais 35 milhões de clientes e continuamos ofertando produtos pra eles.” (GUIMARÃES, Caixa Econômica Federal, 2021)

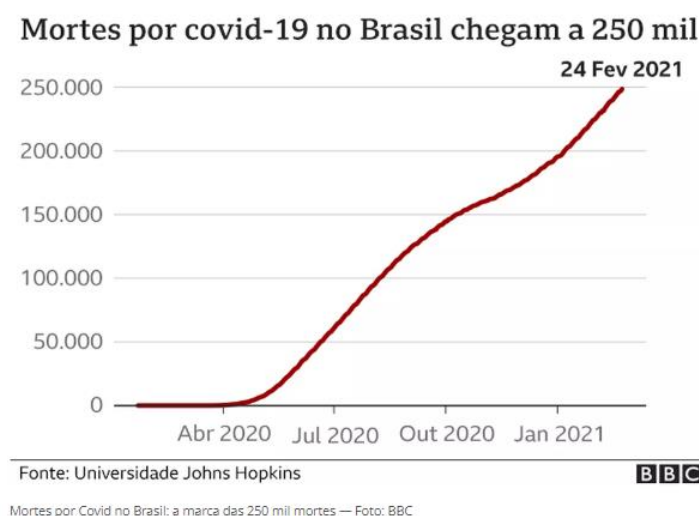
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme demonstrado no Quadro 10, até 10 minutos do vídeo, o presidente Bolsonaro não toca em nenhum assunto relativo à pandemia, e, quando o faz, aos 10 minutos e 23 segundos, fala sobre um estudo alemão que confirma que o uso de máscaras tem efeito colateral em crianças. Essa fala do presidente foi bastante repercutida de forma negativa nos veículos de comunicação de massa, análise que será demonstrada no próximo tópico sobre análise das notícias.

Durante vários momentos do vídeo, quando Bolsonaro discorre acerca do auxílio emergencial, ele critica decretos de governadores e prefeitos, denominando-os de “política do fique em casa.” Inclusive, conforme demonstrado no quadro, na Categoria C2, o presidente afirma que a população deve cobrar dos prefeitos e governadores que paguem o auxílio emergencial, já que eles são responsáveis por esses decretos, demonstrando em suas afirmações que é contrário a essa medida. Em nenhum momento, o presidente afirma que essa medida é importante para a contenção do Coronavírus, contrapondo-se ao que foi estabelecido pela OMS.

Durante toda a *live*, o presidente não fala sobre vacinas, estudos científicos e medidas preconizadas pela OMS para o combate a pandemia de Covid-19, informações relativas à Categoria C1 – Ciência. Com isso, para contextualizar esses dados, é indispensável trazer informações veiculadas pelo Consórcio de Veículos da Imprensa, tendo como fonte o site G1.

Abaixo, na Figura 5 está ilustrado o número de mortes somadas no Brasil desde o começo da pandemia de Covid-19 até o dia 24 de fevereiro de 2021, um dia anterior à transmissão da *live* analisada.

FIGURA 5 - Mortes por Covid-19 no Brasil chegam a 250 mil

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/25/250-mil-mortos-por-covid-grafico-mostra-a-dimensao-da-perda-de-vidas-na-pandemia-no-brasil.ghtml>

De acordo com a matéria veiculada pelo site G1²¹, no mesmo dia da transmissão da *live*, o Brasil registra recorde de números de mortes, conforme Figura 6:

FIGURA 6 - Mortes por Covid-19 no Brasil em 25/02/2021

Brasil, 25 de fevereiro

- **Total de mortes:** 251.661
- **Registro de mortes em 24 horas:** 1.582
- **Média de novas mortes nos últimos 7 dias:** 1.150 (variação em 14 dias: +8%)
- **Total de casos confirmados:** 10.393.886
- **Registro de casos confirmados em 24 horas:** 67.878
- **Média de novos casos nos últimos 7 dias:** 52.177 por dia (variação em 14 dias: +15%)

Estados

- **Subindo (12 estados):** PR, RS, SC, RJ, AC, PA, BA, CE, MA, PB, PI e RN

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/25/brasil-bate-recorde-de-mortes-por-covid-19-registradas-nas-ultimas-24-horas-1582.ghtml>

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/25/brasil-bate-recorde-de-mortes-por-covid-19-registradas-nas-ultimas-24-horas-1582.ghtml> Acesso em: 26 out. 2022.

De acordo com a Figura 6, doze estados brasileiros apresentam crescimento do número de mortes pela doença. Assim, o número diário de mortes chega a 1.582, totalizando mais de 250 mil mortes pela Covid-19, sendo um número que confirma que, no país, as mortes vêm aumentando. Com esse cenário demonstrado pelas matérias publicadas pelo G1, confirma-se o aumento de mortes no país, com tendência de crescimento. Mesmo com esses números, o presidente em sua *live* não apresenta esses dados, não se solidariza com as famílias das vítimas e nem discorre sobre medidas de segurança para conter o avanço da pandemia no Brasil.

Quando fala sobre medidas preconizadas pela OMS, faz críticas aos governadores e prefeitos por conta das medidas tomadas, as quais, em sua visão, “mais de 40 milhões de pessoas foram obrigadas a ficarem em casa, aquilo foi um desastre.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Ao falar do uso das máscaras, apresenta um estudo sem comprovação do uso pelas crianças, afirmando que existe “um efeito colateral das máscaras.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Como o presidente não apresenta em sua *live* dados sobre a vacinação no país, com base na matéria publicada pelo G1²², no dia 25 de fevereiro de 2021, apresenta-se o número de vacinados no Brasil, conforme Figura 7.

FIGURA 7 - Vacinação no Brasil em 25/02/2021

Brasil, 25 de fevereiro

- **Total de pessoas que receberam ao menos uma dose:** 6.338.137 (2,99% da população)
- **Total de pessoas que receberam duas doses:** 1.750.781 (0,83% da população)
- **Total de doses aplicadas:** 8.088.918 (57,98% das doses recebidas pelos estados)
- **Divulgaram dados novos (24 estados e o Distrito Federal):** AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PB, PE, PI, PR, RJ, RO, RN, RS, RR, SE, SP e TO
- **Divulgaram dados em dias anteriores (2 estados):** AC e SC

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/02/25/brasil-ja-aplicou-ao-menos-uma-dose-de-vacina-em-mais-de-633-milhoes-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/02/25/brasil-ja-aplicou-ao-menos-uma-dose-de-vacina-em-mais-de-633-milhoes-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2022.

Durante essa *live* analisada, o presidente não apresenta números acerca da pandemia no país, não discorre sobre formas de se evitar a contaminação, não apresenta dados da vacinação e nem relata sobre o aumento de casos da doença e mortes.

Com isso, afirma-se que Bolsonaro não se utiliza da *live* para conscientizar e informar os cidadãos/seguidores acerca da pandemia. Pelo contrário, o presidente critica medidas importantes adotadas pela OMS, como o isolamento social e uso de máscaras. Quanto ao uso de máscara, com base em um estudo que não tem comprovação científica, menciona a desimportância dessa prática, caracterizando como desinformação.

5.2.3 *Live* do dia 18 de março de 2021

A terceira *live* analisada foi a do dia 18 de março de 2021²³ e teve a participação, sentados da esquerda para a direita, do presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Pedro Guimarães, do presidente Jair Bolsonaro e da intérprete de libras, Elisângela. A *live* foi dividida em duas partes, totalizando 53 minutos e 42 segundos de duração.

Em cima da mesa tinha vários objetos, como documentos, papéis, copo, canetas da marca BIC e microfone lapela. Em alguns momentos do vídeo, o presidente pega alguns desses papéis e mostra para a câmera. Ao fundo, uma parede branca.

Abaixo, o Quadro 11 apresenta uma síntese do que foi falado pelo presidente durante a *live* e contextualização com cada categoria de análise.

QUADRO 11 - Análise da *live* do dia 18 de março de 2021

Categorias C	Análise
C1- Ciência	• Número de vacinação no país, investimentos em UTIS e envio de cilindros de oxigênio: Fala do presidente, aos 9 minutos e 20 segundos de <i>live</i>, “Nós somos o 5º país em valores absolutos. Nós já distribuimos 24 milhões de vacinas, foram aplicadas aproximadamente 12 milhões, eu tenho 12 milhões de vacinas que está nos

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1127669571029884>. Acesso em: 02 maio 2021.

Categorias C	Análise
	Estados para vacinar as pessoas, também fechamos um acordo com a Pfizer e com a Janssen para comprar 138 milhões de doses.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Outra informação apresentada pelo presidente, foi que recebeu, em um dia anterior da <i>live</i>, “4 milhões de doses de vacinas do Butantã, na próxima semana, terça feira tá previsão de chegar mais 4 milhões de doses.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Com 12 minutos e 6 segundos de transmissão, o presidente fala de envio de oxigênios para o estado do Acre, atendendo ao pedido do governador, e juntamente com o ministro da Saúde enviaram rapidamente cilindros de oxigênio para o estado. • Outra informação abordada pelo presidente, é o número de investimentos em leitos de UTI para São Paulo, de acordo com o presidente, “foi liberado 77 milhões para 1.600 leitos, então leito de UTI não falta, o governo dá o recurso e o governador monta.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Além dessa informação que atende o governo de São Paulo, o presidente salienta que para os outros Estados tem disponível mais 188 milhões de reais, exclusivos para abertura de leitos de UTI.

Categorias C	Análise
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	Ataques a governadores que decretaram <i>lockdown</i>: • O presidente, com 45 minutos e 31 segundos, afirma que “tem gente que quer ir visitar um parente que está passando mal de noite e é impedido é multado, isso é um abuso. São essas pessoas que baixam esses decretos, são projetos de ditadores aquilo que sempre me acusavam fazem exatamente, né? São exatamente pessoas que acusam os outros o que elas são. (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Essa fala critica decretos de prefeitos e governadores do país que instituem o <i>lockdown</i> para conter o avanço da Pandemia. Ataques à Imprensa: • Aos 35 minutos e 36 segundos do vídeo, o presidente ao comentar uma matéria, que ele atribui a Folha de São Paulo, que o define como “genocida” e de acordo com ele, “outros adjetivos”, o presidente afirma que “que genocida o que? Essa imprensa brasileira? Isso é saudade de corrupção, é o fim da teta, acabou o dinheiro público jogado fora.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Outra crítica que o presidente faz a imprensa, passados mais de 36 minutos do vídeo, ele afirma que se der dinheiro para os veículos Globo, Folha de São Paulo, acaba a crítica ao seu governo.

Categorias C	Análise
	• Segundo sua fala, “vai, tem gente da Folha de São Paulo, do Globo, né, Antagonista me ouvindo, eu sei que está anotando aí, pegando uma frase perdida pra me massacrar amanhã na imprensa. Mas não tem problema, eu tenho um compromisso com o Brasil. Se eu pensasse em reeleição eu não estaria agindo dessa maneira. Eu acabo praticamente com toda notícia ruim da imprensa no tocante a Covid. Eu acabo. Essa eu jogo pro Pedro aqui. Pedro, missão. Quinhentos milhões pra Globo de propaganda, você é do Banco do Brasil, quinhentos milhões pra Folha de São Paulo de propaganda. Gasto três bilhões de reais, acaba!” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C3- Desinformação	• Transcorrendo a <i>live</i>, com 18 minutos e 45 segundos, o presidente em sua fala, faz uma relação do tratamento da AIDS e o tratamento inicial da COVID-19. • O presidente associa o “tratamento inicial” da Covid, que ele defende que deve ser feito por Cloroquina, não é aceito porque ainda não é comprovado cientificamente, bem como o tratamento no começo da Aids, por AZT, na década de 80. Porém ele afirma que no tratamento da AIDS, “ninguém criminalizou o AZT, e por que isso?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continua em sua fala, “e agora? Tem se aí o tratamento é inicial, se falar da palavra é crime, né? Então falar tratamento inicial.

Categorias C	Análise
	Você passou mal tá com um pouco de dor de cabeça, dor nos olhos um pouco de febre e resfriado vai para o médico imediatamente alguns nem vão ne? Já tomam logo um remédio para matar piolho, vou falar o nome também não pode. Então isso é uma maneira de você, se observar o que está acontecendo o apelo que eu faço aí que aqui a conta tá sem problemas, eu tô começando a sentir um negócio esquisito lá, tu segue aí a receita do ministro Mandetta, você vai para casa quando você tiver lá (o presidente nesse momento imita uma pessoa com falta de ar) com falta de ar você vai para o hospital, então eu perguntei para o Mandetta na época Mandetta. O cara que sentir falta de ar vai para o hospital para fazer o que? Para ser entubado. Meu Deus do céu se existe uma possibilidade igual AZT no passado que no primeiro momento deu certo. Se existe outra forma exatamente faça uso disso”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). •O presidente, seguindo em sua fala, relaciona o tratamento precoce, tendo como base a Cloroquina, a diminuição de mortes no país. Para ele, “o Brasil acho que 22° ou 23° em mortes por milhão de habitantes. Países de primeiro mundo têm mais mortes por milhões de habitantes do que o próprio Brasil. Então aqui está dando certo. Aqui, alguma coisa está acontecendo.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Categorias C	Análise
	• Com 24 minutos e 36 segundos de <i>live</i>, o presidente afirma que “o tratamento inicial então é bem- vindo, é uma esperança.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Com 27 minutos e 33 segundos o presidente defende a nebulização por Cloroquina, porém sem citar o nome Cloroquina, “nebulização com o negócio” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Seguindo na defesa da nebulização, o presidente afirma que 60% dos casos de intubação que ocorrem por Covid-19 a “pessoa não volta mais”. Dado esse não confirmado cientificamente. • Quando o presidente fala sobre desemprego por conta da Pandemia, ele afirma que a pessoa pode ter depressão. “Estou assistindo pessoas praticando suicídio, lá em Salvador, em Fortaleza” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Aqui o presidente associa desemprego, causado por decretos estaduais que ele chama do “fique em casa” com o número de casos de suicídio, porém sem comprovação científica novamente. • Com 33 minutos de <i>live</i>, o presidente afirma que irá apresentar um projeto no Congresso Nacional para definir o que é trabalho essencial, que para ele “atividade essencial é toda aquela necessária para você levar um pão para dentro da sua casa.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Neste ponto, o

Categorias C	Análise
	presidente se posiciona contrário ao <i>lockdown</i>. • Com 32 minutos de <i>live</i>, defende o isolamento vertical “para quem tem doenças, comorbidades, gordinhos, obesos, o resto da população tem que voltar a normalidade” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • O presidente, ainda falando sobre <i>lockdown</i> afirma “e eu sempre preguei lá atrás o isolamento vertical.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Passados 48 minutos e respondendo a pergunta de um jornalista, que ele apresenta como Fiuza, sem dizer o meio de comunicação que representa, o presidente volta a ser contrário ao <i>lockdown</i> ou para ele “a política do fique em casa”. • Segundo afirma, “isso tem que ser uma responsabilidade de quem fecha, o <i>lockdown</i> eu tenho visto vocês falarem no programa. A nossa querida OMS né? Um dos seus diretores falou aqui o <i>lockdown</i> não funciona, serve apenas para uma coisa: deixar o pobre mais pobre.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Porém nesta fala, não apresenta o nome do diretor da OMS que faz essa afirmação.
C4-Informações Governamentais	• Informações sobre o auxílio emergencial foram faladas pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães.

Categorias C	Análise
	• Pagamento via banco virtual, para evitar aglomeração, atendendo 68 milhões de pessoas, segundo afirma Bolsonaro com 50 minutos e 48 segundos de transmissão. • Contratação de novos funcionários para trabalharem na Caixa Econômica Federal, mais de 7700 pessoas, conforme aponta Pedro Guimarães, para agilizar o atendimento e pagamento do auxílio emergencial. Além de abertura de mais de 76 agências, informação também passada por Guimarães, com 46 minutos de transmissão. • Informações acerca da PEC Emergencial, relativos aos investimentos do auxílio emergencial. Afirma o presidente, “e agora essa PEC permitiu, né, que nós pudéssemos enviar duas medidas provisórias à Câmara, concedendo o auxílio emergencial por quatro meses que equivale a uma despesa, a um endividamento de 44 bilhões de reais.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com relação às falas do presidente, relacionadas na categoria de análise C1 - Ciência, o presidente não apresenta detalhes do acordo com os fornecedores de vacina, como valores, data de chegada das vacinas no Brasil, entre outras informações. Ademais, não apresenta comprovadamente o dado que o Brasil é o quinto país que mais vacina em números absolutos no mundo, conforme afirma.

Mesmo sem comprovar a sua fala, o presidente apresenta quantitativo de vacinas aplicadas no Brasil e, de uma forma genérica, fala sobre contrato de novas compras e investimentos em UTIs, mas sem trazer nenhum documento ou registro para confirmar os números apresentados. No tocante à vacinação, o presidente discorre que: “é muita gente

reclamando né? Quero vacina. Eu também quero, eu quero que você me diga onde é que tem vacina para vender”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Durante a *live*, Bolsonaro, em nenhum momento, apresenta o número de mortes oficial por Covid-19 no Brasil e nem lamenta as mortes causadas pela doença.

Na categoria C1 - Ciência, não foi ponderado pelo presidente assuntos que apresentam dados científicos acerca da pandemia, como estudos científicos comprovados e reconhecidos, conduta adotada no discurso da OMS, ou conscientização pública, com informações para o cidadão/seguuidor no tocante à pandemia. Foram identificados, ainda que de uma forma superficial e sem comprovações de documentos ou contratos, assuntos de interesse público, como: número de vacinação no país e compras de vacinas e informações hospitalares, como investimentos em UTIs para os estados.

Na Categoria C2 - Ataque a Instituições Públicas e Imprensa, o presidente confirma em vários momentos da *live* que não é a favor da política do “fique em casa” e critica governadores e prefeitos que assinaram decreto que efetivaram o *lockdown*. No começo da transmissão, o presidente afirma: “a gente quer paz, liberdade e acima de tudo o povo disse nas ruas que quer trabalhar.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Nessa fala, aos 2 minutos de *live*, o presidente já se posiciona contrário ao *lockdown*, medida preconizada pela OMS para combater a disseminação da Covid-19.

Já nas análises feitas das falas do presidente na categoria C3 - Desinformação, fica claro que Bolsonaro continua defendendo o tratamento precoce ou, como ele fala, “tratamento inicial” feito com Cloroquina, mesmo sem apresentar comprovação de estudos científicos. Com um ano transcorrido da pandemia, o presidente ainda defende o tratamento precoce e critica a postura do seu ex-ministro da saúde, Henrique Mandetta, que era contrário a esse tratamento.

Com 20 minutos e 39 segundos transcorridos da *live*, o presidente, ao falar do ex-ministro, imita uma pessoa com falta de ar. Essa postura repercutiu significativamente nos veículos de comunicação de massa de forma negativa. Além da defesa da Cloroquina, o presidente defende a nebulização para o tratamento da Covid-19, sendo que essa nebulização com Cloroquina não tem nenhuma comprovação científica por estudos e pela OMS. O presidente também critica o distanciamento social, medida preconizada pela OMS no combate à pandemia.

Já na categoria C4 - Informações Governamentais, o presidente apresenta, juntamente com o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, informações acerca do auxílio emergencial, novas contratações da Caixa e abertura de novas agências em todo o país, com o

intuito de não gerar aglomeração no pagamento do auxílio ao cidadão. Essas informações são importantes e foram repassadas no transcorrer da *live*.

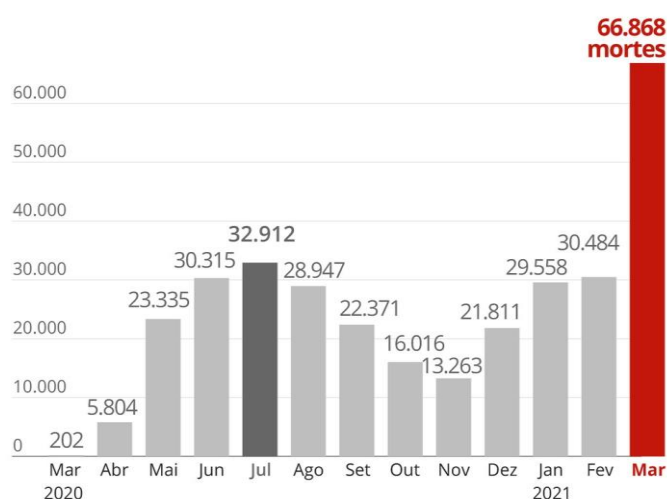
Para contextualizar o número de mortes no mês de março de 2021, foram extraídas informações jornalísticas do site do G1²⁴, tendo como fonte os dados publicados pelo Consórcio de Veículos da Imprensa.

Segue abaixo, conforme Figura 8, infográficos elaborados pelo Consórcio de Veículos de Imprensa e publicizados pelo site G1. Esses infográficos demonstram o aumento de casos de Covid-19 no país, no mês de março de 2021, sendo este o mês mais mortal da pandemia no Brasil, com aumento expressivo no número da média de mortes. Para fins de cálculo dessa média, foi contabilizado o número de mortes dos últimos sete dias.

FIGURA 8 - Infográficos de mortes por Covid-19

Março de 2021 é o mês mais letal

Veja o comparativo mês a mês



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde

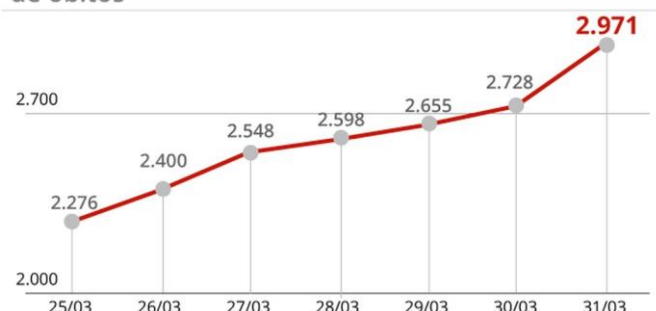


Infográfico elaborado em: 31/03/2021

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/31/brasil-registra-quase-4-mil-mortes-por-covid-no-dia-e-fecha-pior-mes-da-pandemia-com-668-mil-obitos.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2022.

Média de mortes nos últimos 7 dias

País chega a 4 dias com recorde na média móvel de óbitos



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde



Infográfico elaborado em: 31/03/2021

Fonte: <https://g1.globo.com/google/amp/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/31/brasil-registra-quase-4-mil-mortes-por-covid-no-dia-e-fecha-pior-mes-da-pandemia-com-668-mil-obitos.ghtml>

Com esses dados publicizados pelo site G1, o crescimento de mortes no país com o avanço da pandemia é evidente, porém, mesmo com esse aumento, o presidente, em sua *live*, não menciona esses números, não se solidariza com essas mortes e não utiliza a *live* para trazer informações que possam conscientizar e informar os cidadãos/seguidores sobre o contágio e possível diminuição da letalidade da doença.

Em vários momentos do vídeo, conforme demonstrado no Quadro 10, insiste em defender o tratamento por Cloroquina, ou, como chamado por ele, de “tratamento precoce”, que não foi aprovado pela OMS e nem pelas agências de saúde do Brasil, em conformidade com as notas descritas anteriormente. O uso da nebulização por Cloroquina e de outras medidas bastante debatidas pelos meios de comunicação de massa será analisado no tópico posterior.

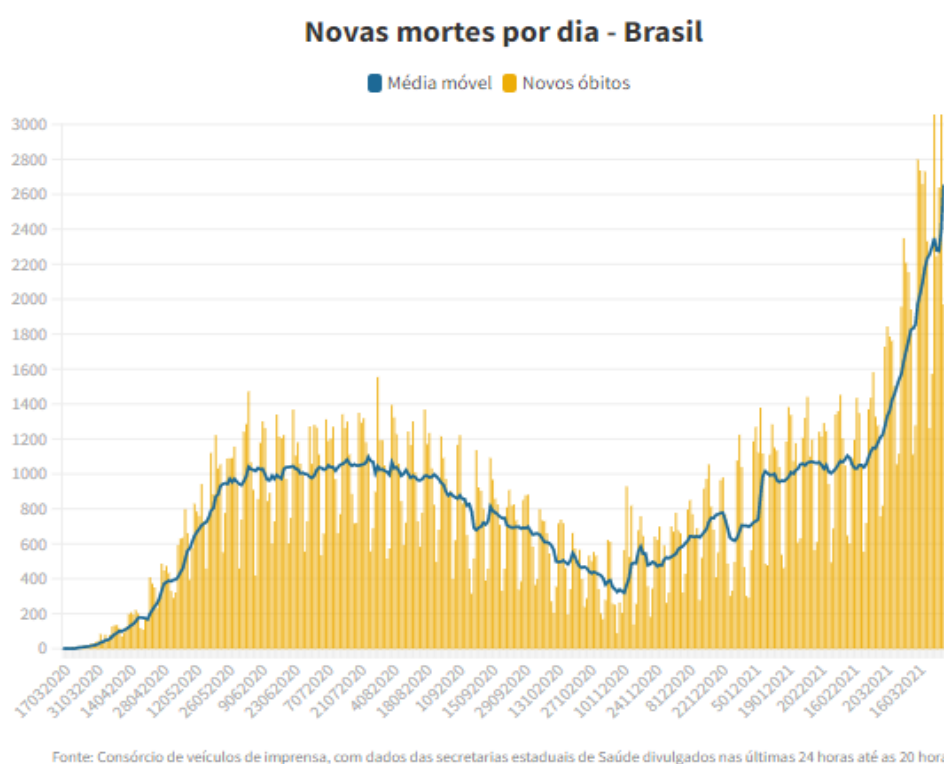
Confirmando a postura do presidente, aos 22 minutos e 16 segundos de *live*, Bolsonaro questiona: “agora você que não quer o tratamento inicial, você não quer tomar aquele remédio de matar piolho que não mata ninguém fique na tua. Deixa a pessoa que quer tomar ouvindo seu médico que tome. Poxa, eu tomei o meu.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Em vários momentos da *live*, o presidente volta a defender o uso da Cloroquina no combate à Covid-19, além de criticar medidas impostas por governadores e prefeitos para manter o distanciamento social. Em suas falas, o presidente recorrentemente defende o tratamento com Cloroquina e, em nenhum momento, faz menção a importância da vacinação.

Seguindo com a defesa do uso da Cloroquina para combater a doença, o presidente relaciona o tratamento precoce à diminuição de mortes no país, dado que é contrário ao que foi

apresentado na Figura 8, extraído do site do G1, que confirma que o mês de março foi o mais letal da pandemia no Brasil.

Para confirmar o crescimento das mortes causadas pela pandemia, a Figura 9, publicizada pelo Consórcio de Veículos de Imprensa e publicado pelo site UOL Notícias, contextualiza o crescimento do número de mortes no país, com recorte temporal de um ano, desde 17 de março de 2020 até o dia 16 de março de 2021, dois dias antes da terceira *live* analisada neste estudo.

FIGURA 9 - Infográfico de mortes por Covid-19, com recorte temporal de 1 ano



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/25/covid-19-coronavirus-mortes-casos-25-de-fevereiro.htm>

Esse infográfico reafirma informações já apresentadas e confirma que o mês de março de 2021 foi bastante letal, com recordes de mortes no país e aumento da média móvel de mortes. O recorte temporal abordado no gráfico contempla as três *lives* analisadas neste estudo.

Assim, constata-se que o número de mortes no país cresceu no período das três *lives* analisadas e que o presidente, conforme quadros 9, 10 e 11, não apresenta esses dados em seus vídeos e nem preocupação com essas mortes em suas falas, sempre minimizando a letalidade

da pandemia, não incentivando a vacinação e não apresentando medidas importantes preconizadas pela OMS.

5.2.4 *Live* do dia 06 de maio 2021

A quarta *live* analisada foi a do dia 06 de maio de 2021²⁵, a qual teve a participação, sentados da esquerda para a direita, do presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Pedro Guimarães, do presidente Jair Bolsonaro e da intérprete de Libras, Elisângela. A *live* teve 48 minutos e 13 segundos de duração.

Em cima da mesa havia vários objetos, como documentos e papéis, além dos óculos do presidente, que ele alternava em colocar no rosto ou deixar sobre a mesa. Em alguns momentos do vídeo, o presidente pega alguns desses papéis e mostra para a câmera, referenciando matérias impressas de veículos de imprensa. Ao fundo, uma estante com livros.

Abaixo, o Quadro 12 apresenta uma síntese do que foi falado pelo presidente durante a *live*. As falas são contextualizadas com cada categoria de análise.

QUADRO 12 - Análise da *live* do dia 06 de maio de 2021

Categorias - C	Análise
C1 – Ciência	• Em nenhum momento da <i>live</i>, o presidente Bolsonaro apresenta informações científicas e comprovadas acerca da pandemia. • Não apresenta nenhuma conscientização pública com informações para o seguidor/cidadão importantes no tocante ao combate ao Coronavírus, bem como número de mortes. • No final da <i>live</i>, transcorridos 36 minutos e 34 segundos, quando critica a CPI da Covid, o presidente afirma que o Brasil é o 4º país do mundo que mais vacina. “Então continua a CPI da Covid. Não tem do que nos acusar,

²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/4648016485224967>. Acesso em: 31 out. 2021.

Categorias - C	Análise
	fizemos tudo possível. Somos o país, eu acho, hoje o que mais, o quarto que mais vacina no mundo. Começamos a vacinar em janeiro. Fizemos vários contratos ano passado pra pagar depois da aprovação da Anvisa. Quem topou tudo bem. A própria Pfizer. Né? Teve um <i>Twitter</i> agora da Câmara o senhor Rodrigo Pacheco dizendo que após a aprovação e sanção da tua lei de dez de março agora, abriu as portas pra que o governo pudesse importar a Pfizer. Pronto. Você que critica, você leu o contrato? Você não leu? Cala a boca”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	Ataques a governadores que decretaram <i>lockdown</i>: • Aos 6 minutos e 32 segundos de <i>live</i>, o presidente faz uma relação com desemprego e o <i>lockdown</i>. Para Bolsonaro, “agora quem está sofrendo muito com os empregos é o informal. É o informal. Esse é difícil recuperação. Agora tem muita gente que o seu comércio foi fechado por ordem de governador, não foi minha não, de governador Se você então está desempregado, quer reclamar de alguém, tem todo o direito. Agora, foi teu governador do Estado que fechou o comércio ou o teu prefeito que fechou o comércio que te obrigou a ficar em casa né? Estamos aí com esses problemas. Então, o que que nós fizemos? Auxílio Emergencial. Até digo

Categorias - C	Análise
	mais. Só o ano passado de Auxílio Emergencial, nós despendemos mais recursos do que oito anos do governo Lula”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Ainda criticando o isolamento proposto por alguns governadores e prefeitos, o presidente fala sobre as manifestações que aconteceram no país para apoiá-lo e um decreto que ele denomina de “pleonasma abusivo” para criticar decretos de prefeitos e governadores. • De acordo com a fala do presidente, “no último dia primeiro, pessoal todo mundo viu, a manifestação espontânea da população foi as ruas, é, preocupado com o seu futuro né? E em contrapartida a isso eu falei que posso baixar um decreto e eu apelidei do decreto de ‘pleonasma abusivo’ né? Que que é um pleonasma abusivo? É aquela figura de linguagem, né? O leite é branco, o café preto, o açúcar é doce, né? O gelo é gelado, né? E porque nesse que vai estar nele? Vai estar os principais incisos do artigo quinto da Constituição. E eu falei que ninguém vai contestar. Lá ele pensou falar, ‘não, mas o Supremo pode contestar’. Ó, esse decreto não pode contestar, afinal de contas o Supremo é o guardião da Constituição o Supremo vai contra o dispositivo da Constituição? Não tem cabimento, não tem cabimento isso aí. Será que é preciso fazer isso? Agora, se fizer, o

Categorias - C	Análise
	decreto vai ser cumprido. Todos os meus vinte e três ministros vão se empenhar pra que o decreto seja cumprido efetivamente e tenho certeza que ninguém pode ser contra. Estou com dois deputados federais aqui e um estadual. Pô, quem votou a Constituição foram deputados e senadores. E o artigo quinto da Constituição está lá no capítulo das cláusulas pétreas. E que não pode ser alterado nem por uma possível emenda à Constituição, só uma nova Assembleia Nacional Constituinte. Então, ninguém pode ser contra o artigo quinto da Constituição. Agora, por que que eu tô falando isso? Porque tem alguns governadores, alguns prefeitos, que estão fazendo isso. Será que está na hora de eu fazer isso aí? Baixar o decreto pra garantir por exemplo o direito de ir e vir ao cidadão. Garantir o direito de trabalho ao cidadão? Garantir o direito de culto a quem é cristão, por exemplo? Realmente, complicado viver nesse país, né? Ainda ser criticado por um decreto que vai copiar inciso artigo quinto da Constituição. É o fim da picada isso aí. Agora se for necessário, nós vamos fazer isso aí". (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • No final da <i>live</i>, já no momento dos agradecimentos e fechamentos, critica o prefeito de Belo Horizonte, e chama uma pessoa atrás da câmera para comentar. De acordo com o presidente, "Eu vi o pessoal

Categorias - C	Análise
	reclamando que o prefeito fechou tudo de novo, ué, mas já fechava, reclamou por quê? Bota tua cara aqui Bruno, bota tua cara aqui. Fala aí, Bruno. Rapidinho aqui.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Sem ser identificado formalmente, esse Bruno fala “quem fechou Belo Horizonte não foi Bolsonaro, foi Alexandre Kalil”. Tece mais críticas ao decreto proposto pelo prefeito e em concordância de gestos com o presidente Bolsonaro. Crítica à Imprensa: • Passados 7 minutos e 42 segundos do vídeo, o presidente fala sobre seus passeios de moto, conhecidos por “motociata”. “Eu todo sábado, domingo, eu dou uma volta aí, não vou, não falo um passeio, dou uma volta de moto em Brasília e conseguimos sair, despistando a imprensa, que a imprensa só vai pra atrapalhar. Se fosse pra mostrar conosco o que está acontecendo, como está vivendo essas pessoas, né? Como é que a pessoa perdeu emprego, que tem dentro da geladeira dela, não tinha problema não, mas falar assim, vai pra pegar furo meu. ‘Ah, o cara tirou a máscara’. Fica a matéria que eu fui em tal local e sem máscara. Então, a gente não faz a gente não faz isso daí com a imprensa e vamos continuar fazendo. Bem, pessoal descobriu agora isso aí né? Aqui em Brasília” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Categorias - C	Análise
	• Quando fala sobre o desemprego, fazendo referência a Pandemia, o presidente, com 16 minutos e 32 segundos transcorridos da <i>live</i>, afirma que, “a imprensa vem me criticando na questão da pandemia quando fala de desemprego. Pessoal fala sem dados, sem base, sem provas, presidente diz que os pobres perderam o poder aquisitivo no Brasil.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Porém, com base em uma matéria, que o presidente pega o papel e mostra para a câmera, referencia como notícia da US, “Notícia aqui da US. ‘Endividamento dos mais pobres cresce na pandemia’. Não precisa... Não precisa explicar. Isso é verdade ou não é? Sim, infelizmente é verdade.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Nota-se, que mesmo criticando a imprensa, que apresenta informações sem provas e dados, de acordo com sua fala, o presidente também mostra uma matéria que confirma o que a imprensa diz. • Quando o presidente, aos 23 minutos e 47 segundos transcorridos da <i>live</i>, fala que irá inaugurar uma Ponte no Rio Madeira, em Rondônia, ele faz uma crítica as matérias veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Segundo Bolsonaro, “E amanhã estaremos lá. Inaugurando. Sabe o que o Jornal Nacional vai dar? Eu não assisto essa

Categorias - C	Análise
	porcaria. Isso é um lixo. Eu prefiro assistir aí Chaves, né? Muito melhor. É muito melhor, tá? Vai dizer que o presidente sem máscara estava na ponte, é o que ele vai falar. Já não encheu o saco de falar isso aí? Quer que eu faça um discurso com máscara? Como o Estado de São Paulo, foi a Folha, eu estava na virada de ano lá em, lá em São Paulo, fui lá na passeio de jet ski e mergulhei, fui lá falar com o povão. O Estadão: ‘Bolsonaro nada sem máscara na Praia Grande’. (Bolsonaro e equipe riem) É, pra fazer piada essa imprensa é boa, né? (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C3- Desinformação	• Transcorridos mais de 18 minutos de <i>live</i>, o presidente faz menção a CPI da Covid. “Agora, eu continuo dizendo que eu não sou cientista, não sou médico, não sou infectologista mas devemos continuar procurando para a questão do Covid. E a CPI hoje, né? Bateu muito, né? No no Queiroga, né? Cloroquina, Cloroquina, Cloroquina, tempo todo Cloroquina. ‘Ah, o presidente falou, ah’... Se eu fui tratado com cloroquina e ponto final. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Nesse momento do vídeo, o presidente defende o uso da Cloroquina para o combate da Covid-19. Pergunta para as pessoas presentes no local se já usaram Cloroquina e afirma, com 18 minutos e 59 segundos, “todo mundo usou, pô. Eu acho que quem não tem

Categorias - C	Análise
	uma alternativa... cala a boca. Deixe de ser canalha em criticar quem usa alguma coisa. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Após essa fala, o presidente, confirmando que a Cloroquina não tem comprovação científica, utiliza um exemplo que ele toma o refrigerante Coca-Cola quando tem dor de estômago e uso de água de coco em veias para soldados em guerra. • Afirma o presidente, transcorridos 29 minutos do vídeo, “eu vou abrir o jogo aqui agora aqui. Agora pra imprensa bater em mim amanhã, quando eu tenho problema de estômago alguém sabe o que eu tomo? Quando tenho problema de estômago, eu tô num churrasco, estou mal, sabe o que eu toco? Eu tomo Coca-Cola e fico bom. É problema meu. O bucho é meu. Talvez, talvez a Coca-Cola, meu bucho. Tá? Todo corroído pela Coca-Cola me salvou da facada do Adélio. Tá? Deem porrada em mim amanhã. Folha de São Paulo, Globo, Estadão, ajuda aí. Isto é, Uol. Essas porcaria toda aí, deem porrada em mim. Olha, um fato concreto aí, cansei de falar aqui. Guerra, parceiro, Guerra do Pacífico. O soldado chegava e morria, porque não tinha quem tivesse sangue pra doar sangue, não tinha mais como doar sangue. Começaram a meter água de coco na veia do cara, o cara segurou, o cara não sobrevivia. Se fosse esperar uma

Categorias - C	Análise
	comprovação científica, ia morrer. Tem muita, mas muita gente, muito médico, são dezenas de milhares de médicos que defende isso. Tá? Eu estava com um sintoma há poucos dias e inclusive com a infecção. Tomei ivermectina. No dia seguinte estava bom, pô. Mas vamos lá. Canalha é quem disse que não toma isso e não tem alternativa, canalha. Porque eu nunca vi ninguém morrer por ter usado a Hidroxicloroquina que é largamente usada na região Amazônica pra combater a malária. Combater o Lúpus. Ou então artrite. E com o consumo da, da, da, desse medicamento, tivemos que aumentar a produção aqui. E não tinha insumo. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando em defesa do uso da Cloroquina e criticando a CPI da Covid, principalmente o depoimento do ex-ministro da Saúde, Henrique Mandetta, com 35 minutos de <i>live</i>, o presidente “o Mandetta é aquele, aquele cara que condena a cloroquina e fala o que pra você? Fica em casa. Quando você estiver sentindo falta de ar (imita uma pessoa com falta de ar e puxa o ar três vezes), cê vai pro hospital. Pra fazer o quê? Pra tomar o quê? (abre os braços em indignação). Você não tem nenhum remédio comprovadamente científico. Pra ser entubado. Esse é o protocolo do Mandetta. E canalha é aquele que critica a Cloroquina, a Ivermectina e não apresenta uma alternativa. Isso é um canalha.

Categorias - C	Análise
	Esse é um canalha. Eu não posso falar outra coisa de quem age dessa maneira. Que eu posso falar que a Coca-Cola, tá? É, faz mal pra estômago. Pra mim faz bem. Mas não apresenta uma alternativa. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
“C4-Informações Governamentais	• Com 4 minutos e 15 segundos de <i>live</i>, o presidente pega em suas mãos uma matéria impressa da CNN onde lê, juntamente com o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e afirma “tivemos em abril um superávit histórico, né? Na balança comercial, de 10 pontos, 3 bilhões de dólares. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Confirmando essa informação, Pedro Guimarães, afirma, com 7 minutos e 18 segundos, “Exatamente. E nos dois anos e meio do seu governo, presidente, mais do que nos quinze anos, de 2004 a 2018, do Bolsa Família, ou seja, de 2019, 20, 21, incluindo o auxílio que nós vamos pagar, foi mais investido, uma transferência de renda maior, do que de 2004 a 2018.” Nessa fala, o presidente da Caixa discorre sobre investimentos no Auxílio Emergencial. (GUIMARÃES, Caixa Econômica Federal, 2021).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com as falas retiradas da *live* analisada, na Categoria C1- Ciência, quando o presidente discorre sobre vacinas, já passados mais de 38 minutos, ele afirma que o Brasil é o

4º país que mais vacina, mas não apresenta nenhum dado que comprova o que fala, inclusive menciona contratos com a Pfizer, mas também não exhibe nenhum dado ou documento que comprove e respalde sua fala. Outro ponto importante é que o presidente apenas discorre sobre as vacinas para questionar e criticar a CPI da Covid, em andamento, mas não fala da vacinação como forma de conter o avanço da doença. O presidente não conscientiza a população da importância da vacina.

Mais uma vez, em nenhum momento da *live*, Bolsonaro menciona o número de mortes, ou apresenta estudos científicos e destaca as medidas adotadas pela OMS para conter o avanço da Covid-19. Pelo contrário, quando fala sobre alguma medicação, já enquadrando na Categoria C3 - Desinformação, novamente estimula o uso de medicamentos que fortalece o que defende como “tratamento inicial” e que não tem comprovação científica.

O presidente, ao defender a Cloroquina, faz uma relação com o uso da Coca-Cola para melhorar suas dores de estômago. Também menciona sobre soldados em guerra que usavam água de coco nas veias, já que não havia como fazer transfusão de sangue. Essas informações que o presidente apresenta não têm nenhuma comprovação científica e podem causar desinformação ao público, além de minimizar a gravidade da Covid-19. Bolsonaro, ao se referir ao seu ex-ministro da saúde, Henrique Mandetta, imita uma pessoa com falta de ar, e afirma que era uma conduta do ministro orientar as pessoas a irem ao hospital para serem entubadas. Seguindo esse pensamento, com xingamentos, afirma que quem critica o uso de Cloroquina “é canalha”.

Durante a *live*, quando o presidente fala sobre remédios para tratar a Covid-19, sempre se refere ao uso da Cloroquina e Ivermectina, sendo que esses medicamentos não foram aprovados e autorizados para uso por nenhuma instituição científica e médica no Brasil e no mundo, nem orientado pela OMS. Assim, continua transmitindo desinformação através de suas *lives*.

Na categoria C2 - Ataques a Instituições Públicas e Imprensa, o presidente continua contrário aos decretos de prefeitos e governadores para conter o avanço da Covid-19, não reconhecendo essa medida como importante para combater a doença, como defendido pela OMS. Bolsonaro também critica várias vezes a imprensa quando afirma que não assiste Jornal Nacional, que é “um lixo. Eu prefiro assistir aí Chaves.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Em outro momento do vídeo, o presidente afirma que a imprensa sempre o critica por não usar máscaras, inclusive quando tomou uma sopa, após uma motociata:

“presidente toma sopa sem máscaras. Ô animal, não dá pra tomar sopa de canudinho, porra.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Aos 19 minutos de *live*, quando faz associação da sua dor de estômago ao consumo de Coca-Cola, o presidente afirma: “deem porrada em mim amanhã. Folha de São Paulo, Globo, Estadão, ajuda aí. Isto é, Uol. Essas porcaria toda aí, deem porrada em mim.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Em vários momentos do vídeo, o presidente fica alterado, principalmente quando discorre sobre a mídia, decretos de prefeitos e governadores e uso da Cloroquina. Fala diversos palavrões, xinga a imprensa e apresenta falas com ironias, em particular quando discorre sobre a CPI da Covid e o ex-ministro Mandetta.

Nessa *live*, Bolsonaro e o presidente da Caixa não apresentam muitas informações acerca do Auxílio Emergencial e falam sobre o investimento quando criticam o Bolsa Família do governo anterior. Afirma que os investimentos no Auxílio Emergencial foram muito mais significativos do que os subsídios do governo do ex-presidente Lula, mas não apresenta dados que comprovem essa informação. As informações que traz sobre o Auxílio Emergencial se caracterizam mais como propaganda institucional do que como informações públicas. Na Categoria C4 - Informações Governamentais, não foram apresentados investimentos feitos pelo governo federal para o enfrentamento da pandemia.

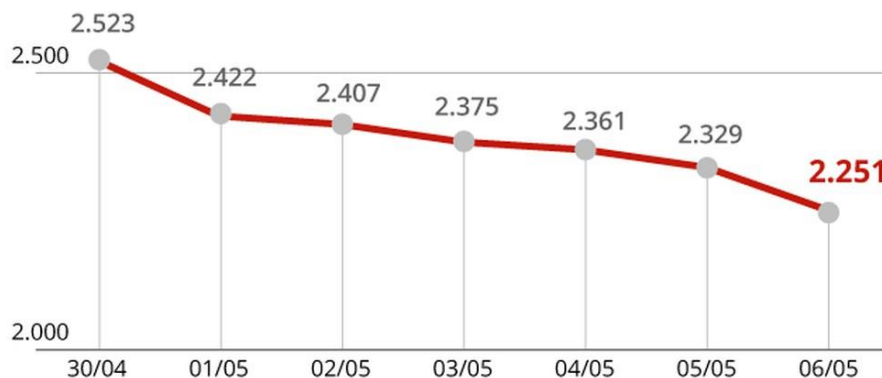
De acordo com Bolsonaro, passados 6 minutos e 32 segundos da *live*, ao criticar decretos de governadores e prefeitos, ele frisa:

se você então está desempregado, quer reclamar de alguém, tem todo o direito. Agora, foi teu governador do Estado que fechou o comércio ou o teu prefeito que fechou o comércio que te obrigou a ficar em casa né? Estamos aí com esses problemas. Então, o que que nós fizemos? Auxílio emergencial. Até digo mais. Só o ano passado de Auxílio Emergencial, nós despendemos mais recursos do que oito anos do governo Lula (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Com o transcorrer do vídeo, não são apresentadas informações sobre o número de mortes por Covid-19 no país e nem acerca do número de vacinação. Para isso, apresenta-se informações divulgadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, tendo como referência o site G1 (Figura 10).

FIGURA 10 - Média de mortes na semana

Média de mortes nos últimos 7 dias



Fonte: Consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde



Infográfico elaborado em: 06/05/2021

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/brasil-chega-a-15-milhoes-de-casos-de-covid-registrados-com-mortes-e-diagnosticos-apontando-estabilidade.ghtml>

Ainda de acordo com a matéria veiculada pelo G1²⁶, no dia da transmissão da *live* analisada,

o Brasil passou a marca de 15 milhões de casos de Covid contabilizados e registrou 2.531 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas, totalizando nesta quinta-feira (6) 417.176 óbitos desde o início da pandemia. Com isso, a média móvel de mortes nos últimos 7 dias chegou a 2.251. Em comparação à média de 14 dias atrás, a variação foi de -10%, indicando tendência de estabilidade nos óbitos decorrentes do vírus (G1, 2021, não paginado).

Sobre a vacinação no país, afirma o site G1²⁷, foi apresentado um “balanço da vacinação” no Brasil (Figura 11), conforme publicado no dia da *live* analisada.

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/brasil-chega-a-15-milhoes-de-casos-de-covid-registrados-com-mortes-e-diagnosticos-apontando-estabilidade.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2022.

²⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/05/06/brasil-aplicou-ao-menos-uma-dose-de-vacina-contr-covid-em-mais-de-342-milhoes-de-pessoas-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2022.

FIGURA 11 - Vacinação no Brasil, no dia 06 de maio de 2021**Brasil, 6 de maio**

- **Total de pessoas que receberam ao menos uma dose:** 34.220.432 (16,16% da população)
- **Total de pessoas que receberam duas doses:** 17.335.070 (8,19% da população)
- **Total de doses aplicadas:** 51.555.502 (77,49% das doses distribuídas para os estados)

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/05/06/brasil-aplicou-ao-menos-uma-dose-de-vacina-contr-covid-em-mais-de-342-milhoes-de-pessoas-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

Com essas informações publicadas pelo site G1, constata-se que o número de mortes por dia no país, mesmo com queda de 10% em comparação aos 14 dias anteriores, ainda é significativamente alto. Além disso, apenas 8,19% da população tem as duas doses completas da vacina, número bastante inferior ao indicado pela OMS para conter o avanço da Covid-19. O aumento do número de mortes associa-se ao baixo número de vacinados no país. Essas são informações importantes que não são tocadas pelo presidente ao longo da transmissão de sua *live*.

O presidente não demonstra preocupação com essas mortes e nem com o alto contágio da doença no Brasil, não incentiva a vacinação e não apresenta em suas falas medidas importantes e estabelecidas pela OMS. Ao invés disso, defendeu nas quatro *lives* o uso da Cloroquina e do tratamento precoce, que não foi reconhecido cientificamente para conter o avanço da Covid-19 e promover a diminuição do número de mortes.

5.2.5 Live do dia 21 de outubro 2021

A *live* do dia 21 de outubro de 2021 foi retirada do ar pelas plataformas *YouTube*, *Facebook* e *Instagram* no dia 25 de outubro de 2021, conforme publicação do site de notícias G1²⁸. De acordo com os gestores, a política das plataformas não permite desinformação acerca da vacina da Covid, nem a sua associação a nenhuma doença como o presidente fez com o surgimento da Aids.

²⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/live-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 18 nov. 2022.

Através de um documento público com transcrições e áudios de 99 *lives* do presidente Bolsonaro publicizados pela ABRAJI²⁹ - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, foi realizada a análise de conteúdo dessa *live*, que é bastante importante para esta tese. No entanto, os comentários não foram analisados, pois foram retirados do ar pelo *Facebook*.

Para entender o cenário dessa *live* e descrevê-lo, recorreu-se a curtos vídeos postados pelo programa Morning Show, da Jovem Pan³⁰. O presidente está ao lado da Elisângela, intérprete de línguas, e, em sua mesa, há vários papéis e folhas impressas de jornais, que o presidente recorre a eles ao longo do vídeo. Ao fundo, uma estante de livros. A duração da *live* foi de 1 hora e 12 minutos.

Abaixo, o Quadro 13 apresenta uma síntese do que foi falado pelo presidente durante a *live*, além de uma contextualização com cada categoria de análise.

QUADRO 13 - Análise da *live* do dia 21 de outubro de 2021

Categorias - C	Análise
C1- Ciência	• Em nenhum momento da <i>live</i>, o presidente Bolsonaro apresenta informações científicas e comprovadas acerca da pandemia. • Não apresenta nenhuma conscientização pública com informações para o seguidor/cidadão importantes no tocante ao combate ao Coronavírus, bem como número de mortes.
C2- Ataques a Instituições Públicas e Imprensa.	Ataques a governadores que decretaram <i>lockdown</i>: • Com 20 minutos e 20 segundos de <i>live</i>, o presidente critica o <i>lockdown</i> e a defesa dessa política pela imprensa. Segundo Bolsonaro, “Afinal de contas, saúde tem que tá de mão dada com a economia. Estão vendo o que está acontecendo no mundo

²⁹ Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/pinpoint-da-abraji-recebe-transcricoes-de-lives-de-bolsonaro-e-cvs-de-comissionados-do-governo-federal>. Acesso em: 18 nov. 2022.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ma89LN0f5wU&t=439s>. Acesso em: 18 nov. 2021.

Categorias - C	Análise
	agora, as consequências da política tão defendida pela TV Globo, né? Fica em casa, que a economia a gente vê depois. Tem filmete aí rodando sobre os globais, a Globo, obviamente. Eu não vou falar mal dos artistas, das atrizes e dos atores. Estou aqui em casa agora fazendo aqui um, tomando champanhe, e fazendo uma comidinha para o meu bebê. Estou aqui agora brincando de fazer figurinhas de papel, coisa linda, fique em casa, se a fome apertar, Como que é o negócio aí? Pessoal, tem que me ajudar aqui.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Alguma intervenção, não identificada fala “Ifood”... Após risos de todos, o presidente continua, “O Ifood chama comida para casa. Só que se esqueceram, esqueceram não, a política do fique em casa é uma das mais perversas da humanidade. Aqui no Brasil foi uma coisa esplendorosa, todo mundo adotando. E olha que grande parte da população pediu o <i>lockdown</i>. Não quero culpar aqui apenas quem tomou a decisão tocante a isso. Eu tinha poder para fechar o Brasil e não fechei um botequim sequer. Eu sempre disse desde o começo: temos dois inimigos, o vírus e o desemprego”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando nessa fala, o presidente faz uma crítica a imprensa. Para Bolsonaro, “a fome também mata, como eu apanhei dessa

Categorias - C	Análise
	mídia tradicional, né? Se é que pode chamar de mídia isso que existe no Brasil. Se é que pode chamar de mídia Folha de São Paulo, O Globo, Estadão, certo? Se é que pode chamar de mídia. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Crítica à Imprensa: • Transcorridos 35 minutos e 48 segundos do áudio, presidente volta a fazer críticas a imprensa. “E aí, UOL News. Eu jamais falarei em fechar a imprensa, já tá fechada já. Só quem acredita nessa porcaria aqui, né. Quem fala em fechar a imprensa e democratizá-la é aquele cara, nunca toquei nesse assunto. A imprensa para mim, com todo o respeito, salvo alguns órgãos aí, uns honrosos, nota 10 porque eles não vendem opinião, eles vendem matéria. Tem que publicar o que aconteceu, opinião e conclusão quem tira é você e não o jornalista”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando em sua fala, “o jornalista hoje em dia, em grande parte, esse pessoal da Globo, Folha de São Paulo, Antagonista, né, eles dão a notícia e já bota a crítica embaixo. Vocês acham que eu podia não fazer nada em tocante ao Bolsa Família e Auxílio Brasil no momento de crise como esse? Deixar essas pessoas que foram desempregadas na marra, com o <i>lockdown</i>, com o toque de recolher

Categorias - C	Análise
	morrerem de fome? Ou partirem para o tudo ou nada na rua? A gente não podia fazer isso. Se alguns não estão gostando. Ou melhor, se esses alguns que não estão gostando é sinal que estão fazendo a coisa certa, ouvir a crítica da Miriam Leitão tocante a isso daqui. Ouvi dizer, porque eu não leio jornal. A Miriam Leitão fez um editorial aí mentindo. Ué, pra mim não é novidade, se tá mentindo não é novidade. Mas criticando o Auxílio Brasil, seria irresponsabilidade minha deixar esse pessoal abandonado. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Ainda criticando a mídia, o presidente, com 38 minutos e 21 segundos da <i>live</i> “Bolsonaro agravou a fome e vende a solução ô Uol! Eu agravei a fome ou vocês que apoiaram o fica em casa? Eu, ano passado, não me menti. Eu não fiquei do lado daquela maioria momentânea, que era mais fácil, vender vacina a qualquer preço. Eu não vi a Globo fazer matéria contra o Omar Aziz, que queria que governadores e prefeitos comprassem vacina com dinheiro federal meu, sem Anvisa e sem licitação. Agora, bateram o tempo todo que: olha, o presidente Bolsonaro queria comprar Covaxim superfaturada, pagando 1 dólar por dose, 400 milhões de dólares ele queria comprar via um cabo da PM de Minas Gerais. Nem se quisesse ia comprar, não tinha vacina pra vender. As vacinas não iam ser feitas de uma

Categorias - C	Análise
	hora para a outra” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Seguindo com sua fala, e fazendo crítica ao passaporte vacinal e a mídia, o presidente continua, “no que depender do Governo Federal, não teremos passaporte vacinal. A liberdade acima de tudo. Aprenda uma coisa, quem abre mão de parte da liberdade por segurança acaba ficando sem liberdade e sem segurança. Essa história, né. Isso que eu tô falando a história nos mostra. Quem nunca leu nada, que ficou estudando em cima do que dizia ali Paulo Freire da vida, não sabe nada, só sabe reclamar. Sempre buscando um responsável pelo seu insucesso. A vida não é fácil, né? Fazemos o possível para que você preserve a sua liberdade no Brasil.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Aos 44 minutos de <i>live</i>, Bolsonaro, fazendo barulho, demonstra que pega papéis, fala sobre uma matéria da Revista Isto É, sobre devolução de dinheiro da Lava Jato. De acordo com a fala do presidente, “Revista Isto É, essa aqui é típica da imprensa brasileira. Repito, aqui um velho ditado que já ouviram eu falando aqui. Quem não lê jornal e revista não tem informação e quem lê está desinformado. Quer se envenenar logo cedo? Abre O Globo, abre a Folha de São Paulo, você se envenena logo cedo. Começa a xingar todo mundo, até brigar em

Categorias - C	Análise
	casa. Para de ver essas porcarias. Não serve pra nada! Folha de São Paulo, O Globo, Jornal Nacional. Olha a cara de pau do William Bonner, a gente só pela leitura facial dele, a gente vê que ele tá se esforçando ali para dizer que não é mentiroso, que não é tendencioso. Só mentira o tempo todo. Que nem esses dias eu vi aqui, passaram para mim, perdi alguns segundos, né? O presidente Jair Bolsonaro tomou caldo de cana com pastel de cana sem máscara. Dá vontade de falar uma verdade aqui, mas como eu sou um cara educado eu não vou falar, né? Né, Bonner e Renata, aqui eu não vou falar palavrão (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Ainda criticando a imprensa, quando fala sobre o auxílio para caminhoneiros, aos 52 minutos da <i>live</i>, o presidente “Vocês querem acreditar na minha palavra ou na Miriam Leitão? Igual o pessoal da saúde, quer acreditar no médico ou no William Bonner? Eu saindo daqui resolve o problema?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Finalizando a <i>live</i>, o presidente continua tecendo críticas à imprensa e jornalistas. “Peço a Deus que ilumine a todos no Brasil para que a gente possa ter uma luz para que a gente possa realmente ter uma luz para sairmos dessa situação que nos encontramos, que ilumine jornalistas do Brasil todo, para que escrevam a verdade

Categorias - C	Análise
	naquele pedaço de papel, fale a verdade na tela, fale no microfone a verdade também. Não é para todos, tem muita gente boa pelo Brasil na imprensa, mas o pessoas que comanda, né, que manda, que dá o tom é que traz ajuda a trazer esse caos todo aqui para dentro. Temos responsabilidade, vamos fazer a nossa parte”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
C3- Desinformação	• Aos 11 minutos e 8 segundos de <i>live</i>, Bolsonaro fala sobre um estudo, sem comprovação, acerca das vacinas. “Bem. Falar alguma coisa, não vou entrar em detalhe, vou comentar notícias, né, mas não é apenas notícias de jornal, é notícia que checamos a veracidade. Então temos um estudo aqui do Reino Unido, onde 70% dos mortos com Covid estavam vacinados. Não vou tecer comentários sobre a matéria. Então, 70% dos mortos por Covid no Reino Unido estavam vacinados, ok? (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). O presidente não apresenta a fonte do estudo e nem o jornal que foi divulgado. • Ainda em sua fala, retoma a defesa da Cloroquina e defende uso de remédios não comprovados cientificamente, fazendo críticas também a conduta do seu ex-ministro da saúde Henrique Mandetta. • “Nós temos aqui o seu Mauro Ribeiro, já conversei uma ou duas vezes com ele, se não me engano, acho um excepcional

Categorias - C	Análise
	profissional, ele é o presidente do Conselho Federal de Medicina, né? E ele não defende nada especificamente para um possível tratamento precoce. O que ele defende é a autonomia do médico. Você tá urrando de dor, por exemplo, e não tem medicação específica para aquilo que você tá passando. O que o médico tem que fazer? Ele tem que se virar, pô. Ele tem que tentar alguma coisa, não vai fazer você de cobaia. Ele vai falar para você: Olha, é isso que tá acontecendo, você tá com Covid, não tem um remédio específico ainda, mas se você quiser posso te apresentar esse remédio aqui, que é usado para malária também ou para matar piolho, tá? Segundo as minhas observações, tá? Tem dado resultado. Você aceita ou não aceita?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continua o presidente, “o médico fala: Olha, você vai ter que ir para casa seguir o doutor Mandetta, né, era o garoto propaganda da Globo, vá para casa, se sentir falta de ar tá ferrado. Não posso falar palavrão aqui, né? Daí você procura o médico. Eu perguntei o Mandetta na época, procura pra que Mandetta? Vai para casa, vai sentir falta de ar e procura o médico para que? Qual remédio que vai tomar? Ah, vai ser entubado. Ah, o tubo agora é pra ser um remédio? Ele acabou, o Mandetta, ele, não se acertando, né, que ele virou o garoto

Categorias - C	Análise
	propaganda da Globo, mais ficava dando entrevista do que trabalhar. Então, acabou indo embora, tá certo? E nós continuamos o nosso trabalho aqui. Então, o quê que defende o doutor Mauro Ribeiro aqui? Autonomia do médico, está previsto em lei, é o tratamento off label. Já falei várias vezes aqui, Guerra do Pacífico. O soldado chegava lá ferido e não tinha de quem receber sangue. O quê que os médicos começaram a fazer? Água de coco na veia dele. Deu certo? Deu certo! A maioria dos medicamentos são descobertos por acaso” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Aos 17 minutos transcorridos da <i>live</i>, o presidente faz associação da vacina com a Aids, fala que levou a exclusão do vídeo pelas plataformas. Para Bolsonaro, “Outra coisa grave aqui, só vou dar a notícia, não vou comentar. Já falei sobre isso no passado, já apanhei muito. Vamos lá. Relatórios oficiais do Governo do Reino Unido sugere que os totalmente vacinados - quem são os totalmente vacinados? aqueles que depois da segunda dose, né? 15 dias depois. 15 dias após a segunda dose, totalmente vacinados - estão desenvolvendo a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida muito mais rápido que o previsto. Recomendo ler a matéria. Vamos ler a matéria aqui porque posso ter problema com a minha <i>live</i>, não

Categorias - C	Análise
	quero que caia a <i>live</i> aqui, eu quero dar informações concretas. Deixar bem claro, talvez eu tenha sido o único chefe de Estado do mundo que teve coragem de botar a cara a tapa nessa questão. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Continuando em sua fala, aos 18 minutos e 40 segundos, o presidente apresenta um artigo, sem comprovação, onde fala que as pessoas que morreram da gripe espanhola foi acometidas por infecção causada pelo uso de máscaras. “Boa notícia aqui. Essa aqui eu fui ver, né possível. Mais uma aqui pra vocês aí. O Dr. Fauci, que é conhecido também como o Mandetta americano, né? O Dr. Fauci dizendo em um artigo de 2008, 13 anos atrás, que a maioria das vítimas da gripe espanhola não morreu de gripe espanhola, entendeu aqui? A maioria dos que morreram da gripe espanhola não morreram de gripe espanhola. Sabe do que eles morreram na verdade? Isso aí 13 anos depois, de pneumonia bacteriana causada pelo uso de máscara. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Transcorridos 37 minutos do vídeo, o presidente afirma que muitas pessoas morreram de Covid por causa da Mídia, que causou pavor nas pessoas. Segundo o presidente, são dados de um órgão americanos, porém não apresenta esses dados oficiais.

Categorias - C	Análise
	• Afirma Bolsonaro, “peço à Deus que não tenha outros problemas pela frente, dando a maneira como a mídia inclusive tratou a questão da Pandemia, levando o pavor para a opinião pública. E dados do CDC, que é o Anvisa Americano, proporcionalmente, quem mais levou a óbito a pandemia. Que fator? Foram os obesos e quem tava apavorado. Uma pessoa apavorada tem diminuído a sua capacidade aí de reagir a doença. Tem a sua...Imunidade diminuída”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Fazendo críticas ao Governador do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que decretou o “passaporte vacinal” ou a obrigatoriedade da vacina, o presidente, aos 55 minutos de <i>live</i>, afirma que “não vou nem discutir, quem contraiu o vírus tem mais anticorpos que quem apenas tomou vacina. Respeite a liberdade das pessoas, se você tá vacinado e acredita na vacina, você não tem que tá preocupado com nada, não tem que tá preocupado com o outro cara que não quis tomar a vacina. Quem vai morrer é ele e não você, se bem que não é isso que dizem os números aqui do Reino Unido, mas tudo bem.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).
“C4-Informações Governamentais	• Transcorridos 25 minutos de <i>live</i>, e fazendo crítica a “política do fique em casa”, o presidente afirma “E com a política do fica

Categorias - C	Análise
	em casa, 68 milhões de pessoas foram atendidas por nós com Auxílio Emergencial. Nos primeiros cinco meses, 600 reais pra cada um. Fazer as contas, né? Dava próximo de 50 bilhões por mês, próximo. Depois passou para 300, o pessoal criticou pra caramba, né? Queriam 600. Eu queria dar 10 mil por mês, mas não tinha como, nossa capacidade de endividamento tá no limite. Então, gastamos com o auxílio emergencial, em 2020, o equivalente a 13 anos de Bolsa Família. Ainda teve reclamação, tudo bem”. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • O presidente discorre acerca do Auxílio Emergencial para caminhoneiros, transcorridos mais de 30 minutos do vídeo, “Então, o que que nós aqui, como tá na iminência do novo reajuste de combustíveis, né, o que nós aqui buscamos fazer acertado com a equipe econômica, alguns não querem da equipe econômica, não queriam, outros acharam que era possível, dá um auxílio pros caminhoneiros. Em a ver ao novo reajuste, dá um auxílio para os caminhoneiros, que tá decidido até o momento 400 reais para 750 mil caminhoneiros atualmente. Isso é muito, isso é pouco? É o possível no momento. Isso dá um pouco mais de 3 bilhões ao longo de um ano.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Ainda afirma, sobre empregos, “demos meios para que patrões e empregados

Categorias - C	Análise
	negociassem redução de jornada, alguma redução de salário sim, aconteceu isso, e nós pagamos parte desse salário. Evitamos que 11 milhões de empregos com carteira assinada fossem destruídos. E tanto é verdade, que olha só, o ano da pandemia, né, que continua ainda e espero que dessa vez esteja no final, mas 2020 foi o ano marcante para todos nós no mundo todo, nós terminamos 2020 com mais gente com carteira assinada do que 2019, fizemos a nossa parte, atendemos os mais necessitados. Enfrentar uma pandemia não é fácil, pelo número de mortes, pelo sofrimento da população, pelas questões econômicas.” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). • Com 32 minutos e 13 segundos de <i>live</i>, o presidente fala sobre o Auxílio Brasil, “foi aprovado o texto base dos precatórios, de modo que teremos espaço no orçamento dentro da responsabilidade para aprovarmos esse Auxílio Brasil de 400 reais... Nós vamos levar todos, sem exceção, para no mínimo de 400 reais, tem espaço no orçamento” (2019- 2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Essa *live* foi a mais repercutida nos meios de comunicação de massa, porém a análise sobre ela será detalhada no próximo tópico, Análise das Notícias Veiculadas pelo Consórcio de Veículos da Imprensa. Desde a primeira *live* analisada neste estudo, percebe-se que o presidente Bolsonaro não apresenta dados científicos, com comprovação, acerca da pandemia de Covid-19. Em nenhum momento, durante toda a sua fala, o presidente menciona estudos científicos,

medidas preconizadas pela OMS ou a importância da vacinação. Pelo contrário, adota em suas falas críticas pesadas à imprensa, que, para ele, apoia a política do “fique em casa”.

Para o presidente, ele sempre se preocupou com dois inimigos durante a pandemia, o vírus e o desemprego. Pelas suas falas, sua preocupação maior é o desemprego, pois ele sempre faz crítica ao isolamento social, proposto por governadores e prefeitos, critica a criação do passaporte vacinal e minimiza a importância da vacina para conter a doença.

Transcorridos 17 minutos de *live*, o presidente associa, com base em relatórios oficiais do Governo do Reino Unido, que “os totalmente vacinados estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida.” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Nesse ponto, o presidente não confirma e nem apresenta esse relatório e faz com que sua *live* seja derrubada de todas as plataformas digitais. Com essa afirmação, o presidente apresenta desinformação em relação à vacina da Covid, baseando-se em um relatório que não foi apresentado e nem confirmado. Com isso, Bolsonaro desinforma a população e tira a credibilidade da vacina para conter a doença.

Para além disso, ainda seguindo na categoria C3 - Desinformação, o presidente volta a defender o tratamento por meio da Cloroquina, criticando novamente seu ex-ministro Henrique Mandetta e afirmando que o presidente do Conselho Federal de Medicina, Mauro Ribeiro, não defende o tratamento precoce, mas sim a autonomia dos médicos. Para Bolsonaro, os médicos não podem receitar o “remédio de matar piolho”, pois, mesmo não tendo comprovação científica, é eficaz ao combate da Covid-19, segundo fala do presidente aos 18 minutos de *live*.

Durante todo o vídeo, Bolsonaro defende o uso da Cloroquina, não incentiva e nem credibiliza a vacina e critica de forma sempre alterada a imprensa, citando, inclusive, nomes de jornalistas, como William Bonner, Renata, Miriam Leitão, e seus respectivos veículos, como Globo, Folha de São Paulo, Antagonista, UOL, entre outros.

Para o presidente, os *media* suscitam um desespero na população em relação à pandemia e esse desespero, de acordo com ele, “pode matar.” Além do mais, associa a defesa do *lockdown* a uma política aconselhada pelos *media*, e não como medida de segurança defendida pela OMS. Passados 30 minutos de *live*, ele declara: “a fome também mata, como eu apanhei dessa mídia tradicional, né? Se é que pode chamar de mídia Folha de São Paulo, O Globo, Estadão, certo?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

As falas do presidente em relação à vacina e ao *lockdown* se relacionam às duas categorias propostas neste estudo, C2 - Ataques a Instituições Públicas e Imprensa e C3 - Desinformação. Durante toda a *live*, o presidente faz fortes ataques à imprensa e define a

“política do fique em casa” como se fosse uma defesa da imprensa, e não uma medida adotada pela OMS.

Ao continuar defendendo o uso da Cloroquina para o combate da Covid-19, Bolsonaro afirma que,

Vale agora o que está no Jornal Nacional. Olha lá, o William Bonner e quem é que tá lá? A Renata? A Renata, o que eles falam agora passou a ser a voz do Conselho Federal de Medicina. Aqui também reclama com razão o doutor Mauro Ribeiro, estão tentando calar a medicina no Brasil! Tem médico aí que tem um conhecimento, que receita algo de imediato, mas é verbalmente. Não assina nada não porque tem medo da tua receita cair na mão desses patrulheiros aqui, desses Rennas, Omar Aziz da vida, William Bonner da vida e ele ser processado, podendo até perder o seu registro. Então, realmente uma questão séria como essa, estamos vendo que os absurdos continuam ocorrendo. Vamos deixar o médico trabalhar, pô. Mais alguma coisa aqui?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Mais uma vez, as falas do presidente se referem às duas categorias de análise propostas neste estudo. Outra fala do presidente que se identifica como desinformação é quando ele, após transcorridos 18 minutos e 34 segundos, apresenta um estudo de um médico americano chamado Dr. Fauci, o qual é identificado como o “Mandetta americano” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Bolsonaro atribui ao médico a produção de um artigo de 2008, que considera que as vítimas da gripe espanhola não morreram do vírus, e sim por conta das bactérias causadas pelo uso de máscaras.

De acordo com o presidente,

A gente vendo a máscara das pessoas, é a máscara da semana, é a máscara do mês. Será que a máscara é pra usar assim? A semana toda a mesma máscara? O mês todo a mesma máscara? Ou é pra trocar pelo menos duas vezes por dia? Me responda aí, eu não vou responder não! Me respondam aí. Aí você obriga essas pessoas a usar máscara, sem dar máscara. Haja recurso para isso. Eu sei que a vida não tem preço, eu sei disso, mas ano passado foram 700 bilhões de endividamentos, não dá pra repetir esse ano 700 bilhões, diminuiu bastante esse montante aí. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

O presidente critica o uso obrigatório de máscaras e, sem indicar a fonte do estudo, apresenta uma desinformação acerca dessa medida adotada para conter o avanço da doença. Como já ressaltado, durante toda a transcrição da *live*, o presidente altera o tom de voz, faz críticas e afirmações negativas às medidas importantes adotadas mundialmente e, ao mesmo tempo, em tom irônico, menospreza severamente a imprensa.

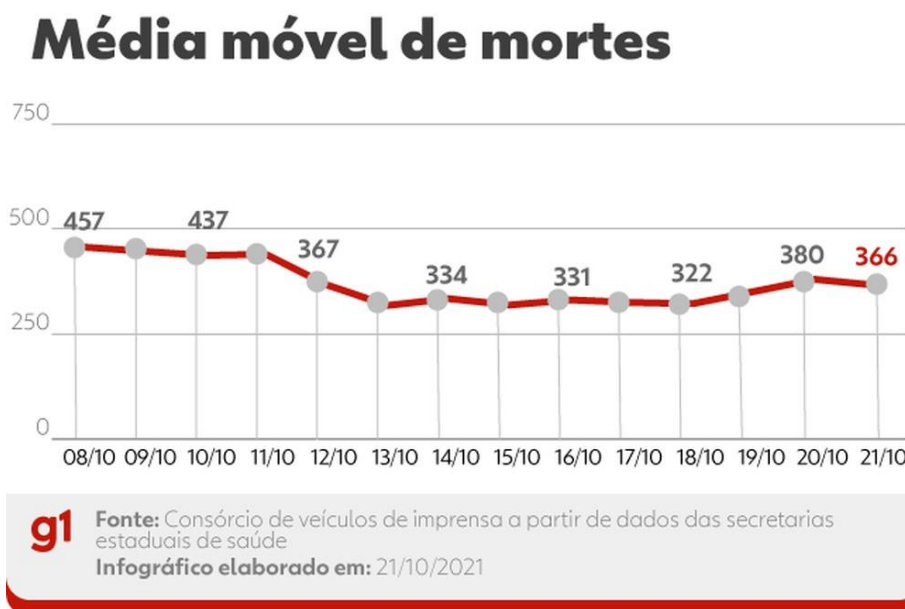
Na categoria C4 - Informações Governamentais, o presidente fala de forma bastante ampla, sem apresentar detalhes, sobre o Auxílio Brasil e o auxílio para caminhoneiros. Em sua

fala, sempre faz críticas aos *media* e aos investimentos do Bolsa Família no governo PT, além de decretos de *lockdown*. Com 35 minutos e 48 segundos de *live*, ele declara:

Vocês acham que eu podia não fazer nada em tocante ao Bolsa Família e Auxílio Brasil no momento de crise como esse? Deixar essas pessoas que foram desempregadas na marra, com o lockdown, com o toque de recolher morrerem de fome? Ou partirem para o tudo ou nada na rua? A gente não podia fazer isso. Se alguns não estão gostando. Ou melhor, se esses alguns que não estão gostando é sinal que estão fazendo a coisa certa, ouvir a crítica da Miriam Leitão tocante a isso daqui. Ouvi dizer, porque eu não leio jornal. A Miriam Leitão fez um editorial aí mentindo. Ué, pra mim não é novidade, se tá mentindo não é novidade. Mas criticando o Auxílio Brasil, seria irresponsabilidade minha deixar esse pessoal abandonado. (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Nessa *live*, o presidente não apresenta número de mortes no país e nem números oficiais acerca da vacinação, por isso, recorre-se a informações publicizadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, com base no site do G1³¹. Conforme dados da matéria, a Figura 12 apresenta o número total de mortes no país desde o começo da pandemia de Covid-19 até o dia da *live* analisada.

FIGURA 12 - Média de mortes na semana



Fonte: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/media-movel-de-mortes-por-covid-no-brasil-completa-10-dias-abaixo-de-400-e-volta-a-indicar-queda.ghml>

³¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/media-movel-de-mortes-por-covid-no-brasil-completa-10-dias-abaixo-de-400-e-volta-a-indicar-queda.ghml>. Acesso em: 21 nov. 2022.

Em relação ao número de doses de vacinas aplicadas no Brasil, até a data da *live*, apresenta-se a matéria publicada pelo G1³² no dia 21 de outubro de 2021, conforme Figura 13.

FIGURA 13 - Informações do dia 21 de outubro

Brasil, 21 de outubro

- **Total de mortes:** 604.764
- **Registro de mortes em 24 horas:** 461
- **Média de novas mortes nos últimos 7 dias:** 366 (variação em 14 dias: -20%)
- **Total de casos confirmados:** 21.696.575
- **Registro de casos confirmados em 24 horas:** 16.295
- **Média de novos casos nos últimos 7 dias:** 12.146 (variação em 14 dias: -20%)

Fonte: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/media-movel-de-mortes-por-covid-no-brasil-completa-10-dias-abaixo-de-400-e-volta-a-indicar-queda.ghtml>

Com essas informações publicadas pelo site G1, nota-se que o número de mortes no Brasil apresenta tendência de queda, associando-se a essa tendência o fator do aumento da cobertura vacinal, tendo mais de 50% da população recebido as duas doses ou a total imunização, conforme aponta a OMS (Figura 14).

FIGURA 14 - Vacinação no Brasil, no dia 21 de outubro de 2021

Brasil, 21 de outubro

- **Total de pessoas que estão parcialmente imunizadas (que receberam apenas uma das doses necessárias):** 152.645.709 (71,56% da população)
- **Total de pessoas que estão totalmente imunizadas (que receberam duas doses ou dose única):** 108.129.955 (50,69% da população).
- **Total de doses aplicadas:** 266.376.019 (82,45% das doses distribuídas para os estados)
- **20 estados e o DF divulgaram dados novos:** PA, RO, SE, MS, AL, PI, SC, MA, MT, DF, RN, ES, PR, RS, RJ, CE, MG, SP, AM, BA e PE
- **6 estados não divulgaram dados novos:** AC, AP, GO, PB, RR, TO

Fonte: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/media-movel-de-mortes-por-covid-no-brasil-completa-10-dias-abaixo-de-400-e-volta-a-indicar-queda.ghtml>

³² Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2021/10/21/vacinacao-contr-a-covid-mais-de-108-milhoes-estao-totalmente-imunizados.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2022.

Os dados referentes ao número de quedas de mortes e ao aumento do percentual da população vacinada contradizem a fala do presidente na *live*, em particular quando apresenta um estudo do Reino Unido, aos 11 minutos do vídeo, que afirma: “Então temos um estudo aqui do Reino Unido, onde 70% dos mortos com Covid estavam vacinados. Não vou tecer comentários sobre a matéria. Então, 70% dos mortos por Covid no Reino Unido estavam vacinados, ok?” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). Mais uma vez, o presidente não apresenta a fonte do estudo e apresenta uma desinformação, conforme demonstrado pelos dados publicizados pelo G1, com base no Consórcio de Veículos de Imprensa.

Ademais, no decorrer da *live*, o presidente não demonstra preocupação com as mortes no Brasil que ultrapassam o número de 600 mil, não incentiva a vacinação e não prioriza em suas falas as medidas preconizadas pela OMS. Ao invés disso, continua a defesa do uso da Cloroquina e do tratamento precoce, que não foi reconhecido cientificamente para conter o avanço da Covid-19, além de atacar a imprensa, a “política do fique em casa” e divulgar desinformação acerca da vacina, motivo pelo qual essa *live* foi retirada do ar.

5.3 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS VEICULADAS PELO CONSÓRCIO DE VEÍCULOS DA IMPRENSA

Este tópico tem como objetivo fazer um levantamento das publicações jornalísticas, a partir do Consórcio de Veículos da Imprensa, após a veiculação de cada *live* analisada anteriormente. Com isso, espera-se entender como os temas abordados pelo presidente Bolsonaro em suas *lives* repercutiram nos veículos de comunicação de massa.

Torna-se importante ressaltar que não é objetivo desta análise apresentar um estudo em profundidade dos *media*, mas sim trazer um recorte das repercussões após cada *live* e, com isso, perceber como essas *lives* podem pautar a imprensa e reverberar em assuntos publicizados pelos *media*, através do Consórcio de Veículos da Imprensa. Também é importante entender se as *lives* do presidente tiveram uma repercussão negativa ou positiva na mídia, quais as falas do presidente tiveram mais repercussão e como essas falas foram abordadas nas matérias veiculadas.

A *live* do dia 26 de março de 2020 favoreceu a repercussão de assuntos atinentes ao uso da Cloroquina para combater a pandemia e a defesa do isolamento vertical, defendida por

Bolsonaro. A notícia publicizada pelo site da UOL e produzida pela BBC News Brasil³³, no dia 27 de março de 2020, pontua o que a ciência diz sobre o uso da Cloroquina para tratar pessoas acometidas pelo Coronavírus. A matéria ainda menciona uma informação dita por Bolsonaro, durante a *live*, que trata da produção de Cloroquina pelos laboratórios do Exército.

Abaixo, na Figura 15, o título da matéria.

FIGURA 15 - Matéria sobre estudo do uso da Cloroquina

Coronavírus: o que a Ciência diz sobre o uso da cloroquina contra a covid-19



PUBLICIDADE

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/27/coronavirus-o-que-a-ciencia-diz-sobre-uso-da-cloroquina-contr-a-covid-19.htm>

Ainda de acordo com a publicação, a defesa do uso da Cloroquina para tratar a Covid é prematura e não existe uma comprovação científica para isso, sendo que a OMS ainda realiza estudo com o medicamento para poder reconhecer a sua eficácia. Logo, a defesa do uso do medicamento ainda não tem comprovação científica e não é aprovado por instituições da área de saúde.

Acerca da repercussão do isolamento vertical, defendido pelo presidente ao longo da *live*, o site de notícias G1 produziu duas matérias abordando o tema. A publicação do dia 27 de março de 2020³⁴ mostra um estudo desenvolvido pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que é contrário ao que defende o presidente sobre o isolamento vertical.

De acordo com a matéria, “o isolamento apenas de pessoas de maior risco não é uma “medida viável”, informou a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Em nota, o texto esclarece que isso não é possível porque o Brasil tem “elevados índices de

³³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/03/27/coronavirus-o-que-a-ciencia-diz-sobre-uso-da-cloroquina-contr-a-covid-19.htm>. Acesso em: 01 dez. 2022.

³⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/27/isolamento-de-grupo-de-maior-risco-nao-e-medida-viavel-diz-faculdade-de-saude-publica-da-usp.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2022.

doenças crônicas”. (G1, 2020, não paginado). Ainda seguindo o estudo apresentado pelo G1, “a Universidade ressalta que a Covid-19 pode ser assintomática” e “pode acometer igualmente jovens saudáveis que, com a sobrecarga dos serviços de saúde públicos e privados, podem vir a engrossar as estatísticas de óbitos evitáveis”. (G1, 2020, não paginado).

A segunda publicação referente à defesa do isolamento vertical, defendido por Bolsonaro ao longo de sua *live*, foi publicizada pelo site G1, no dia 30 de março de 2020³⁵, em que apresenta um manifesto feito pelos líderes do Senado em defesa do isolamento social, e não apenas do vertical. De acordo com a matéria, “líderes do Senado assinaram nesta segunda-feira (30) um manifesto em que defendem o isolamento social para minimizar os efeitos da Pandemia de Coronavírus.” (G1, 2020, não paginado). Ainda aborda que “a posição contraria a opinião do presidente Jair Bolsonaro, que propõe um isolamento vertical, com quarentena imposta apenas a idosos e outros grupos mais vulneráveis.” (G1, 2020, não paginado).

De acordo com o G1, “no manifesto, intitulado Pelo Isolamento Social, os senadores destacaram que, na inexistência de vacina ou tratamento médico comprovado, a experiência de outros países mostra que a medida mais eficaz para minimizar os efeitos da Pandemia é o isolamento social.” (G1, 2020, não paginado).

Em outra publicação do dia 27 de março de 2020, a Folha de São Paulo³⁶ noticiou que o presidente Bolsonaro admitiu aos estados brasileiros que não havia nenhum estudo que confirmasse a sua defesa ao isolamento vertical ou parcial. Ainda de acordo com a publicação, “o governo Bolsonaro considera o isolamento parcial um princípio, e não possui nenhum estudo técnico para embasar a defesa que vem fazendo da medida no combate ao contágio do novo coronavírus”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020, não paginado).

As matérias abordadas apontam uma repercussão negativa das falas do presidente na *live* do dia 26 de março de 2020 e, para além disso, suas falas não apresentam informações comprovadas cientificamente, tanto em defesa do uso da Cloroquina quanto do isolamento vertical. Ressalta-se que o isolamento social foi uma medida preconizada e adotada pela OMS para conter o avanço da pandemia.

A *live* transmitida no dia 25 de fevereiro de 2021 teve uma maior repercussão acerca do tema sobre o uso de máscaras em crianças. Durante a *live*, o presidente citou, com base em um

³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/30/coronavirus-lideres-do-senado-assinam-manifesto-em-defesa-de-isolamento-social.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2022.

³⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/governo-bolsonaro-admite-a-estados-nao-ter-estudo-que-embase-isolamento-vertical.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2022.

estudo alemão, que as máscaras em crianças são prejudiciais. Como a fonte do estudo não foi confirmada, o assunto teve bastante repercussão na imprensa.

Abaixo estão relacionadas duas matérias, uma publicizada pelo G1³⁷, no dia 26 de fevereiro de 2021, e outra na Folha de São Paulo³⁸, no dia 25 de fevereiro de 2021. As matérias refutam a fonte do estudo alemão, mencionada pelo presidente em sua fala, e contestam o uso de máscaras em crianças.

A Folha de São Paulo relaciona a fala do presidente ao recorde de mortes no país, conforme Figura 16.

FIGURA 16 - Matéria sobre uso de máscaras em crianças



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/em-dia-de-recorde-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-bolsonaro-fala-contr-a-uso-de-mascaras.shtml>.

Ainda de acordo com a publicação, a Folha de São Paulo contesta a fonte do estudo apresentada por Bolsonaro e confirma não ser um estudo científico. Além do mais, demonstra a importância das máscaras para as crianças, enfatizando a alta taxa de mortalidade da doença no Brasil e a não referência desses dados na *live* transmitida no mesmo dia pelo presidente.

A matéria veiculada pelo G1 destaca o estudo alemão referenciado por Bolsonaro em sua *live*. Abaixo, a Figura 17 apresenta o título da matéria.

³⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/em-dia-de-recorde-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-bolsonaro-fala-contr-a-uso-de-mascaras.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2022.

³⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/em-dia-de-recorde-de-mortes-por-covid-19-no-brasil-bolsonaro-fala-contr-a-uso-de-mascaras.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2022.

FIGURA 17 - Matéria sobre estudo alemão em relação ao uso de máscaras em crianças

Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/02/26/o-que-diz-o-estudo-alemao-sobre-mascaras-em-criancas-tema-citado-em-live-por-bolsonaro.ghtml>

A publicação também afirma, assim como a da Folha de São Paulo, que o dia da transmissão da *live* foi considerado o mais letal da pandemia. Segundo a matéria, “no dia mais letal da pandemia no Brasil, o presidente Jair Bolsonaro escolheu questionar mais uma vez o uso de máscaras e o isolamento social, dois métodos considerados eficazes para conter a disseminação do Coronavírus”. (G1, 2021, não paginado).

Buscando referenciar a fala do presidente, a publicação apresenta informações acerca de um estudo alemão, ainda sem comprovação, e ressalta como ele foi realizado. De acordo com o G1 (2021, não paginado), “há um estudo preliminar feito na Alemanha sobre o efeito de uso de máscaras em crianças que foi publicado em dezembro que menciona os problemas comentados por Bolsonaro. Não está claro se foi este o estudo a que Bolsonaro se referiu”.

Ainda segundo a matéria,

A pesquisa, de médicos da Universidade de Witten/Herdecke, é preliminar e não foi revisada por pares, ou seja, não foi submetida ao escrutínio de um ou mais especialistas do mesmo escalão que os autores. Uma das observações na plataforma de publicação da pesquisa diz que ela “não deve ser considerada conclusiva, usada como base de práticas clínicas ou considerada uma informação válida pela imprensa”. O estudo preliminar foi feito a partir de uma enquête online preenchida por pais ou responsáveis de cerca de 25 mil crianças e adolescentes. É uma análise do custo-benefício do uso de máscaras para esse grupo específico, e não uma negação da eficácia das máscaras como proteção contra a disseminação do coronavírus, como fez parecer Bolsonaro. (G1, 2021, não paginado).

Ainda seguindo informações apresentadas pelo G1, a organização sem fins lucrativos denominada *Health Feedback*, que tem como objetivo convidar cientistas para verificar

informações que afirmam ser baseadas na ciência, fez uma análise sobre esse estudo alemão, mencionado por Bolsonaro. A matéria afirma que “entre as críticas e observações feitas sobre a pesquisa, está a de que não é possível demonstrar uma relação causal entre os efeitos observados e o uso de máscaras. Além disso, o estudo não tem controles, ou seja, um grupo de crianças que não usou máscaras, para comparar resultados”. (G1, 2021, não paginado).

Constata-se que o estudo alemão, mencionado pelo presidente em sua *live*, não resulta de uma pesquisa científica, e sim de uma enquete feita com pais, sem conclusões acadêmicas e dados de controle testados cientificamente. Portanto, a informação pronunciada por Bolsonaro é uma desinformação e contribui para desestimular o uso de máscaras e minimizar essa medida de segurança para conter o avanço da pandemia, sobretudo em um momento no qual o país registra crescente número de mortes. Assim, a fala do presidente que referencia esse estudo foi bastante repercutida e contestada nos meios de comunicação de massa.

A *live* do dia 18 de março de 2021 repercutiu por conta de vários temas falados pelo presidente, entre eles a defesa da Cloroquina para combater o coronavírus e da nebulização por Cloroquina, medida que não foi aprovada pela Anvisa e nem recomendada pela OMS ao longo da pandemia. Outro momento que gerou bastante repercussão foi o fato de Bolsonaro novamente imitar uma pessoa com falta de ar para criticar a conduta do seu ex-ministro da Saúde, Henrique Mandetta. Outras falas do presidente reverberaram nos *media* e foram apontadas neste levantamento.

No dia 23 de março de 2021, o site de notícias G1³⁹ publicou uma matéria sobre a conduta da Associação Médica Brasileira - AMB acerca do uso e recomendação da Cloroquina em pacientes com Covid-19. De acordo com a matéria,

a Associação Médica Brasileira (AMB) divulgou um boletim nesta terça-feira (23) na qual condena, entre outros pontos, o uso de remédios sem eficácia contra a Covid-19. O posicionamento é oposto a um anterior, de julho do ano passado, quando a entidade defendeu a ‘autonomia do médico’ ao receitar os medicamentos. (G1, 2021, não paginado).

Em complemento,

no documento, a entidade cita 13 pontos para enfrentamento da pandemia e reforça a necessidade de prevenção da Covid-19. Entre eles estão a necessidade de acelerar a vacinação, manter o isolamento social, o uso de máscaras e, também, a necessidade de ação das autoridades para solucionar a falta de medicamentos no atendimento de pacientes internados com Covid. (G1, 2021, não paginado).

³⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/23/amb-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contr-covid-19-deve-ser-banido.ghtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.

A AMB vai de encontro ao que Bolsonaro defende em sua *live*, quando contesta o tratamento precoce e uso da Cloroquina. Ainda segundo a matéria, a Associação pede o banimento de remédios sem comprovação científica para tratar pacientes com Covid, incluindo Cloroquina, Ivermectina, Azitromicina, entre outros. A matéria publicizada pelo G1 se baseia em um documento emitido pela AMS, o qual defende o posicionamento contrário ao uso dessas medicações sem comprovação científica, sendo oposto ao publicado no mês de julho, do ano anterior, quando a Associação se mostrava neutra diante dessas condutas.

Na matéria publicada pelo O Globo, no dia 22 de março de 2021⁴⁰, é reforçada a ideia de que o presidente Bolsonaro não está convencido a mudar seu discurso em relação à pandemia de Covid-19 e ressaltado de que o desempenho de imunização no país é “excepcional”. Conforme análise dessa *live*, no tópico anterior, o mês de março de 2021 foi o mais letal da pandemia no Brasil, batendo recordes de mortes.

O momento em que Bolsonaro imita uma pessoa com falta de ar para criticar a postura do ex-ministro da saúde, Henrique Mandetta, também teve bastante repercussão nos *media*. O site UOL⁴¹ retirou o trecho do vídeo em que ocorre a imitação e publicou em seu site, bem como o G1.

A defesa do tratamento precoce no decorrer da *live* repercutiu conforme demonstrado acima, porém a defesa da nebulização com o medicamento, defendido também pelo presidente, teve um efeito negativo nos *media*. De acordo com matéria publicada pelo G1⁴², no dia 24 de março de 2021 foi confirmada a morte de três pacientes, no estado do Rio Grande do Sul, que fizeram uso da nebulização com Cloroquina. Ainda segundo noticiado, o hospital afirma que os pacientes apresentaram quadros de taquicardia e piora após a nebulização, e dos quatro pacientes submetidos ao tratamento, três vieram a óbito.

Ainda é ressaltado na matéria que “estudos feitos em várias partes do mundo desde o ano passado não comprovaram a eficácia da hidroxicloroquina no tratamento contra a Covid-19. Neste mês, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou que o medicamento não seja usado como prevenção da doença”. (G1, 2021, não paginado). Contudo, mesmo com as mortes e a não recomendação do uso do medicamento pela OMS, de acordo com a matéria, o

⁴⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-ainda-nao-foi-convencido-mudar-seu-discurso-sobre-pandemia-24936596>. Acesso em: 07 dez. 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2021/03/19/bolsonaro-imita-pessoa-com-falta-de-ar-para-criticar-medidas-de-mandetta-quando-era-ministro.htm> Acesso em: 07 dez. 2022.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/03/24/morrem-tres-pacientes-que-receberam-nebulizacao-com-hidroxicloroquina-em-camaqua-diz-diretor-tecnico-de-hospital.ghtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.

presidente Bolsonaro continuou defendendo o uso da Cloroquina e a nebulização em pacientes com Covid-19.

Outra fala do presidente, durante a *live*, que teve repercussão foi a associação do isolamento social, ou, em suas palavras “confinamento”, ao aumento do número de desempregos e, com isso, ao aumento de suicídios e quadros de depressão. A matéria veiculada pelo G1⁴³ e produzida pela BBC News, no dia 27 de março de 2021, faz um panorama de um ano da doença no Brasil e acrescenta com declarações do presidente que associa o desemprego ao aumento de casos de depressão e suicídio.

Abaixo, segue a publicação conforme demonstrado na Figura 18.

FIGURA 18 - Matéria do G1 sobre *lockdown* e suicídio



Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2021/03/27/o-que-um-ano-de-covid-19-nos-revela-sobre-saude-mental.ghtml>.

De acordo com a publicação, “Ao contrário do que se imaginava, o primeiro ano de pandemia não aumentou o diagnóstico de transtornos mentais de forma significativa — e associar as medidas restritivas a casos de suicídio é ‘terraplanismo psiquiátrico’, avaliam especialistas.” (G1, 2021, não paginado).

Ainda segundo o site G1, “a tese que liga *lockdown* a aumento de doenças mentais é defendida pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), que usa essa e outras justificativas econômicas para resistir

⁴³ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2021/03/27/o-que-um-ano-de-covid-19-nos-revela-sobre-saude-mental.ghtml>. Acesso em: 07 dez. 2022.

à necessidade de firmar decretos que fechem o comércio e reduzam a circulação de pessoas pelas ruas”. (G1, 2021, não paginado)

Para fundamentar a informação apresentada na matéria, foi referenciado “um artigo ainda em pré-print que foi escrito por cientistas da Universidade de Liverpool, na Inglaterra, e da Universidade Maynooth, na Irlanda, faz uma revisão sistemática e uma meta-análise de tudo que foi produzido sobre o tema até o momento”. (G1, 2021, não paginado).

Buscando analisar os casos de suicídio com o *lockdown*, informações apresentadas pelo presidente ao longo da *live* e em discursos na televisão, a matéria tem como fundamento científico “uma revisão de estudos assinada por especialistas da Universidade de Bolonha, na Itália, e da Universidade Pace, nos Estados Unidos, analisou os achados de 25 estudos, que envolveram mais de 72 mil pessoas.” (G1, 2021, não paginado).

De acordo com esses estudos, “o impacto psicológico dos *lockdowns* durante a pandemia são pequenos em magnitude e altamente heterogêneos, sugerindo que essas medidas não têm consequências prejudiciais uniformes à saúde mental e a maioria das pessoas mostrou-se resiliente a esses efeitos” (G1, 2021, não paginado). A publicação ainda trata, mais especificamente, sobre o risco maior de atentar contra a própria vida. O trabalho ítalo-americano não encontrou qualquer relação significativa e chegou até a especular que “a pandemia pode ter mudado a forma como as pessoas enxergam a saúde e a morte e isso torne o suicídio menos provável”. (G1, 2021, não paginado).

Apresentando dados de estudos científicos, a publicação do site de notícias G1 vai de encontro àquilo que o presidente afirma em sua *live*. Pode-se, então, considerar suas falas uma desinformação de assuntos atinentes à pandemia, com associação de medidas importantes para conter o avanço da doença no país, adotadas por governadores e prefeitos e preconizada pela OMS, como o distanciamento social, ao aumento do número de suicídio e depressão.

A *live* do dia 06 de maio de 2021 repercutiu na imprensa as falas do presidente sobre a crítica à CPI da Covid-19, que estava em andamento no país, e ao seu ex-ministro Henrique Mandetta, ocasião em que Bolsonaro imitou uma pessoa com falta de ar. Pela segunda vez em suas *lives*, o presidente imitou uma pessoa com falta de ar para justificar a defesa do tratamento precoce e criticar a conduta adotada pelo seu ex-ministro da Saúde e OMS.

Esse fato teve repercussão novamente em agosto de 2022, quando o presidente compareceu a uma entrevista do Jornal Nacional da Rede Globo. Em um questionamento, negou que fez isso. A negação do acontecimento repercutiu nos veículos de comunicação e, inclusive, trouxe novamente os conteúdos expostos nas duas *lives*, os quais comprovam que

Bolsonaro realmente imitou pessoas com falta de ar nas *lives* dos dias 18 de março e 06 de maio de 2021, ambas analisadas anteriormente.

Abaixo, segue a repercussão no site do G1⁴⁴ através da Figura 19:

FIGURA 19 - Matéria do G1 sobre presidente imitando pessoas com falta de ar



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>

Segundo a matéria publicada, “o presidente Jair Bolsonaro (PL) pediu, em entrevista ao Jornal Nacional nesta segunda-feira (22), que fosse apresentado algum vídeo em que ele imitasse um paciente com falta de ar” (G1, 2021, não paginado). Esse pedido feito pelo presidente, durante sua entrevista, foi após a jornalista Renata Vasconcellos afirmar que ele fez as imitações em suas *lives* em um momento de grande mortalidade causada pela Covid-19 no Brasil, demonstrando sua falta de compaixão com as vítimas.

Para comprovar essas imitações e contestar a negação do presidente, o G1 apresentou trechos das *lives* e afirmou:

em duas *lives*, em 18 de março de 2021 e em 6 de maio do mesmo ano, o presidente simula um paciente sem oxigênio. A falta de ar era um sintoma comum de Covid em 2020 e em 2021, no pior período da pandemia, antes da disseminação da vacina contra a doença - o que fez desabar o número de casos graves e mortes. (G1, 2021, não paginado).

⁴⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Após a negativa de Bolsonaro em entrevista em rede nacional, esses vídeos voltaram a ter repercussão e foram novamente pautados pelos *media*, comprovando que o presidente imitou pessoas com falta de ar nas duas *lives* analisadas nesta tese.

Na *live* do dia 06 de maio de 2021, o presidente fez muitas críticas à CPI da Covid e voltou a defender o tratamento precoce através do uso da Cloroquina, remédio não reconhecido pela Anvisa e nem preconizado pela OMS. Abaixo, na Figura 20, o site do UOL⁴⁵ apresenta uma matéria do mesmo dia da *live*, trazendo uma conferência das falas ditas pelo presidente no transcorrer do vídeo.

FIGURA 20 - Matéria UOL referente à *live* do dia 06/05/2021



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/05/06/live-bolsonaro-6-maio-2021-confere.htm>

A matéria faz checagens acerca de algumas falas do presidente na *live*, em especial na defesa da Cloroquina, CPI da Covid, número de vacinação no país, desemprego e voto eletrônico. Este último assunto não será abordado por não fazer parte do tema da pesquisa e das análises realizadas. Essa publicação integra um conjunto de reportagens do site do UOL Notícias chamado de UOL Confere.

De acordo com a reportagem, ao criticar a CPI da Covid, o presidente fala que não tem razões para se preocupar, ainda que na matéria tenha sido divulgado os links que demonstram as acusações feitas na CPI.

⁴⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/05/06/live-bolsonaro-6-maio-2021-confere.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

O colunista Rubens Valente, do UOL, divulgou um documento elaborado pela Casa Civil que listava 23 acusações contra o governo Bolsonaro na condução do combate à pandemia, o que inclui a falta de interesse na compra de vacinas da Pfizer em agosto passado e promoção da hidroxicloroquina mesmo sem comprovação da eficácia contra a covid-19 (UOL, 2021, não paginado).

Outra conferência feita pela matéria é em relação à afirmação do presidente na *live* de que o Brasil é o quarto país que mais vacina no mundo. De acordo com o UOL (2021, não paginado), “A afirmação de que o Brasil está entre os países que mais vacinam no mundo, repetida diversas vezes pelo presidente e já desmentida anteriormente pelo UOL Confere, leva em consideração números absolutos de doses aplicadas, sem diferenciar as populações de cada país”. Em adição,

Segundo o painel de vacinação mundial Our World In Data, da Universidade Oxford, o Brasil está atrás de Estados Unidos, Índia e Reino Unido e à frente da Turquia no ranking do total de segundas doses aplicadas. No entanto, ao verificar o que os números correspondem no percentual populacional de cada país, o Brasil é o 12º da lista. Com mais de 212 milhões de habitantes, o Brasil tem população duas vezes maior que a da Turquia e três vezes maior que a do Reino Unido. Até a noite desta quinta-feira (6), o Reino Unido apresentava 24% da população vacinada com a segunda dose (cerca de 16,9 milhões de pessoas), enquanto o Brasil foi listado com apenas 7,02% de habitantes vacinados com a segunda dose (14,9 milhões). A Turquia, apesar de ter 9,8 milhões de vacinados com a segunda dose, tem um percentual maior da população alcançado: 11,7% receberam a imunização completa contra o vírus. (UOL, 2021).

Na mesma *live*, Bolsonaro defende novamente o uso da Cloroquina e afirma, conforme já demonstrado na análise de conteúdo, “Eu nunca vi ninguém morrer por ter usado hidroxicloroquina” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). A matéria do site de notícias UOL referencia essa frase dita pelo presidente e apresenta dados acerca de mortes com o uso da Cloroquina em pacientes com Covid-19.

De acordo com a matéria,

Os dados mais recentes do Painel de Notificações de Farmacovigilância, mantido pela Anvisa e atualizado em 2 de maio de 2021, registram pelo menos dez óbitos após efeitos adversos da cloroquina desde o início da pandemia, além de dois casos registrados como “recuperados com sequelas”. O painel também registra uma disparada nas notificações de efeitos adversos ao medicamento a partir de março de 2020. No período, a Anvisa fez 897 notificações de efeitos relacionados à cloroquina, hidroxicloroquina ou sulfato de hidroxicloroquina. Se considerados outros medicamentos do chamado “kit covid” (que também inclui azitromicina e ivermectina), o número de notificações salta para 1.403. Um painel de especialistas internacionais da OMS (Organização Mundial da Saúde) confirmou que a hidroxicloroquina não deve ser usada para tratamento da covid-19. Os cientistas do Grupo de Desenvolvimento de Diretrizes do órgão analisaram os resultados de seis ensaios clínicos com mais de 6.000 participantes. Os resultados publicados

pelo painel apontaram que o medicamento “não influencia a taxa de infecção e provavelmente aumenta o risco de efeitos adversos” (UOL, 2021, não paginado).

Com apresentação das informações científicas acerca do uso da Cloroquina, a matéria publicizada pelo UOL Notícias (2021) contesta as falas do presidente ao afirmar que esse medicamento deve ser usado, pois não apresenta riscos à saúde de pacientes com Covid-19. Em mais uma *live*, a repercussão nos veículos de comunicação demonstra que informações trazidas pelo presidente acerca da pandemia indicam conteúdos que trazem desinformações, informações não científicas e condutas não preconizadas para combater a crise sanitária.

A *live* do dia 21 de outubro de 2021 teve vários assuntos que repercutiram na mídia, incluindo, como já salientado no tópico da Análise de Conteúdo, a associação da vacina da Covid-19 ao vírus HIV feita pelo presidente. O vídeo foi retirado do ar pelo *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*. Além disso, em sua fala, aborda um estudo do médico Dr. Fauci, que relaciona as mortes da gripe espanhola ao uso de máscaras. Também defende o uso de Cloroquina para pacientes com Covid-19.

Essas afirmações do presidente, durante o vídeo, foram bastante noticiadas pela imprensa. No dia 25 de outubro de 2021⁴⁶, o site de notícias G1 publicou uma matéria sobre a retirada do ar do conteúdo da *live* analisada pela plataforma *Facebook* (Figura 21).

FIGURA 21 - Matéria do G1 sobre retirada da *live* do ar



Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/live-bolsonaro.ghtml>

⁴⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/live-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

A publicação destaca que o presidente afirma em sua *live* que a vacina da Covid-19 causa AIDS e que essa informação não é aceita pelas plataformas *YouTube*, *Instagram* e *Facebook*. Por esse motivo, o vídeo foi retirado do ar. Ainda de acordo com o site G1, essas plataformas não concordam com a divulgação de informações não científicas e, nesse caso, não verdadeiras, já que o conteúdo abordado por Bolsonaro viola as diretrizes contra a desinformação.

Ainda segundo o G1 (2021, não paginado), “Esta foi a primeira vez que Facebook e Instagram removem uma *live* de Bolsonaro. Em março de 2020, as plataformas tiraram do ar um vídeo gravado em que ele aparece provocando aglomerações em um passeio em Brasília.” Para refutar essa afirmação, o G1 buscou dados do Departamento de Saúde e Assistência Social do Reino Unido, pois, de acordo com a fala do presidente, o estudo oficial do Governo do Reino Unido foi a base para trazer essa informação em sua *live*. Assim, o Departamento afirma que:

a publicação é de um site que propaga ‘fake news’ e teorias da conspiração e diz que a história não é verdadeira. A notícia falsa mencionada por Bolsonaro foi colocada no site conspiracionista beforeitnews.com, que publica textos dizendo que as vacinas rastreiam os vacinados e que milhões de pessoas morreram com as vacinas. (G1, 2021, não paginado).

Percebe-se que o presidente apresenta em sua *live* informações não científicas, baseando-se em um estudo não confirmado, com viés de conspiração, e propagando desinformação acerca da vacina contra a Covid-19.

No dia da transmissão da *live*, a Folha de São Paulo⁴⁷ noticiou que o presidente “desdenha da vacina e enaltece kit Covid um dia após CPI lhe atribuir 9 crimes na pandemia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021, não paginado). Na mesma publicação foi ratificado que o presidente continua defendendo medidas ineficazes para o tratamento da Covid-19, como o uso de Cloroquina, e descredibilizando a vacina para conter o avanço da doença, em particular no dia em que o Brasil registrou mais de 600 mil mortes causadas pelo vírus. As críticas às medidas propostas por governadores, que solicitam comprovante de vacinação ou, como denomina o presidente, “passaporte vacinal”, também repercutiram na publicação.

A matéria publicada pelo site de notícias UOL⁴⁸, no mesmo dia da *live*, e denominada de UOL Confere, aborda os principais pontos falados pelo presidente em seu vídeo e apresenta

⁴⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-desdenha-de-vacina-e-enaltece-kit-covid-um-dia-apos-cpi-apontar-9-crimes-dele-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

⁴⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/21/bolsonaro-recicla-fakes-estrangeiras-sobre-vacinas-contr-covid-e-mascaras.htm>. Acesso em: 12 dez. 2022.

fatos científicos que negam informações apresentadas durante a *live*. A Figura 22 ilustra a chamada da matéria.

FIGURA 22 - Matéria do UOL sobre *live* do dia 21/10/2021



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2021/10/21/bolsonaro-recicla-fakes-estrangeiras-sobre-vacinas-contr-covid-e-mascaras.htm>.

De acordo com a matéria, “Bolsonaro deu dados falsos sobre a vacinação contra a covid no Reino Unido, apresentou uma tese fantasiosa sobre efeitos colaterais dos imunizantes e reproduziu uma alegação mentirosa sobre supostos danos do uso de máscaras.” (UOL, 2021, não paginado). Durante a *live*, o presidente, com base em um estudo do Reino Unido, que não apresenta a fonte, afirma que os totalmente imunizados, ou seja, quem têm as duas doses da vacina, representam 70% das mortes por Covid-19. A partir dessa afirmação, o UOL (2021, não paginado) confirma que:

A declaração do presidente é FALSA. Os completamente vacinados — que receberam as duas doses — representaram menos de 1% das mortes por Covid no Reino Unido nos seis primeiros meses do ano. De acordo com dados divulgados em setembro pelo ONS, órgão de estatísticas do governo britânico, apenas 458 das 51.281 pessoas que morreram de Covid entre 2 de janeiro e 2 de julho de 2021 tinham completado o ciclo vacinal há mais de 21 dias — tempo considerado seguro. A alegação de Bolsonaro vem de uma desinformação que circulou nos EUA e na Europa em julho, que distorcia os dados de uma pesquisa do governo britânico sobre as variantes do coronavírus. O estudo não trazia nenhum dado sobre o total de mortos pela covid entre vacinados, e informava apenas a proporção de vacinados entre os mortos pela variante delta, naquele momento a mais recente em circulação no país.

Acerca da relação da vacina e do vírus da AIDS, informação que fez com que a *live* fosse retirada das plataformas digitais, a notícia apura que “A ‘fonte’ do que Bolsonaro falou é um texto anônimo publicado em um site em inglês recheado de teorias da conspiração, onde

qualquer pessoa pode publicar qualquer coisa sem se identificar.” (UOL, 2021, não paginado). A matéria também confirma que o estudo que o presidente se baseia para trazer essa informação não é confiável e tem o viés de teorias da conspiração, sem respaldo e apuração científica.

Durante a *live*, conforme abordado no tópico Análise de Conteúdo, Bolsonaro apresenta um estudo da gripe espanhola e relaciona mortes de Covid-19 com infecções causadas por uso de máscaras. Para comprovar a desinformação, a publicação da UOL (2021, não paginado) afirma que:

Mais uma declaração FALSA do presidente que também é uma fake news antiga e vinda do exterior. O estudo citado por Bolsonaro existe, mas sequer cita máscaras. Anthony Fauci, um imunologista e conselheiro médico do presidente dos EUA, Joe Biden, publicou com mais dois pesquisadores em 2008 um artigo com os resultados de uma análise de tecidos e autópsias de vítimas da gripe espanhola, em 1918, e descobriram que vários deles tiveram pneumonia bacteriana. No entanto, uma coisa não exclui a outra, como disse Bolsonaro. O estudo conclui que o vírus da gripe espanhola facilitou com que as pessoas desenvolvessem também pneumonia bacteriana. Esta alegação falsa circulou nos EUA entre outubro e novembro do ano passado, e já tinha sido checada por diversos veículos de imprensa estrangeiros, como USA Today, Reuters e PolitiFact.

A partir das publicações apresentadas, constata-se que Bolsonaro novamente adota uma postura que se distancia das normas estabelecidas pela OMS, pautando-se em estudos não científicos, trazendo desinformação acerca da doença e da vacina, e defendendo continuamente o que denomina de “tratamento precoce”.

Com esse levantamento das matérias publicizadas após as *lives* analisadas, nota-se que as publicações dos veículos de comunicação sempre retomam assuntos tratados pelo presidente que trazem desinformação, incluindo a defesa do uso da Cloroquina e a desacreditação e importância da vacinação, mesmo após a última *live* analisada ter passado quase dois anos do surgimento do primeiro caso da doença no país. As matérias publicadas contestam dados apresentados pelo presidente, apresentam informações científicas que contradizem o discurso que ele apresenta em suas *lives*. Confirmam-se, então, as desinformações abordadas por Bolsonaro ao longo dos seus vídeos e que foram analisadas qualitativamente em cada *live* no tópico de Análise de Conteúdo.

Vale reiterar que este tópico não tem como objetivo realizar uma análise dos *media*, mas sim apresentar publicações que foram feitas relacionadas às *lives* analisadas, associando-as às falas do presidente que reverberaram na imprensa e, conseqüentemente, na sociedade. Comprova-se, portanto, que muitas falas ditas por Bolsonaro, durante as *lives*, apresentam conteúdos com desinformação acerca da pandemia de Covid-19.

5.4 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS EXTRAÍDOS DAS LIVES

Esta análise tem como objetivo entender, de forma ampliada, os comentários deixados pelos seguidores nas *lives* analisadas, e perceber, de forma qualitativa e quantitativa, como ocorre essa interação entre os seguidores e o presidente, e se, em sua maioria, os comentários deixados são de apoio. A partir desse olhar acerca dos comentários, pretende-se identificar se essa esfera pública que se forma pode ser percebida como um *locus* de concordância, onde as opiniões são ecoadas e não discutidas, e se ocorre um processo interacional comunicativo entre o presidente e os seus seguidores, conforme objetivos descritos nesta tese.

Os comentários foram extraídos usando a plataforma paga exportscomments.com, cujo plano assinado possibilitava a exportação de 50.000 comentários por *live*. A partir da exportação desses comentários, realizou-se, através da inteligência de dados, uma análise quantitativa, com aplicação das técnicas de Processamento de Linguagem Natural (NLP), usando Python. Para a análise de intenções e sentimentos, foi utilizado o sistema de Inteligência Artificial (IA) em nuvem, IBM Watson Assistant e IBM Natural Language Understanding.

A busca das *lives*, na rede social do presidente, foi um processo bastante minucioso, incluindo, inicialmente, a construção do Quadro 3 - Universo das “*Lives* de 5ª Feira”, pois, em vários momentos, as *lives* eram encontradas e, posteriormente, o vídeo já não estava mais disponível na rede social. Esse foi o ponto que desencadeou dificuldades para a realização desta etapa do estudo empírico, já que os comentários deveriam ser retirados do *Facebook* e não de outra rede social.

Partindo dessas extrações, buscando uma análise quantitativa, apresenta-se primeiramente a quantidade de comentários deixados em cada *live* e a quantidade extraída via exportscomments.com, conforme apresentado no Quadro 14.

QUADRO 14 - Quantidade de Comentários

<i>Lives</i>	Comentários Totais	Comentários Extraídos
26.03.2020	5.100	3908
25.02.2021	31.000	28.597
18.03.2021	87.000	50.000
06.05.2021	63.000	50.000
21.10.2021	_____	_____

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir desse quadro, ressaltam-se algumas limitações que ocorreram no processo de extração dos comentários, pois, em duas *lives*, por algum motivo de erro do site exportscomments.com, a quantidade total dos comentários deixados pelos seguidores não foi extraída, como a do dia 26 de março de 2020 e a do dia 25 de fevereiro de 2021. Contudo, mesmo enviando esse questionamento ao suporte, não foi obtido retorno. Assim, não feito o *download* dos comentários completos pela plataforma, mesmo após diversas tentativas. Já a *live* do dia 21 de outubro de 2021 foi retirada, conforme já mencionado, de todas as plataformas digitais, o que resultou na impossibilidade de extrair os comentários deixados nesse conteúdo.

A *live* do dia 26 de março de 2020 teve apenas 5.100 comentários, conforme pontuado no Quadro 15, mas deve-se esclarecer que esses comentários foram extraídos de uma parte da *live* postada no *Facebook* do presidente, no dia 31 de março de 2020⁴⁹. O restante da *live* e os comentários não foram encontrados. A íntegra da *live* para a análise de conteúdo foi retirada do *YouTube*⁵⁰.

No início do levantamento quantitativo das *lives*, conforme Quadro 3, constata-se que a *live* do dia 26 de março estava na íntegra no *Facebook* do presidente Bolsonaro. Acredita-se que foi retirada do seu canal por ter apresentado informações bastante polêmicas e que repercutiram negativamente na imprensa, como o fato de o presidente apresentar uma caixa do remédio Cloroquina e defender esse medicamento para a cura da doença. O presidente também afirmou que, para muitos brasileiros, o vírus seria apenas uma “gripezinha”. Além disso, entende-se que a *live* foi retirada do ar pelo presidente e/ou sua equipe após questionamentos durante a campanha presidencial que decorreu no ano de 2022.

É salutar ressaltar que os comentários não foram baixados durante a fase do levantamento quantitativo das *lives* por configurar ações em etapas diferentes no processo da construção dos dados empíricos. Por esse motivo, a extração dos comentários ocorreu após a fase de transcrição textual das *lives* para a Análise de Conteúdo.

Frisa-se que, na análise quantitativa, os formatos dos comentários deixados pelos seguidores foram diferenciados. Assim, os comentários que são apenas imagens (que contém *links*) foram separados dos comentários que são texto e comentários com *emojis* (sem texto e com texto acompanhando). A janela de consideração foi estabelecida pela data do primeiro e do último comentário analisado. As frequências relativas (porcentagens entre parênteses) foram

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1398606967008763>

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rDmThIgX8-k>

calculadas com relação ao total de comentários por *live* (para usuários únicos), conforme Quadro 15.

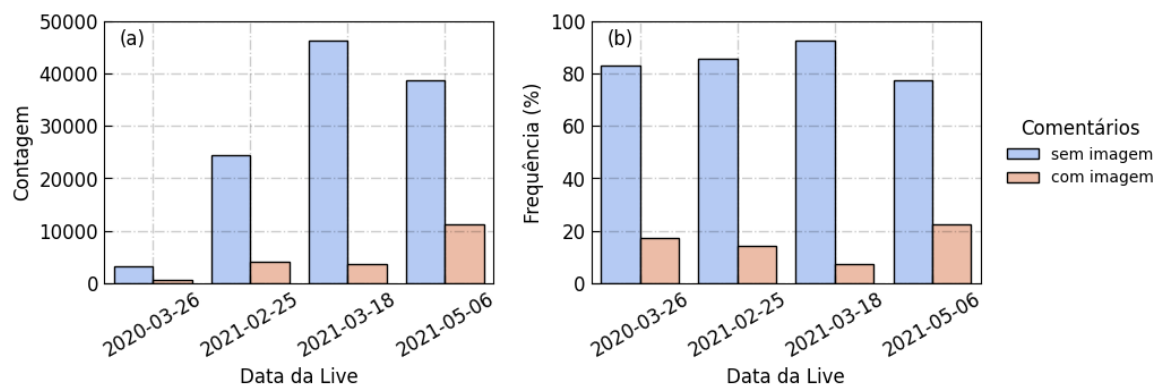
QUADRO 15 - Estatísticas dos comentários no Facebook por *live*

Estatísticas Totais	Data da Live				
	26-03-20	25-02-21	18-03-21	06-05-21	21-10-21
Primeiro comentário	31/03/20 06:25:44	25/02/21 19:16:50	18/03/21 19:19:00	06/05/21 19:07:31	-
Último comentário	09/05/20 17:42:24	17/04/21 13:25:50	27/06/22 19:08:32	07/05/22 07:42:11	-
Quantidade de Comentários	3907	28596	49999	49999	-
Usuários únicos por <i>live</i>	3401 (87.05%)	14888 (52.06%)	19988 (39.98%)	20129 (40.26%)	-
Comentários sem imagem	3238 (82.88%)	24503 (85.69%)	46366 (92.73%)	38810 (77.62%)	-
Comentários com imagem	669 (17.12%)	4093 (14.31%)	3633 (7.27%)	11189 (22.38%)	-
Comentários sem <i>emoji</i> ¹	2756 (70.54%)	20547 (71.85%)	41405 (82.81%)	30589 (61.18%)	-
Comentários com <i>emoji</i> ¹	482 (12.34%)	3956 (13.83%)	4961 (9.92%)	8221 (16.44%)	-
Comentários com <i>emoji</i> e texto ¹	353 (9.04%)	3125 (10.93%)	3953 (7.91%)	5832 (11.66%)	-
Comentários só com <i>emoji</i> ¹	129 (3.30%)	831 (2.90%)	1008 (2.02%)	2389 (4.78%)	-

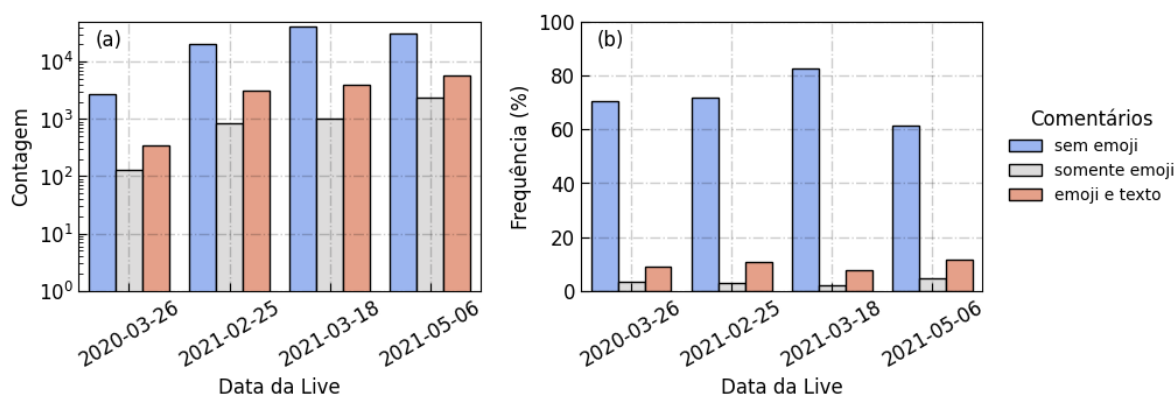
¹ Considerando apenas comentários sem imagens.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os comentários com imagem, nos quais os seguidores colocam *links* de fotos, foram descartados das análises posteriores, pois os *links* não funcionam. Os gráficos 7 e 8 ilustram as distribuições de imagens (com *links*) e emojis nos comentários analisados de cada *live*.

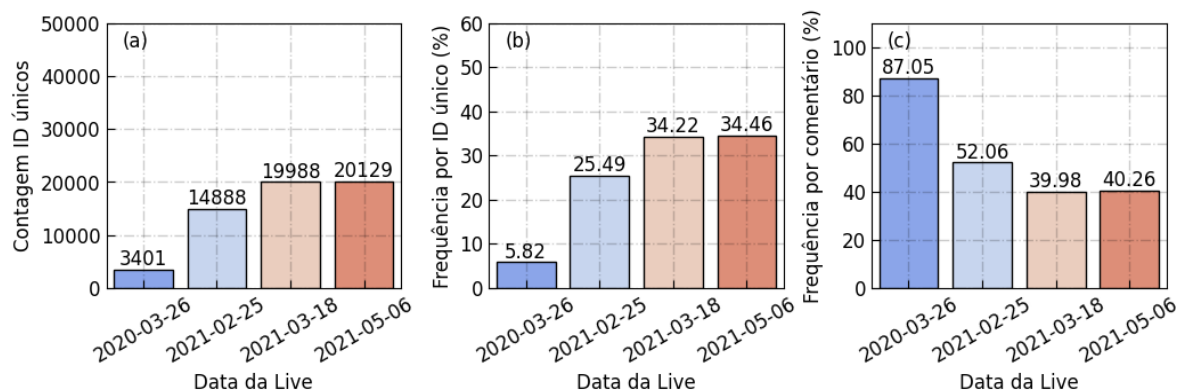
GRÁFICO 7 - Presença de imagens nos comentários dos seguidores

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

GRÁFICO 8 - Presença de *emojis* nos comentários dos seguidores

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Além desse levantamento quantitativo, é importante perceber como os seguidores comentaram em cada *live*, se um mesmo seguidor deixou diferentes comentários e, também, se comentou em outras *lives*. Para isso, utiliza-se o número de identificação único (ID) associado a cada comentário deixado. A partir desse ID, os dados foram obtidos conforme demonstrado no Gráfico 9.

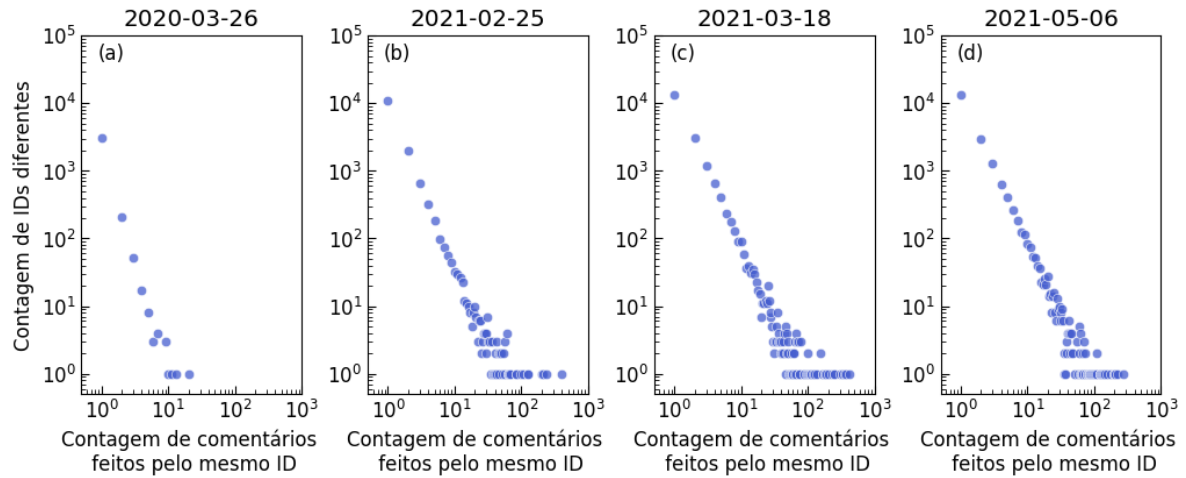
GRÁFICO 9 - Comentários por usuários

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Para entender os dados, no Gráfico 9 (a) tem a quantidade de usuários únicos por *live*; através do quantitativo dos IDs únicos. Já o Gráfico 9 (b) demonstra o percentual desses usuários por total de IDs únicos por cada *live* e, por fim, no Gráfico 9 (c) são quantificados os usuários únicos por comentário total da respectiva *live*.

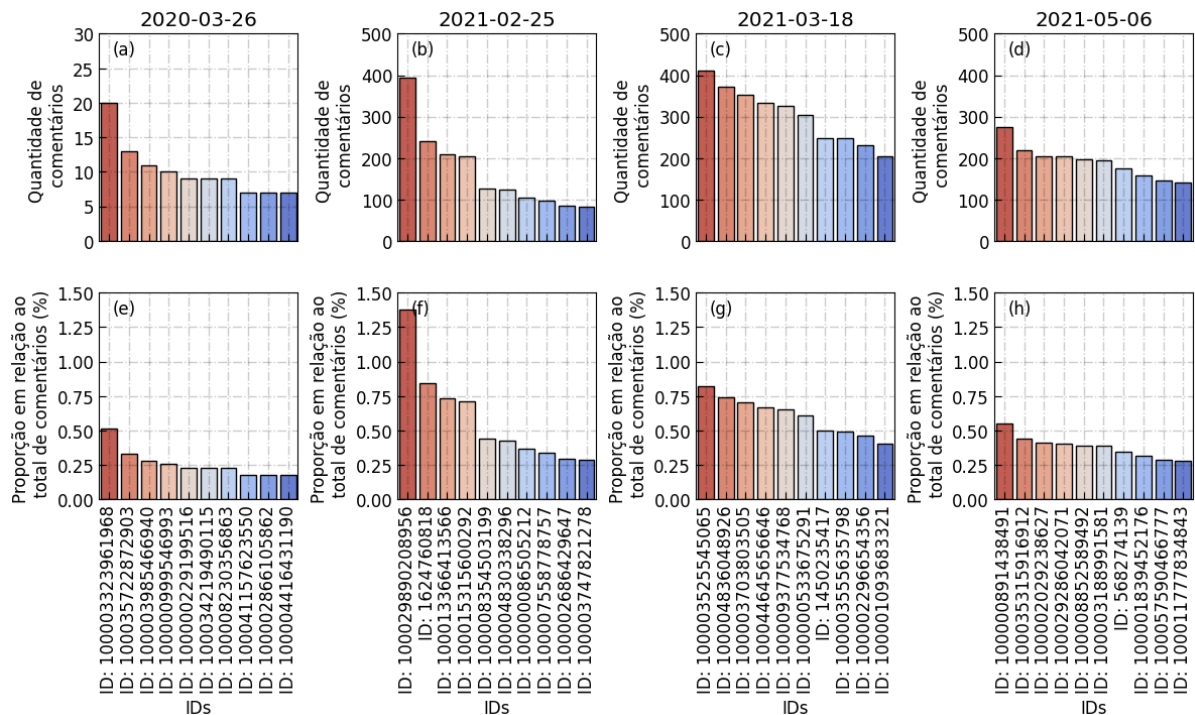
Pelos dados dos usuários únicos por *live* divididos pelo total de comentários, no Gráfico 9 (c), nota-se que o mesmo usuário tende a comentar mais de uma vez (percentagem de usuários únicos por comentário). Pelo Gráfico 9 (b) é possível ver a porcentagem média do universo total de usuários que comentaram nas quatro *lives*, totalizando 5.8406 IDs diferentes presentes em cada uma das *lives*.

O Gráfico 10 apresenta a distribuição dos comentários por usuários diferentes. O gráfico segue a Lei de Potência Típica, pelo qual muitos usuários efetuam apenas um comentário e poucos usuários efetuam muitos comentários. É possível identificar esse comportamento observando que, por exemplo, para (b) terá cerca de 10^4 (dez mil) usuários que comentaram apenas 10^0 (uma) vez. Na “cauda” da estatística, observa-se uma região na qual usuários individuais ($10^0 = 1$, no eixo y) comentaram entre 50 e 500 vezes, aproximadamente (Gráfico 10 (b), (c) e (d)). O extremo de cada “cauda” é composto por 4, 23, 36 e 38 usuários distintos, respectivamente.

GRÁFICO 10 - Distribuições dos comentários por usuários para cada *live*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

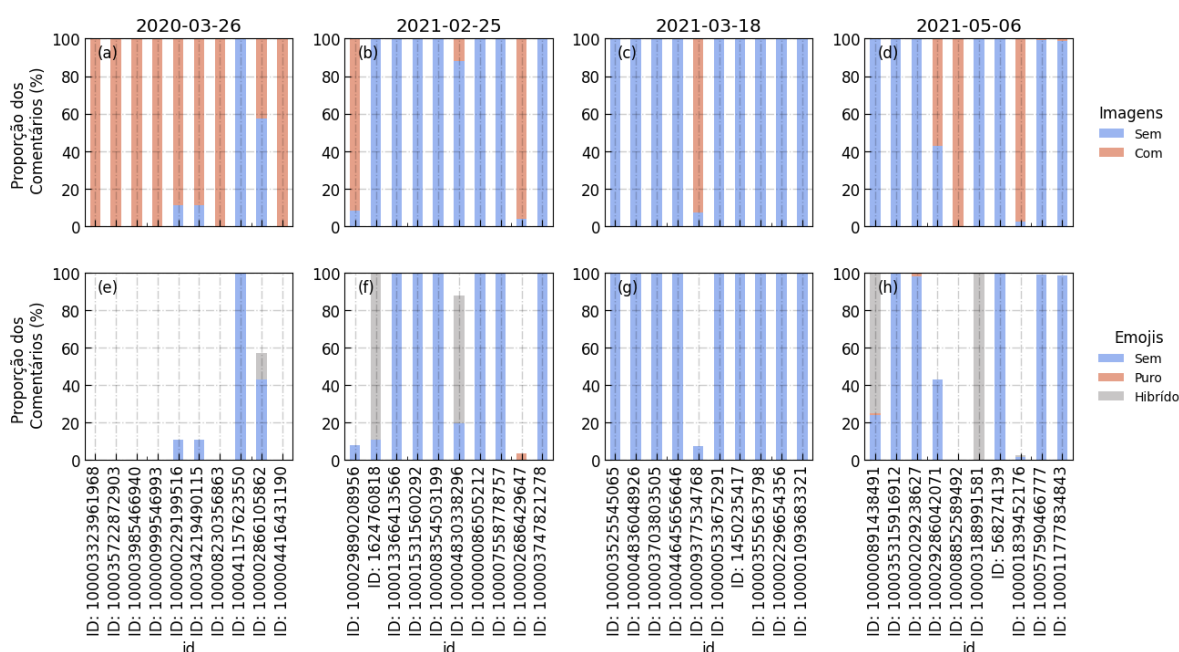
Para observar a “cauda” com mais detalhes, no Gráfico 11 são apresentadas as quantidades de comentários por ID único para o top de 10 usuários que mais comentaram em cada *live*.

GRÁFICO 11 - Top 10 usuários que mais comentaram em cada *live*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Já no Gráfico 12 são apresentadas as distribuições por usuários considerando o formato do conteúdo do comentário. Vê-se que existem usuários que postam mais e que o conteúdo é totalmente no formato de imagem. Assim, esse gráfico representa como são feitos os comentários dos top 10 usuários em cada *live*, com utilização de apenas imagens (aquelas com *links* foram descartadas da análise) e apenas *emojis*, ou *emojis* e textos, considerado como híbrido na análise.

GRÁFICO 12 - Comentários dos top 10 usuários



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

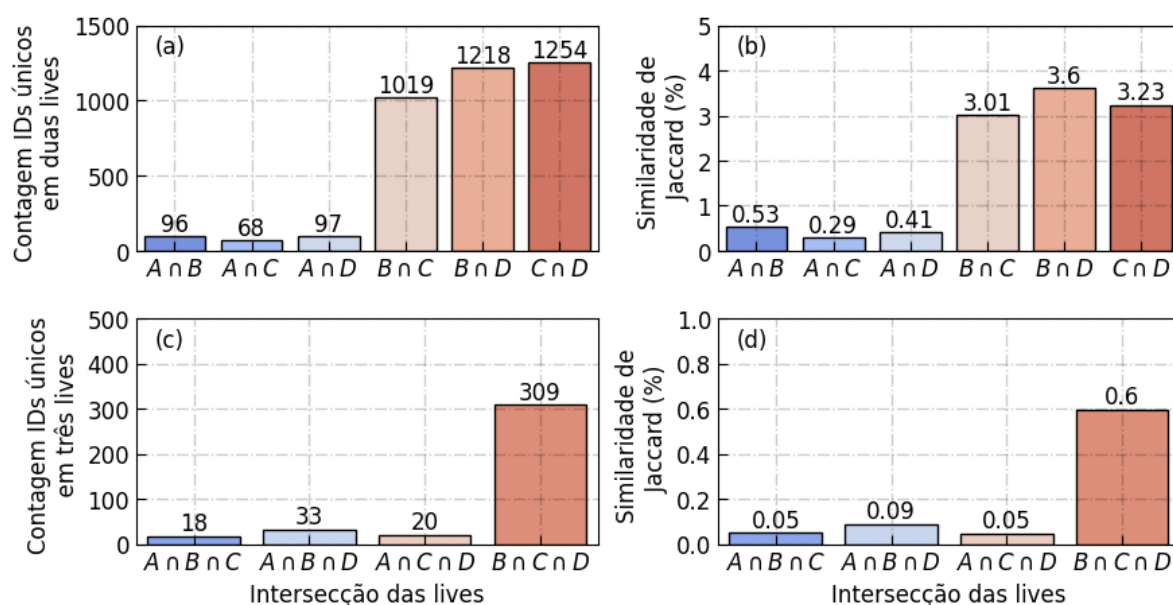
A partir dessa análise, os comentários deixados pelos top 10 seguidores em cada *live* apresentam textos, em sua maioria. Na *live* do dia 26 de março de 2020 foram utilizadas majoritariamente imagens com *links* nos comentários deixados pelos seguidores e a do dia 06 de maio de 2021 também teve imagens nos comentários. Esses *links* não foram possíveis de serem abertos, por isso, foram excluídos da análise. Porém, nota-se que são *links* bem formatados, que seguem um padrão aproximado em todos os comentários deixados nas quatro *lives*, considerando uma leitura inspeccional.

5.4.1 Comentários *Facebook* – usuários recorrentes

Esta parte da análise tem como objetivo estudar o agrupamento de usuários que comentou em mais de uma *live*, sendo definido como usuário recorrente. Para isso deve-se analisar a intersecção entre o grupo de IDs de cada *live*, considerando o grupo de *lives* dois a dois, três a três e o único grupo das quatro *lives*.

No Gráfico 13, demonstram-se as intersecções de todas as combinações possíveis realizadas pelo processo de Inteligência Artificial (IA), nomeando-se as *lives* por A, B, C e D, seguindo a ordem cronológica de realização (26/03/20; 25/02/21; 18/03/21; 06/05/21) para facilitar a leitura do gráfico.

GRÁFICO 13 - Intersecção entre usuários únicos que comentaram em cada *live*



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

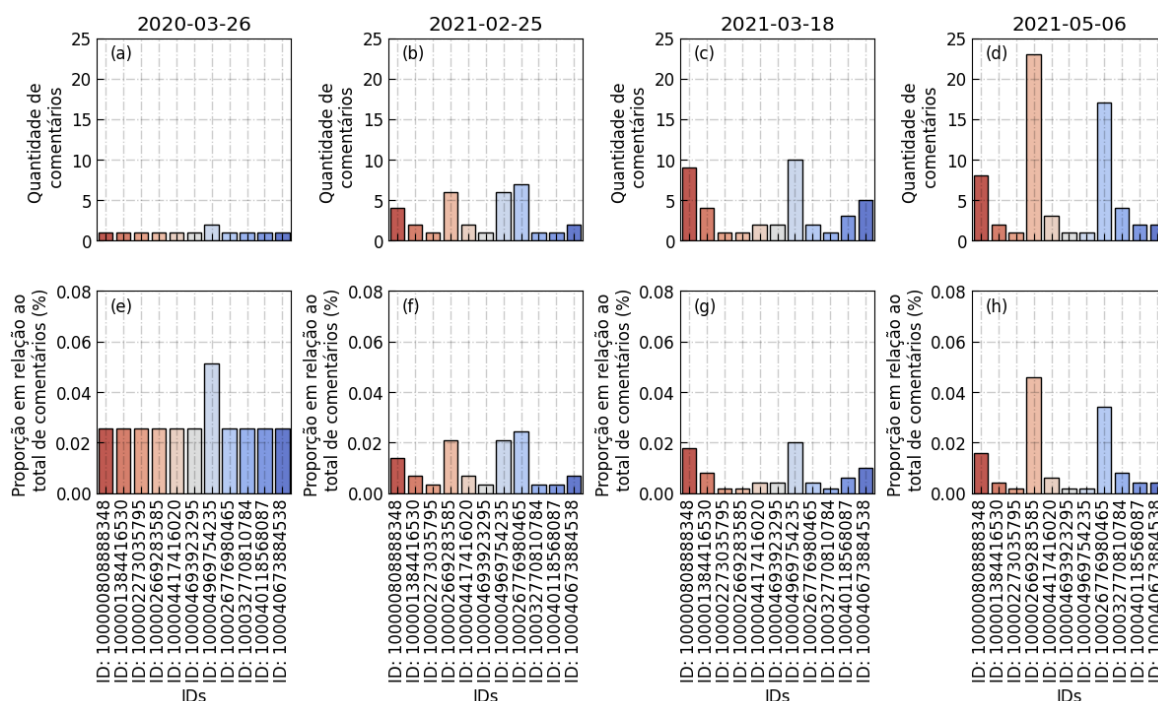
A partir desse gráfico, observando os usuários que comentaram nas *lives*, infere-se que a maior parte dos usuários únicos que comentou na primeira *live* (denotada por A) não comentou nas outras *lives*. As *lives* B, C e D são as que mais apresentam as “mesmas pessoas”, ou seja, que aparecem usuários recorrentes. Quando considerada em pares, obtém-se a ordem de 1000 usuários únicos comentando em ambas as *lives* (na ordem de 3% do total se considerada a união entre todos os IDs nas respectivas duas *lives*).

Considerando três *lives*, são cerca de 300 usuários que comentaram em B, C e D. Já a *live* A destoa das outras, pois o recorte dos comentários é posterior à janela original da

transmissão (o primeiro comentário é de 31 de março de 2020, às 06:25:44, mas a *live* é do dia 26). Compreendendo a combinação das quatro *lives*, apenas onze usuários comentaram em todas, totalizando 149 comentários.

O Gráfico 14 aponta a distribuição dos comentários desses onze usuários que comentaram em todas as *lives*. O total de comentários para esse grupo por *live* é de 12, 33, 40 e 64, em ordem cronológica. O objetivo é saber quão parecidas são as *lives* quando os grupos de IDs são observados. Por exemplo, um ID repetido entre duas *lives* significa que o mesmo usuário deixou comentários em duas *lives*.

GRÁFICO 14 - Intersecção dos usuários que comentaram nas quatro *lives*



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com esse recorte quantitativo, dos onze usuários que deixaram comentários em todas as *lives* analisadas e a partir de uma leitura inspeccional dos comentários deixados por esses usuários, afirma-se que, em sua totalidade, os comentários são de seguidores apoiadores do presidente, pois o conteúdo é de concordância, apoio e incentivo à postura do presidente e às suas falas no decorrer das quatro *lives* analisadas.

Alguns comentários foram retirados na íntegra para demonstrar esse apoio, como os seguintes: “Orgulho do nosso presidente”, “Auxílio não é salário”, “Governadores e prefeitos

vão pagar caro”, “Amo sua dedicação ao povo brasileiro”, “Bolsonaro tem razão”, “Globo lixo, UOL lixo, Estadão Lixo, Antagonista Lixo, CPI Lixo”.

Outro aspecto observado em alguns desses seguidores que comentam em todas as *lives* corresponde ao fato de que, às vezes, os comentários deixados têm um espaço temporal muito pequeno, menos de segundos, de um para o outro. Para exemplificar, conforme análise dos comentários do ID Israel Alves da Costa na *live* do dia 06 de maio de 2021, dos 23 comentários postados, o primeiro foi feito no tempo de 19:09:30 do percurso do vídeo e o último em 19:24:38, sendo alguns deixados com menos de sete segundos (Figura 23).

FIGURA 23 - Comentários deixados por um seguidor

Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:09:30	2	NaN	Orgulho do nosso Presidente Jair Bolsonaro e P...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:09:37	0	NaN	Orgulho do nosso Ministro Da Economia, Paulo G...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:09:53	0	NaN	Sigamos em frente, Presidente Jair Bolsonaro. ...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:10:08	0	NaN	Governadores e Prefeitos, vão pagar caro pelas...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:10:16	0	NaN	Orgulho do nosso Presidente Jair Bolsonaro, es...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:10:27	0	NaN	Eu apoio e quero voto impresso auditável já. E...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:10:38	0	NaN	Estaremos todos juntos em 2022, para reeleger ...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:16:15	0	NaN	Parabéns Deputada Bia Kicis, eu apoio e estou ...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:16:24	0	NaN	Parabéns Presidente da Câmara, Arthur Lira. Po...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:18:53	0	NaN	Parabéns ao nosso glorioso, Exército Brasileir...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:19:51	0	NaN	Eu apoio tratamento precoce, tratamento precoc...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:20:10	7	NaN	Parabéns Presidente Jair Bolsonaro e Ministéri...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:20:59	0	NaN	Essa empresa mequetrefe e maquiavélica, vive a...	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:21:10	0	NaN	#GloboLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:21:20	0	NaN	#FolhaLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:21:35	0	NaN	#EstadaoLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:21:47	0	NaN	#UOLlixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:22:03	0	NaN	#VejaLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:22:16	0	NaN	#IstoÉLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:22:34	0	NaN	#OAntagonistaLixo	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:23:33	0	NaN	#CPIDosSenadoresCorruptos	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:23:49	0	NaN	#CPIDaQuadrilha	2021-05-06
Israel Alves Da Costa	ID: 100002669283585	06/05/21 19:24:38	0	NaN	#CPIComGovernadoresEPrefeitos	2021-05-06

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

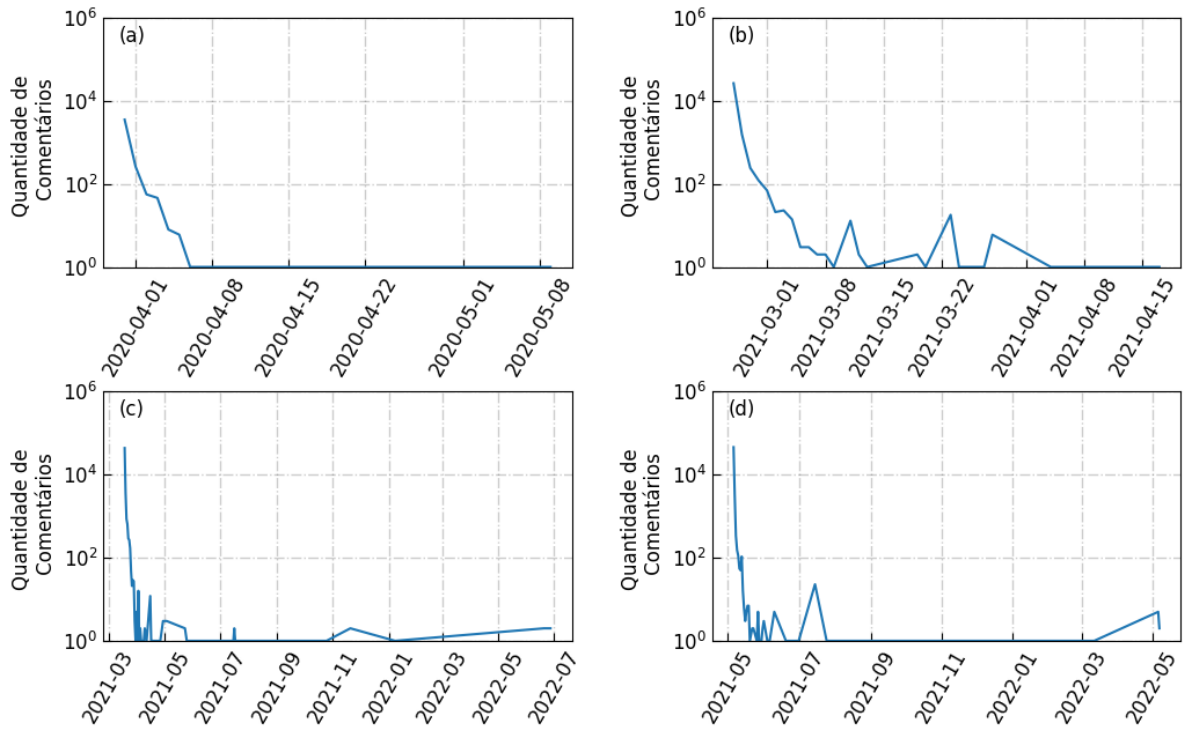
Com a finalidade de conhecer o perfil no *Facebook* desse seguidor, pesquisou-se pelo nome completo e foi encontrada esta página na referida rede social (Figura 24).

FIGURA 24 - Perfil de usuário no *Facebook*

Fonte: <https://www.facebook.com/raelcosta17>

A última postagem pessoal do perfil data do dia 22 de março de 2020, justamente sobre um vídeo que traz o médico Dráuzio Varella falando sobre a pandemia e a crítica à Covid-19 ser considerada apenas uma “gripe”. Já no grupo do *Telegram* criado em 17 de fevereiro de 2020 e intitulado “Brasil Pátria Amada”, do qual é administrador, a última postagem data do dia 09 de maio de 2023, acerca do Projeto de Lei das “*Fake News*”, posicionando-se de forma contrária.

Com a intenção de entender o recorte temporal dos comentários deixados em cada *live*, no Gráfico 15 tem-se a quantidade de comentários ao longo dos dias. A escala no eixo y está em logaritmo (onde 10^6 significa 1 milhão, 10^4 significa 10 mil comentários). Os picos ocorrem no dia da transmissão ao vivo da *live*, decaindo ao longo da primeira semana. Com o passar do tempo, meses ou até anos depois da *live*, ainda são postados comentários, nunca passando da centena (10^2). As concentrações em dias específicos podem sugerir que algo ocorre naquele dia, podendo ser uma notícia que faz as pessoas retornarem ao vídeo (orgânico) ou um disparo programado (robôs de rede).

GRÁFICO 15 - Recorte Temporal da quantidade de comentários em cada *live*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De uma forma ampliada e geral, se os comentários deixados em cada *live* podem ser considerados como mensagens de apoio, não apoio ou de neutralidade em relação à postura do presidente e suas falas, realizou-se uma leitura inspeccional de todos os comentários deixados nas *lives* analisadas. O percurso inicial era fazer essa análise usando técnicas de Inteligência Artificial (IA), porém, os primeiros resultados mostraram que o método não apresentava precisão e trazia vários erros. A partir de um teste inicial, notou-se uma classificação equivocada de algumas frases, conforme ilustrado na Figura 25.

FIGURA 25 - Teste para Classificação de Comentários

```
1 for c in nao_apoiado['Comment']:
2     print(c)
```

#CPIDAQuadrilha
Precisam criar vacina anticorrupção e vacinar a todos antes de ocuparem cargos políticos
Achei que com a vitória de Bolsonaro as coisas iam ser ruins no início, mas ELE conseguiria arrumar o Brasil, agora vejo que teremos que esperar até 2022 para limparmos as casas, tirarmos todos que não respeitam NOSSA CONSTITUIÇÃO!! #BolsonaroReeleito2022 🇧🇷🇧🇷🇧🇷
Estou começando a ficar com raiva da tanta liberação sendo que vários governantes não estão nem aí para a população! O que será que vão fazer com tanto dinheiro? Vão fiscalizar?
🇧🇷 #BolsonaroTemRazão🇧🇷 #EuConfioEmJairMessiasBolsonaro🇧🇷 #Bolsonaro2022🇧🇷 Para o bem do Brasil e as pessoas de bem 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷
Orgulho de ter votado no Bolsonaro, o melhor presidente que o Brasil já teve.
🇧🇷 #BolsonaroTemRazão🇧🇷 #EuConfioEmJairMessiasBolsonaro🇧🇷 #BolsonaroNossoPresidente🇧🇷 #Bolsonaro2022 #B38 🇧🇷 Para o bem do Brasil e as pessoas de bem 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷
🇧🇷 #BolsonaroTemRazão🇧🇷 #EuConfioEmJairMessiasBolsonaro🇧🇷 #BolsonaroNossoPresidente🇧🇷 #Bolsonaro2022 #B38 🇧🇷 Para o bem do Brasil e as pessoas de bem 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Por esse motivo, foi realizada uma leitura inspecional em todos os comentários deixados. Da análise dos 500 primeiros comentários de cada *live*, os quais foram extraídos através do recorte temporal, percebeu-se uma saturação metodológica no que se relaciona aos comentários deixados pelos seguidores do presidente e extraídos pelo site.

A saturação metodológica pode ser usada em pesquisas qualitativas, pois “considera-se saturada a coleta de dados quando nenhum novo elemento é encontrado e o acréscimo de novas informações deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado”. (NASCIMENTO *et al.*, 2018, p. 244). A saturação é um processo de validação objetiva em pesquisas qualitativas, pelo qual as respostas ou dados podem ser percebidos como saturados e, por isso, não precisam ser validados em seu todo. Um olhar a partir de alguns já é suficiente para demonstrar o universo a ser pesquisado.

Conforme Nascimento *et al.* (2018), existem alguns passos a serem considerados, como o registro de dados brutos, que, no caso dos comentários, são as extrações na íntegra pelo site exportscomments.com quantificados no Quadro 14. O segundo passo corresponde à leitura flutuante e imersão dos dados, realizado em todos os comentários extraídos das quatro *lives*. O terceiro passo faz referência à compilação das análises, quando os comentários são diferenciados em categorias, como de apoio, não apoio, neutro e com *links* de imagens.

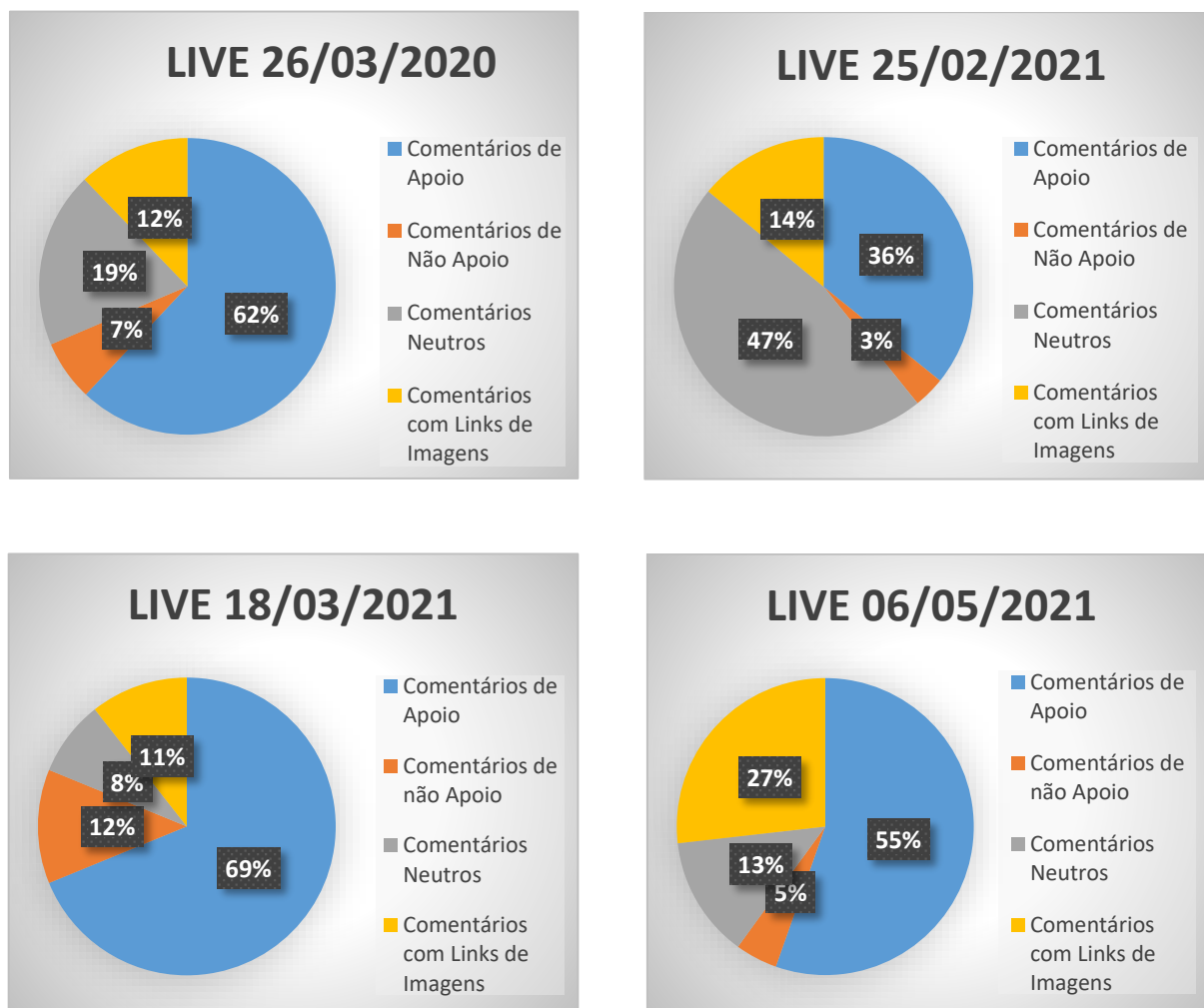
A leitura flutuante foi fundamental para identificar que os comentários, em sua totalidade, acabam trazendo as mesmas informações, por isso, a análise dos 500 primeiros de cada *live* apresentam um olhar amplo e preciso da opinião dos seguidores sobre as *lives* analisadas.

Então, a partir desse recorte, os 500 comentários foram examinados e categorizados como: apoio, não apoio, neutro e comentários usando *links* de imagens (que não foram examinados pela impossibilidade de abrir cada *link*). Estes últimos foram quantificados nesta análise, pois é significativa a utilização desse formato nos comentários, mas eles não apresentam nenhuma informação que colabora com esta pesquisa.

Ressalta-se que os comentários neutros são aqueles que não podem ser percebidos, a partir de uma leitura flutuante, como de apoio ou não apoio, como, por exemplo, boa noite, nomes próprios, questões acerca do auxílio ou busca de outras informações (no sentido apenas de dúvidas), nomes de cidade, entre outros. No entanto, quando o comentário é feito com “boa noite meu capitão”, “boa noite meu presidente, Deus te abençoe”, “Boa noite, Goiás está com você, capitão”, percebe-se que esses comentários são de apoio.

Considerando esse olhar inspecional, dos 500 primeiros comentários deixados em cada *live*, foram obtidos os seguintes gráficos de análise.

GRÁFICO 16 - Comentários por *lives*



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com esses gráficos, afirma-se que, em todas as *lives*, os comentários deixados são, em sua maioria, de apoio ao presidente, à sua conduta e às falas no decorrer dos vídeos e relacionadas à pandemia. Em vários comentários, palavras ditas pelo presidente são reiteradas pelos seguidores, como “Globo Lixo”, “Deus acima de todos”, “Fecha o STF”, “Queremos voltar a trabalhar”, “Fechados com Bolsonaro”, “Mete o exército nas ruas”, “Bolsonaro tem que colocar o tratamento precoce desta virose”, “A globo lixo comprou o Facebook, o Instagram e o Twitter também”, entre outros.

A partir do olhar acerca dos comentários que apoiam o presidente, aponta-se que os comentários não apresentam questionamentos acerca da pandemia, nem sobre as medidas

adotadas. Os seguidores parecem concordar que os maiores problemas da pandemia são o desemprego e o *lockdown* decretado por alguns prefeitos e governadores. Os comentários também indicam a crença na cura por meio do tratamento precoce, estimulado sempre nas falas do presidente.

Os comentários que apoiam o presidente apresentam uma confirmação do que é dito por Bolsonaro em suas *lives*, já que os seguidores concordam e confirmam as ideias defendidas pelo presidente nas *lives*, repercutindo suas falas e maneiras de lidar com outras instituições. Sobre a pandemia, não questionam e nem buscam diferentes pontos de vistas para entender o cenário de crise sanitária. Os comentários são ecoados e confirmados como ideias verdadeiras transmitidas pelo presidente e reiterados nos comentários pelos seus seguidores.

Já os comentários de não apoio ao presidente, em três *lives*, são aqueles que têm o percentual mais baixo. Apenas no dia 18 de março de 2021 ficou com 12%, atrás dos comentários de apoio, que representaram 69% dos comentários deixados. Os comentários de não apoio apresentam palavras soltas, sem um questionamento que possa gerar um debate crítico e participativo com o presidente. Em sua maioria, são: “Cadê a Vacina?”, “Genocida”, “Você vai fazer a despesa do mês com R\$600,00?”, “Governo poderia entrar na luta contra o Corona”, “Fora Bolsonaro”, entre outros.

A baixa porcentagem dos comentários que não apoiam o presidente deve-se ao fato de que a maioria das pessoas que comenta nas *lives* corresponde a apoiadores de Bolsonaro, identificando-se esse *locus* como uma Câmara de Eco, conforme já discutido anteriormente, com base em diferentes autores. As opiniões são ecoadas e confirmadas, e não buscam uma discussão de assuntos acerca da pandemia.

É notório que os comentários deixados levam a um empobrecimento do debate na internet, pois são estruturados com poucas palavras, as quais reforçam o que está sendo dito. No caso dos comentários de não apoio ao presidente, estes também não buscam uma discussão e prestação de contas. Não são feitos questionamentos que tragam isso em seus conteúdos.

Sobre isso, Maia (2008) afirma que não basta apenas a acessibilidade para que se tenha uma esfera pública virtual, mas que o cidadão queira se engajar e, de fato, participar de assuntos políticos por meio das possibilidades trazidas pela internet. Esse engajamento não foi percebido nos comentários de apoio, de não apoio e nem nos comentários neutros.

Outro ponto importante nesta análise dos comentários é que, dependendo da postura adotada pelo presidente em suas falas, conforme a Análise de Conteúdo, os comentários de apoio reverberam o pensamento divulgado. No caso da *live* do dia 18 de março de 2021, como

o presidente ataca o Supremo Tribunal Federal em suas falas, os comentários, em sua maioria, tendem a ir para essa mesma direção, com o uso de frases como as seguintes: “Fecha o Supremo”, “Intervenção Militar com Bolsonaro no poder”, “Cadê os nossos generais para fechar o STF?”, “142 urgente”, entre outras. Logo, os comentários de apoio confirmam e reforçam as ideias e falas que o presidente apresenta em cada *live* analisada.

Os comentários neutros são aqueles que não foram identificados, a partir da leitura inspecional, como apoio ou não apoio. Na sua essência, são comentários apenas de “Boa noite presidente”, “Quando vai ser liberado o auxílio emergencial”, apenas nomes de cidades e pessoas anônimas, entre outros. Esses comentários não contribuem para pensar a questão do apoio e não apoio, mas precisaram ser mensurados, pois nas *lives*, como a do dia 25 de fevereiro de 2021, o quantitativo de frases com “Boa noite” ou “Boa noite presidente” foi bastante alto, contribuindo para que esse percentual fosse maior do que os outros comentários, com 47%.

Os comentários com apenas *links* de imagens não foram analisados, pois são arquivos de fotos deixados como comentários sem texto ou alguma identificação que possa referenciar como apoio ou não apoio. Sua quantificação tornou-se relevante pela quantidade, pois, com exceção da *live* do dia 18 de março de 2021, em todas as outras, o percentual foi maior do que de comentários de não apoio. Notou-se que esses *links*, em todas as *lives*, são formatados de forma semelhante, o que leva a inferir que podem ter sido deixados por apoiadores ou por *bots*. Como não foi possível abri-los, não há como apresentar uma conclusão científica, mas torna-se importante destacar essa quantificação e a impressão a partir da leitura inspecional.

Após um olhar mais detalhado dos comentários, torna-se essencial fazer um tensionamento dos dados levantados por meio da Análise de Conteúdo e quantitativa das *lives*, das notícias veiculadas pela imprensa e dos comentários, conforme Figura 1, com a teoria discutida no referencial teórico embasada em diferentes autores.

6 ANÁLISE EMPÍRICA E TEÓRICA: UM OLHAR A PARTIR DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Este capítulo tem como objetivo tensionar a teoria abordada e os dados obtidos a partir das análises realizadas anteriormente, conforme Figura 1. Nesse sentido, busca-se entender os resultados alcançados e como esses resultados contribuem para a discussão da questão problema direcionadora desta tese e para o alcance dos objetivos propostos.

A questão problema a ser respondida nesta tese doutoral não tem como intenção confirmar de forma dicotômica se há a existência ou não de uma esfera pública virtual no contexto das *lives* apresentadas pelo presidente Bolsonaro. Para além desse entendimento, torna-se importante perceber, tendo em vista as análises feitas, quais são as materialidades dessa esfera pública, suas características e como assuntos atinentes à pandemia são discutidos e tratados nesse *locus*.

Partindo da análise qualitativa, através das análises de conteúdo, constata-se que o presidente não apresenta, em suas falas, informações pautadas pela ciência e que são embasadas pela OMS, como medidas de enfrentamento da Covid-19. Assim, na categoria C1 - Ciência, apenas em duas *lives* (do dia 18 de março e 06 de maio de 2021) o presidente apresentou informações acerca do número de vacinas, compras e investimentos em UTIs, porém, em nenhum momento, expôs comprovações e incentivos no cuidado com a doença em suas falas.

Na *live* do dia 06 de maio de 2021, quando afirmou que o Brasil era o quarto país do mundo que mais vacinou, não apresentou esse dado completo, de modo a confirmá-lo de fato. Também mencionou que novas vacinas foram adquiridas, mas não indicou datas e outras informações relacionadas ao assunto.

Em nenhuma *live*, o presidente discorreu acerca da importância da vacinação para conter a doença, nem incentivou a população a se vacinar, pelo contrário, sempre teve uma postura de crença nos medicamentos não comprovados cientificamente para o tratamento da Covid-19. De acordo com a categoria Ciência, o presidente não abordou informações comprovadas por estudos científicos e que poderiam conscientizar a população. Então, retomando o entendimento de Habermas (2014), a esfera pública deve ser um espaço de discutibilidade, com base em razões.

Os assuntos tratados por Bolsonaro não correspondiam a informações pautadas pela ciência, ou seja, com referências em estudos científicos e condutas adotadas pela OMS, ou por instituições de saúde e de pesquisa brasileiras. Sendo assim, a base de assuntos tratados nessa

categoria não podem remeter à discussão mediante razões. A razão, nesse sentido, seria baseada em ciência, em comprovações.

Em suas falas, o presidente não teve uma postura que procurasse se basear em informações e condutas comprovadas por pesquisas. Então, entende-se, a partir dos dados obtidos com a análise de conteúdo, que esse *locus* não teve como base fundante os assuntos racionais acerca da pandemia. Para essa comprovação, na Categoria C3 - Desinformação, os dados obtidos deixam claro que assuntos relativos à vacinação e medidas de segurança, como *lockdown*, foram tratados pelo presidente com conteúdo que se baseia em desinformação, isto é, não verdadeiros, com o intuito de descredibilizar as medidas adotadas pela OMS.

Em nenhuma das *lives* analisadas, Bolsonaro apresentou conteúdo científico acerca da vacinação e, em nenhuma fala, demonstrou confiabilidade na vacina para conter o avanço da doença no país. Além disso, ainda creditou a vacina ao surgimento de doenças como a AIDS (como na *live* do dia 21 de outubro de 2021). Para comprovar as desinformações ditas pelo presidente, todos os estudos que ele citou em suas falas foram questionados pela imprensa. Nenhum estudo apresentado teve comprovação científica, como o caso da vacina e o vírus da AIDS, além do uso de máscaras em crianças.

Em todas as falas relacionadas à vacina, o presidente apresentou conteúdo que direciona à desinformação. Nesse sentido, identifica-se que Bolsonaro tem um objetivo, pois, conforme abordam Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação tem uma intenção, já que é um conteúdo mentiroso, repassado com o intuito de causar um dano. O presidente teve a intenção de tirar a credibilidade das vacinas e, com isso, desencorajar a população a se vacinar contra a Covid-19 para acreditar no tratamento precoce, defendido por ele, ao longo de todas as *lives* analisadas.

Outro ponto de desinformação é a defesa do tratamento precoce. No dia 26 de março de 2020, o presidente teve sob sua mesa caixas de remédio identificados como Cloroquina e Reuquinol. Em todas as *lives*, Bolsonaro fez referência ao uso desses remédios, inclusive usando outros nomes, como “remédio para matar piolho”. Como ficou claro, na parte da análise das notícias, comprovadas com matérias e notas referentes a esse tema, o tratamento defendido pelo presidente não teve confirmação científica ao longo da pandemia. Diferente do que ele falou, o tratamento pode sim causar danos à saúde, como retratado pelas matérias utilizadas na análise.

Ao divulgar de forma contínua acerca do tratamento precoce, o presidente teve como objetivo trazer credibilidade a um tratamento sem comprovação científica, sem ser adotado,

conforme notas, por classes médicas e instituições de saúde brasileira, e nem reconhecido pela OMS.

Em nenhuma *live*, o presidente discorreu sobre medidas para conter o avanço da pandemia no país, como *lockdown* e uso de máscaras. Quando mencionou o *lockdown*, criticou medidas adotadas por governadores e prefeitos, sempre pontuando em suas falas críticas a decretos feitos, com o intuito de desacreditar o que ele chamou de política do “fica em casa”. Ele associou essa medida adotada ao aumento de número de desempregos, que, para ele, levam à depressão e suicídio, conforme abordado nas *lives* dos dias 26 de março de 2020 e do dia 06 de maio de 2021.

Essa associação também foi refutada por matérias veiculadas pelo Consórcio de Veículos da Imprensa, conforme retratado na análise das notícias, anteriormente realizada. Assim, quando fala sobre o *lockdown*, o presidente sempre teve a intenção de apresentar informações sem base científica, não verdadeiras e demonstrando que não era a favor dessa medida, mesmo sendo adotada pela OMS.

Com os dados obtidos pela análise de conteúdo das *lives* e pela análise das notícias, identifica-se que o presidente, quando abordou assuntos relacionados à vacinação, *lockdown* e a defesa do tratamento precoce, apresentou informações que contêm desinformações, pois estão pautadas em estudos refutados pela ciência e questionadas pela mídia. As publicações de notícias contestam suas falas e apresentam estudos que contrapõem o que ele disse em suas *lives*.

Uma categoria de análise importante levantada nesta tese, para análise de conteúdo, foi a categoria C2 - Ataques a Instituições Públicas e Imprensa. Considerando essa categoria, analisou-se que o presidente, desde a primeira *live* analisada, criticou decretos feitos por prefeitos e governadores para conter o avanço da doença no país. Logo, desde o começo da pandemia, Bolsonaro sempre foi contrário a essa medida de segurança adotada pela OMS, chamada pejorativamente por ele de “política do fique em casa”.

Em alguns momentos, conforme a *live* do dia 21 de outubro de 2021, associou essa “política” como consequência do alarde feito pela TV Globo, ou seja, para o presidente, a imprensa brasileira criou pânico na população acerca da doença e defendeu o “fique em casa”. Em várias falas, o presidente xingou, sempre muito irritado, jornalistas brasileiros, chamando, inclusive, os veículos de comunicação de “lixo”. Para o presidente, “a política do fique em casa é uma das mais perversas da humanidade” (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO), pois foi “criada” pela mídia.

Quando o presidente atacou instituições como a imprensa, criticou de forma deliberada governadores e prefeitos, bem como ministros do Supremo Tribunal Federal, ele buscou tirar a credibilidade dessas instituições. Para Levitsky e Ziblatt (2018), uma das formas de atacar a democracia, ou seja, promover a “morte” desse regime, é enfraquecer suas instituições.

Ademais, quando apresentou desinformação acerca de assuntos importantes, como *lockdown*, Bolsonaro tentou tirar a credibilidade da imprensa e de jornalistas brasileiros, também um fator de enfraquecimento da democracia. Conforme abordado pelos autores, democracia forte tem instituições fortes.

Nessa categoria, ficaram claros os ataques à imprensa em vários momentos, inclusive citando nomes e falando palavrões. O presidente também atacou e tirou a credibilidade de decretos estaduais e municipais, com o intuito de conter o avanço da doença. Tal conduta foi contínua, conforme demonstrado desde a primeira *live* analisada até a última.

Para Levitsky e Ziblatt (2018), a fragilidade dos regimes democráticos se realiza por líderes eleitos pelo povo, de forma democrática, porém são autocratas e buscam fragilizar esse regime a partir de ataques a instituições importantes, como os *media*. Em suas falas, mesmo quando o presidente apresentou informações governamentais, conforme demonstrado na Categoria C4 - Informações Governamentais, teceu críticas a programas do Governo Lula. Além disso, sempre mencionou que a imprensa sentia falta da corrupção da esquerda ou da “mamata”.

Quando fez referências ao governo anterior, o presidente incentivou a polarização e sempre, durante as *lives*, se colocou contra a imprensa e a esquerda, ou seja, ele se posicionou contra o “mal”. Na *live* do dia 21 de outubro de 2021, ele afirmou: “você querem acreditar na minha palavra ou na Miriam Leitão? Igual o pessoal da saúde, quer acreditar no médico ou no William Bonner? (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO). A polarização ficou evidenciada em todas as *lives* e durante várias falas do presidente, sendo percebida também nos comentários deixados pelos seus seguidores.

Nos comentários de apoio reverberaram as falas do presidente nas *lives* analisadas sobre a ofensa ao STF, a descredibilização dos decretos feitos por prefeitos e governadores, e a agressão às instituições de imprensa, com comentários de “fora Globo Lixo”, “Lula Ladrão”, “Presidente manda abrir Goiás”, “Decreto o estado de Defesa”, entre outros. Esses comentários reforçam a postura do “eu contra eles” defendida por Bolsonaro em suas *lives*.

Buscando entender o processo de polarização e no modo como pode levar ao fim ou ao enfraquecimento da democracia, Bruzzone (2021, p. 89) ressalta que “polarização é um

fenômeno de concentração de posições opostas e excludentes. Comigo ou contra mim, defende o político que ocupa um polo”. Essa posição do “comigo ou contra mim” fica evidenciada nas falas do presidente, conforme trecho retirado da *live* do dia 21 de outubro de 2021.

Temos um presidente que acredita em Deus, que respeita a Constituição, que defende a família, que deve lealdade a seu povo, que é contra a ideologia de gênero, que defende os valores judaicos cristãos, coisas que não tínhamos no Brasil, que quer o melhor do seu povo. É isso que procuro fazer e digo àqueles que querem me tirar daqui na canetada ou na mão grande. Na canetada ou na mão grande não vai me tirar, só Deus me tira daqui. Imagine se tivesse Haddad aqui no meu lugar, como é que estaria o Brasil? Estaria igual a Argentina ou até pior. Teria *lockdown* nacional quem sabe até hoje. Todos obrigados a serem vacinados por canetada do Haddad, tanto é que lá no Rio de Janeiro, toda a galera do PT, PSol e PCdoB votaram pela manutenção do Decreto do Eduardo Paes, que cria lá o passaporte vacinal. Não vou nem discutir, quem contraiu o vírus tem mais anticorpos que quem apenas tomou vacina. Respeite a liberdade das pessoas, se você tá vacinado e acredita na vacina, você não tem que tá preocupado com nada, não tem que tá preocupado com o outro cara que não quis tomar a vacina. Quem vai morrer é ele e não você, se bem que não é isso que dizem os números aqui do Reino Unido, mas tudo bem. Alguma coisa a mais aí pessoal? (2019-2022: JAIR MESSIAS BOLSONARO).

Vê-se que os comentários tendem a concordar com o presidente e reiteram essa polarização, além das falas e ideias preconizadas por Bolsonaro. Os comentários, identificados como de apoio ao presidente, conforme Figura 23, demonstram que esse espaço não estabelece um processo de discussão, mas de concordância. A confirmação é um fenômeno no qual as pessoas tendem a confirmar uma ideia e/ou opinião para serem aceitas por um grupo.

Considerando as *lives* analisadas e o critério DAIA, abordado por Signates (2002), para perceber a qualidade dos processos democráticos e o “grau da democracia”, afirma-se que as *lives* atendem a dois critérios estabelecidos: disponibilidade e acessibilidade.

O critério da interatividade fica restrito a comentários deixados pelos seguidores das *lives* e que não estabelecem uma relação entre governo e seguidor. Por isso, as *lives* apresentam uma interatividade reduzida, pois poderia ser um espaço de conversação e interação mais amplo pelas próprias características da internet e possibilidades apresentadas. Já o critério da alteridade, que ressalta a importância da comunicação como um processo social e de mudança no outro, ou seja, estabelecimento de dissensos e discussões, pluralidade de ideias e opiniões, não é reconhecido nas *lives* através das análises feitas.

Quanto à análise dos comentários, nota-se que as pessoas que comentaram na *live*, em sua maioria, apoiam o presidente, e isso traz uma reflexão acerca da Câmara de Eco. Esse *locus* é mais “frequentado” e usufruído por apoiadores do presidente. Assim, a oportunidade para

discutir assuntos pertinentes à pandemia fica reduzida, pois os apoiadores concordam com as falas do presidente e até repercutem essas falas em seus comentários.

O entendimento de Câmara de Eco proposto por Recuero, Soares e Zago (2020, não paginado) destaca que os grupos acabam compartilhando informações que são de concordância e reforço dos pontos de vista do presidente, “dando preferência às informações que reforcem uma narrativa política em particular”.

Essas *lives* podem ser consideradas arenas de circulação e produção de sentidos, tornando-se, por sua vez, um espaço de visibilidade. Entretanto, não se constitui como um espaço de discutibilidade de assuntos acerca da pandemia, e nem é pautado por temas racionais para basear uma discussão. Os temas tratados não são fundamentados pela ciência e a grande maioria dos seguidores que assiste as *lives* e deixa comentários são apoiadores políticos do presidente, concordando com suas falas e ideias apresentadas. Em contrapartida, é também um espaço de visibilidade ampliada, pois perpassa pelos veículos de comunicação de massa.

Como aponta Gomes (2014), essas *lives* possuem um requisito fundamental para constituição de uma esfera pública, que é o uso da palavra. Nela, mesmo tendo como base assuntos que apresentam desinformação, o presidente fala acerca de assuntos da pandemia, sendo uma arena de circulação de informações, na qual, inclusive, transcende o *locus* virtual e reverbera nos *media*, alcançando pessoas que não estavam participando do momento da transmissão do vídeo.

As *lives* despertam a atenção pública, pois repercutem para além do seu ambiente virtual. A partir disso, os veículos de comunicação de massa produzem conteúdos acerca das falas retratadas pelo presidente. Portanto, as *lives* tornam-se arenas que produzem e fazem circular sentidos, condições importantes para a formação de uma esfera pública, como enfatizado por Gomes (2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas e ancoradas com a teoria, conforme discutido no tópico anterior, foram evidenciadas respostas à problemática direcionadora desta tese, buscando esclarecer e evidenciar as materialidades da esfera pública virtual, formada a partir das *lives* publicadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19.

Com base no caminho metodológico percorrido, que inclui a análise de conteúdo das *lives*, dos comentários deixados pelos seguidores e das notícias publicadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, a hipótese deste estudo foi confirmada, pois os dados corroboram que a esfera pública virtual, que se constitui pelas *lives* publicadas pelo presidente, discorre sobre temas que negam dados científicos acerca da pandemia de Covid-19, dando visibilidade a assuntos contrários à ciência. A natureza desses temas forma um espaço em que as opiniões não são discutidas, mas ecoadas como verdadeiras por apoiadores do presidente, reforçando a ideia de que esse *locus* não se constitui como uma esfera pública plural.

Na perspectiva dos objetivos propostos, elencado como objetivo específico, buscou-se compreender se através das *lives* foi estabelecido um processo comunicativo interacional entre o presidente e os seus seguidores. Infere-se que, a partir das *lives* publicadas pelo presidente, ocorreram tensionalidades para perceber esse *locus* como comunicativo. A tensionalidade encontrada parte da noção do entendimento acerca da comunicação, pois, com base em Braga e em outros autores abordados, a comunicação é um processo relacional e social.

Como já ressaltado e conforme análise feita dos comentários extraídos dos seguidores, não foi identificada uma discutibilidade de assuntos atinentes à pandemia. O presidente transmitiu seus pensamentos e ideias, via *lives*, e os seus seguidores comentaram, mas não existiu uma relação comunicativa nesses comentários a ponto de estabelecer relações entre presidente e seguidores, e entre seguidores e seguidores.

Por ser um ambiente online e instantâneo, o presidente e/ou sua equipe poderiam responder a alguns de seus seguidores, pois essa é uma importante característica trazida pela virtualidade, que é a instantaneidade, uma comunicação mais dialógica. Contudo, esse espaço não foi usado para esse fim, que seria de aproximação entre presidente e seguidor, estabelecendo, nesse *locus*, relações e diálogo.

A partir dessa ótica, as *lives* não foram um fenômeno comunicativo entre seguidor e presidente, pois a comunicação, nesta tese, é reconhecida como um processo de relação, interação, mesmo sendo tentativo, conforme aponta Braga (2018). Como não é estabelecido um

processo relacional entre seguidor e presidente por meio das *lives*, entende-se que esse *locus* não pode ser pensado como comunicacional.

No entanto, vale ressaltar que foi identificada uma tensionalidade na tese, pois, como afirma Braga (2008), a sociedade se faz em comunicação. Mesmo não sendo uma comunicação dialógica e relacional, há a existência de um processo comunicativo que não é o ideal, mas que se realiza e circula na sociedade, conforme visto na análise das notícias veiculadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa.

Voltando a Braga (2006, p. 28-29), nessa circulação efetiva-se a comunicação, por isso, “devemos então distinguir: o que a mídia veicula (que se caracteriza, na verdade, como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, depois circula na sociedade”. Deve-se ressaltar que a forma como as informações transmitidas via *lives* do presidente circulam na sociedade não é o foco de estudo desta tese.

Portanto, concorda-se com o autor quando afirma que entender a comunicação como tentativa não significa que ela ocorrerá “em uma postura de tudo ou nada - o que levaria à simples confirmação da raridade de ocorrência de uma comunicação perfeita. Não parece haver, na sociedade, uma alternativa mutuamente excludente entre comunicação e ausência radical de comunicação.” (BRAGA, 2017a, p. 23).

Com isso, mesmo não sendo uma comunicação dialógica, que busca o debate crítico racional e que promove uma discutibilidade de assuntos atinentes à pandemia, o que seria o ideal-tipo de uma esfera pública, a comunicação se realiza nesse *locus* e para além dele, fazendo o que é fundamental para o pensamento de Braga (2006/2018): circulação e produção de sentidos. A partir desse entendimento, concorda-se com Signates (2023, p. 92), para quem, “a comunicação é um processo, e sendo um processo, ela surge de problemas, ela surge de tensionamentos”.

Mesmo não sendo o conceito ideal de comunicação, ocorre nesse espaço, e, para além dele, um processo comunicativo e uma comunicação que se pauta pela concordância das ideias expostas pelo presidente no tocante à pandemia, fortalecendo o fenômeno da Infodemia.

A partir dessas reflexões, confirmadas pelas análises realizadas e também pela teoria abordada ao longo desta tese, os objetivos específicos - que buscaram perceber se nesse *locus* virtual os assuntos atinentes à pandemia são amplificados, obtendo maior visibilidade e discussão racional entre presidente e cidadãos; e compreender a interconexão estabelecida entre as *lives* do presidente Bolsonaro, publicadas em sua rede social *Facebook*, e os meios de

comunicação massivos, tendo como referência o Consórcio de Veículos de Imprensa - foram também alcançados.

Quanto ao objetivo que buscava entender se no decorrer das *lives* os assuntos referentes à pandemia eram ampliados, trazendo maior visibilidade, este tem relação com a interconexão dos assuntos tratados nas *lives* e com a repercussão na imprensa, cuja base são as análises feitas das notícias veiculadas pelo Consórcio de Veículos da Imprensa.

Gomes (2008b) afirma que a visibilidade ampara a discutibilidade. As *lives*, mesmo não sendo esse espaço de discutibilidade entre presidente e seus seguidores, fazem referência a um lugar de visibilidade de assuntos no tocante à pandemia de Covid-19. A esfera pública é ampliada e transcende as *lives* e o *locus* virtual, pois é repercutida pelos veículos de comunicação, como pontuado com a análise das notícias. Formam-se, assim, várias esferas públicas, ou, como discorre Miège (2014), esferas públicas fragmentadas.

A formação e o entendimento dessas novas esferas públicas que se formam, a partir das *lives* do presidente, não são foco de estudo desta tese, mas novas perspectivas de pesquisa podem ser realizadas, como, por exemplo, a investigação sobre o modo como se dá essa circulação de sentidos na sociedade, a partir de um estudo mais ampliado dos *media*.

De acordo com Cruz e Di Felice (2019), a internet pode favorecer o surgimento de esferas públicas que apresentam um empobrecimento de debate racional. Esse empobrecimento confirma-se nas análises realizadas. Pode-se afirmar que o debate que ocorre nesse *locus* não se ampara em uma discutibilidade que possa levar, conforme afirma Maia (2008), a uma deliberação, ou, de acordo com o pensamento de Gomes (2008c), a uma esfera conversacional que tem como base o debate crítico-racional. Com isso, afirma-se que essa esfera apresenta um empobrecimento de debate, mesmo a internet podendo proporcionar, por suas características, maiores participações dos cidadãos no processo político.

Então, buscando responder ao problema proposto através do estudo das *lives*, a esfera pública que se forma tem como materialidade a ampliação dos assuntos tratados, pois os assuntos são reverberados pelos meios de comunicação, podendo despertar a atenção pública, mesmo de pessoas que não assistiram as *lives*.

No tocante ao objetivo específico que buscou analisar se os assuntos tratados pelo presidente, durante as *lives*, tinham como base a ciência, gerando ao cidadão esclarecimentos importantes nesse momento atípico de pandemia, afirma-se que as *lives* estudadas não são um *locus* de discutibilidade de assuntos atinentes à pandemia e nem se baseiam em assuntos

confirmados pela ciência ou adotados por instituições de referência no combate da Covid-19, como a OMS.

Partindo desse critério, pode-se pensar que esse espaço não deve ser considerado como uma esfera pública virtual. Conforme apontado, não será dada uma visão dicotômica, mas sim o entendimento, através das análises feitas, de uma essencialidade e materialidade dessa esfera pública que se forma.

Para além disso, segundo os comentários deixados, estes são favoráveis ao governo, coerentes com o que o presidente fala na maioria das vezes. As falas não são discutidas, mas confirmadas e ecoadas. De acordo com os autores abordados, a Câmara de Eco faz repercutir as informações como verdadeiras, sem abrir possibilidades para discutir e contestar. Pela análise dos comentários, as *lives* são comentadas por pessoas que concordam com o presidente, reafirmando-se, assim, seus pensamentos e ideais.

Diante do exposto, afirma-se que esse *locus* não fortalece a democracia, entendida como um espaço conversacional, que busca um pluralismo de ideias e opiniões. Mouffe (2000) aponta que a condição para se criar o consenso é eliminar o pluralismo nas esferas públicas. Vale ressaltar que, ao longo da construção desta tese, foram encontradas algumas limitações, principalmente no tocante aos comentários realizados pelos seguidores do presidente e suas extrações da rede social *Facebook*.

O *Facebook* tem políticas bem restritas para extrair dados para pesquisa, o que dificultou significativamente o processo de retirada dos comentários. Por esse motivo, partiu-se para o uso do site pago *exportcomments.com*, responsável pela extração dos comentários. Desse modo, deu-se continuidade a esta análise, que era um ponto importante a ser estudado. Contudo, mesmo usando o site, conforme apontado no capítulo das Análises dos Comentários, ocorreram limitações, as quais não afetaram a conclusão da análise dos comentários, apenas diminuindo o quantitativo de comentários analisados.

Partindo do tensionamento realizado entre a parte empírica e o corpus teórico da tese, algumas proposições se fazem necessárias para se pensar essa temática em novos estudos e com novos olhares. Os assuntos tratados pelo presidente em suas *lives* não foram pautados pela ciência e instituições de saúde do país e do mundo, incluindo a temática do combate da Covid-19. As informações passadas e os estudos relacionados em suas falas não foram confirmados com dados científicos, sendo posteriormente refutados por notícias veiculadas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa.

A esfera pública que se formou, a partir das *lives* transmitidas por Bolsonaro, tinha a desinformação e *fake news* como base dos assuntos tratados acerca da pandemia e reiteradas pelos comentários deixados pelos seus seguidores. Consta-se, portanto, a formação de uma bolha, na qual as opiniões eram tidas como verdadeiras e não discutidas.

Ainda em início de discussão, o Projeto de Lei PL nº 2.630/2020, conhecido hoje como PL das *Fake News*, efetivou-se como primeiro passo para a restrição de produção e circulação de desinformação nas plataformas digitais, buscando instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Esse projeto de lei, ainda em tramitação no legislativo, torna-se necessário para conter a falta de transparência do papel dos algoritmos e a propagação de *fake news*, proporcionando, com muita facilidade, a formação de Câmaras de Eco e bolhas digitais, como percebido nas *lives* publicadas pelo presidente Bolsonaro. É urgente que o projeto seja discutido amplamente com a própria sociedade e que realmente estabeleça uma maior transparência nas plataformas digitais.

A formação de Câmaras de Eco, das bolhas digitais, dos algoritmos das redes e das repercussões de *fake news* e desinformação limitam a existência de uma esfera pública política, crítica, plural, mais participativa, na qual os cidadãos percebam e entendam a importância de suas participações nos processos e decisões políticas.

Conforme foi demonstrado na análise de conteúdo das *lives*, as informações propagadas pelo presidente, no tocante à pandemia de Covid-19, tiveram como base assuntos pautados pela desinformação. Para Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação tem uma intenção, pois é um conteúdo mentiroso, repassado com o intuito de causar um dano. No contexto de uma crise sanitária, a desinformação pode levar à morte e tirar a credibilidade de medidas importantes para conter e combater a doença, como vacinação, distanciamento social e uso de máscaras.

Mais do que a discussão de projetos de lei, como a PL nº 2.630/2020, a educação e a comunicação são importantes para que o cidadão perceba seu papel como sujeito ativo do processo democrático e cidadão. É fundamental e urgente uma literacia crítica para os *media*, tendo o sujeito pensante e ativo nas plataformas digitais, inclusive para checar informações que recebam de fontes seguras e ter uma criticidade ativa na internet, sem se deixar levar por discursos extremos e polarizados.

Como visto no referencial teórico desta tese, é fundamental entender a comunicação como essencialidade da cidadania e da democracia. Sobre isso, Signates e Leal (2020, p. 68) discorrem que “a participação é uma situação comunicacional ativa”. Com todo o percurso teórico e metodológico realizado, depreende-se que as *lives* transmitidas possibilitam condições

ampliadas de acesso, mas, como aponta Maia (2008), não basta apenas ter acessibilidade, mas sim a disponibilidade do cidadão em querer participar do processo político.

Ainda conforme a autora, o debate crítico racional vai além de uma pluralidade de vozes, pois relaciona-se com atitudes de respeito mútuo, através do qual as pessoas devem expressar e ouvir o outro em condições em que as diferenças de opiniões e ideias sejam respeitadas e até ampliadas, dando lugar ao pluralismo de ideias e não apenas à concordância. Esse respeito mútuo em um espaço de pluralismo não foi perceptível pela análise dos comentários dos seguidores do presidente.

Para reiterar, como destaca Maia (2008), não basta apenas ter o acesso, mas a condição e vontade em participar do cidadão. A esfera pública virtual deve ser um espaço em que a pluralidade seja aceita, e não um *locus* em que a polarização seja estimulada e apenas a concordância seja reconhecida. As *lives* poderiam ser esse *locus* de discussão ampliada e de alteridade por configurarem uma comunicação mais próxima com o cidadão e em tempo real. No entanto, elas não cumprem esse papel, ficando mais restritas à formação de uma bolha, através da qual os seguidores do presidente que acompanham essas *lives* comentam e concordam com suas ideias e opiniões.

Por outro lado, mesmo com a formação de uma bolha, na qual predomina concordâncias em assuntos abordados pelo presidente, existe uma esfera pública virtual que se configura como espaço de concordância e não de discutibilidade. É, ainda, um espaço de visibilidade, de circulação, de ampliação de assuntos atinentes à pandemia, já que também são assuntos reverberados pelos *media*.

Esse ambiente virtual poderia ser mais dialógico, mais conversacional e interativo, trazer discussões racionais acerca da pandemia, mas o que se revela com os dados obtidos e tensionados com a teoria é que, mesmo sendo um espaço onde as discussões não se realizam e a comunicação não é dialógica e relacional, deve ser percebido como uma esfera pública virtual.

A partir disso, novos olhares para o entendimento acerca da esfera pública virtual devem ser dados e novas pesquisas devem emergir tendo a comunicação como centralidade. É preciso perceber essa esfera pública com as tensionalidades que podem surgir e se fazer presentes.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2020.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília, DF: Editora da UNB, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.
- BARROS, Chalini Torquato Gonçalves; SAMPAIO, Rafael Cardoso. Internet como esfera pública? Análise de usos e repercussões reais das discussões virtuais. **Cadernos PPG-AV/UFBA**, v. 9, n. 1, p. 87-104, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/5114>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1999.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.
- BOBBIO, Norberto. **Qual democracia?** 3. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2014. (Coleções Leituras Filosóficas).
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais da crítica midiática. São Paulo, SP: Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Revista Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924> Acesso em: 12 jan. 2022.
- BRAGA, José Luiz. Circuito versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs). **Mediação & mediatização** [online]. Salvador, BA: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- BRAGA, José Luiz. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, v. 18, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1161>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- BRAGA, José Luiz. O que é comunicação? **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 15-20, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794> Acesso em: 15 jan. 2022.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz *et al.* **Matrizes Interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2017a. p. 17-41.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, José Luiz *et al.* **Matrizes Interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2017b. p. 43-64.

BRAGA, José Luiz. O Conhecimento comunicacional: entre a essência e o episódio. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula (orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2018. p. 119-137.

BRAGA, José Luiz. A comunicação e o senso comum. **PAULUS - Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 27-46, 2019. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/88>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/uma-conversa-sobre-dispositivos/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Recomendação nº 42, de 22 de maio de 2020**. Recomenda a suspensão imediata das Orientações do Ministério da Saúde para manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da COVID-19, como ação de enfrentamento relacionada à pandemia do novo coronavírus. Brasília, DF: Ministério da Saúde/CNS, 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/images/Recomendacoes/2020/Reco042.pdf> Acesso em: 02 maio de 2022.

BUCCI, Eugênio. *Media* entre o espaço público político e o social. In: SOUSA, Mauro Wilton de; CORRÊA, Elizabeth Saad (orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo, SP: Paulus, 2014. (Coleção Comunicação).

BRITTO, Rovilson Robbi. Sociedade, novas tecnologias de comunicação e a possibilidade de articulação de espaços públicos de debate e embate. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Recepção Mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. São Paulo, SP: Contexto, 2021.

CARDON, Dominique. **La démocratie internet**. Promesses et limites. Paris: La République des Idées et Seuil, 2010.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 3. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 22. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2020.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1993.

COSTA, Sérgio. **As cores de Ercília**: esfera pública, democracia, configurações pós nacionais. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2002.

CRUZ, Matheus Soares Macedo; DI FELICE, Massimo. Esfera Pública e Internet: questionamentos e novas formas de participação net-ativistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém, PA. **Anais [...]**. Belém, PA: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1729-1.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

D'ALMONTE, Edson. Redes Sociais e Questões de interesse público em tempos de polarização ideológica. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 29., 2020, Campo Grande, PB. **Anais [...]**. Campinas, SP: Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/redes-sociais-e-questoes-de-interesse-publico-em-tempos-de-polarizacao-ideologic?lang=pt-br#> Acesso em: 04 abr. 2022.

DI FELICE, Massimo (org.). **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul, RS: Difusão, 2008.

DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo, SP: Paulus, 2020.

DUARTE, Jorge. Instrumento de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação pública**: Estado, governo, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

ENGELMANN, Solange Inês. **As representações sociais sobre a reforma agrária popular nas mídias digitais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 2018. 289f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/179827> Acesso em: 01 out. 2021.

FUCHS, Christian. Mídias Sociais e Esfera Pública. **Revista Contracampo**, v. 34, n. 3, p. 6-80, dez/2015-mar/2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17552>. Acesso em: 01 fev. 2021.

GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (Orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2006.

GOMES, Wilson. Dinâmicas e estruturas da esfera pública contemporânea: a esfera pública, além da deliberação pública In: SOUSA, Mauro Wilton de; CORRÊA, Elizabeth Saad (orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo, SP: Paulus, 2014 (Coleção Comunicação).

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

GOMES, Wilson. Esfera Pública Política e Comunicação em Mudança Estrutural da Esfera Pública de Jürgen Habermas. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo, SP: Paulus, 2008a. p. 31-68.

GOMES, Wilson. Da discussão à visibilidade. *In*: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo, SP: Paulus, 2008b. p. 117-162.

GOMES, Wilson. Internet e participação política. *In*: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo, SP: Paulus, 2008c. p. 293-326.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**: Racionalidad de la acción y racionalización social. 4. ed. Bogotá: Taurus, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Facticidade e validade**: contribuições para uma teoria discursiva do direito e de democracia. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2020.

KEEN, Andrew. **Vertigem Digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2012.

KELSEN, Hans. **A democracia**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

LEITE, Quézia de Alcântara Guimarães. **A comunicação pública cidadã**: análise textual fundamentada sobre o grupo “Frente de Luta Goiás contra o aumento da passagem de ônibus” em Goiânia. 2015. 175f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4906>
Acesso em: 01 out. 2021.

LEMO, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo, SP: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. Pela ciberdemocracia. *In*: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2003. p. 367-384.

LÉVY, Pierre. A mutação inacabada da esfera pública. *In*: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma Ciberdemocracia planetária. São Paulo, SP: Paulus, 2010; p. 9-19.

LEVITSKY, Steven; ZIBLAT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2018.

LINS, Rodrigo. O que é democracia? Uma visão exploratória na ciência política. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 195, p. 9-22, ago. 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo, SP: Zouk, 2003.

MAGRANI, Eduardo. **Democracia Conectada**: A internet como ferramenta de engajamento político-democrático. Curitiba, PR: Juruá, 2014.

MAIA, Rousiley C. M. Democracia e a Internet como esfera pública virtual: aproximação às condições da deliberação. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo, SP: Paulus, 2008, p.277-292.

MAIA, Rousiley C. M. Em busca do interesse público: tensões entre a argumentação e a barganha. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org). **Comunicação Pública, Sociedade e Cidadania**. São Caetano do Sul, RS: Difusão Editora, 2011a. p. 259-275.

MAIA, Rousiley C. M. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In: MAIA, Rousiley Celi; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Orgs.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011b. p. 47-77.

MAIA, Rousiley C. M; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017.

MAIA, Rousiley C. M; PRUDENCIO, Kelly; VIMIEIRO, Ana Carolina. **Democracia em Ambientes Digitais**: eleições, esfera pública e ativismo. Salvador, BA: EDUFBA, 2018.

MAINIEIRI, Tiago. **Um peso, duas medidas**: desvelando a comunicação pública na sociedade midiaticizada. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2016.

MAINIERI, Tiago; ROMANI, Douglas. Comunicação, internet e contra- hegemonia: o interesse público na sociedade midiaticizada. In: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (orgs). **Cidadania Comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo, SP: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. De repente, o prédio falou comigo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Campinas, SP: Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/de-repente-o-predio-falou-comigo-anotacoes-sobre-experiencias-metaporicas-em-teo?lang=pt-br>. Acesso em: 20 out. 2022.

MARCONDES FILHO, Ciro. Porque a Nova Teoria é uma forma diferente de se pesquisar o jornalismo. **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**, v. 19, n. 3, p. 759-774, set./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12900/8605>. Acesso em: 20 out. 2022.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Os meios de comunicação a esfera pública: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e autores. **Revista Líbero**, ano XI, n. 21, p. 23-36, jun. 2008. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/594> Acesso em: 10 ago. 2021.

MARSHALL, Thomas H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1967.

MIÈGE, Bernard. O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, n. 14, p. 4-11, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51400>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MIÈGE, Bernard. Sete considerações fundamentais sobre o espaço público contemporâneo. In: SOUSA, Mauro Wilton; CORRÊA, Elizabeth Saad (orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo, SP: Paulus, 2014 (Coleção Comunicação).

MIGUEL, Luis Felipe. **Consenso e conflito na democracia contemporânea**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017.

MOUFFE, Chantal. **The Democratic Paradox**. London, UK: Verso, 2000.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 11-26, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2015>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MOUFFE, Chantal. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 25, p. 165-175, jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071/5043>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MOREIRA, Walter. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Revista Janus**, ano 1, n. 1, p. 21-30, 2º sem. 2004. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/view/102>. Acesso em: 10 jan. 2021

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes; SOUZA, Tania Vignuda de; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos; MORAES, Juliana Rezende Montenegro Medeiros de; AGUIAR, Rosane Cordeiro Burla de; SILVA, Liliane Faria da. Saturação Metodológica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista escolares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1, jan./fev. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/SrfhX6q9vTKG5cCRQbTFNwJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

O'DONNELL, Guillermo. Accountability Horizontal e Novas Poliarquias. **Lua Nova - Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 44, 1998.

OLIVEIRA, Alicianne Gonçalves de. **A questão racial na esfera pública (virtual): a experiência da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Dilma Rousseff**. 2012. 223f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7864/1/2012-DIS-AGOLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual sphere: the internet as a public sphere. **New Media & Society**, v. 4, n. 1, p. 9-27, 2002.

PARISER, Eli. **O filtro bolha** - o que a Internet está escondendo de você. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2012.

PASQUALE, Frank. A esfera pública automatizada. **Revista Líbero**, ano XX, n. 39, p. 17-35, 2017. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866>. Acesso em: 10 out. 2021.

PLATÃO. **A república**. São Paulo, SP: Escala, 2006.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemia**: decifrar a desinformação sobre a COVID-19. [S. l.]: UNESCO, 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por. Acesso em: 20 jan. 2022.

QUATTROCIOCCHI, Walter; SCALA, Antonio; SUNSTEIN, Cass R. Echo Chambers on Facebook. **SSRN**, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2795110> Acesso em: 25 nov. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a Desinformação sobre Covid -19 no Twitter. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611>. Acesso em: 20 nov. 2021.

RIBEIRO, Eva Márcia Arantes Ostrosky. **A Comunicação Pública como Processo para o Exercício da Cidadania a partir das Mídias Sociais**. Estudo de Caso: *Twitter* Marconi Perillo. 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11332>. Acesso em: 01 out. 2021.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro, RJ: Fundo de Cultura, 1961.

SIGNATES, Luiz. O critério DAIA: uma sugestão para se avaliar a democracia na comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, BA: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP10SIGNATES.pdf. Acesso em: 01 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz. **A sombra e o avesso da luz**: Habermas e a comunicação social. Goiânia, GO: Editora Kelps, 2009.

SIGNATES, Luiz. Epistemologia da Comunicação na Democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos. **Revista Novos Olhares**, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51443/55510>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz. Comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo, SP. **Anais [...]**. Campinas, SP: Galoá, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2017/trabalhos/comunicacao-como-ciencia-basica-tardia-uma-hipotese-para-o-debate?lang=pt-br>> Acesso em: 01 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz. Tensões Comunicacionais: a busca pelos indícios da comunicabilidade e da incomunicabilidade. *In*: SALGADO, Tiago Barcelos Pereira; MATTOS, Maria Ângela. (orgs). **Percursos Epistemológicos Comunicacionais no Brasil** (E-book). Goiânia, GO: Cegraf, UFG, 2023. Disponível em: <https://ppgcom.fic.ufg.br/p/35668-livros-e-e-books>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz; LEAL, Maiara Raquel Campos. A negação comunicacional da cidadania: o que as fake news do bolsonarismo no Brasil tem a nos ensinar sobre comunicação. *In*: BRAGA, Claudomilson Fernandes; TUZZO, Simone Antoniacci; MARTINS, Carlos Henrique **Comunicação, Estado e cidadania** (Ebook). Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2020. Disponível em: <https://ppgcom.fic.ufg.br/p/35668-livros-e-e-books>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela. A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. *In*: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (orgs). **Cidadania Comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia, GO: Gráfica UFG, 2016

SILVA, Priscila Ramos Reis. **Esfera pública virtual e redes sociais: um estudo das interações entre usuários e a página do Planalto no Facebook**. 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6822556. Acesso em: 01 out. 2021.

SILVA, Sivaldo Pereira. Exigências democráticas e dimensões analíticas para a interface digital do Estado. *In*: MAIA, Rousiley C. M.; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil (Org.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011. p. 123-146.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUSA, Mauro Wilton; CORRÊA, Elizabeth Saad (orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo, SP: Paulus, 2014 (Coleção Comunicação).

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

TEJERA, Marta Helena Dornelles. **Ciberdemocracia e Movimento dos Trabalhadores rurais sem-terra: Práticas Comunicacionais no Terreno da Esfera Pública Virtual**. 2012. 230f. Tese (Doutorado em Práticas profissionais e processos sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2174/1/000437825-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

THOMPSON, John B. A metodologia da interpretação. *In*: **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/153199> Acesso em: 01 out. 2022.

VIANA, Nildo. **Estado, democracia na cidadania**: a dinâmica da política institucional no capitalismo. Rio de Janeiro, RJ: Achiamé, 2003.

WARDLE, Claire. **Understanding Information Disorder**. [S. l.]: First Draft, 2019. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe report, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c> Acesso em: 20 jan. 2022.

WINQUES, Kérlry. Além da “bolha”: o papel das plataformas digitais na formação da opinião pública. **Estudos em Jornalismo e Mídia. Revista Acadêmica Semestral On-line**, v. 19, n. 1, 1º sem. 2022.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre, RS: Sulina, 2003.